Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Sociais
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Celi Silva Gomes de Freitas

Troça e campanha: imagens urbanas das relações sociais de sexo no Rio de Janeiro da virada do novecentos

Rio de Janeiro
2008

Celi Silva Gomes de Freitas

Troça e campanha: imagens urbanas das relações sociais de sexo no Rio de Janeiro da virada do novecentos

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor , ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Política

Orientadora: Prof ª Drª Lená Medeiros de Menezes

Rio de Janeiro
2008

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/ CCS/A

B273 Freitas, Celi Silva Gomes de.
Troça e campanha no discurso de Lima Barreto: imagens urbanas das relações sociais de sexo no Rio de Janeiro da virada do novecentos/ Celi Silva Gomes de Freitas. – 2008.
385 f.

Orientadora: Lená Medeiros de Menezes.
Tese (doutorado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
Bibliografia: f. 350-363.

1. Barreto, Lima, 1881-1922. 2. Política e cultura - Rio de Janeiro (cidade) - 1881- 1922 - Teses. 3. Relações de gênero - Aspectos sociais - Teses. I. Menezes, Lená Medeiros de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDU 32(815.31)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese.

Assinatura Data

Celi Silva Gomes de Freitas

Troça e campanha: imagens urbanas das relações sociais de sexo no Rio de Janeiro da virada do novecentos

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Política

Aprovado em: 4 de setembro de 2008
Banca Examinadora:

_____
Lená Medeiros de Menezes (Orientadora)
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UERJ

_____
André Nunes de Azevedo
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UERJ

_____
Décio Orlando Soares da Rocha
Faculdade de Letras da UERJ

_____
Ismênia Lima Martins
Universidade Federal Fluminense

_____
Marinete dos Santos Silva
Universidade Estadual do Norte Fluminense

Rio de Janeiro
2008

DEDICATÓRIA

Ao queridíssimo filho Bráulio,
grande amigo e parceiro de tempos muito felizes.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, que muito bem acolheu desde o curso de Mestrado uma estrangeira como eu, oriunda do curso de Graduação em Letras, realizado nos anos 1970, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Estudar História sem esquecer a Literatura era um sonho antigo, acalentado desde os velhos tempos da Avenida Chile, e agora realizado. Sou grata às professoras e aos professores do Programa, pelas aulas, pelas discussões, pelas orientações, pelas contribuições fundamentais, inclusive para a ampliação e maior qualificação de minha biblioteca particular, uma de minhas paixões.

Agradeço para sempre à minha querida, solidária e fabulosa orientadora, Professora Pós-Doutora e Titular dessa Universidade, Lená Medeiros de Menezes, com quem venho aprendendo sem parar, desde, pelo menos, o dia 26 de junho de 1997. A data consta na dedicatória feita por ela – "À Celi, quem sabe uma futura companheira de ofício?" – e marca o dia do lançamento de um de seus livros – "*Os indesejáveis: desclassificados da modernidade.. Protesto, crime e expulsão na Capital Federal (1890-1930)*", obra na qual tenho bebido e aprendido muito sobre o ofício de historiadora.

Agradeço aos prezados Professores Doutores Ismênia Lima Martins, da UFF, e Antonio Edmilson Martins Rodrigues, da UERJ e da PUC-RIO, pelo privilégio de tê-los na banca do Exame de Qualificação. Vocês ajudaram a confirmar minha suposição de que uma das melhores coisas da tese é o exame de qualificação, pois tiveram a paciência de ler o material e o zelo de trazer, naquela ocasião, em 14 de agosto de 2007, preciosas indicações para o prosseguimento do trabalho, que ficou mais leve, embora mais denso. Agradeço mais uma vez ao Professor Doutor Décio Rocha, da Faculdade de Letras UERJ, cuja participação na banca de defesa da dissertação de Mestrado deixou frutos saborosos para a elaboração da tese.

Agradeço ao Departamento de Ensino Fundamental – DEF, do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAp/UERJ, do qual sou docente desde abril de 1996, pelo incentivo, demonstrado concretamente na concessão de carga horária de pesquisa desde 2001, ainda na época do curso de Mestrado, e até agora, durante o curso

de Doutorado. Em especial, agradeço à Professora Olga Germano Guimarães, docente do mesmo Departamento, pelos presentes: matérias jornalísticas, todas com dedicatória e de grande valia para o estudo da recepção da obra de Lima Barreto em nossa temporalidade.

Agradeço ás amigas e aos amigos, companheiras e companheiros de muitas horas, por tudo que somente a amizade pode oferecer: solidariedade, troca, torcida, crítica, questionamento, compreensão, parceria... Velha amiga Loide, antiga amiga Wilma, amiga um pouco mais recente Sônia Lucas, amigão Maurício, amigo velho Saint-Clair, amigo namorante José Messias, lembrados aqui apenas para que eu corra mais esse risco, o de não ter citado alguns dos mais chegados.

Agradeço à queridíssima parceira de quase todos os momentos, Leila, “amiga de copo e de cruz”, companheira de leituras, de escritas, de trocas intelectuais incessantes, de aventuras pedagógicas e outras nem tanto, de cumplicidades banais ou sérias, tristes ou alegres, mas sempre sensíveis, instigantes, emocionantes, carinhosas.

Agradeço aos meus familiares, a todos eles, inclusive aos meus ancestrais, especialmente aos africanos, cuja contribuição eu aprendi a valorizar, com muita luta e, sobretudo, com imenso orgulho. Agradeço à minha mãe Juraci, *in memoriam*, e ao meu pai Christodolino, hoje com oitenta e sete anos, pela doação e pelo cuidado em relação à garantia de condições para leituras e estudos da prole extensa como a nossa. Agradeço ao irmão-quase-filho Cleber, pelas lições que tem me dado.

RESUMO

FREITAS, Celi Silva Gomes de. **Troça e campanha: imagens urbanas das relações sociais de sexo no Rio de Janeiro da virada do novecentos**, 2008. 385 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

"Troça e Campanha no discurso de Lima Barreto: imagens urbanas das relações sociais de sexo no Rio de Janeiro da virada do novecentos" aborda as tensões entre misoginia e resistência nas relações sociais de sexo, no tempo-espaço das décadas iniciais da Primeira República na cidade do Rio de Janeiro. Na perspectiva da História Política renovada, a pesquisa insere-se na linha de Política e Cultura e assume o caminho teórico-metodológico interdisciplinar, acolhendo as contribuições da teoria da Análise do Discurso de base francesa para a interpretação das fontes documentais. O *corpus* de análise é o discurso de Afonso Henriques de Lima Barreto, referenciado nas crônicas publicadas originalmente em periódicos cariocas. À medida que propõe novos caminhos e novas abordagens para o debate acadêmico contemporâneo acerca do entrecruzamento dos olhares entre História e Linguagem, a tese pode ser considerada inédita.

Palavras-chave: Modernidade Republicana. Lima Barreto. Relações Sociais de Sexo.

ABSTRACT

"Mockery and Campaign on Lima Barreto's discourse: urban images of social relations of sex in the Rio de Janeiro of the early 1900's" brings up some tensions between misogyny and resistance in social relations of sex, during the First Republic inaugural period in Rio de Janeiro city. Considering the perspective of a renewed Political History, the research is carried out into Politics and Culture line, and it is theoretical and methodologically placed in the inter-disciplined field which receives the contribution of French Analysis of Discourse to the interpretation of the documentary sources. Afonso Henriques de Lima Barreto's discourse comes to be the analyzed *corpus*, which is based on chronicles that was originally published in *carioca* periodicals. As far as it proposes new paths and new approaches concerning the contemporaneous academic debate about History and Language reciprocal intersections, the thesis may reach an innovatory purpose.

Key-words: Republican modernity. Lima Barreto. Social relations of sex.

RESUMÉE

"Moquerie et Campagne dans le discours de Lima Barreto: images urbaines des rapports sociales du sexe à Rio de Janeiro des années 1900" a comme sujet les tensions entre misogynie et résistance dans les rapports sociales du sexe, pendant le temps-espace des premières décennies de la Première République dans la ville de Rio de Janeiro. Sous la perspective de l'Histoire Politique renouvelée, la recherche s'insère dans le cadre de la Politique et de la Culture et prend le chemin théorique et méthodologique interdisciplinaire, accueillant les contributions de la théorie de l'Analyse du Discours de base française pour l'interprétation des sources documentaires. Le *corpus* de l'analyse est le discours de Afonso Henriques de Lima Barreto, présent dans les chroniques publiées premièrement dans des périodiques cariocas. À mesure qu'elle propose de nouveaux chemins et de nouvelles approches pour le débat académique contemporaín sur l'entrecroisement des regards entre Histoire et Langage, cette thèse peut être considérée inédite.

MOTS-CLES: Modernité Républicaine. Lima Barreto. Rapports sociales du sexe.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS 10

1 **LIMA BARRETO: INTELECTUALIDADE E NEGRITUDE** 32

2 **O "RIO-PARIS BARATO": CIDADE DE DESLOCAMENTOS** 97

3 **UMA GUERRA DOS SEXOS? INVENTÁRIO DE IMAGENS** 160

4 **TROÇA E CAMPANHA: MISOGINIA E RESISTÊNCIA NAS RELAÇÕES SOCIAIS DE SEXO** 266

5 **CONSIDERAÇÕES FINAIS** 334

FONTES 346

REFERENCIAS 351

ANEXOS 365

JOANA/JOÃO

Joana mais doce que laranja lima
João mais azedo que muito limão
Joana candura de um ramo de avenca
João erva braba rasteira no chão
Joana frescura de brisa na aurora
João-pé-de-vento, tornado, tufão
Joana serena peixinho de aquário
João traiçoeiro como um tubarão
Joana segura na mão da certeza
João valentia de faca na mão.

É Joana
A vida é tirana
E não tem solução.

Joana e outra parte da laranja lima
João muita esquina, cachaça e limão
Joana nos braços da brisa da aurora
João vem de fora como um furacão
Joana peixinho tirado do aquário
João sanguinário como um tubarão
Joana lutando por uma certeza
João na surpresa, com a faca na mão
Joana esquecida a candura da avenca
João que despenca de bruços no chão.

É Joana
A vida é tirana
E não tem solução.

Nei Lopes

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Inicialmente, as mulheres constituiriam o objeto da pesquisa. e, de forma, até certo ponto, ingênua, buscávamos encontrá-las isoladas na cidade do Rio de Janeiro da Primeira República. No decorrer da investigação, entretanto, compreendemos que, ao tomar as mulheres como objeto de pesquisa, precisávamos considerá-las na perspectiva das "relações sociais de sexo"[1], ou seja, deveríamos observar as relações que as mulheres mantinham com os homens e estes com elas.

A tese que ora submetemos à apreciação da Banca Examinadora entitula-se "Troça' e 'campanha' no discurso de Lima Barreto: imagens urbanas das relações sociais de sexo no Rio de Janeiro da virada do novecentos". Ao tomar como fonte o discurso de Lima Barreto, pretendemos focalizar, para aprofundar, uma questão recorrente que nos instigou desde a primeira hora no trabalho de pesquisa do Mestrado, e sobre a qual escrevemos no texto da dissertação: "O tema da mulher é um dos mais freqüentes nos artigos e crônicas de Lima Barreto e mereceria, talvez, um trabalho exclusivo de pesquisa"[2].

Em suas acepções de dicionário, os termos "troça" e "campanha" significam, respectivamente, "o que é dito ou feito com intenção de provocar riso ou hilariedade acerca de alguém ou algo, caçoada, mofa, zombaria"; e "conjunto de meios utilizados para

---

[1] Michèle Ferrand. In: Carmen Rial, Mara Coelho de Souza Lago e Miriam Pillar Grossi. "Relações sociais de sexo e relações de gênero: entrevista com Michèle Ferrand". Revista *Estudos Feministas*, Florianópolis, 13 (3): 677-689, setembro-dezembro/2005.

[2] Celi Silva Gomes de Freitas. *Entre a Vila Quilombo e a Avenida Central: a dupla exterioridade em Lima Barreto*. Rio de Janeiro, RJ. PPGH/UERJ. Dissertação de Mestrado, 2003.

consecução de um fim, ou ainda, processo de persuasão, junto aos poderes constituídos, para (...) lograr a adoção ou rejeição de um princípio ou medida política”[3]. Os dois termos – “troça” e “campanha” – são próprios de Lima Barreto, aparecendo textualmente em suas crônicas, e revelam adequadamente as duas atitudes sob tensão presentes no discurso barretiano com referência aos modos pelos quais mulheres e homens se relacionavam; por exemplo, temos a atitude recorrente de “troçar as intenções feministas”, de um lado, e a intensa campanha contra “os matadores de mulheres”, de outro lado.

Segundo McNally, “Enquanto houver hierarquia, dominação, exploração, haverá práticas de resistência e subversão, que deixam traços na língua. Ela não é uma prisão, mas uma arena de luta.”[4] A escolha desse fragmento visa destacar a relação entre História e Linguagem, por observarmos que a pesquisa no campo da História tem levado os historiadores e as historiadoras a buscarem na interação multidisciplinar um caminho de análise histórica que vem ganhando consistência. Na perspectiva teórico-metodológica, defendemos a posição de que o estreitamento de relações entre esses dois campos de conhecimento pode nutrir uma prática de História centrada na investigação dos significados e do funcionamento das representações, estas compreendidas como imagens constituídas nas interações e no espaço das relações sociais.

Em lugar de “relações de gênero” – uma expressão muito recente na historiografia francesa –, preferimos utilizar a expressão menos polissêmica e mais descritiva “relações sociais de sexo”, a fim de retomarmos o debate ainda necessário acerca das complexas implicações que o uso do termo “gênero” oculta.

---

[3] *Dicionário eletrônico Antonio Houaiss 1.0 – 2001*.
[4] David McNally. “Língua, história e luta de classe”. In: Ellen M. Wood. *Em defesa da história: marxismo e pós-modernismo.* Rio de Janeiro: Zahar, 1999, p. 48.

Michèle Ferrand[5] historiciza o emprego da expressão “relações sociais de sexo”, estabelecendo etapas de abordagem em um longo caminho percorrido pelos estudos feministas. Em linhas gerais, a primeira etapa correspondeu à concessão do “estatuto de objeto legítimo de pesquisa” à mulher; a segunda etapa representou uma “verdadeira ruptura epistemológica”, uma vez que as pesquisas passaram dos “estudos sobre as mulheres para as análises sobre os sexos e sobre as relações que estes mantinham entre si”. Nessa etapa, o termo “gênero”, no sentido de “sexo social”, não era bem acolhido pelas pesquisadoras francesas, em virtude de sua indefinição, generalização e do efeito de eufemismo que seu uso produzia em diversas esferas. No entanto, o termo “relações sociais de sexo” foi preterido por ser “longo, pesado, difícil de utilizar nos títulos, etc... e, com a influência das anglo-saxãs e a ajuda das instituições internacionais”; um pouco a contragosto, as pesquisadoras francesas capitularam, passando a empregar “a terminologia bastarda” – “relações de gênero” – a partir das décadas de 1980-1990. No caso do Brasil, esse último termo parece consagrado.

Ao refletir sobre as relações sociais de sexo, Ferrand as descreve como relações antagônicas, transversais, dinâmicas, bicategorizadas e que constroem categorias ou classes de sexos, formando um sistema. Os antagonismos fazem parte do campo dos poderes e das lutas travadas pela sua reprodução, ou superação, ou ainda pela conquista de novos espaços de poder. As relações entre os sexos atravessam a sociedade e estão presentes tanto no espaço público quanto no privado; e, sendo dinâmicas, pois que determinadas pelos movimentos históricos, científicos, culturais, econômicos, políticos, essas relações sociais de sexo atribuem posições definidas através de hierarquias para os homens e para as mulheres na sociedade.

[5] Michèle Ferrand, op. cit., pp. 679-682.

A pesquisa nos conduziu à necessidade de investigar de que modo uma "guerra" foi sendo produzida para manter uma relação de desigualdade e poder, marcada por diferenças de conteúdo sexual. Em uma sociedade brasileira urbana como a carioca da Primeira República, ainda substancialmente conformada ao modelo agrário, patriarcal e escravocrata da colonização portuguesa, a tensão entre as permanências e as mudanças sociais, culturais e políticas que a modernidade trazia, poderia tornar-se um objeto de interesse investigativo. Entre a "passeidade"[6] das relações sociais de sexo e a narrativa histórica que elaboramos no presente, interpomos duas representações – a "troça" e a "campanha" – criadas por nós com a finalidade de "representar o já representado ou reimaginar o imaginado"[7] de um "possível passado"[8], de uma "guerra".

Assumimos a posição de que o binômio "troça-campanha" revela um "paradoxo da modernidade"[9] na caracterização das relações sociais de sexo, pelo conteúdo de ambivalências, de contradições, de ambigüidades que essas relações comportam quando as observamos através da obra de Lima Barreto, um artista moderno e que, portanto, via-se "dividido", por vezes "dilacerado". A advertência de Compagnon merece destaque: "A modernidade adota facilmente uma postura provocante, mas seu interior é desesperado. Não sejamos tentados pela miragem da síntese; mantenhamos as contradições, por natureza insolúveis; evitemos reduzir o equívoco próprio ao novo, como valor fundamental da época moderna"[10]. Nessa perspectiva, desenvolvemos nosso trabalho de pesquisa, não poupando

---

[6] Jacques Leenhardt e Sandra Jatahy Pesavento. *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1998, p. 10. O pressuposto básico é a distinção entre "passeidade", significando o "real acontecido" e "narrativa histórica", designando "o discurso ou o texto elaborado pelo historiador sobre aquela passeidade".
[7] Ibidem.
[8] Ibidem, p. 12.
[9] Antoine Compagnon. "O prestígio do novo: Bernard de Chartes, Baudelaire, Manet". In: *Os cinco paradoxos da modernidade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003, pp.15-36.
[10] Ibidem, p. 15.

esforços para fazer uma História embrenhada nesse labirinto barretiano de experiências urbanas e de narrativas paradoxais.

Pressupomos que, para estudar os jogos entre dominações e resistências certamente existentes nas relações sociais de sexo, a idéia de "guerra" incorporaria os conceitos de "estratégias" e "táticas", discutidos por De Certeau[11]. Importa aqui lembrar que, ao tratarmos dessas relações, o uso que fazemos da palavra "guerra" encobre hiperbolicamente os sentidos de luta, de tensão, de conflito, ou ainda, de oposição, pois a "tática", segundo De Certeau, é entendida como "a arte do fraco", ou o "movimento 'dentro do campo de visão do inimigo"[12]. Em nosso contexto de investigação, ao interpretarmos os resultados dessa guerra dos sexos, podemos observar a presença da diversidade e até da contradição na tensão entre "um efeito bloqueador, de frenagem" das mudanças e "a explosão do feminismo", para nos apropriarmos das palavras de Michélle Perrot[13], ao refletir sobre os efeitos das grandes guerras mundiais nas relações entre sexos.

Uma primeira "guerra" anuncia-se quando buscamos no "já representado", para retomarmos a expressão de Leenhardt e Pesavento, as vozes das próprias mulheres. Como "rastrear o feminino"[14] sem cair nas armadilhas de ler um discurso masculino como fonte da pesquisa, e sem, no entanto, deixar de interpretar os silêncios, as lacunas, os ecos, as dobras do texto? Estamos cientes de que nossa escolha se fez com algum risco mas com muito zelo, à medida que decidimos ir ao encontro de imagens das relações sociais de sexo no discurso do intelectual carioca Lima Barreto.

---

[11] Michel De Certeau. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, pp. 97-102.
[12] Ibidem.
[13] Michelle Perrot. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2005, p. 437.
[14] Rachel Soihet. "História das mulheres". In: Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia.* Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 295.

Uma vez que as relações sociais de sexo participam de uma totalidade, ou de um "campo discursivo"[15] de diferentes relações que integram a experiência social, cabe-nos a tarefa de, utilizando as ferramentas metodológicas da Análise do Discurso, delimitar um subconjunto, ou seja, definir um "espaço discursivo"[16] de investigação. Segundo De Certeau, os "espaços"[17] possuem "fronteiras" e "pontes", figuras narrativas essenciais que são organizadas, reorganizadas e determinadas através dos "relatos de espaço". O "relato"[18] evidencia uma das "formações discursivas"[19] mais importantes em nossa pesquisa, pois ele funda a identidade por um "posicionamento sócio-histórico"[20] claro e inseparável do seu contexto. "Todo relato é um relato de viagem – uma prática do espaço" – reflete De Certeau, para indicar que "os relatos atravessam e organizam lugares; eles os selecionam e os reúnem num só conjunto; deles fazem frases e itinerários. São percursos de espaço" que podem oferecer-se como fontes de pesquisa histórica.

Como nosso espaço discursivo de investigação das relações sociais de sexo, definimos os relatos de Afonso Henriques de Lima Barreto, um ator do político cuja experiência urbana abarcou uma "superfície social"[21] extensa e múltipla, entrincheirado que estava entre a massa e a elite, e encontrando-se em um lugar ao mesmo tempo "maldito" e

---

[15] Dominique Maingueneau. *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte, MG: ed. UFMG, 2000, pp. 19-20. No conjunto dos discursos que interagem em um dado momento, a análise do discurso (AD) segmenta campos discursivos, nos quais há um jogo de equilíbrios instáveis entre diversas forças heterogêneas, onde há sempre dominados e dominantes, posicionamentos centrais e periféricos.

[16] Ibidem. Estamos interligando a noção de "espaço discursivo", própria da AD, com a de "espaço", própria de Michel De Certeau.

[17] Michel De Certeau, op. cit., pp. 202-203. Aqui, temos a noção de "espaço" como "lugar praticado" que se especifica "pelas ações de sujeitos históricos".

[18] Ibidem, pp. 199-217.

[19] Dominique Maingueneau, op. cit., pp. 67-69. Uma *formação discursiva* "designa todo sistema de regras que funda a unidade de um conjunto de enunciados sócio-historicamente circunscrito".

[20] Ibidem.

[21] Pierre Bourdieu. "A ilusão biográfica". In: M. M. Ferreira & J. Amado (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 190.

privilegiado para refletir sobre e produzir em língua escrita "brasileira"[22] um panorama das tensões políticas da sociedade brasileira de seu tempo. Na nova ordem de sociedade competitiva de classes que começou a emergir com a mudança para o regime republicano, a hierarquia social, atravessada pelas relações de sexo, dentre outras, apresentava-se como uma permanência de longa duração.

No que concerne à revisão historiográfica, em primeiro lugar, mantivemos dois trabalhos que participaram da elaboração de nossa dissertação de Mestrado[23] e que consideramos fundamentais para a escrita da tese que ora defendemos, seja pelas aproximações, seja pelas contraposições oferecidas no debate acerca das fontes da pesquisa, tendo em vista o papel de Lima Barreto como intelectual capaz de refletir sobre sua época.

O primeiro deles é uma tese de doutorado, do Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, do ano de 1996. Em "Imprensa, Poder e Público (Os Diários do Rio de Janeiro – 1880-1920)", Marialva Barbosa apresenta uma imagem dos jornalistas que ressalta a importância política desses atores "como produtores de mensagens, donos do poder"[24] simbólico e legitimadores de uma língua. Observamos que Lima Barreto distanciava-se em muitos aspectos dessa representação de prestígio do jornalista carioca, embora nascesse, vivesse, escrevesse, publicasse e morresse entre 1881 e 1922, portanto no mesmo período da pesquisa de Barbosa.

---

[22] Ressaltamos a preocupação de Lima Barreto em distanciar-se dos modelos estrangeiros, portugueses inclusive, de escrita da língua, levando-o a escrever o "Triste Fim de Policarpo Quaresma", romance no qual a personagem principal defende a língua tupi como língua nacional brasileira.
[23] Celi Silva Gomes de Freitas, op. cit.
[24] Marialva Barbosa. *Imprensa, Poder e Público (Os Diários do Rio de Janeiro – 1880-1920).* Niterói, RJ, UFF. Tese de Doutorado, 1996, p. 379.

Uma outra contribuição que a tese de Barbosa oferece é o "Anexo I"[25], um quadro cujo título é: "Quem são os jornalistas?". Do período estudado, estão listados oitenta e quatro nomes de redatores e repórteres, com indicação dos seguintes dados: local e data de nascimento, carreira no jornalismo, profissão do pai, formação escolar e outros empregos. O quadro "Quem são os jornalistas?" torna-se fonte para uma reflexão acerca das filiações e dos círculos de sociabilidade produtores dos jornalistas e, tendo em vista que Lima Barreto não integra esse quadro, sua exclusão representa mais um elemento que se soma para o estabelecimento da "brecha historiográfica" que encaminhou nossa pesquisa.

O segundo trabalho que conservamos na revisão historiográfica é o consagrado "História da Imprensa no Brasil", de Nelson Werneck Sodré[26]. Das quinhentas e oitenta e três páginas da obra, Sodré dedica exatas cento e sessenta e uma ao capítulo "A grande imprensa", que se subdivide em seis partes: "Esboço", "A empresa", "Imprensa e literatura", "Imprensa proletária", "Imprensa política" e "A imprensa burguesa". Correspondendo basicamente à temporalidade da Primeira República, esse capítulo cita Lima Barreto em trinta e duas páginas, nomeando-o cinqüenta e nove vezes[27]. Como podemos observar nesse levantamento, a trajetória de Lima Barreto deslocou-se por entre os diversos movimentos daquela temporalidade, sendo um deles – mas não o único – a literatura.

---

[25] Ibidem, pp. 108-110 e 404-414. Segundo a análise de M. Barbosa, "as relações pessoais – vinculadas a sua condição de classe – serão fundamentais para determinar a ocupação de um lugar no jornalismo, [e] o diploma de um curso superior dava o capital simbólico indispensável". Observamos a predominância de egressos de outros estados, na maioria das vezes, "filhos de famílias com condição financeira que podiam enviá-los à Capital para estudar e, assim, se tornarem bacharéis, esses jovens com pretensão literária viam nos jornais um meio de exercer essa prática e a sua própria boêmia".

[26] Nelson W. Sodré. *História da Imprensa no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977.

[27] Ibidem, pp.287-448. No Capítulo "A grande imprensa", é a seguinte a distribuição da ocorrência do verbete "Lima Barreto": pp. 347, 363, 365 – 4 vezes; pp. 329,349, 382, 387, 389 – 3 vezes; pp. 346, 348, 350, 357, 362, 386, 387, 388, 390 – 2 vezes; pp. 291, 333, 343, 351, 361, 364, 369, 375, 376, 380, 383, 385, 391, 392, 394, 405 – apenas uma ocorrência em cada página.

Para a tese de Doutorado, especificamente, orientamos o trabalho de revisão no sentido de completar as lacunas e, assim, definir mais nitidamente nossa "brecha historiográfica". Concentramos nossos esforços na tarefa de encontrar outras obras publicadas a partir da década de 1980 que dialogassem com a nossa pesquisa; e, em busca de novas interlocuções, percorremos as teses e dissertações produzidas no período compreendido entre 2000 e 2006.

A relação estreita entre temática e fontes foi inaugurada com o clássico "O Rio de Janeiro de Lima Barreto", coordenado pelo historiador Affonso Carlos Marques dos Santos[28]. Nessa obra, há um capítulo sob título "As mulheres na cidade"[29], no qual são inventariados fragmentos da vasta produção de Lima Barreto que tratam do tema, em suas diferentes nuances, tais como "Perfil de Mulher", "Mestiçamento disfarçado", "Os trajes das damas", "As igrejinhas do feminismo", "A prostituição feminina e a família", "A Coquetterie" e "Todas elas tinham objurgatórias terríveis". A apresentação de um painel de textos que evidenciasse o olhar barretiano acerca da presença das mulheres na cidade do Rio de Janeiro parece-nos ser o objetivo dessa parte da obra de Santos. Em nossa pesquisa, buscamos um esquema ou uma proposição de imagens[30] capaz de representar as relações sociais de sexo naquele contexto da cidade-capital brasileira nas décadas iniciais do século XX, tendo como fonte o discurso de Lima Barreto.

---

[28] Affonso Carlos Marques dos Santos (coord.), Francisco de Assis Barbosa e Paula Beiguelman. *O Rio de Janeiro de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: RIOARTE, 1983, vols. I e II. (Col. Roteiro Artístico e Literário do Rio de Janeiro).

[29] Ibidem, pp. 173-201. (vol. II).

[30] Fazemos uso da noção de "esquematização" como equivalente de uma "proposição de imagens", a fim de definirmos quais imagens representam mais adequadamente o que pesquisamos. Ver: Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau. *Dicionário de análise do discurso.* 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006, pp. 212-213.

Um outro trabalho publicado que destacamos é "Entre a agulha e a caneta: a mulher na obra de Lima Barreto", de Eliane Vasconcellos[31], cujo título torna-se transparente quanto ao enfoque. Como a principal marca da obra de Barreto, a autora considerou as contradições, mais reveladas nos escritos "de circunstância", ou seja, nas crônicas, diário e correspondência, do que nas obras de ficção, estas resultantes de um trabalho intelectual mais depurado, segundo Vasconcellos. Ao resenhar o livro "Entre a agulha e a caneta: a mulher na obra de Lima Barreto", a professora Márcia Cavendish Wanderley observou que a pesquisadora Eliane Vasconcellos "(...) de certa maneira, retoma um caminho iniciado por Simone de Beauvoir em *O segundo sexo* (...) e por Kate Millet em *Sexual politics* (...)[32]. Acolhemos a observação de Wanderley e, modestamente, também retomamos essa trilha, de certo modo abandonada; no entanto, preferimos tratar as contradições como tensões em Lima Barreto e, desse modo, chegamos ao binômio "troça-campanha" como eixo de nossa pesquisa.

Ainda com referência às obras publicadas, trazemos a alentada "Lima Barreto: um pensador social na Primeira República", de Maria Cristina Teixeira Machado[33]. Fruto de uma tese de doutorado realizada na Universidade de Brasília na década de 1990, a pesquisa de Machado apresenta Lima Barreto como "um *flâneur* de pés de chumbo"[34]. Trata-se de uma imagem com a qual concordamos, pois nela estão nítidas as evidências das tensões na

---

[31] Eliane Vasconcellos. *Entre a agulha e a caneta: a mulher na obra de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1999.

[32] Márcia Cavendish Wanderley. "Em defesa do sexo frágil". In: *Jornal do Brasil*. *Caderno Idéias/Livros*. Sábado, 26/6/1999, p. 6. A autora da resenha, professora de Sociologia da Literatura na Universidade Federal Fluminense (UFF), considerou ainda que esse caminho, trilhado por Beauvoir, Millet e, mais recentemente, retomado por Vasconcellos "parece ter sido interrompido pela crítica feminista contemporânea, quando passou a outros estágios de sua trajetória, analisando prioritariamente textos escritos por mulheres, deixando talvez incompleto um trabalho que mereceria ser reaberto (...)".

[33] Maria Cristina Teixeira Machado. *Lima Barreto: um pensador social na Primeira República*. Goiânia: Ed. da UFG; São Paulo: Edusp, 2002.

[34] Ibidem, p. 91.

trajetória desse "literato marginal"[35]. Identificamos boas contribuições para pensarmos, por exemplo, a experiência da modernidade na cidade do Rio de Janeiro e o enfoque chamado de "realismo social"[36] que, segundo a autora, caracteriza a obra de Lima Barreto. Encontramos ainda, sob o subtítulo "Mulheres..."[37] e fazendo parte do terceiro capítulo, algumas reflexões acerca da "grande sensibilidade no tratamento das relações de poder entre sexos" revelada por Barreto.

Completamos a revisão historiográfica com a investigação das pesquisas acadêmicas produzidas entre os anos de 2000 e 2006 no Brasil. De início, encontramos dezesseis teses de doutorado e trinta e uma dissertações de mestrado, em diferentes áreas do conhecimento, que estabelecem alguma relação com a nossa pesquisa, seja pelo tema, seja pelas fontes[38]. Ao afunilar um pouco mais esse conjunto, selecionamos vinte trabalhos que evidenciam a atualidade da pesquisa que elaboramos. São nove teses e onze dissertações, que compõem o "Quadro: Revisão historiográfica em teses e dissertações (2000-2006)" – (Anexo 1). Ao observar esse "Quadro", duas marcas principais precisam ser ressaltadas, uma vez que dialogam e estabelecem aproximações estreitas com a nossa tese.

A primeira delas é a potência das fontes, isto é, as possibilidades que a trajetória e a obra de Lima Barreto oferecem aos pesquisadores e às pesquisadoras. Ao focalizarmos a coluna "Diálogos e aproximações com nossa tese", verificamos a emergência de uma pluralidade de questões, dentre as quais ressaltamos a "produção de Lima Barreto – as transformações sociais e políticas logo após a proclamação da república e a formação da

[35] Ibidem, p. 55.
[36] Ibidem, p. 8.
[37] Ibidem, pp. 125-134.
[38] CAPES. Banco de Teses: http://serviços.capes.gov.br

identidade nacional" (07)[39], a "representação do turbulento processo modernizador instaurado no Brasil" (04), as "representações dos afro-brasileiros e de suas relações sociais no período pós-abolição" (17), um "literato com idéias políticas – literatura engajada" (10), o "resgate da temática proletária na literatura brasileira" (06) e a "obra de Lima Barreto – corpus bastante fértil para a análise da mulher na Belle époque brasileira" (14).

Uma segunda marca a ser destacada no conjunto dos trabalhos é a perspectiva teórico-metodológica de abordagem interdisciplinar, exercitada nas e entre as diferentes áreas do conhecimento nas quais as teses e as dissertações estão inseridas. Ao cotejarmos simplesmente as duas colunas do "Quadro do Anexo 1" que informam a "Área" do conhecimento e o "Título" do trabalho, verificamos que, em muitos casos, o título é despistador[40] para a área e vice-versa. Não é interessante encontrar a dissertação "Lima Barreto e o mal-estar no território" na área de "Literatura" (05), por exemplo?

Quase finalizando a justificativa acerca da escolha das fontes, assinalamos ainda que os textos de Lima Barreto têm sido utilizados freqüentemente como fonte e como objeto de citações ou epígrafes por historiadores[41]. Há muito o que garimpar em uma produção que, como "escritos de circunstância', escritos altamente representativos de uma larga fase de

---

[39] Esse e os próximos números entre parênteses referem-se à ordem de apresentação das teses e dissertações no "Quadro do Anexo 1".

[40] Como efeito de sentido, um título pode ser mais ou menos despistador, mais ou menos antecipador, conforme mais ou menos revele o que vem em seguida. Apropriamo-nos desse conceito da teoria da recepção na interpretação que fazemos do "Quadro do Anexo 1".

[41] Citamos, como exemplo: Lená Medeiros de Menezes. *Os indesejáveis. Desclassificados da modernidade. Protesto, crime e expulsão na Capital Federal (1890-1930).* Rio de Janeiro: EDUERJ, 1997, pp. 31, 36, 39, 151, 192.

nossa evolução social"[42], quase sempre, "têm a marca de primeira e única redação – redação impulsiva, de um só fôlego", ainda segundo Houaiss[43].

Cabe-nos, a partir de agora, detalhar as fontes da pesquisa que elaboramos. Primeiramente, assinalamos a "marginália" de Lima Barreto, que integra a Coleção Lima Barreto, guardada na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional. Trata-se de um conjunto de recortes de jornais, colecionado por Lima Barreto e colado em caderno do tipo brochura, contendo algumas anotações de seu próprio punho[44]. Do material pesquisado, recortamos aqueles textos relacionados ao tema da tese, para observar quais leituras de um Lima Barreto ainda muito jovem teriam funcionado como matéria-prima para suas reflexões iniciais e, sobretudo, para a produção escrita posterior. No Capítulo 4, abordaremos o material selecionado, que estamos denominando "Primeira Marginália" – (Anexo 2).

Em segundo lugar, para dar corpo a uma visão mais consistente da trajetória de um intelectual afro-descendente[45], acrescentamos a correspondência ativa e passiva às fontes da pesquisa. Tal material compõe os volumes XVI e XVII das "Obras de Lima Barreto".

Por fim, delimitamos como *corpus* principal da pesquisa os volumes que abrangem as narrativas curtas, quais sejam: IX – "Bagatelas", X – "Feiras e Mafuás" e XII – "Marginália", que foram os três organizados em vida (1918) pelo próprio Lima Barreto. Nessas obras, foram reunidos, indistintamente, artigos e crônicas publicados nos

---

[42] Antônio Houaiss. "Prefácio". In: Lima Barreto. *Vida Urbana*. São Paulo: Brasiliense, 1956, [32]. (Col. Obras de Lima Barreto, vol. XI).
[43] Ibidem.
[44] Esse conjunto fazia parte da "Limana", a biblioteca de Lima Barreto, sobre a qual discorreremos no primeiro capítulo.
[45] Utilizamos uma categoria contemporânea à escrita da tese, ressalvando que esse emprego não faz parte da temporalidade de Lima Barreto.

“quotidianos”[46] e guardados zelosamente pelo escritor. Incluímos ainda o volume XI – “Vida Urbana”, um outro conjunto significativo de artigos e crônicas. Acrescentamos ainda um volume de contos, o VI – “Histórias e Sonhos”, o único prefaciado por uma mulher, Lúcia Miguel Pereira, além dos contos avulsos, publicados no volume V – “Clara dos Anjos”, totalizando seis volumes de textos, com predominância de artigos e crônicas. Para completar, fazemos algumas poucas incursões nos dois volumes de sátiras, o VII – “Os Bruzundangas” e o VIII – “Coisas do Reino do Jambon”.

Assim, na seleção do *corpus*, buscamos primordialmente aquele conjunto mais amplo de textos menos extensos, pertencentes aos gêneros denominados artigos, contos, sátiras e crônicas, de modo a expandir o universo de situações, acontecimentos, temas, tensões, problemas, encontros, desencontros, e, desse modo, levantar um inventário de imagens que tornassem visíveis as relações sociais de sexo na temporalidade estudada.

Na Nota Prévia de “Vida Urbana”, Antônio Houaiss, um dos organizadores da coleção e prefaciador desse volume, escreveu: “Procurou-se, na medida do possível, reunir aqueles escritos que correspondessem ao título – o que seria a melhor forma de evidenciar o carinho e amor com que Lima Barreto, ademais profundo conhecedor da sua cidade, acompanhou um dos momentos críticos da transformação desta”. Tratando-se de narrativas breves, os contos, os artigos, as sátiras e, especialmente, as crônicas foram selecionados como *corpus* principal da pesquisa, por se oferecerem à interpretação de quem, como nós, realiza uma investigação histórica. Tais textos funcionam como fragmentos ou flagrantes de um mosaico de imagens múltiplas e variadas de práticas e de representações das relações

[46] “Quotidianos” e “folhas volantes” são termos usados por Lima Barreto, com o mesmo significado de “periódicos”. Ver, por exemplo, em: Lima Barreto. “Estudos Brasileiros”, *A Lanterna*, Rio, 26-1-1918. In: *Vida Urbana*, op. cit., pp. 127-128.

sociais de sexo que a experiência urbana de Lima Barreto no espaço-tempo da cidade do Rio de Janeiro da Primeira República pôde revelar.

Por observarmos que os artigos, as sátiras e os contos de Lima Barreto "suscitam uma cenografia"[47] de crônica, afastando-se, desse modo, de sua "cena genérica"[48], trataremos como *crônicas* todos os textos que compõem o *corpus* documental da pesquisa. Consideramos pertinente, para os propósitos de nossa investigação, tratar o conjunto de textos selecionados, à exceção da correspondência, como crônicas, indistintamente, para neles ressaltar aspectos de sua narratividade e forte referencialidade na experiência urbana de Lima Barreto, imersa na cidade do Rio de Janeiro.

Como um "gênero de discurso secundário (complexo)", a crônica é fonte preciosa para a pesquisa histórica porque ainda guarda uma relação estreita e imediata com os "gêneros de discurso primários (simples)"[49], ou seja, absorve e incorpora a realidade cotidiana e dialoga com a realidade dos enunciados alheios.

Buscamos na teoria da análise do discurso a noção de "cena". Como elemento de uma metáfora teatral, a "cena" designa "a dimensão *construtiva* do discurso, que se 'coloca

---

[47] Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau, op. cit., p. 97. Uma "cenografia" de crônica, ao ser adotada por outros gêneros de discurso, como artigos, contos e sátiras, busca chamar o interlocutor para a "guerra", buscar sua adesão para o combate "às tiranias", para usarmos uma terminologia do próprio Lima Barreto, no espaço social.

[48] Ibidem. A "cena genérica" diz respeito às especificidades e particularidades de cada gênero do discurso.

[49] A utilização da língua, uma prática que perpassa todas as atividades humanas, comporta "tipos relativamente estáveis" de enunciados, chamados "gêneros do discurso". Segundo Bakhtin, a "heterogeneidade" dos gêneros do discurso precisa ser ressaltada, tendo em vista a diversidade de condições de produção da linguagem; como exemplos de gêneros de discurso primário, temos as respostas triviais nas conversas cotidianas (orais) e as cartas pessoais (escritas); o romance, o teatro, o ensaio e os textos científicos podem ser exemplos de gêneros de discurso secundário, desde que se analise o processo histórico de sua complexa formação.Ver: Mikhail Bakhtin. *Estética da criação verbal*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, pp. 279-283. (Col. ensino superior).

em cena', instaura seu próprio espaço de enunciação"[50]. Encontramos na abertura da crônica "Será Sempre Assim?" uma reflexão de Barreto sobre o significado da "cena" para ele:

> Devido a um acidente ridículo que me impediu de calçar, durante quase todo mês de dezembro último não fui à cidade. Deixei-me ficar em casa, mal saindo do meu modesto aposento, para os outros da minha humilde residência. Em começo, aborreci-me com a cousa, porque sou andarilho de vocação, no bonde – bem entendido – ou melhor: **gosto de estar em lugares em que as cenas variem e venham a se representar, às vezes, algumas imprevistas.**[51]

Segundo nossa interpretação, o discurso barretiano, tomado como fonte da pesquisa, não deve ser interpretado como mero adereço ou apêndice às situações ou às experiências urbanas. Na citação, Lima Barreto fez referência ao seu "modo ambulatório", praticado como andarilho, como passageiro do bonde e, não podemos esquecer, do trem suburbano na cidade do Rio de Janeiro. A "variedade" e a "imprevisibilidade" foram as qualidades das cenas apontadas por Barreto como fundamentais e, assim, as cenas que "venham a se representar" foram/são a matéria-prima das crônicas. Portanto, as "cenas de uma guerra dos sexos" tornaram-se representações dessa guerra instituídas em suas crônicas.

Mas... porque escolhemos a crônica? Porque a crônica é um dos gêneros do discurso que melhor qualifica a modernidade, é o estilo da modernidade, não porque é leve mas porque mostra as experiências urbanas em sua "variedade" e "imprevisibilidade", ou seja, em sua plenitude. Desse modo, o espaço público se desdobra em múltiplos cenários, nos quais Lima Barreto vivenciou uma experiência urbana que resultou em um trabalho intenso de olhar a cidade e seus habitantes para, em seguida, registrar suas observações e análises através das crônicas, cuja publicação em periódicos cariocas, como a revista *Careta* e o

---

[50] Patrick Charadeau e Dominique Maingueneau, op. cit., p. 95.
[51] Lima Barreto. "Será Sempre Assim?", *Careta*, Rio, s.d. [1919]. In: *Marginália*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1961, p. 170. (Col. Obras de Lima Barreto, vol. XII). Grifos nossos.

jornal *Correio da Noite*, deu margem a que passássemos a tratar os fatos como fenômenos possíveis de serem interpretados historicamente.

Destacamos ainda a onipresença do humor – e aqui reiteramos a ironia e a sátira – próprios do discurso polifônico de Lima Barreto. Para esse ator do político, o humor, a sátira e a ironia não podem ser interpretados como "domingo(s) do pensamento"[52], mas como "formações discursivas" em ebulição, determinadas sócio-historicamente e determinantes de um movimento de deslocamentos que marcou uma trajetória plena de inquietações. O uso estratégico e intensivo da ironia – como polifonia e, muitas vezes, como paradoxo – é uma das marcas do discurso barretiano para manifestar posicionamentos carregados de valores desconcertantes, e que buscam, quase sempre, desqualificar um determinado alvo.

A partir da leitura que fizemos de L. Hutcheon[53], entendemos que a ironia "acontece" no discurso barretiano com "carga afetiva máxima", entre um funcionamento de "oposição" e outro de "atacante"[54], o que significa dizer que, no caso de Lima Barreto, "as arestas da ironia são vistas como se cortassem de todos os lados", subversivamente ou transgressoramente. No funcionamento "atacante" ou "assaltante", as "mordidas" ou "arestas" irônicas são ainda mais "afiadas" e corrosivas, ou então "corretivas", esse último efeito aparecendo desde a "provocação brincalhona" ou satírica até o tom "desprezador e o desdenhoso"[55]. Tanto quanto L. Hutcheon, interessa-nos principalmente a ironia "em uso" no discurso, uma vez que "a 'cena' da ironia é uma cena social e política"[56], na qual "a ironia

---

[52] Michel Pécheux. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas, SP: Pontes, 1990, p. 53.
[53] Linda Hutcheon. *Teoria e política da ironia*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.
[54] Ibidem, p. 76. Para essa definição, utilizamos um diagrama proposto por L. Hutcheon, no qual ela estabelece um *continuum* de funcionamento da ironia, em um movimento de carga afetiva mínima para máxima.
[55] Ibidem, pp. 83-85. L. Hutchen assinala a persistência de uma "freqüente avaliação desaprovadora dessa função ASSALTANTE, que vê a ironia operar como a humilhação *agressiva* que mantém as pessoas em seus lugares".
[56] Ibidem, p. 19.

não é ironia até que seja interpretada como tal”[57]; portanto, alguém precisa fazer a ironia “acontecer” como prática discursiva, seja o autor, seja o leitor.

Destacamos da obra de L. Hutcheon outra importante reflexão acerca das “sexualizações”, isto é, da “ênfase nos sexos” que os discursos sobre a ironia e a política contêm. A pesquisadora menciona a diferença de interpretação da ironia como resultante de distinções de ordem sexual; assim, “Quando a ironia é vista como algo debilitante, ela é descrita como (...) um vampiro feminino; quando ela é considerada a marca do intelecto, à mulher são negados acessos ao entendimento”[58]. Mais uma vez, aliamo-nos à autora de “Teoria e política da ironia” para defender que nossa resposta a essa provocação também é “Não!”, um advérbio interpretado como um “marcador de ironia” em nossa contemporaneidade.

Na passagem a seguir, observamos como a ironia acontece no discurso barretiano. A perspectiva polifônica foi obtida pela introdução de uma cena epistolar no espaço esperado da crônica, a fim de dar voz a um respeitado morador da cidade para que essa personagem (e não o enunciador da crônica, que assim fica preservado) fizesse polida mas duramente as críticas de “um velho chefe de família” ao “Chefe de Polícia”:

> SENHOR DOUTOR Chefe de Polícia. Permita Vossa Excelência que um velho chefe de família, pai de três filhas moças e dois rapazes, se dirija a Vossa Excelência, no intuito de esclarecer o espírito de Vossa Excelência que parece só ver as coisas por uma face só.
>
> “Moro Excelentíssimo Doutor, há quase trinta anos na Rua Joaquim Silva, aí nas fraldas de Santa Teresa, rua plácida, sossegada, que Vossa Excelência talvez não conheça como

[57] Ibidem, p. 22.
[58] Ibidem, p. 24. Segundo L. Hutcheon, foi um ator canadense, que ela não nomeia, quem desenvolveu recentemente o “Não!” como “marcador de ironia”.

> bom chefe de polícia que é do Rio de Janeiro, mas natural da Bahia.
>
> "Não digo tal cousa para censurar Vossa Excelência, mas simplesmente para lembrar que os antigos chefes de polícia da minha leal e heróica cidade conheciam todos os seus meandros, becos, bibocas, etc. Os antecessores de Vossa Excelência, como o Vidigal, o dos granadeiros, e o Aragão, o do sino de recolher honestas, conheciam o Rio como qualquer malandro; mas, desde que inventaram a polícia científica, por sinal que fez aumentar os crimes misteriosos, desde então, dizia eu, os chefes ficaram dispensados de conhecer o Rio de Janeiro, inclusive Vossa Excelência.[59]

Através da leitura da citação, podemos identificar, nessa crônica de 1915, observações relacionadas a mudanças e pontos de atrito entre os habitantes e o poder público na urbe que se modernizava; há também referências nostálgicas a antigas autoridades e antigas práticas, como a do "sino de recolher [mulheres] honestas", significando a disciplinarização do espaço da rua, interditado às mulheres "honestas", em determinadas horas do dia, pelo controle do tempo, marcado pelas badaladas do "sino". Acrescentamos à análise a contundência com que o cronista – pela pena de um carioca indignado – fez a crítica à modernidade, representada pela nova "polícia científica". Por fim, destacamos um sentido desqualificante da chefia e até mesmo da instituição policial (da municipalidade), produzido através do uso das "mordidas irônicas" com intenção "corrosiva", por exemplo, na oposição entre o adjetivo "bom" e a conjunção adversativa "mas", para indicar que os chefes de polícia "ficaram dispensados de conhecer" a cidade onde trabalhavam.

Segundo nossa interpretação, as "arestas cortantes" do discurso irônico de Lima Barreto modelam imagens das relações sociais de sexo na Capital Federal. Consideramos que nem todas as cidades deixam-se narrar pelas crônicas como o Rio de Janeiro. Partilhamos da

[59] Lima Barreto. "Carta de um Pai de Família ao Doutor Chefe de Polícia", *Careta*, Rio, 24/4/1915. In: *Vida Urbana*, op. cit., pp. 95-96.

crítica à idéia de que a crônica seja “um sorriso da sociedade”, na clássica definição de Figueiredo Pimentel. Como gênero de discurso, a crônica é a radicalização do senso comum, visto como uma referência teórica que pode ser analisada, transformada, pois nem a tradição nem o passado são imóveis; eles se movimentam. As crônicas que tematizam aspectos da vida social do Rio de Janeiro dão pistas da sua cultura urbana e, possibilitando que o seu passado seja revisitado, tornam-se biografia crítica (não só histórica) da cidade.

“Troça e campanha no discurso de Lima Barreto: imagens urbanas das relações sociais de sexo no Rio de Janeiro da virada do novecentos” insere-se na Linha de Pesquisa “Política e Cultura” do Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. A opção pela linha de pesquisa “Política e Cultura” visa melhor adequar o objeto à abordagem teórico-metodológica que tem orientado nosso trabalho, a qual permanece interdisciplinar. Na perspectiva da História Política renovada, a pesquisa está situada no campo que interliga as contribuições advindas da História Política, da História Cultural e da História Social, em relação à disciplina História, e da Literatura, das Teorias da Interpretação e da Análise do Discurso, em relação à disciplina Linguagem

A fim de obter o título de Doutora em História, buscamos oferecer uma contribuição inédita para o debate acadêmico contemporâneo acerca do entrecruzamento dos olhares entre História e Linguagem, tendo como objeto de análise as imagens urbanas das relações sociais de sexo presentes no discurso de Lima Barreto.

O binômio “troça-campanha” é um paradoxo da modernidade que explicita as relações sociais de sexo no Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX? Eis a questão a qual a hipótese que formulamos pretende responder, através da interpretação que

fizemos do discurso de Lima Barreto, cujas crônicas são fontes da pesquisa que realizamos. Para que pudéssemos conduzir academicamente o estudo, desdobramos a hipótese central em três formulações, quais sejam: “Lima Barreto é um ator do político que vivencia e relata uma experiência urbana sob tensão entre intelectualidade e negritude”, “O ‘Rio-Paris barato’ é uma representação paradigmática que retrata o Rio de Janeiro da Primeira República como cidade de deslocamentos, *locus* de diversidade e de contrastes nas relações sociais” e “As relações sociais de sexo podem ser inventariadas no discurso de Lima Barreto através de imagens que caracterizam uma guerra dos sexos”.

A tese “Troça e campanha no discurso de Lima Barreto: imagens urbanas das relações sociais de sexo no Rio de Janeiro da virada do novecentos” está organizada em quatro Capítulos, antecedidos das Considerações Iniciais e sucedidos pelas Considerações Finais.

No “Capítulo 1– Lima Barreto: intelectualidade e negritude”, traçamos um perfil de Afonso Henriques de Lima Barreto como um negro-intelectual, enfatizando sua experiência urbana, as tensões vividas e situando-o em seu tempo-espaço como um intelectual moderno cujo discurso é reconhecido como fonte da pesquisa histórica.

No “Capítulo 2 – O ‘Rio-Paris barato’: cidade de deslocamentos”, enfocamos a leitura da problemática da cidade do Rio de Janeiro pelo carioca Lima Barreto, destacando o contexto de mudanças e contrastes sociais, a atmosfera cultural, o momento político, o tempo-espaço da cidade-capital da República brasileira nas primeiras décadas do século XX.

No “Capítulo 3 – Uma guerra dos sexos? Inventário de imagens”, levantamos um conjunto de imagens colhidas nas crônicas de Lima Barreto, para caracterizar as nove cenas que elegemos como as mais representativas de uma guerra dos sexos em curso: moda,

casamento, feminismo, celebrações populares, filantropia, diploma e anel, transportes coletivos, relações étnico-raciais e crimes.

No “Capítulo 4 – Troça e Campanha: misoginia e resistência nas relações sociais de sexo”, trazemos nossa reflexão acerca dos posicionamentos misóginos e de resistência, e de suas filiações, identificados nas imagens das práticas que envolvem mulheres e homens quando participam de situações nas quais as relações sociais de sexo estão implicadas.

Em atendimento às expectativas com relação a essa etapa do trabalho, as Considerações Finais da tese pretendem ser o espaço no qual retomamos as hipóteses iniciais, avaliamos o percurso e apresentamos uma discussão final acerca de seus resultados.

CAPÍTULO 1

LIMA BARRETO: INTELECTUALIDADE E NEGRITUDE

> *O hinário dos desgraçados ia afinal ser escrito com as aspirações dolorosas, os martírios de todas as raças, e o romance de costumes, de análise ou de idéias ia agravar, com um grande grito de protesto, o sofrimento universal.*
>
> *Camerino Rocha*[60]

O texto de Camerino Rocha resulta de uma colheita de segunda mão que fizemos na obra de Lima Barreto. Foi ele próprio quem realizou a primeira garimpagem, na condição de leitor atento e participante do ambiente intelectual de sua época. Em "As Pequenas Revistas"[61], de 1919, Lima Barreto não apenas transcreveu integralmente o artigo de Camerino Rocha, datado de 1903, como também comentou-o, atualizando seu significado e estabelecendo um eixo de filiação intelectual cuja marca era "uma arte de oposição e desabafo", "uma arte mais compassiva, mais afável aos miseráveis"[62].

No parágrafo final de seu artigo, Barreto assumiu que a leitura do texto de Rocha, "desde aquela época [1903], muito me [o] sugeriu e impressionou"[63]. E quanto a nós, esta declaração igualmente impressiona pelo significado que carrega de antecipação de um

---

[60] Camerino Rocha. "Simpatia humana na arte moderna", *Ateneida*, janeiro de 1903. *Apud*: Lima Barreto. "As Pequenas Revistas", 26-4-1919. In: *Feiras e Mafuás*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1961, p. 160. (Col. Obras de Lima Barreto, vol. X).
[61] Lima Barreto. "As Pequenas Revistas", ibidem.
[62] Ibidem, p. 158.
[63] Ibidem, p. 163.

movimento que somente ganhou reconhecimento oficial a partir da Semana de Arte Moderna, em fevereiro de 1922, na cidade de São Paulo. Na crônica "O Futurismo", publicada em julho de 1922, Lima Barreto referiu-se, ironicamente, às "novidades velhas de quarenta anos" que o estado de São Paulo "quer nos impingir como descoberta dele", citando como exemplo o "futurismo", veiculado como novidade no famoso primeiro número da revista "Klaxon"[64], enviada a Lima Barreto pelo "simpático amigo Sérgio Buarque de Holanda":

> Disse cá comigo: esses moços tão estimáveis pensam mesmo que nós não sabíamos disso de futurismo? Há vinte anos, ou mais, que se fala nisto e não há quem leia a mais ordinária revista francesa ou o pasquim mais ordinário da Itália que não conheça as cabotinagens do "il Marinetti". (...)
>
> O que há de azedume neste artiguete não representa nenhuma hostilidade aos moços que fundaram a *Klaxon*; mas sim, a manifestação da minha sincera antipatia contra o grotesco "futurismo", que no fundo não é senão brutalidade, grosseira e escatologia, sobretudo esta. Eis aí.[65]

Verificamos que Lima Barreto, como leitor e colecionador de revistas estrangeiras, sobretudo francesas, estava antenado com os movimentos da cultura e da arte modernas, a ponto de sentir-se à vontade para manifestar sua crítica contundente a "semelhante maluquice, inventada por um Senhor Marinetti". Na passagem citada, Barreto "aliviou" os "moços" paulistas, embora alguns parágrafos acima tenha escrito sobre "a tal Klaxon" que "se tratava de uma revista de Arte, de Arte transcendente, destinada a revolucionar a literatura nacional e de outros países, inclusive a Judéia e a Bessarábia", em mais um comentário irônico destinado a "morder" os paulistas.

---

[64] O primeiro dos nove números da revista "Klaxon – Mensário de Arte Moderna" foi publicado em 15 de maio de 1922, logo após a realização da Semana de Arte Moderna, em fevereiro de 1922. Os números 8 e 9, em edição dupla, saíram em janeiro de 1923. Ver: http://www.mundocultural.com.br/revista_klaxon

[65] Lima Barreto. "O Futurismo", *Careta*, Rio, 22/7/1922. In: *Feiras e Mafuás*, op. cit., pp. 67-68.

Tratar a revista "Klaxon" com simpatia ou com antipatia era um dilema que bem representava, de um lado, a atenção que Lima Barreto dispensava às pequenas ou novas revistas, e de outro lado, sua posição adversa à onipotência paulista que, segundo ele, contaminava a realidade brasileira. Vejamos mais essa passagem, voltando ao artigo "Simpatia humana na arte moderna" de Camerino Rocha, transcrito em "As Pequenas Revistas" por Lima Barreto:

> Aguça-se acerbamente a ironia dos escritores movidos todavia pela piedade, por um impaciente desejo de renovação e harmonia. (...)
>
> Nascidos sob circunstâncias diversas, os escritores novos trazem à Vida uma comoção diversa e à Arte uma estética diferente.
>
> Já se pode prever o momento próximo, em que os artistas da geração nova, aplicarão ao estudo da nossa sociedade ainda confusa, os enérgicos processos de revulsão e análise que vibram nas obras desse caráter.[66]

Embora fizesse críticas ao que ele identificou como movimento futurista paulista, por exemplo, Lima Barreto reiterou, dois anos antes da Semana de Arte Moderna de 1922, a afirmação de uma intencionalidade nova, restrita à cidade do Rio de Janeiro, que buscava estudar a "nossa sociedade ainda confusa". Tal mudança unia uma geração de novos escritores que se formava naquele contexto das primeiras décadas do século XX, sucedendo a Machado de Assis, Olavo Bilac, Coelho Neto, Alberto de Oliveira, estes citados e identificados no artigo de Rocha como pertencentes à "geração precedente", a geração de 1870 e seus seguidores, que "foi incolor, indiferente, impassível"[67]. Podemos atribuir aos novos escritores mais comoção, mais energia, mais vibração, enfim, uma estética mais próxima da dramaticidade da vida? Parece ser este o recado de Lima Barreto em "As

[66] Idem. "As Pequenas Revistas", op. cit., pp.159-162-163.
[67] Ibidem, p 162.

Pequenas Revistas", indicando que naquele tempo-espaço das primeiras décadas do século XX na cidade do Rio de Janeiro já estava em processo um "modernismo carioca"[68], experimentado por um grupo de boêmios, do qual ele fazia. Reconhecemos que a perspectiva de análise "do significado do modernismo na conjuntura da nacionalidade brasileira" deve ser a que trabalha com a "cultura do modernismo", a fim de que possamos não apenas rejeitar as classificações ligadas ao campo do "pré-modernismo", mas sobretudo conhecer outras experiências sobre a modernidade que ultrapassaram o eixo Rio de Janeiro-São Paulo.

Um outro aspecto que merece nossa atenção nessa mesma crônica "As Pequenas Revistas" é o que trata da diversidade de circunstâncias nas quais a nova geração de escritores nasceu. E o caso de Lima Barreto é singular, pelas inúmeras tensões que ele viveu, sentiu, viu, refletiu e relatou em seus escritos. Sobre essas tensões nos debruçaremos no presente capítulo, a fim de situarmos as condições da produção barretiana acerca de problemas e temas como o que elegemos para dar corpo à nossa tese: as relações sociais de sexo.

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu em uma sexta-feira, 13 de maio de 1881, sete anos antes da festa oficial da Abolição, à rua Ipiranga, 18, no bairro de Laranjeiras, Rio de Janeiro, sendo filho de João Henriques de Lima Barreto e Amália Augusta Barreto. Aos 41 anos, faleceu em 1º de novembro de 1922, à rua Major Mascarenhas, 26, no subúrbio carioca de Todos os Santos, no qual passou a residir a partir de 1903, com 22 anos de idade.

É interessante observar que, morto Lima Barreto, o caixão com seu corpo refez o mesmo percurso que, vivo, o escritor fizera diuturnamente: foi transportado de trem, dessa

[68] Monica Pimenta Velloso. "O modernismo e a questão da nacionalidade". In: Jorge Ferreira e Lucilia de A. N. Delgado (orgs.). *O Brasil republicano: o tempo do liberalismo excludente – da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, pp. 350-371 (Livro 1). Ao distinguir o "modernismo carioca", M. Velloso destaca o lugar ocupado pelo humor e pela atuação na esfera da vida cotidiana das ruas.

vez no carro fúnebre da Estrada de Ferro, até a estação Central do Brasil, de onde atravessou o centro da cidade e foi conduzido ao cemitério São João Batista, no bairro de Botafogo, atendendo a um pedido feito em vida pelo próprio Lima Barreto. A notícia do sepultamento apareceu no "Jornal do Brasil" de 3 de novembro de 1922 e foi uma das duas selecionadas para integrar a seção "Nas Páginas da História", subseção "Há 80 anos", reeditada pelo mesmo jornal na presente década:

> Foi ontem, à tarde, sepultado no Cemitério de São João Batista, carneiro n. 5 409, o conhecido escritor **Afonso Henriques Lima Barreto** (sic), anteontem falecido em sua residência, à Rua Major Mascarenhas, 26. A despeito de sua proverbial boêmia, era **Lima Barreto** um escritor conscencioso e preciso e suas obras se assinalam pela honestidade que as inspirou. Algumas vezes satírico, até a irreverência, alguns não o compreenderam, outros, invectivaram-no, mas a justiça manda que proclamemos seu mérito. Amigos, admiradores e confrades do escritor resolveram mandar erigir um mausoléu no local em que repousam seus restos mortais. Para isso, foi aberta uma subscrição, encabeçada pelos (sic) Sr. **José Mariano Filho**, com um conto de réis.[69]

No necrológio, destacamos a presença das adversativas "a despeito de" e "mas", que estabelecem oposições entre os campos da boêmia, da integridade do escritor, de seu mérito inquestionável e de algumas incompreensões de que foi vítima. Morto Lima Barreto, o féretro percorreu o longo caminho de volta, do subúrbio ao ponto aristocrático de partida, ou seja, à região de Botafogo, Flamengo e Laranjeiras, fechando o círculo mas abrindo espaço para a explicitação das tensões presentes na trajetória deste carioca.

Ao definir as duas posições ocupadas por Lima Barreto, negro e intelectual, o percurso de análise remete ao conceito de sua filiação. Seguindo as tendências contemporâneas na pesquisa acadêmica, não pretendemos diluir a questão étnico-racial mas,

[69] *Jornal do Brasil*, 3/11/1922. *Apud*: "Nas Páginas da História". *Jornal do Brasil*, 3/11/2002.

ao contrário, afirmar que a identidade racial marcou toda a trajetória de Lima Barreto. Na nova ordem de sociedade competitiva de classes que começou a emergir com a mudança para o regime republicano, as duas hierarquias, a social e a étnico-racial, caminhavam paralelamente e apresentavam-se como uma permanência de longa duração.

"Negro" é um conceito enraizado em um conjunto de pertencimentos nos quais sobrepõe-se a questão étnico-racial. Desse modo, as representações do "fenótipo (crioulo), da condição social (pobre), da origem histórica (ascendência africana) e da identidade (auto-definida e definida pelos outros)"[70], todas essas estão compreendidas na denominação "negro", que, opondo-se a "não-negro", define uma identidade política, fundada em uma história de permanências de desigualdades, perpetuadas em "práticas racistas e discriminatórias" de uma "sociedade altamente hierárquica e pigmentocrática"[71] como a brasileira.

Na perspectiva teórica que estamos adotando, os termos "mulato"[72] e "pardo"[73] tendem a se aproximar do termo "preto", pelo fato dos três não serem entendidos como "uma denominação positivamente valorativa"[74] e, portanto, integrarem o feixe de representações fenotípicas da identidade negra. Há uma passagem no "Diário Íntimo" na qual Lima Barreto explicita como ele se percebia e era percebido pelos outros:

---

[70]Joel Rufino dos Santos. "O negro como lugar". In: Marcos Chor Maio e Ricardo Ventura Santos (orgs.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: ed. FIOCRUZ/CCBB, 1996, p.219-224.
[71] Carlos Hasenbalg. "Entre o mito e os fatos: racismo e relações raciais no Brasil". Ibidem, p. 236.
[72] "Mulato" é um termo freqüente no discurso de Lima Barreto.
[73] "Parda" é como Lima Barreto é caracterizado nos itens "cor" e "raça", que fazem parte do documento que registra as duas internações no Hospital de Alienados, em 1914 e 1919: "Cópia da Observação de Affonso Henriques de Lima Barreto, constante do Livro de Observações Clínicas do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil". *Apud*: Francisco de Assis Barbosa. *A vida de Lima Barreto (1881-1922).* Edição ilustrada. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1952, pp. 343-347. (Col. Documentos Brasileiros 70).
[74] Antônio Sérgio Alfredo Guimarães. "Cor, classes e *status* nos estudos de Pierson, Azevedo e Harris na Bahia: 1940-1960". In: *Raça, ciência e sociedade* , op. cit., p. 156.

> *24 de janeiro [de 1908]*
> (...) Quarta-feira última, chegando à secretaria [de Guerra], deram-me um convite para assistir à saída da esquadra de bordo de um navio do Lloyd. Fui, depois de hesitar muito.
> ***
> Fui a bordo ver a esquadra partir. Multidão. Contacto pleno com meninas aristocráticas. Na prancha, ao embarcar, a ninguém pediam convite; mas a mim pediram. Aborreci-me. Encontrei Juca Floresta. Fiquei tomando cerveja na barca e saltei.
> **É triste não ser branco**[75].

Entre as duas possibilidades de classificação, "brancos / não-brancos" e "negros / não-negros", que a pesquisa acadêmica contemporânea sobre as relações étnico-raciais oferece, poderíamos optar por incluir Lima Barreto ou na categoria de "não-branco" ou na de "negro". Preferimos caracterizá-lo como "negro", buscando, assim, afirmar a origem étnico-racial como um elemento fundamental de sua complexa identidade. Consideramos inadequado o uso do termo "mulato", "pardo" ou mesmo "mestiço" na perspectiva historiográfica, pois assim estaríamos "contornando as diferenças raciais" e, com isso, "negando a polaridade branco-negro"[76], que é central na trajetória de Lima Barreto.

Quanto à concepção de "intelectual", optamos por entendê-la não como uma categoria profissional[77], mas como uma posição[78] ocupada por Lima Barreto no conjunto geral das relações sociais, para "fazer um sumário topográfico e geológico da batalha" vivida

---

[75] Lima Barreto. *Diário Íntimo*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, p. 130. (Col. Obras de Lima Barreto, vol. XIV). Grifo nosso.

[76] Lívio Sansone. "As Relações Raciais em *Casa-Grande & Senzala* Revisitadas à Luz do Processo de Internacionalização e Globalização". In: *Raça, ciência e sociedade*, op. cit., p. 210.

[77] No *Almanak Laemmert*, 70º anno, 1914, Parte V- "Indicador nominal dos principaes habitantes, negociantes, industriaes e profissionaes do Distrito Federal", p. 1600, temos a seguinte referência: "BARRETO (Affonso Henrique (*sic*) de Lima), 1º tem. Gr., 3º off. da Secr. da Guerra, r. Boa Vista 76."

[78] Antonio Gramsci. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 4ª ed. Rio de Janeiro: ed. Civilização Brasileira, 1982, p. 7. Para Gramsci, "todos os homens são intelectuais, poder-se-ia dizer; mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais". A discussão que Gramsci faz nessa obra nos interessa para uma definição da intelectualidade em Lima Barreto, que não advém nem de sua formação acadêmica nem de sua inclusão nos círculos literários pertencentes à classe dominante, como a Academia Brasileira de Letras.

e narrada por ele cotidianamente, "localiza(ndo) onde estão os pontos frágeis e onde estão os pontos fortes a que estão ligados os poderes"[79] nas lutas políticas do seu tempo. Assumimos a decisão pessoal de utilizar o termo "intelectual" com valor substantivo, ainda que possa redundar em anacronismo atribuir ao vocábulo esse significado nos discursos dos atores do período correspondente à Primeira República[80].

Por ocasião das internações sofridas no Hospício Nacional de Alienados, a "profissão" de Lima Barreto foi identificada como "empregado público", ao dar entrada em 18 de agosto de 1914, "jornalista", em 25 de dezembro de 1919, e "escritor", em 26 de dezembro de 1919. Na "Anamnese" desta última internação, lê-se: "Indivíduo de cultura intelectual, diz-se escritor, tendo já quatro romances editados, e é atual colaborador da Careta"[81]. Como se vê, parece recorrente o emprego do termo "intelectual" com função adjetiva, tal como está no relatório médico da internação de Lima Barreto e, também, no "Discurso do Sr. Joaquim Nabuco, Secretario geral", na "Sessão inaugural de 20 de julho de 1897" da "Academia Brazileira de Letras"[82]. Na perspectiva histórica, "literatura e imprensa se confundiam", como escreve Werneck Sodré[83], e os "homens de letras" podiam ser chamados de "literatos", de "escritores", de "jornalistas" e de "historiadores" até a década de 1920, pelo menos.

---

[79]Michel Foucault. *Microfísica do Poder*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992, p.151.

[80] Norberto Bobbio e outros. "Intelectuais". In: *Dicionário de Política*. 5ª ed. Brasília: Editora UnB: São Paulo: Imprensa Oficial, 2000, vol 1. Ao tratar da história do termo "intelectuais", o verbete destaca que "o adjetivo latino teve sua primeira forma de substantivação na metade do século XIX, na língua russa, com o termo *inteligencija*, criado pelo romancista P D. Boborykin". Ainda segundo o verbete, quarenta anos depois, apareceu a forma substantivada "em língua francesa", no "célebre *Manifeste des intellectuels*, publicado no diário 'Aurore' de 14 de janeiro de 1898", a propósito "do processo Dreyfus".

[81] "Cópia da Observação de Affonso Henriques de Lima Barreto, constante do Livro de Observações Clínicas do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil". *Apud*: Francisco de Assis Barbosa. *A vida de Lima Barreto (1881-1922)*. (Edição ilustrada). Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1952, p. 344. (Col. Documentos Brasileiros 70).

[82] "Boletim da Academia Brazileira de Letras". Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1897.

[83] Nelson Werneck Sodré, op. cit, p. 330.

Segundo a tipologia proposta por Sirinelli, Lima Barreto seria um caso de "intelectual dessacralizado"[84], cuja trajetória de rupturas começou bem cedo: órfão de mãe em dezembro de 1887 aos sete anos de idade, o mais velho dos quatro filhos de João Henriques celebrou com o pai a festa da Abolição em 1888 e acompanhou "com desgosto"[85] a proclamação da República no ano seguinte:

> **O Momento**
>
> Sempre fui contra a república. Tinha sete anos e vinha do colégio primário, do grande colégio de que me lembro sempre com ternura e cheio de saudades da minha boa professora, Dona Teresa Pimentel do Amaral, quando me disseram que se havia proclamado a república.
>
> (...) e vi que a tal da república, que tinha sido feita, espalhava pelas ruas soldados embalados, de carabinas em funeral.
>
> Nunca mais a estimei, nunca mais a quis.
>
> Sem ser monarquista, não amo a república.[86]

Após 1889, Lima Barreto assistiu à mudança na vida do tipógrafo João Henriques com a queda da monarquia, sentiu as pressões que o pai sofreu, dada a sua condição de compadre do visconde de Ouro Preto[87], viveu a demissão de João Henriques da função de mestre de composição na Imprensa Nacional em 1890. No discurso, Lima Barreto evidenciou uma das tensões que marcou mais profundamente sua trajetória. No fragmento "me disseram que se havia proclamado a república" a superposição de duas formas lingüísticas marcadoras da impessoalidade ampliou o efeito de sentido mais do que testemunhado de que a ausência de povo caracterizou o processo de instalação da República.

---

[84] Jean-François Sirinelli. "Os intelectuais". In: René Rémond (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1993, p. 240.
[85] Lima Barreto. "O Momento". *Correio da Noite*, Rio, 3-3-15. In: *Coisas do Reino do Jambon.* 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, p. 80. (Col. Obras de Lima Barreto, vol. VIII).
[86] Ibidem.
[87] Trata-se de Afonso Celso de Assis Figueiredo (1836-1912), político que presidiu o último Conselho de Ministros do Império.

Em "O Momento", Lima Barreto reportou-se ao discurso do acadêmico João Ribeiro para aprofundar sua reflexão acerca das tensões que o regime republicano só fez acentuar em sua trajetória:

> João Ribeiro disse-me, certa vez, que a república era a cultura parda: pois sou como o Senhor João Ribeiro; nunca houve anos no Brasil em que os pardos, os malditos do seu Haeckel, fossem mais postos à margem.
> O nosso regímen atual é da mais brutal plutocracia, (...)
> De há muito que venho habituado a estudar nos seus livros. Em criança, no primeiro ano da sua gramática, mais tarde no segundo, depois no terceiro; em história da mesma forma (...) A sua História do Brasil (eu já estava há três anos na Escola Politécnica), quando apareceu, logo a comprei e a li e reli"[88]

No artigo, Lima Barreto dialogou com a fala de autoridade de João Ribeiro, "de alguma forma meu [de Lima Barreto] professor"[89], em cuja obra teórica havia estudado em diferentes etapas de sua escolaridade. E ainda, a questão das relações étnico-raciais, representada pelos "pardos", contrapunha duas concepções, uma valorizada positivamente – o branqueamento - e a outra, negativamente – a degeneração da raça naquele cenário da República recém-chegada. A condição de "pardo" de Lima Barreto significava desvantagem, prejuízo e mais tensões, uma vez que, nessa república da "cultura parda", o desejado apagamento da herança negra e escravocrata marginalizava os "pardos", tornando-os "malditos".

Na passagem, a referência à figura de Haeckel[90] serve-nos de índice para introduzirmos nesse capítulo algumas observações acerca da "pequena biblioteca" particular de Lima Barreto, por ele denominada "Limana". Ressaltamos que a biblioteca, o quarto de

---

[88] Lima Barreto. "O Momento", op. cit., p. 80.
[89] Idem. "Carta a João Ribeiro – 3-6-1917". Coleção Lima Barreto da Secção de Manuscritos da Biblioteca Nacional. In: *Correspondência – Tomo II*. São Paulo: Brasiliense, pp. 32-33. (Col. Obras de Lima Barreto, vol. XVII).
[90] Ernst H. P. A. Haeckel (1834-1919), naturalista alemão, cuja obra, associada ao cientificismo de base positivista, ajudou a popularizar o trabalho de Charles Darwin. Ver: http://pt.wikipedia.org/Haeckel

dormir e o gabinete de trabalho dividiam o espaço de um único aposento na residência suburbana. Inventariada pelo próprio no "Rio de Janeiro, neste lugar de Todos os Santos, em primeiro de setembro de mil novecentos e dezessete"[91], a "Limana" continha oitocentos títulos numerados, a maior parte das obras em língua francesa e encadernada, com a indicação da estante e da prateleira de cada volume. Predominam textos de filosofia, de política, de sociologia, de geografia, de história e de literatura; há ainda textos de história natural, revistas e peças teatrais, além de retalhos colecionados de periódicos e os "Manuscritos e Originais"[92] autorais de Lima Barreto.

Encontramos na "Limana" três obras de Haeckel: "Origines e Descendance de l'Homme", em parceria autoral com Bölsche, inventariada sob "Número 2, Estante 1, 1ª Prateleira"[93]; "Le Monisme", inventariada sob "Número 163 – Opúsculos 6 vols. (I), Estante 1, 4ª Prateleira"[94]; e "Les Enigmes de l'Univers", inventariada sob "Número 447, Estante 4, 3ª Prateleira"[95]. Charles Darwin também estava presente na "Limana" através de sua obra fundamental "Origine des Espèces", bem como H. Spencer, com "La Morale Evolutionniste"[96] e "Faits et Commentaires"[97]. Lima Barreto demonstrava grande interesse em estudar e comentar as influências das teorias e doutrinas européias do final do século XIX, a fim de fortalecer suas críticas e tomar posições divergentes em relação ao pensamento hegemônico que considerava a origem multiétnica da população brasileira como um grande obstáculo à construção de uma identidade nacional.

---

[91] Francisco de Assis Barbosa, op. cit., p. 348. O "Inventário" integra o "Apêndice" dessa obra.
[92] Ibidem, p. 368. Embora localizados "Em cima das estantes e das mesas", no Inventário pareciam estar bem organizados em dez grupos, a saber: I – Clara dos Anjos (...); II – Recordações do Escrivão Isaías Caminha, (...); III – Policarpo Quaresma (...); IV – Numa e Ninfa (...); V – Originais Publicados; VI – Originais a Aproveitar; VII – Papéis Vários; VIII – Originais a Organizar; IX – Originais a Aproveitar; X – Numa e Ninfa.
[93] Ibidem, p. 349.
[94] Ibidem, p. 352.
[95] Ibidem, p. 362.
[96] Ibidem, p. 358 – "Números 274 e 288, respectivamente. Estante 2, 3ª Prateleira"
[97] Ibidem, p. 368 – "Número 709, Em cima das mesas e das estantes".

A questão étnico-racial comparecia ainda em uma diversidade de obras, das quais destacamos "Essais Sur le Régime des Castes", de C. Bouglé[98], "O Abolicionismo", de Joaquim Nabuco[99], "O Fetichismo dos Negros no Brasil", pelo padre Étienne Brasil[100], "L'Afrique Noire", de O. Megnier[101], "La Psychologie Ethnique", de G. Letourneau[102], "Congresso Universal de Raças", de João Batista de Lacerda[103], "Senzalas", de Alberto Deodato[104], "Negrinha", de Monteiro Lobato[105], "Ensinamentos Psicológicos da Guerra Européia", de G. Le Bon[106], "Pléiades", de Gobineau[107] e "Le Préjugé des Races", de J. Finot[108]. A presença de Le Bon e Gobineau, defensores da superioridade absoluta dos brancos no domínio de sua inteligência, ao lado de Finot, crítico desse posicionamento por considerá-lo inspirador do extermínio de povos e raças considerados mais fracos, revelava que a biblioteca de Lima Barreto abrigava uma das grande polêmicas de seu tempo no campo das teorias racistas.

Destacamos ainda a obra do fluminense João Batista de Lacerda (1846-1915), que muito contribuiu para que essas doutrinas racistas adquirissem *status* de teoria científica[109] no Brasil. Na condição de diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, Lacerda foi o único latino-americano a apresentar um relatório no Primeiro Congresso Universal de Raças, em julho de 1911 na cidade de Londres. Em seu relatório, Lacerda estimou em um século o

---

[98] Ibidem, p. 357 – "Número 272, Estante 2, 3ª Prateleira".
[99] Ibidem, p. 348 – "Número 14, Estante 1, 1ª Prateleira".
[100] Ibidem, p. 368 – "Número 697 (artigos), Em cima das mesas e das estantes".
[101] Ibidem, p. 351 – "Número 135, Estante 1, 4ª Prateleira".
[102] Ibidem, p. 356 – "Número 209, Estante 2, 1ª Prateleira".
[103] Ibidem, p. 363 – "Número 567, Estante 4, 3ª Prateleira".
[104] Ibidem, p. 369 – "Número 721, Em cima das mesas e das estantes".
[105] Ibidem, p. 369 – "Número 790, Em cima das mesas e das estantes".
[106] Ibidem, p. 369 – "Número 751, Em cima das mesas e das estantes".
[107] Ibidem, p. 348 – "Número 13, Estante 1, 1ª Prateleira".
[108] Ibidem, p. 358 – "Número 293, Estante 2, 4ª Prateleira".
[109] José Luiz Petruccelli. "Doutrinas francesas e o pensamento racial brasileiro, 1870-1930". *Estudos Sociedade e Agricultura*, 7, dezembro 1996: 134-149.

período necessário para o desaparecimento dos mestiços e, paralelamente, para a extinção da raça negra entre os brasileiros, graças ao processo de embranquecimento em curso, pela introdução dos imigrantes europeus. Tal estimativa foi "profusamente criticada", por ser "demasiadamente longa aos espíritos impacientes com o lento ritmo mostrado pelo processo de branqueamento"[110] no Brasil.

O pensamento da elite intelectual e do governo republicano da época pós-abolição era de que os brasileiros estariam condenados a permanecer como um povo inferior, devido à preponderância da raça negra e dos descendentes da miscigenação. Enquanto isso, a percepção de desamparo contribuiu para que uma certa saudade da Monarquia[111] fizesse parte do imaginário social da população. Sem ser monarquista, como ele próprio assumiu, Lima Barreto tratou o regime que antecedeu à República com alguma simpatia, como fez ao rememorar o 13 de maio de 1888 em artigo publicado em maio de 1911:

> **Maio**
>
> Estamos em maio, o mês das flores, o mês sagrado pela poesia. Não é sem emoção que o vejo entrar.(...)
>
> Agora mesmo estou a lembrar-me que, em 1888, dias antes da data áurea, meu pai chegou em casa e disse-me: a lei da abolição vai passar no dia de teus anos. E de fato passou: e nós fomos esperar a assinatura no Largo do Paço.[112]

A evocação do momento festivo da assinatura "da lei da abolição", do qual Lima Barreto participara desde a véspera ao lado do pai, estava carregada de nostalgia. E a coincidência

---

[110] Ibidem.

[111] Como um importante porta-voz dos monarquistas, citamos o visconde de Ouro Preto, em um trecho de sua carta a Carlos de Laet, diretor de *O Brasil*, que a tornou pública em junho de 1891: "Venho de cumprir uma pena [o exílio de dezoito meses, imposto pelo Decreto n. 78 de 28/12/1889 do Governo Provisório], mas se ela no entender dos que me a empuzeram, remiu as minhas faltas, não teve a virtude de rejenerar-me, eu penso hoje como pensava a 15 de novembro, sou um vencido, que não guarda rancor da derrota, mas não um penitente ou convencido. "Que viria, pois, fazer, volvendo à vida política? Servir a República? Impossível. Eu não tenho fé na República, nem a República pode tê-la em mim. Os que a desejaram e fizeram são os únicos que a devem dirigir. A época é dos novos". Ver: IHGB. Visconde de Ouro Preto – Afonso Celso de Assis Figueiredo. Coleção: Titulares do Império. Lata 19, Pasta 8. "Retificações importantes".

[112] Lima Barreto. "Maio". *Gazeta da Tarde*, Rio, 4-5-1911. In: *Feiras e Mafuás*, op. cit., p. 255.

entre o dia e mês do sétimo aniversário de Lima Barreto com a "data áurea" foi reafirmada em outros textos, sempre com emoção. A participação eufórica do povo no evento foi notada por Lima Barreto, que a fez contrastar com a "ausência de povo" na "tal república" de "carabinas em funeral"[113]:

> Na minha lembrança desses acontecimentos, o edifício do antigo paço, hoje repartição dos Telégrafos, fica muito alto, um *sky-scraper*; e lá de uma das janelas eu vejo um homem que acena para o povo.
>
> Não me recordo bem se ele falou e não sou capaz de afirmar se era mesmo o grande Patrocínio.
>
> Havia uma imensa multidão ansiosa, com o olhar preso às janelas do velho casarão. Afinal a lei foi assinada e, num segundo, todos aqueles milhares de pessoas o souberam. A princesa veio à janela. Foi uma ovação: palmas, acenos com lenço, vivas...
>
> (...) Jamais, na minha vida, vi tanta alegria. Era geral, era total; e os dias que se seguiram, dias de folganças e satisfação, deram-me uma visão da vida inteiramente de festa e harmonia.[114]

Na passagem, Lima Barreto não deixou de olhar a paisagem e comentar a penúltima mudança de função, de palácio a repartição dos Telégrafos, de um dos prédios mais imponentes da Cidade Velha, no qual, atualmente, funciona um Centro Cultural com o antigo nome de Paço Imperial[115]. Quase trinta anos depois do 13 de maio de 1888, Lima Barreto rememorou no artigo "Maio" seu estranhamento de criança ao avistar o "edifício do antigo paço", que lhe pareceu "muito alto, um *sky-scraper*". Nas primeiras décadas do século XX, com as reformas do espaço urbano conduzidas pelo prefeito Pereira Passos, o estranhamento

---

[113] Idem. "O Momento", op. cit., p. 80.
[114] Idem. "Maio", op. cit., p. 255.
[115] Inicialmente, o prédio abrigou o Tribunal da Relação e a Casa da Moeda. A partir de 1743, passou a servir de residência aos governadores e de sede dos governos das capitanias do Rio de Janeiro e de Minas Gerais. Somente em 1808, com a chegada da família real portuguesa, a casa foi ampliada, transformando-se no Paço Imperial. Ver: Berenice Seara. *Guia de Roteiros do Rio Antigo*. Rio de Janeiro: Infoglobo Comunicações Ltda., 2004, p. 63.

em relação à altura crescente dos prédios seria mais uma vez assunto para os relatos de Lima Barreto.

A descrição da cena do Paço mostrou uma grande festa, só que de lugares hierarquicamente marcados. Enquanto o povo se aglomerava nas ruas, "com o olhar preso às janelas do velho casarão", a elite política chegou, no máximo, "à janela" para acenar "lá de cima" ao povo "lá de baixo". No discurso de Lima Barreto, a memória da identificação "total" com o povo em festa não abriu brecha para uma reflexão que confrontasse aquele regime imperial moribundo com o processo de transformações políticas em curso:

> Ela me parecia loura, muito loura, maternal, com um olhar doce e apiedado. Nunca mais a vi e o imperador nunca vi, mas me lembro dos seus carros, aqueles enormes carros dourados, puxados por quatro cavalos, com cocheiros montados e um criado à traseira.
>
> Eu tinha então sete anos e o cativeiro não me impressionava. Não lhe imaginava o horror; não conhecia a sua injustiça. Eu me recordo, nunca conheci uma pessoa escrava. Criado no Rio de Janeiro, na cidade, onde já os escravos rareavam, faltava-me o conhecimento direto da vexatória instituição, para lhe sentir bem os aspectos hediondos.[116]

Ao analisar a citação, a seqüência dos dois parágrafos justapostos revelou uma tensão entre Memória e História. Pelo "conhecimento direto" rememorado no momento da enunciação, Lima Barreto apenas descreveu a paisagem – de uma "cidade, onde já os escravos rareavam" – com os atores em cena, através de uma seqüência de oposições entre branco e preto, rico e pobre, rainha/rei e escravo/criado. Pela História, Lima Barreto preencheu as lacunas da Memória, articulou as oposições evocadas em uma "simbólica da distinção"[117] e, só então, foi capaz de enxergar o "horror" do "cativeiro", qualificar a "instituição" da escravidão como "vexatória" e tomar consciência de seus "aspectos hediondos".

---

[116] Lima Barreto, "Maio", op. cit., p. 256.
[117] Pierre Bourdieu. "Efeitos de lugar". In: *A Miséria do mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p. 162.

Apesar de não ter conhecido "uma pessoa escrava", Lima Barreto viveu seus primeiros sete anos de vida em uma sociedade ainda de base escravocrata que a Lei Áurea não buscou transformar. A rede de trocas desiguais na segunda metade do século XIX caracterizava-se pela subalternidade que produzia a cordialidade, e pelo paternalismo que se materializava em apadrinhamento[118]. Nesse contexto social e político, organizado segundo uma hierarquia fortemente orientada pela cor, estabeleceram-se as relações entre João Henriques e Afonso Celso. Para tentar usufruir de algum modo das benesses do poder, o pai de Lima Barreto reproduziu a estratégia de buscar na solução individual o caminho para ascender socialmente.

Antes de oferecer seu primogênito Afonso Henriques para o visconde de Ouro Preto batizar, o tipógrafo João Henriques já fazia parte do círculo de influência do visconde, pois trabalhava com o presidente do 36º Gabinete do último Conselho de Estado do Império. No jornal "A Reforma", órgão do Partido Liberal, onde conhecera o futuro visconde, na Imprensa Nacional, inicialmente como operário de primeira classe e depois como mestre de composição, no jornal monarquista "Tribuna Liberal", como chefe das oficinas, João Henriques seguiu e serviu ao visconde de Ouro Preto. Ancorado no apadrinhamento, trabalhava de dia na instituição pública e no jornal, e à noite "estudava para ser doutor", ou seja, aplicava-se aos estudos para os exames preparatórios do Colégio Pedro II e, depois, da Faculdade de Medicina.

Com a República, as duas trajetórias seguiram os esperados rumos distintos. Afonso Celso foi banido do território nacional[119] e exilado na Europa por dezoito meses, tendo sido calorosamente recebido ao desembarcar de volta ao Brasil no "paquete Ibéria" em junho de

[118] Livio Sansone, op. cit., p. 209.
[119] Decreto n. 78 de 21/12/1889. Transcrito do *Jornal do Commercio*, 3/1/1890, ano 68, p. 1.

1891. João Henriques foi obrigado a se demitir do cargo que ocupava na Imprensa Oficial, ficou desempregado, arranjou depois, por influência de Cesário Alvim, Ministro do Interior, uma colocação nas Colônias de Alienados na Ilha do Governador[120] e, em 1902, enlouqueceu, sobrevivendo até 1922 nessa condição de total dependência dos filhos, especialmente de Lima Barreto[121].

Assinalamos a significativa composição do prenome "Afonso Henriques" que, decorrente de uma escolha pessoal do pai de Lima Barreto, juntava à "individualidade biológica"[122] o estatuto (de prestígio até a queda da Monarquia) "socialmente instituíd(o)"[123] pela justaposição entre o "Henriques" paterno e o "Afonso" do padrinho senador Afonso Celso de Assis Figueiredo, o visconde de Ouro Preto.

As relações entre o padrinho e o afilhado parecem ter sido distantes. A única referência documental localiza-se no primeiro volume da "Correspondência". Ainda no século XIX, de 1891 a 1893, Lima Barreto cursou o Liceu Popular Niteroiense, tendo o visconde de Ouro Preto custeado os estudos do filho de João Henriques naquela tradicional instituição, conforme se depreende deste bilhete do diretor do Liceu:

> Niterói, 4 de março de 1893. Il. Sr. Barreto. Em cumprimento de suas ordens, mandarei seg. feira o meu filho ao escritório do Exmo. Sr. Visconde de Ouro Preto receber o trimestre de seu filho Afonso, meu aluno. a) William Cunditt[124]

---

[120] Primeiramente como escriturário, depois almoxarife e administrador. Ver: Lima Barreto. "Braule Pinto – 1907". Coleção Lima Barreto da Secção de Manuscritos da Biblioteca Nacional. In: *Correspondência – Tomo I*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, p. 165. (Col. Obras de Lima Barreto, vol XVI). Braule Pinto foi o alienista e amigo da família que cuidou de João Henriques.
[121] Lima Barreto. "João Henriques de Lima Barreto (pai do escritor) – 1892-1903". Ibidem, pp. 25-26.
[122] Pierre Bourdieu, op. cit. pp. 186-188.
[123] Ibidem.
[124] Lima Barreto. "Annie Cunditt Guimarães – 1893". In: *Correspondência – Tomo I*, op. cit., p. 33.

No Liceu Popular Niteroiense, onde Lima Barreto foi aluno do internato, também estudou "o maior e o mais constante de todos os amigos do romancista"[125], Antônio Noronha Santos (1883-1956). A correspondência entre os dois é não apenas a mais volumosa como também a mais íntima das que estão publicadas nos dois volumes da "Correspondência Ativa e Passiva" de Lima Barreto. Nas cartas trocadas, ao longo do período compreendido entre 1904 e 1920, um e outro afirmaram e reafirmaram a amizade, o afeto e a admiração recíprocos.

Especialmente no período em que Noronha Santos esteve na Europa, o caráter confidencial da correspondência evidenciou as grandes tensões vividas por Lima Barreto na cidade do Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX:

> **Barreto a Antônio Noronha Santos**
>
> Rio, 19-7-1908.
>
> Maravilhoso Antônio.
>
> Foste assim como quem está arrufando. Eu tinha intenção de te preparar um bota-fora tocante, entretanto não pude. (...) Já larguei o Carlos [Viana, diretor da *Revista Época*], que me deixou mal este mês e não pretendo mais andar-lhe na cauda. Como amigo é maravilhoso, como patrão falha, portanto não serve. É bem ignóbil esta minha vida de escriba assalariado a jornalecos de cavação e de pilhérias! (...)[126]

A situação econômica precária era motivo de preocupação constante e Lima Barreto, em sua correspondência, não escondia este fato; ao contrário, comentava-o sempre com os amigos e buscava conseguir sua independência financeira através da atividade de escritor. Foi Noronha Santos quem intermediou junto ao editor A. M. Teixeira, em Lisboa, as negociações para a publicação em livro de "As recordações do Escrivão Isaías Caminha":

---

[125] Idem. "Antônio Noronha Santos – 1904-1920". Ibidem, pp. 59-119.
[126] Ibidem, p. 61.

Antônio Noronha Santos a Lima Barreto

Lisboa, 13-3-909.

Meu caro Afonso,

(...) Volto ao Teixeira amigo, neste momento. "Seu T., vim saber a resposta?" "Não tenho dúvida em publicar o livro, mas o Senhor Lima Barreto lhe falou em condições?" Pelo que ele disse ou antes resmungou, eu cá percebi que ele está pronto a publicar o livro, mas muito menos a pagá-lo. (...) Deves receber carta por estes dias, aí mesmo no ministério [da Guerra]. Ele tinha-me dito que ia fazer ler o teu romance por alguém, para dar opinião; não sei o que fez; o que garanto é que ele mesmo o leu e o leu bem lido. Frase da conversa: "ele tem talento, tem muito talento". Se me é permitido dar-te um conselho, não sejas muito exigente na questão do pagamento. Não te adianta grande cousa e demora a impressão; e o livro precisa sair. Eu o autorizei friamente a mandar o livro para a tipografia: ele quer te fazer a remessa das provas em três vezes, para dar o livro pronto em junho, e posto no Brasil em julho. (...)[127]

Como vemos, a exploração do trabalho, reconhecidamente de qualidade, pelo capital, concentrado nas mãos do editor português, expunha Lima Barreto ao constrangimento de aceitar quaisquer que fossem as condições para ter publicada sua primeira obra em volume[128]. Na resposta à carta de Noronha Santos, observamos que Lima Barreto agradeceu ao amigo, aprovou sua decisão de autorizar a imediata impressão do livro e, também, revelou uma outra face da instável situação econômica na qual tentava se equilibrar:

Lima Barreto a Antônio Noronha Santos

Rio, 3-4-1909.

Querido Antônio

(...) Eu não quero deixar o meu agradecimento aqui, pelo grande favor que me prestaste, porque o silêncio é, no caso, mais eloqüente do que as palavras de uso. Até hoje, não recebi carta alguma do Senhor Teixeira e não lhe escrevi também. A tua carta chegou-me aqui a 27 do mês próximo

[127] Ibidem, pp. 67-68.

[128] A obra *As Recordações do Escrivão Isaías Caminha* foi publicada originalmente em folhetim na *Floreal*, revista dirigida por Lima Barreto que teve apenas quatro números publicados, de outubro a dezembro de 1907.

> passado. Fizeste bem em lhe autorizar a imprimir o livro. Não tenho pretensão alguma de lucro com o *Caminha*. Além de saber que um primeiro livro tem fortuna arriscada, sabes muito bem o que penso sobre essa cousa de *make money* com livros. Decerto, se eu estivesse aí em Paris, havia de guardar bem escondida a pretensão de ter um castelo com o produto das minhas obras; mas aqui, dentro do Brasil e da língua portuguesa, as minhas pretensões são mais razoáveis. (...)
>
> Outra coisa: fui preterido. Creio que esperavas isso; eu não, por isso o fui. Um idiota, dos mais que há aqui, passou-me a perna, graças à pusilanimidade do barão [de Itaipu, diretor da Secretaria de Guerra] diante de empenhos.(...)
>
> A vida aqui corre no mesmo. Tenho me demorado pouco na cidade. Ando absolutamente sem dinheiro; (...)[129]

Para Lima Barreto, "o mesmo" era a vida dura, os compromissos com a manutenção da família, o emprego desinteressante na Secretaria de Guerra, no qual ele permaneceu durante quatorze anos, três meses e doze dias, aposentando-se por invalidez[130] em 26 de dezembro de 1918, após seis licenças médicas, duas internações no Hospital Central do Exército e a primeira passagem pelo Hospício Nacional de Alienados. "Da minha cela" dá título a uma crônica, de 25 de novembro de 1918, escrita na enfermaria de um pavilhão do Hospital Central do Exército:

> Sofri também mensurações antropométricas e tive com o resultado delas um pequeno desgosto. Sou braquicéfalo; e, agora, quando qualquer articulista da *A Época*, quiser defender uma ilegalidade de um ilustre ministro, contra a qual eu me haja insurgido, entre os meus inúmeros defeitos e incapacidades, há de apontar mais este: é um sujeito braquicéfalo; é um tipo inferior![131]

---

[129] Lima Barreto. "Antônio Noronha Santos – 1904-1920", op. cit., p. 69.
[130] Lima Barreto submeteu-se a duas juntas médicas, que o consideraram "inválido para o serviço público, por sofrer de epilepsia tóxica". Ver: Francisco de Assis Barbosa, op. cit., p. 299.
[131] Lima Barreto. "Da minha cela", 25-11-1918. In: *Bagatelas*. 2a ed. São Paulo: Brasiliense, 1961, op. cit., pp. 96-106. (Col. Obras de Lima Barreto, vol. IX).

Através da tática de "troçar" de si mesmo, Lima Barreto desferiu um ataque aos modelos cientificistas classificatórios e discriminatórios das populações não-arianas, aos posicionamentos políticos hegemônicos da imprensa, à corrupção das autoridades republicanas. No espaço da crônica, Barreto exerceu vigorosamente sua literatura militante, destacando as questões mais importantes do ambiente intelectual daquele período pós-guerra, como o maximalismo e o anarquismo, para comentá-las a partir da leitura que fazia dos periódicos enquanto esteve internado, durante "quase um mês". As seguidas frustrações a que foi submetido por não ter conseguido as promoções a que se julgava com direito na Secretaria de Guerra, seja por mérito ou por tempo de serviço, o mal-estar que o ambiente hostil da repartição pública proporcionava, todo esse quadro de tensões foi objeto de reflexão e tema para seus escritos, como nessa carta que endereçou a Noronha Santos:

> **Lima Barreto a Antônio Noronha Santos**
>
> Rio, 18-5-1909.
>
> Querido Antônio
>
> Recebi hoje a tua carta e o teu cartão. (...)
>
> O Hermes [da Fonseca, Ministro da Guerra] fez a tal reforma projetada. Tirou a importância da repartição e eu penso que o meu livro [*Recordações do Escrivão Isaías Caminha*] em nada servirá para evitar futuras preterições. Ando imaginando o meio de sair daqui. Sinto-me incompatível e cheio de rancores. Agora mesmo, graças à tal reforma, projetam-se promoções e eu serei de novo preterido.[132]

Lima Barreto fez uma análise da conjuntura que parecia desfavorável para quem, como ele, não se dispunha a participar das "cavações" e dos "empenhos" em causa própria. Para outro destinatário, dessa vez Monteiro Lobato, Lima Barreto ratificou sua vontade de deixar o emprego público:

[132] Idem. "Antônio Noronha Santos – 1904-1920", op. cit., p.76.

> **Lima Barreto a Monteiro Lobato**
>
> 26-12-1918.
>
> Meu caro Lobato.
>
> Saúde e boas festas.
>
> (...) Tenciono assim que puser em bom caminho a minha aposentadoria, pois eu com trinta e sete anos de idade me aposento, contando mais ou menos dezesseis anos de serviço; (...)
>
> Não se assuste você com essa minha precoce aposentadoria. Eu ando sempre depressa nessas coisas oficiais e depressa elas me aborrecem.
>
> Matriculei-me com menos de dezesseis anos na Escola Politécnica e **não sou doutor em coisa alguma** – graças a Deus![133]

Apesar de querer aposentar-se, Lima Barreto, no entanto, reconhecia sua dependência dos rendimentos de assalariado "em caso de loucura ou de miséria extrema, enfim, quando estiver em tal impossibilidade física que nada, nada mais possa fazer"[134], e chegou a encaminhar uma carta e um requerimento ao Sr. Ministro de Estado dos Negócios da Fazenda solicitando redução "à quarta parte dos descontos de sua pensão de inativo"[135].

O requerimento foi deferido em despacho datado de 18 de outubro de 1919 pelo Ministro da Fazenda do Governo de Epitácio Pessoa, Homero Batista, tendo em vista que "o Tesouro não deve interferir nos atos pessoais e de privada economia dos empregados"[136]. Em outra carta, enviada ao Ministro da Fazenda João Ribeiro, Lima Barreto apresentou-se como "um pequeno empregado público, mas não desconhecido", explicitando nessa formação discursiva a tensão, reiterada em seguida, entre a modesta ocupação da qual se aposentara na Secretaria de Guerra e sua condição de escritor em atividade:

---

[133] Idem. " Monteiro Lobato – 1918-1922". In: *Correspondência – Tomo II*, op. cit., p. 54. Grifo nosso.
[134] Idem. "Carta a Antônio Noronha Santos – Rio de Janeiro, 20 de junho de 1919". In: *Correspondência – Tomo II*, op. cit., p.111.
[135] Idem. "Carta ao Ministro da Fazenda – 1919". In: *Correspondência – Tomo II*, op. cit., p. 140.
[136] Ibidem.

Lima Barreto ao Ministro da Fazenda

[Sem data].

Excelentíssimo Senhor doutor João Ribeiro.

(...) Baseando-se em uma disposição da lei de vencimentos militares, que me atingia quando ativo, alguns cidadãos hábeis fingiram montar casas de serigueria, alfaiatarias, etc., e, mediante o estabelecimento de consignações em folhas, feito unicamente por intermédio de um simples requerimento ao diretor da Contabilidade da Guerra, emprestavam dinheiro do modo mais atroz possível, porquanto não tendo as consignações limite de tempo e só podendo elas ser suspensas por mútuo acordo, eles não concordavam nunca e nunca eram elas suspensas.

Fingindo generosidade, de quatro em quatro meses, alguns, entre eles Andrade Teixeira & Cia, reformavam essas consignações, segundo uma tabela por eles mesmo estipulada.

Sou escritor, gabo-me disso, e pobre e sem títulos, precisando imprimir um livro – *Triste Fim de Policarpo Quaresma* – que foi a minha obra de ficção do ano de 1917, fiz consignações a esses senhores maiores do que as pequenas que já tinha. Sobrevieram dificuldades e eu fui reformado, de forma que até agora não tenho pago a esses senhores, contando com as consignações anteriores, a 1916, quando fiz as maiores, cerca de doze contos de réis.

Por isso ou por aquilo, congênita ou adquirida, aparece-ma ataques de forma epiléptica e aposentei-me, (...)[137]

A obra "Triste Fim de Policarpo Quaresma" foi publicada, de fato, "às custas do próprio autor"[138], só que em 1915[139]. Ao se dizer vítima de agiotagem, Lima Barreto apelou para a sensibilidade da autoridade a quem destinava a carta, João Ribeiro, e mais uma vez expôs suas agruras e o caos financeiro no qual estava mergulhado. Por questões óbvias, não mencionou sua dependência alcóolica e sugeriu não apenas uma ambigüidade mas uma tensão entre hereditariedade e meio na origem de seus "ataques de forma epiléptica".

---

[137] Ibidem, pp. 141-142. Grifos nossos.
[138] Angela de Castro Gomes, Dulce Chaves Pandolfi e Verena Alberti (coord.). *A República no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; CPDOC, 2000, p. 500.
[139] Lima Barreto. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. Rio de Janeiro: Typ. "Revista dos Tribunaes", 1915.

Os dois segmentos textuais das cartas a J. Ribeiro e a M. Lobato, "escritor orgulhoso e sem títulos" e "não sou doutor em coisa alguma", pertencem a uma formação discursiva enunciadora de uma das tensões mais presentes na trajetória de Lima Barreto. Embora as "coisas oficiais" o aborrecessem, ele investiu nelas suas mais caras energias. Primeiramente, como um jovem de dezesseis anos incompletos, no final do século XIX, quando matriculou-se no 1º ano do Curso Geral da Escola Politécnica em 10 de abril de 1897, após prestar uma bateria de exames preparatórios em diversas disciplinas[140]. Depois, como um escritor na maturidade de seus últimos seis anos de vida, quando por três vezes buscou ingressar na Academia Brasileira de Letras, nas vagas de Sousa Bandeira, em 1917, de Emílio de Menezes, em 1919, e de Paulo Barreto, o João do Rio, em 1921[141].

Lima Barreto não conseguiu ser nem doutor nem acadêmico, mas prosseguiu, como autodidata, realizando compulsivamente seu movimento de leituras e organizando com zelo sua "Limana", a qual, inicialmente, dera o nome de "Barretiana"[142]. E também continuou escrevendo até morrer, mesmo nas ocasiões em que esteve internado. Na leitura das cartas trocadas entre Lima Barreto e o círculo de interlocutores mais ou menos próximos, observamos que o "objeto livro" era o assunto principal.

Trocas, compras, presentes, encomendas, comentários, críticas, negócios, acertos financeiros, solicitações, agradecimentos, enfim, o "objeto livro" promovia encontros, colóquios, conversas, debates, cartas, telegramas e uma lista extensa de ações em torno de questões que se referem à leitura e à escrita, seja de temas do cotidiano, seja de questões relacionadas à cultura, à arte, à política.

---

[140] Francisco de Assis Barbosa, op. cit., pp. 299-300.
[141] Lima Barreto. "Academia Brasileira de Letras – 1921-1922". In: *Correspondência – Tomo II*, p. 215.
[142] Idem. "Carta a Antônio Noronha Santos – Rio, 14 de outubro de 1914". In: *Correspondência – Tomo I*, p. 102.

A correspondência freqüente entre Barreto e Lobato é rica em exemplos que comprovam todo esse processo, além de testemunhar um momento da trajetória de Lima Barreto no qual ele, juntamente com a vivência das tensões, começava a colher os frutos de seu investimento e a ser reconhecido como um "autor sério". Estabelecidos, respectivamente, no Rio de Janeiro e em São Paulo, a não ser nas poucas vezes em que Lobato esteve na Capital Federal e na única vez em que Barreto viajou até a cidade paulista de Mirassol, os dois escritores estiveram sempre distanciados:

> São Paulo, 2 set. 1918.
>
> Prezadíssimo Lima Barreto.
>
> A *Revista do Brasil* deseja ardentemente vê-lo entre os seus colaboradores. Ninho de medalhões e perobas, ela clama por gente interessante, que dê coisas que caiam no goto (*sic*) do público. E Lima Barreto, mais do que nenhum outro, possui o segredo de bem ver e melhor dizer, sem nenhuma dessas preocupaçõezinhas de *toillete* gramatical que inutiliza metade de nossos autores. Queremos contos, romances, o diabo, mas à moda do *Policarpo Quaresma*, da *Bruzundanga*, etc. A confraria é pobre, mas paga, por isso não há razão para Lima Barreto deixar de acudir ao nosso apelo. / Aguardamos, pois, ansiosos a resposta, uma resposta favorável.
>
> Do confrade
>
> *Monteiro Lobato*.
>
> P.S. – Pelo amor de Deus, leia e rasgue isto, L.[143]

Devido à separação física, Barreto e Lobato partilharam nas cartas uma admiração mútua e trocaram algumas confidências, como nessa missiva, a primeira de Monteiro Lobato. O estilo marcado pela linguagem contundente aproximava os dois escritores e a crítica de Lobato aos outros autores ressaltou o elogio a Lima Barreto. Embora seja esta a carta inaugural da intensa correspondência entre ambos, podemos observar que Monteiro Lobato não se

[143] Idem. " Carta de Monteiro Lobato". In: *Correspondência – Tomo II*, op. cit., p. 49.

submeteu às regras da formalidade que a situação, a princípio, exigiria. E o *post scriptum*, então, representou um atestado seguro de inclusão de Lima Barreto na "confraria". Ao contrário do editor português de "Recordações do Escrivão Isaías Caminha', Monteiro Lobato, já na carta seguinte, apresentou a Lima Barreto as condições do primeiro acordo, que este aceitou, ficando "plenamente satisfeito" ao receber "os oitocentos mil-réis e uma das vias do contrato estabelecido entre a Revista do Brasil e eu [Lima Barreto], para publicação do Gonzaga de Sá".[144]

A cidade paulista de Mirassol também foi palco revelador das tensões presentes na trajetória de Lima Barreto. Em outubro e novembro de 1921, ele publicou sua única conferência, "O destino da Literatura"[145], que preparou mas não conseguiu proferir. Nela, Lima Barreto fez um balanço de seus vinte anos de produção intelectual[146], falou de medos e de rebeldias. Atendendo a um convite do amigo e admirador Ranulfo Prata, médico daquela cidade, sentiu-se prestigiado, viajou até Mirassol mas, no momento em que pronunciaria a conferência, desapareceu na cidade, vencido pelo alcoolismo e pelo medo de enfrentar o "respeitável público" diretamente, como ele próprio escreveu:

> De resto, o discurso nunca foi o meu forte e desde bem cedo me convenci disso. Quando bem moço, quase menino, ainda imperfeitamente conhecedor da minha verdadeira personalidade, atrevia-me a freqüentar festas familiares e quase sempre delas saía fortemente despeitado com os oradores dos brindes de aniversário, de batizado, de casamento ou mesmo com aquele eloqüente conviva que

[144] Ibidem, pp. 50-51.
[145] Idem. "O destino da Literatura". *Revista Souza Cruz*, Rio, out. e nov. de 1921, números 58-59. In: *Impressões de Leitura*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Brasiliense, pp. 51-69. (Col. Obras de Lima Barreto, vol. XIII).
[146] Lima Barreto iniciou sua colaboração n'*A Lanterna*, em 30/8/1902, segundo Francisco de Assis Barbosa, op. cit. p. 375. Não encontramos registro de sua passagem por esse periódico nos exemplares disponíveis na Biblioteca Nacional.

> erguera solenemente sua taça (era um simples copo, em geral!) ao belo sexo.[147]

A referência ao "simples copo" em lugar da "taça" que "em geral" era erguido para brindar "ao belo sexo" reafirmou a humilde situação social e econômica na qual Lima Barreto viveu desde moço, "quase menino", além de sua timidez, especialmente em relação às mulheres, que confessava de forma irônica, apenas para fazer troça de si mesmo, uma vez que as mulheres "passeiam à vontade" por seus relatos.

Ao observar a tipologia proposta por Giovanni Levi[148], poderíamos situar a passagem da conferência em Mirassol como reveladora do que Levi concebe como "um caso biográfico extremo". No entanto, preferimos considerar a "trajetória"[149] de Lima Barreto como exemplo paradigmático de um "percurso"[150] fundador, por entendermos que a mesma se fez "não à margem mas nos interstícios dos códigos que desmanch(ou) e deslo(cou)"[151], criando e articulando espaços como um equilibrista, que oscilava e circulava entre "certas delicadezas do sofrer" e "uma rebeldia, aliás inocente"[152], para continuarmos citando a mesma conferência escrita mas não proferida pelo intelectual Lima Barreto:

> (...) e eu, apesar de ser um sujeito sociável e que passo, das vinte e quatro horas do dia, mais de quatorze na rua, conversando com pessoas de todas as condições e classes, nunca fui homem de sociedade: sou um bicho-do-mato. Certas delicadezas de sofrer me acobardam mais diante dela do que os calabouços da ilha das Cobras; e uma rebeldia, aliás inocente, da minha parte contra ela, me põe sempre canhestro quando sou obrigado a mergulhar no seu seio.[153]

---

[147] Lima Barreto. "O Destino da Literatura", op. cit., p. 53.
[148] Giovanni Levi. "Usos da biografia". In: M. M. Ferreira & J. Amado (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000, pp.167-182.
[149] Pierre Bourdieu. "A ilusão biográfica". Ibidem, pp. 183-191.
[150] M. De Certeau, op. cit., p. 216.
[151] Ibidem.
[152] Lima Barreto. "O destino da Literatura", op. cit., p. 55.
[153] Ibidem, p. 56.

Ao longo do texto da conferência, Lima Barreto procurou justificar sua preferência pelo uso da língua escrita, ou seja, pelos textos publicados, em detrimento daqueles falados, exatamente para evitar os enfrentamentos diretos. O escritor revelou seu temor pelas reprovações, pelas críticas, pelas censuras. As tensões evidenciavam-se na contundência dos contrastes presentes no relato, em um discurso autobiográfico que expressava a vivência de experiências aparentemente inconciliáveis, tais como dizer-se "um sujeito sociável" para, em seguida, afirmar que "nunca fui homem de sociedade" e, imediatamente depois, concluir: "sou um bicho-do-mato", embora tendo anunciado uma linha acima desse mesmo fragmento um traço marcante de sua trajetória, qual seja a de "gastar" mais da metade de seus dias caminhando e conversando "com pessoas de todas as condições e classes".

A explicitação máxima das tensões nas quais Lima Barreto estava imerso verificou-se no desenlace trágico do episódio de Mirassol. Embora tenha sido convidado, Lima Barreto não conseguiu enfrentar o momento da conferência. Viajou até aquela cidade do interior paulista, encontrou-se com os amigos intelectuais de lá, recebeu muitas homenagens e, exercitando sua ironia, até arranjou tempo para escrever a Monteiro Lobato e dizer que havia fundado "uma Academia de Letras, em Mirassol, para a qual já entraram três médicos, talqualmente com o que acontece com a da Praia da Lapa"[154]. Entretanto, na hora da conferência, desapareceu e só foi encontrado mais tarde completamente bêbado.

A questão da embriaguez e sua relação com a multidão foi objeto de reflexão na abertura do artigo "Sobre o Carnaval", cujo tema principal era a crítica às letras das músicas

[154] Idem. "Carta a Monteiro Lobato, Mirassol (Rio Preto), 16-4-1921". In: *Correspondência – Tomo II*, p. 79. A "Praia da Lapa" foi o primeiro endereço da Academia Brasileira de Letras, inaugurada solenemente a 20/7/1897, sob a presidência de Machado de Assis, nos salões do "Pedagogium", museu de pedagogia e escola de formação continuada de professores da Prefeitura municipal. Ver: Brasil Gerson. *História das ruas do Rio de Janeiro: e da sua liderança na história política do Brasil*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 2000, pp. 234-235.

“com as suas quadras no contra-senso ou, melhor, no sem-senso, agravado do palavreado oco e idiota da atual musa carnavalesca”[155]:

> Nunca fui carnavalesco, mas, como todo melancólico e contemplativo, gosto do ruído e da multidão e não fugia a ele.
>
> O isolamento faz-me mal à alma e ao pensamento. Mergulho no barulho dos outros, deixo de pensar em mim e nas fantasmagorias que eu mesmo criei para o meu padecer. A embriaguez que a multidão traz, é a melhor e a mais inofensiva de todas que se tem até agora inventado. Nem o ópio, nem o álcool, nem o *hachisch* produzem a embriaguez que com a dela se assemelhe. Temos visões extranormais, sem estragar a saúde...[156]

Observamos mais uma seqüência de discurso saturado de marcas da subjetividade manifesta. No relato, afloraram sentimentos, gostos, experiências e reflexões de Lima Barreto sobre sua própria existência. Ao valorizar positivamente a “embriaguez que a multidão traz”, Barreto estabeleceu uma distinção entre “multidão” e “público”, este uma “fantasmagoria” que o aterrorizava a ponto de fazê-lo sucumbir no episódio da conferência, àquela outra embriaguez do “parati”, que “estraga a saúde”. Um outro exemplo de relato como formação discursiva fundadora da identidade sócio-histórica afro-descendente de Lima Barreto é este que recolhemos da sua correspondência com Monteiro Lobato:

> **Monteiro Lobato a Lima Barreto**
>
> São Paulo, 31-5-1920.
>
> Amigo Lima.
>
> Estive uns dias e procurei-te onde havia possibilidade de encontrar-te: freges, botequins e...casas de garapa. Cheguei a espiar debaixo de certas mesas...Mas nada do Lima. Todos informaram que é difícil agarrar-te a unha, que és ubíquo, e moras em Todos os Santos “pro forma”, etc, etc. És horrivelmente caluniado! Em agosto volto, a ver o rei e você. (...)
>
> *Lobato*

[155] Idem. “Sobre o Carnaval”. In: *Feiras e Mafuás*, pp. 209-210.
[156] Ibidem, p. 208.

Lima Barreto a Monteiro Lobato

30-6-1920.

Lobato.

(...) Admira-me que não me houvesses encontrado nas tascas centrais. É verdade que há dias seguidos em que me deixo ficar em Todos os Santos. Tudo o que te disseram a respeito dos meus modos ambulatórios é verdade; mas o que não é verdade é que [palavras ilegíveis] em todos (sic) os Santos. Resido, moro e durmo em Todos os Santos; mas só me encontram em casa de manhã. Isto no geral. (...)

Lima Barreto

Lima Barreto a Monteiro Lobato

19-10-1920

Sei que andaste à minha procura. Não sou quilombola. Resido e moro à Rua Major Mascarenhas, 26, Todos os Santos, onde, como senador romano que sou, recebo os meus clientes das sete às dez horas da manhã. Se queres, eu te receberei cordialmente; e, se preferes não ir lá, eu te espero aqui, na livraria Schettino, amanhã, às três da tarde, muito antes de ires para a "européia" Paulicéia. Não te esqueças de que sou senador de Roma.

Lima Barreto[157]

Na seqüência de cartas trocadas, o discurso barretiano evidenciou na tensão entre os advérbios "lá" e "aqui" uma oposição espacial, que estabeleceu uma hierarquia social ao distanciar o lá – significando a sua humilde residência, no bairro suburbano de Todos os Santos, por ele chamada "Vila Quilombo" – do aqui – para identificar o espaço central da cidade-capital. Há, por outro lado, no paralelismo entre o enunciado discursivo e a "gesta ambulatória"[158], uma apropriação política do espaço pelo agente Lima Barreto: o "eu" que se deslocava produziu, com relação à sua posição, um "lá" e um "cá", e inscreveu um "outro", que igualmente participava de atos de caminhar e de discursos.

[157] Idem. "Monteiro Lobato - 1918-1922". In: *Correspondência – Tomo II*, pp. 74-77.
[158] M. De Certeau, op. cit., p. 180.

Ao interrogar como fonte o diálogo em língua escrita[159] entre Lima Barreto e Monteiro Lobato, destacamos a enunciação "Não sou quilombola" como aquela que produziu em nós um movimento de reflexão intensa acerca dos seus sentidos: "Interpelo esses textos, transponho-os, interpreto-os, mas também os deixo falar (e por isso a quantidade de citações), e defenderem-se" – ensina Todorov[160]. E o que estaria implicado neste segmento discursivo que, à primeira vista, produziu um anacronismo ao inserir na nova ordem republicana uma categoria própria do extinto sistema escravocrata?

Considerando o contexto de desencontros entre os dois escritores na situação ali envolvida, entendemos que o efeito de sentido mais potente daquela fala de Lima Barreto seria obtido se tratássemos da oposição entre os dois enunciados: "Não sou quilombola" e "Não te esqueças de que sou senador de Roma", este último reiterado por "como senador romano que sou" como um exemplo claro de discurso polifônico, por sabermos que Lima Barreto fazia uso intenso da ironia, do jogo, da ludicidade discursiva. Assim, Barreto estava a bradar que absolutamente não aceitava ser tratado, por um "barão" como Lobato, como "um negro fujão", uma vez que possuía endereço fixo[161] e até registrado no "Almanak Laemmert", "lá" em Todos os Santos.

Como uma das propriedades do discurso irônico, a agressão[162] foi percebida por Lima Barreto no discurso de Lobato e, no jogo interdiscursivo, Barreto respondeu com a mesma moeda, sustentando a ironia através do que poderíamos chamar de "hipérbole irônica"[163],

---

[159]Não há registro preciso de que os dois escritores tenham se encontrado pessoalmente sequer uma vez, embora na *Correspondência* houvesse o desejo expresso de ambos de que esse fato ocorresse.
[160]Tzvetan Todorov. *A conquista da América: a questão do outro*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 304.
[161] Observe-se que ter endereço fixo significava, ainda, escapar da acusação de vadiagem, um crime previsto no Código Penal de 1890.
[162] Linda Hutcheon, op. cit., p. 76.
[163] Beth Brait. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1996, p. 53.

significando o exagero que, na situação de interlocução analisada, produziu estranhamento pelo uso das seqüências “Não sou quilombola” e “Não te esqueças de que sou senador de Roma”. Ao trazer para o seu tempo as imagens dos outros tempos da escravidão negra no Brasil e da Roma antiga, o discurso de Lima Barreto permitiu que o riso aflorasse em nós, leitores e leitoras, certamente um riso com o gosto amargo da ironia, improvavelmente um riso próprio da comédia.

Na condição de filho de pai e mãe mulatos, neto de avós negras e de avôs portugueses, em duas gerações anteriores já se configuravam as tensões marcadamente étnico-raciais vivenciadas por Lima Barreto. A avó paterna, uma antiga escrava, chamava-se Carlota Maria dos Anjos e, provavelmente, inspirou o nome e a saga da personagem principal do romance “Clara dos Anjos”, uma vez que o avô, um português madeireiro da Rua da Misericórdia, não reconheceu a paternidade de João Henriques. O desejo de tornar-se doutor foi compartilhado por pai e filho, diferenciando-se apenas na escolha da carreira, ambas de prestígio. Enquanto João Henriques buscou e não conseguiu entrar para a Escola de Medicina, Lima Barreto tentou agradar ao pai e formar-se doutor pela Escola Politécnica. Também não obteve êxito, abandonando um curso de engenharia, sobre o qual ele próprio não tinha o menor interesse, após sucessivas reprovações, faltas às aulas e muita mágoa devido ao preconceito de que foi vítima como aluno da Politécnica.

A mãe de Lima Barreto era cria da ilustre família Pereira de Carvalho que, após a Maioridade de Dom Pedro em 1840, vendeu ou alforriou – não há registro preciso – todos os escravos de sua propriedade no interior e se transferiu para a Corte[164] trazendo os libertos,

[164] A família Pereira de Carvalho residia na Rua Formosa, atual rua General Caldwell, onde os pais de Lima Barreto se conheceram. Na mesma rua, moravam em palacetes outras famílias ilustres do Império, como os

dentre os quais estava a avó materna de Lima Barreto. Geraldina Leocádia da Conceição, da segunda geração de escravos da família, era filha de Maria da Conceição, que viera da África em navio negreiro. De acordo com Assis Barbosa[165], havia fortes indícios para se acreditar que o avô materno de Barreto fosse um dos "sinhozinhos" da família Pereira de Carvalho.

Lima Barreto era, portanto, bisneto de escrava, neto de liberta e filho da professora pública diplomada, Amália Augusta Pereira de Carvalho, este era seu nome de solteira, emprestado da família ilustre. João Henriques e Amália Augusta casaram-se em 1878 e, no número 18 da rua Ipiranga, no bairro de Laranjeiras, o pai de Lima Barreto montou para a esposa dirigir o Colégio Santa Rosa, uma pequena escola para meninas e, no mesmo local, o casal passou a residir. Lima Barreto nasceu neste endereço, em 1881, onde permaneceu por pouco tempo, pois em 1884 a família já havia mudado para a Rua das Marrecas, tendo antes morado por breve tempo à Rua Dois de Dezembro, no Flamengo:

> Vou lhes contar uma história que talvez lhes cause ensinamento.
>
> Isto foi quando eu tinha seis anos.
>
> Meu pai tinha enviuvado e nós morávamos em uma casa muito pobre na Rua do Riachuelo.
>
> Todos os sábados, eu pedia a meu pai um tostão para dar a uma pobre velha que me ia esmolar, à porta da minha rótula paterna.
>
> Dei-lhe sempre a esmola e ela me beijava. Desses beijos, tenho eu ainda grandes saudades...
>
> Ela era velha, esquálida; mas, assim mesmo, ainda e sempre me lembrei dos seus beijos... Ah! A caridade, sem Cruzes Vermelhas.[166]

Duque-Estrada Meyer, a do Visconde Vieira da Silva, jurista e senador, e a do Dr. Júlio do Carmo, quando diretor do Hospital da Gamboa. Ver: Brasil Gerson, op. cit., pp. 175 e 417.

[165] Francisco de Assis Barbosa, op. cit., p. 22.

[166] Lima Barreto. "A Nossa Filantropia". *ABC*, Rio, 24-8-1918. In: *Feiras e Mafuás*, op. cit., p. 266.

Podemos observar a freqüência com que a família Barreto trocou de residência. Ao sair da região sul da cidade para o centro, viveu um período no qual alternou o endereço entre o centro e o subúrbio, fixando-se por fim na região suburbana. O primeiro endereço da família Barreto, nessa área, ficava na Boca do Mato; mais tarde os Barreto passaram a residir no Engenho Novo e, por último, em três endereços no bairro de Todos os Santos. Do lado das positividades, havia a expectativa, frustrada em pouco tempo com a morte de Amália Augusta em 1887, de que o clima e a tranqüilidade da região da Boca do Mato favoreceriam a melhora do estado de saúde delicado da mãe de Lima Barreto. No entanto, a questão econômica sobrepunha-se àquela da saúde, uma vez que o custo de vida mais barato no espaço suburbano atenuaria a situação financeira difícil da família, agravada posteriormente pela doença de João Henriques:

> (...) em setembro de 1902, meu Pai, afetado de moléstia nervosa (neurastenia cerebral, segundo opiniões dos doutores Teixeira Brandão e Braule Pinto), viu-se na contingência de transferir, temporariamente, a sua residência para o Engenho Novo, à Rua 24 de Maio n. 123, onde se demorou cerca de dois meses e meio, findos os quais, por prescrição médica, voltou à ilha [do Governador], residindo em vossa casa.[167]

Nesse trecho, que pertence a uma correspondência datada de 25 de março de 1903, o inquilino Lima Barreto traçou o histórico das desgraças que se abateram sobre a família com a intenção de justificar o descumprimento das obrigações acordadas com o senhorio João Paulo da Rocha "não porque lhe [a João Henriques] faltasse a vontade e a consciência do dever, mas sim pela completa falta de recursos, como ele está sem receber os vencimentos de que vivia há mês e tanto, (...)".[168] Em carta-resposta[169], o senhorio ratificou a correção e

[167] Idem. "Lima Barreto a João Paulo da Rocha - 1903". In: *Correspondência – Tomo I*, p. 42
[168] Ibidem, p. 43.
[169] Ibidem, pp. 43-44.

honestidade de João Henriques mas, no entanto, cobrou de Lima Barreto uma atitude mais firme no sentido de assumir as obrigações do pai. A mudança definitiva para o subúrbio e a busca de um emprego público tornaram-se as saídas inevitáveis, para que Lima Barreto, antes órfão de mãe e, naquele momento, com o pai incapacitado, pudesse arcar com os compromissos relacionados à família.

Sem sair do subúrbio de Todos os Santos, Barreto passou a residir com a família à rua Boa Vista, 76, permanecendo nesse endereço durante quase dez anos. Mudou-se para a rua Major Mascarenhas, 42, a partir de 13 de setembro de 1913. E em 26 de dezembro de 1918, a família Barreto transferiu-se para o número 26 da mesma rua, o qual veio a ser o último endereço em vida do próprio Lima Barreto, de seu pai[170] e da irmã Evangelina, que só veio a falecer em 9 de março de 1956[171].

Por coincidência, a data de 26 de dezembro de 1918 marcou também a assinatura do "Decreto do Presidente da República, aposentando Afonso Henriques de Lima Barreto, 3º oficial da Diretoria de Expediente do Ministério da Guerra [com] tempo líquido de serviço público [de] 14 anos, 3 meses e 12 dias"[172], e após seis licenças médicas, duas internações no Hospital Central do Exército e uma primeira estada no Hospício Nacional de Alienados.

Na trajetória de Lima Barreto, muitas tensões eram devidas à vivência do espanto diante da complexidade do que representou a chegada da modernidade na passagem do século XIX para o XX. Como uma questão do seu tempo, o debate acerca da oposição entre o velho e o novo foi objeto de reflexão para Barreto, que buscou compreender essas mudanças

---

[170] João Henriques de Lima Barreto faleceu dois dias após o filho, em 3 de novembro de 1922.
[171] Lima Barreto. "Evangelina de Lima Barreto (irmã do escritor) – 1909-1921". In*: Correspondência – Tomo I*, p. 181.
[172] Francisco de Assis Barbosa. "Apêndice", op. cit., p. 299.

sem descuidar-se de que a atribuição de valores positivos ou negativos recaísse igualmente para os dois pólos, o antigo e o moderno:

> Naquele tempo, isto é, entre 1748 e 1750, quando ele [o Convento da Ajuda] ficou mais ou menos pronto, se já houvesse jornais, certamente eles falariam no lindo e importante edifício com que ficou dotada a leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Falariam com o mesmo entusiasmo com que nós falamos ao se inaugurar o teatro do doutor Passinhos. Não os havia e não podemos passar de suposições. Decorreram cento e cinqüenta anos e nós ficamos aborrecidos com o tal lindo edifício.
>
> O bonito envelhece, e bem depressa; e eu creio que, daqui a cem anos, os estetas urbanos reclamarão a demolição do Teatro Municipal com o mesmo afã com que os meus contemporâneos reclamaram a do convento.[173]

A premonição quanto à derrubada do Teatro Municipal não se efetivou, embora outras demolições tenham ocorrido, como a do Palácio Monroe. Em "O convento", Lima Barreto retomou o debate acerca da "marcha do progresso" e suas representações nas primeiras décadas do século XX. Contrariamente a uma idéia de "modernidade equilibrada"[174], que não destruía mas continuava impondo a permanência do "antigo", Lima Barreto reapresentou em seu artigo uma "modernização conflitual", que a ordem republicana colocava, mostrando as disputas políticas tanto no interior do pólo do moderno quanto no pólo das tradições antigas.

Vivendo e refletindo uma experiência urbana em plena "era das demolições", Barreto construiu seu argumento pela comparação entre as duas temporalidades, a sua, de 1911, e a do Convento da Ajuda, de 1748-1750, e projetou para o futuro, para "daqui a cem anos", ou seja, para a época atual, a repetição desse "furor demolidor" dirigido para a destruição "dos anais de pedra que contam sua [da cidade do Rio de Janeiro] história". No

---

[173] Lima Barreto. "O convento". In: *Bagatelas*, op. cit., p. 83.

[174] Fazemos uso da distinção entre os três tipos de modernização - a equilibrada, a conflitual e a por tentativas - apontada por Le Goff. Ver: Jacques Le Goff. *História e memória*. 4ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, pp. 185-188. (Col. Repertórios).

discurso, Lima Barreto dissociou o “belo” do “moderno”, para afirmar que o “bonito envelhece”. Chamando de “doutor Passinhos” o famoso prefeito Pereira Passos, responsável pela “regeneração” da cidade, Lima Barreto inseriu mais uma vez a crítica aos modelos estrangeiros de modernização, especialmente aqueles advindos dos Estados Unidos e da Argentina, e considerou a demolição do Convento da Ajuda uma “mutilação que vai sofrer a cidade”.

Na conjuntura da Primeira República, a especialização dos espaços respondia não apenas pelas reformas urbanas que obrigaram, por exemplo, à demolição do Convento da Ajuda, para naquele lugar tornado vazio instalar um centro econômico, cultural e financeiro moderno, na nova Avenida Central. A reordenação dos espaços tratava igualmente da separação e do confinamento das “classes perigosas” que assombravam a desejada modernidade civilizatória. Tal como a prisão, o hospício representava um desses espaços próprios de segregação dos “indesejáveis”. Sob “o manto da ciência e das leis”[175], a imagem de cientificidade que o hospício exibia adequava-se ao projeto que buscava apresentar a cidade do Rio de Janeiro como vitrine da modernidade brasileira.

Na história do primeiro hospital psiquiátrico do Brasil, o atual Instituto de Psiquiatria-IPUB, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, podemos acompanhar um processo que começou em 8 de dezembro de 1852, com a inauguração pelo imperador dom Pedro II do Hospício Pedro II, na antiga Praia da Saudade, atual Praia Vermelha. Situado em um prédio imponente, “de linhas arquitetônicas suntuosas e magníficas” que até impressionaram Agassiz, o novo hospital tinha capacidade “para abrigar 350 doentes, sendo considerado, na época, um dos melhores hospitais psiquiátricos do mundo”. No entanto, “a

[175] Lená Medeiros de Menezes, op. cit., p. 182.

época áurea do hospital" teve início, de fato, apenas em 1903, durante o governo de Rodrigues Alves, que nomeou Juliano Moreira para dirigir o então chamado Hospital Nacional de Alienados[176].

Podemos afirmar que o hospício atravessou praticamente toda a trajetória de Lima Barreto. Primeiramente, como endereço, quando em 1890 a família Barreto passou a residir nas Colônias de Alienados da Ilha do Governador, tendo em vista que o pai João Henriques se tornara administrador da referida instituição após sua demissão da Imprensa Nacional:

> Em 1893, quando se dava na baía da nossa cidade a revolta Saldanha-Custódio, meu pai exercia um pequeno emprego de almoxarife das Colônias de Alienados, na ilha do Governador. Um belo dia, os revoltosos, capitaneados por um oficial de Marinha, (...) lá desembarcaram, mataram bois, carregaram gêneros, medicamentos e roupas e se foram em paz. Assisti tudo.[177]

Além da demissão por se confessar monarquista, o regime republicano havia oferecido a João Henriques o risco de um emprego com residência para si e seus filhos em plena baía de Guanabara, palco privilegiado de batalha da revolta da Armada, ocorrida entre setembro de 1893 e março de 1894, em oposição ao grupo liderado pelo presidente Floriano Peixoto e sob a chefia dos almirantes Saldanha da Gama e Custódio de Melo. Na crônica, Lima Barreto rememorou alguns episódios de sustos sofridos por ele próprio, então um menino de doze anos apenas, por seu pai e por funcionários das Colônias durante ataques dos "revoltosos".

A segunda situação de tensão na qual o hospício estava implicado decorreu da negação absoluta deste espaço de confinamento para João Henriques por Lima Barreto e os irmãos, que se recusaram a internar o pai, quando este enlouqueceu em 1902. Fora do

---

[176] João Ferreira da Silva Filho. "O Instituto de Psiquiatria – IPUB / UFRJ". In: *Cadernos IPUB / Instituto de Psiquiatria da UFRJ*. – n. especial. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998, pp. 11-13.
[177] Lima Barreto. "Homem ou boi de canga ?". In: *Bagatelas*, op. cit., p. 272.

hospício, João Henriques permaneceu, no entanto, recluso em casa, na "Vila Quilombo", durante vinte anos, até sua morte em 1922.

Por fim, o próprio Lima Barreto viveu a experiência de reclusão no hospício nas duas internações sofridas no Hospital Nacional de Alienados, a primeira com entrada em 18 de agosto de 1914 e saída em 13 de outubro do mesmo ano, e a última, de 25 de dezembro de 1919 a 12 de fevereiro de 1920[178]. Nos relatos clínicos das duas internações, observamos o mesmo diagnóstico de "alcoolismo", porém a profissão declarada mudou de "empregado público" na primeira entrada para "jornalista" e "escritor" na segunda, tendo em vista que Lima Barreto se aposentara "sem saudades"[179] do emprego de amanuense da Secretaria de Guerra no interstício das duas internações no hospício da Praia da Saudade. A "Cópia da guia policial" da primeira internação registra:

> (...) Interrogado sobre o motivo da sua internação, refere que, indo à casa de um seu tio em Guaratiba, prepararam-lhe uma assombração, com aparecimentos de fantasmas, que aliás lhe causam muito pavor. Nessa ocasião, chegou o tenente Serra Pulquério, que embora seu amigo de *pandegas*, invectivou-o por saber que preparava panfletos contra seus trabalhos na vila proletária Marechal Hermes. Tendo negado, foi conduzido à polícia, tendo antes cometido desatinos em casa, quebrando vidraças, virando cadeiras e mesas. A sua condução para a polícia só se fez mediante o convite do comissário que lhe deu aposentos na delegacia até que transferiram-no para a nossa clínica. Protesta contra o seu "sequestro", pois vai de encontro à lei, uma vez que nada fez que justifique (...) Julga que o tenente Serra Pulquério teme a sua fama "ferina e virulenta", pois, apezar de não ser grande escritor nem ótimo pensador, adota as doutrinas anarquistas e quando escreve deixa transparecer debaixo de linguagem enérgica e virulenta os seus ideais (...)[180]

[178] "Cópia da Observação de Affonso Henriques de Lima Barreto, constante do Livro de Observações Clínicas do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil". *Apud*: Francisco de Assis Barbosa, op. cit., pp. 341-347.
[179] Lima Barreto. "A matemática não falha, 7-12-1918". In: *Bagatelas*, op. cit., pp. 177-179.
[180] "Livro de Observações Clínicas do Hospital Nacional dos Alienados", op. cit., p. 342.

O significado do vocábulo “assombração” dito/escrito na citação se expande, consideradas as premissas de nosso trabalho, podendo se referir às alucinações de Lima Barreto e, igualmente, qualificar aquelas outras “assombrações” que aterrorizavam as elites políticas. A adoção das “doutrinas anarquistas” ligava-se à preparação de “panfletos”, ao uso de “linguagem enérgica e virulenta” na escrita que “deixa(va) transparecer (...) os seus [de Lima Barreto] ideais”. Há no relato uma denúncia clara do desrespeito à lei pelo arbítrio da prisão[181] seguida de internação após “seqüestro”. Os “mendigos e ébrios”, bem como os “vadios e capoeiras” estão identificados, classificados e penalizados, respectivamente, nos Capítulos XII e XIII[182] do Livro III, que trata das “contravenções em espécie” no primeiro “Código Penal” republicano, mostrando a intenção clara de civilizar pela segregação e ordenação do espaço público, especialmente o urbano.

A “vila operária Marechal Hermes” funcionava como mais uma das “assombrações” que, contrapondo-se às ações ou “trabalhos” do tenente Serra Pulquério às de Lima Barreto, revelava as disputas que já se travavam entre a ordem republicana e o movimento operário naquela temporalidade, sobretudo após o final da I Guerra e os primeiros anos da Revolução Russa: “Aportado à Baía de Guanabara na década final do século XIX, o anarquismo cresceu com a República e alimentou-se da urbanização e da exclusão, tornando-se a força de contestação mais permanente e ampla ao longo das

[181] De acordo com o Código Penal de 1890, a “embriaguez habitual e manifesta” era considerada uma contravenção, cuja pena prevista era de “prisão cellular por quinze a trinta dias”. Ver: BRASIL. Portal da Câmada dos Deputados. Coleção das Leis da República Federativa do Brasil. Fascículo X. Decretos do Governo Provisório. N. 847. Justiça – Decreto de 11 de outubro de 1890. Promulga o Código Penal. Livro III – Das contravenções em espécie, Capítulo XII – Dos mendigos e ébrios, Art. 396, pp. 2728-2734.
[182] Ibidem, pp. 2734-2735.

primeiras décadas do século XX" – comentou Lená M. Menezes[183], tornando factual a "assombração" anarquista, que incluía os anarquistas no bloco dos "indesejáveis":

> **Palavras de um "snob" anarquista**
>
> Por ocasião da passagem do 1º de maio, os grandes jornais desta cidade, bem ou mal, tiveram que tratar da questão social. Alguns, com aquele jeito furta-cor tão interessante para um zoologista, enquanto na primeira ou segunda página defendiam uma futura oligarquia atacando outra, na quarta ou quinta faziam panegíricos dos operários, etc., etc.; outros, com mais franqueza, ao dia seguinte, atacavam os anarquistas e exclamavam:
>
> "Que haja anarquistas na Europa (...) vá lá, compreende-se."[184]

No artigo, Lima Barreto reconheceu a "situação precária do operariado europeu" como um elemento fundamental para a gestação da I Guerra e, ao mesmo tempo, fez a defesa de que havia lugar para o anarquismo no Brasil, utilizando como argumento o ponto de vista histórico:

> (...) as condições (...) da civilização do Brasil, quer as econômicas, quer as morais, quer as de território justificam que haja quem desinteressadamente, brasileiro ou não, seja anarquista. Se a de lá está carunchosa a de aqui também: uma é tão antiga quanto a outra; e convém lembrar também que é inútil nesta questão indagar-se se se é ou não de tal país, quando os jornalistas não se indagam deles mesmos se são ou não brasileiros (...)
>
> Os anarquistas falam da humanidade para a humanidade, do gênero humano para o gênero humano, e não em nome de pequenas competências de personalidades políticas (...)[185]

No artigo, publicado sob o pseudônimo transparente de Isaías Caminha[186], Lima Barreto colocou-se na contramão da posição conservadora, a qual, segundo ele, qualificava de

---

[183] Lená Medeiros de Menezes, op. cit., p. 97.
[184] Lima Barreto. "Palavras de um *snob* anarquista". *A Voz do Trabalhador*, Rio, 15-5-1913. In: *A Voz do Trabalhador* - Coleção *fac-similar* do jornal da Confederação Operária Brasileira (1908-1915). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado S. A.; Secretaria de Estado de Cultura; Centro de Memória Sindical; 1985.
[185] Ibidem.

esnobes ou de ignorantes os que adotavam as idéias anarquistas. Em vários momentos de sua trajetória, Barreto reiterou sua aversão aos "negócios de política" no caso do Brasil:

> Para mim a política, conforme Bossuet, tem por fim tornar a vida cômoda e os povos felizes. Desde menino, pobre e oprimido, que vejo a "política" do Brasil ser justamente o contrário. (...)
>
> Só admito que se morra em matéria de política quando se o faça por uma idéia que interesse um grande grupo humano. (...)
>
> Seria capaz de deixar-me matar, para implantar aqui o regimen maximalista; mas a favor de Fagundes ou de Brederodes não dou um pingo do meu sangue. (...)
>
> Os pobre-diabos que se apaixonam por essas especulações de políticos é que levam o "chanfalho" da polícia e sofrem perseguições.
>
> São causas que nós, humildes, não devemos esposar, porque elas não representam nenhum ideal elevado, nem nada de sincero e de sério.[187]

Publicada cinco meses antes de sua morte, a crônica "Palavras dum Simples" apresenta um título que se aproxima daquele "Palavras de um *snob* anarquista", de um texto de 1913; uma vez que o "anarquista snob" já havia sido reconhecido pelos leitores como um "maximalista", a escolha do termo "Simples" para o título da crônica de 1922 mantinha o confronto, sempre desejado e buscado por Lima Barreto. Em "Palavras dum Simples", Barreto reiterava um posicionamento intelectual marcado pela identificação com os "humildes" e com o coletivo de "um grande grupo humano", e, também, pelo combate sem tréguas a "qualquer modalidade de hipocrisia política". Ele via na implantação "aqui" do "regímen maximalista" uma saída para uma mudança significativa no "regímen social e político que nos governa".

---

[186] "Recordações do Escrivão Isaías Caminha" é o título do primeiro romance de Lima Barreto publicado em volume, pela Livraria Classica Editora, de Lisboa, em !909. Ver: Lima Barreto. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (Romance). 2ª ed. São Paulo: ed. Brasiliense, 1961, [6]. (Col. *Obras de Lima Barreto*, vol. I).
[187] Lima Barreto. "Palavras dum Simples", *Hoje*, Rio, 22/7/1922. In: *Marginália*, op. cit., pp. 58-60.

Quatro anos antes, em 1918, ele publicara "Vera Zassúlitch"[188] e "No ajuste de contas"[189], manifestando sua simpatia pela Revolução Russa. E em 1919, Lima Barreto escreveu a crônica "Sobre o maximalismo"[190], para comentar a repercussão de seus escritos anteriores sobre o mesmo tema.

A lembrança do caso Vera Zassúlitch[191], na Rússia czarista de 1878, apresentado como um exemplo paradigmático de solidariedade humana, serviu para Lima Barreto introduzir "na nossa vilã e ávida sociedade burguesa" um debate sobre a Revolução Russa de outubro de1917. Na crônica, Barreto não se preocupou em distinguir a loucura da utopia, mas fez questão de incluir outras mulheres nesses movimentos "altruisticamente subversivos" e, ao mesmo tempo, combater aquelas atitudes de acomodação ou desinteresse que impediam a prática de ações revolucionárias em nosso país:

> São de meditar tais palavras [sobre loucuras e utopias] quando vemos o baixo interesse ou a nossa proverbial preguiça mental tentar amesquinhar os russos com o epíteto: loucos. Entre eles, há mulheres. Há até uma Mme Kólontai, que é ou foi ministro do Bem Público; não é de hoje, porém, que as mulheres russas, moças, em geral, se envolvem nesses movimentos, altruisticamente subversivos, do império dos Românoffs. Esta Vera Zassúlitch, que teve uma celebridade universal, é como o símbolo delas todas.[192]

A fim de se contrapor à imagem que estava sendo construída, naquele momento, de desqualificação da Revolução Russa, pelo caminho da rotulação de seus protagonistas como

---

[188] Idem. "Vera Zassúlitch", *Brás Cubas*, Rio, 25/7/1918. In: *Bagatelas*, op. cit., pp. 72-77.
[189] Idem. "No ajuste de contas", *ABC*, Rio, 11/5/1918. Ibidem, pp. 88-96.
[190] Idem. "Sobre o maximalismo", *Revista Contemporânea*, 8/3/1919. Ibidem, pp. 157-165, 312.
[191] Lima Barreto leu e resumiu um artigo de Victor Cherbuliez na *Revue des Deux Mondes*, de 1º/5/1918, biografando a revolucionária russa. Barreto, citando o artigo de Cherbuliez, destacou que Zassúlitch passou dois anos na prisão, "nas casamatas de uma fortaleza", incomunicável, porque aos dezessete anos de idade encontrara-se com o revolucionário Nétchaieff; solta, passou a ser perseguida pela "terrível polícia russa"; até que, "um certo dia", Zassúlitch enfrentou o "general Trépoff, ministro ou prefeito ou chefe de polícia de São Petersburgo", matando-o a tiros, em defesa de Bogóluboff, um preso político que ousara se dirigir ao poderoso Trépoff e que, por esse motivo, fora condenado a uma impiedosa "surra de varas". Vera Zassúlitch foi a júri, confessou que agira premeditadamente e foi absolvida.
[192] Lima Barreto. "Vera Zassúlitch", op. cit., p. 75.

“loucos”, Lima Barreto foi buscar a historicidade dos movimentos “subversivos” em curso na sociedade russa e, ainda mais, a participação das mulheres russas nesses movimentos, por saber que o estranhamento dessas diferenças, especialmente em relação às mulheres, acrescentaria mais elementos para a ampliação do debate e o enfrentamento dos posicionamentos políticos hegemônicos de censura e silenciamento sobre os rumos que o novo regime, após a queda do czarismo na Rússia, ia tomando:

> **Sobre o maximalismo**
> Em 11 de maio do ano passado [1918], na revista *A.B.C.*, desta cidade, na qual durante muito tempo colaborei, tive ocasião de publicar um longo artigo – “No ajuste de contas” – que as bondosas pessoas que o leram, tacharam-no logo de manifesto maximalista. O artigo não tinha esse pomposo intuito, mas, sendo tomado por tal, eu deixei que ele assim corresse mundo e fui desde logo classificado e apontado como maximalista.[193]

Ainda no calor dos acontecimentos “que abalaram o mundo”[194], Lima Barreto tentava interpretar o sentido da Revolução Russa como “foco da revolução mundial”[195], inclusive da brasileira. Ao publicar suas reflexões, foi identificado como “maximalista”, na opinião conservadora das ironicamente denominadas “bondosas pessoas”, que fizeram a leitura, portanto, atribuíram o significado de um “manifesto maximalista” para o posicionamento de Lima Barreto. Enquanto colaborador do semanário político *ABC*, usou esse espaço jornalístico para inserir temas e problemas centrais do seu tempo, no período compreendido entre dezembro de 1916 e fevereiro de 1919, quando decidiu suspender sua colaboração,

[193] Idem. “Sobre o maximalismo”, op. cit., p. 157.
[194] John Reed. *10 dias que abalaram o mundo*. [Trad. Armando Gimenez]. 2ª ed. São Paulo: Global Ed./Edições Sociais Ed., 1978. (Col. Bases 1).
[195] Marc Ferro. *A revolução russa de 1917*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1974, p. 92.

“pelo fato de ter sido publicado nessa revista um artigo contra a raça negra”[196], uma das questões fundamentais trazidas a debate público por Barreto:

> (...) tendo há quase um ano, como já disse, deitado uma espécie de manifesto maximalista, estou na obrigação e me julgo sempre obrigado a seguir o que aqui se disser a respeito dos ideais da revolução russa em que me baseei naquele meu escrito.
>
> Digo ideais e não as fórmulas e medidas especiais, porquanto, desde o começo, tinha visto que elas não podiam ser as mesmas em todos os países.[197]

Na passagem, tornamos a observar um aspecto das condições de produção dos escritos de Lima Barreto, que é a “marginália” como matéria-prima, na medida em que ele se via “sempre obrigado a seguir o que aqui [na imprensa brasileira] se disser”. Há, nessa crônica que ora analisamos, algumas referências favoráveis e desfavoráveis a outras matérias publicadas a respeito da Revolução Russa e seus desdobramentos, evidenciando que Lima Barreto estabelecia, de fato, um diálogo com os jornalistas e literatos em atividade. Podemos ainda destacar na citação a preocupação com a repercussão dos ideais daquela revolução no movimento operário internacional, diante da diversidade de percursos que deveriam ser trilhados para atender às especificidades de cada país. No caso do Brasil, Barreto ratificou nesse texto de 1919 sua proposta, apresentada no artigo de 1918:

> No meu artigo “No ajuste de contas” inspirado nas vagas cousas sobre a Revolução Russa, de que tinha notícia, eu pedia que se pusesse em prática quatro medidas principais: a) supressão da dívida interna, isto é, cessar de vez, o pagamento de juros de apólices, com o qual gastamos anualmente cerca de cinqüenta mil contos; b) confiscação dos bens das ordens religiosas, sobretudo as militantes; c) extinção do direito de testar; as fortunas por morte dos seus detentores, voltavam para a comunhão; d) estabelecimento do

[196] Francisco de Assis Barbosa, op. cit., pp. 379-380.
[197] Lima Barreto. “Sobre o maximalismo”, op. cit., p. 161.

> divórcio completo (os juristas têm um nome latino para isto) e sumário, mesmo que um dos cônjuges alegasse amor por terceiro ou terceira.[198]

Ao detalhar sua proposta de quatro itens, Lima Barreto mencionou a urgência da reforma agrária, citando Monteiro Lobato e sua defesa do "saneamento das zonas sertanejas e rurais"; no entanto, admitiu que deixou essa questão agrária de fora, tendo em vista a sua enorme complexidade, que chegava ao ponto de "devermos incluir também os subúrbios e freguesias roceiras do Município do Rio de Janeiro ("custa-me muito escrever – Distrito Federal" – ele admitiu na mesma crônica). Sem perder a oportunidade de fazer a crítica ao regime republicano, responsável pela transformação do antigo Município Neutro ou da Corte em Distrito Federal, Barreto também fez uso do discurso irônico para criticar a "construção política do espaço"[199] da cidade do Rio de Janeiro através do abandono pelo poder público das freguesias afastadas da prestigiada região central.

Nas relações sociais de sexo, a defesa da igualdade do direito ao divórcio, sem cerceamento da liberdade de troca de parceiros para homens e mulheres, aliava-se à "campanha", em oposição à "troça", os dois movimentos sob tensão que participam da proposição de nossa tese. Como exemplo de ordem religiosa "militante", Barreto citou os conventos de freiras e os mosteiros de padres, onde "não se entra sem um dote em dinheiro, sem um caríssimo enxoval e, afora exigências de raça, de sangue e de família"[200].

Embora tenha feito a defesa de uma revolução brasileira, de inspiração russa, o intelectual Lima Barreto viu a necessidade de reformas políticas como a contribuição mais significativa dos acontecimentos de outubro de 1917. Observamos que seu discurso dirigia-

---

[198] Ibidem, p. 162.
[199] Pierre Bourdieu, op. cit., p. 166.
[200] Lima Barreto. "No ajuste de contas". In: *Bagatelas*, op. cit., p. 93.

se, principalmente, aos "raros leitores"[201] dos seus textos jornalísticos, portanto, a interlocutores privilegiados que precisavam ser incomodados, ser tocados, para se distanciarem do lugar social de "burguês burro intoxicado de ganância", que não se importava em viver "cercado da fome, da moléstia da miséria de quase toda uma grande população"[202].

Ser negro e não ser "peça"[203], ser intelectual e não ser "doutor", estas (o)posições sugerem uma trajetória significativamente distinta daquela de um *flâneur*. À experiência de observar, refletir e retirar o eterno das circunstâncias, que é o modo pelo qual Baudelaire definia a modernidade[204], acrescentaríamos a experiência urbana vivida e relatada por Lima Barreto de buscar no eterno, ou melhor, na longa duração, o que havia de trivial, de contingente, embora naturalizado ou apresentado como natural. Recorremos à imagem "*flâneur* de pés de chumbo", cunhada por Maria Cristina T. Machado, por entendermos que a mesma representa bem a perspectiva de Lima Barreto, que "Atento aos aspectos materiais da modernidade, desenvolveu um realismo que o aproxima mais do conceito de modernização dominante em Marx do que do conceito de modernização que caracterizaria Baudelaire"[205], ainda de acordo com Machado. Parece-nos que Lima Barreto não cabia no figurino do artista-herói da modernidade.

Em uma retrospectiva que fez de sua trajetória, Barreto localizou a fonte de prazer na "saudade do passado, às vezes composta de coisas fúteis":

---

[201] Idem. "Sobre o maximalismo", op. cit., p. 162. Esses leitores, se eram realmente "raros", foram aumentando, como evidencia a recepção crescente da obra de Lima Barreto após sua morte.
[202] Ibidem, p. 164.
[203] Estamos utilizando o termo "peça" da mesma forma hiperbólica que Lima Barreto usou os termos "quilombola" e "senador de Roma", em citação analisada anteriormente nesse trabalho.
[204] "A modernidade de Baudelaire". In: *A modernidade de Baudelaire: textos inéditos selecionados por Teixeira Coelho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p.14
[205] Maria Cristina Teixeira Machado, op. cit., pp. 91-93.

> Oh! O tempo! O inflexível tempo, que como o Amor, é também irmão da Morte, vai ceifando aspirações, tirando presunções, trazendo desalentos, e só nos deixa na alma essa saudade do passado às vezes composta de coisas fúteis, cujo relembrar, porém, traz sempre prazer.
> Quanta ambição ele mata! Primeiro são os sonhos de posição; com os dias e as horas e, a pouco e pouco, a gente vai descendo de ministro a amanuense; depois são os do Amor – oh! como se desce nesses! Os de saber, de erudição, vão caindo até ficarem reduzidos ao bondoso Larousse. Viagens... Oh! As viagens! Ficamos a fazê-las nos nossos pobres quartos, com auxílio do Baedecker e outros livros complacentes.[206]

Ao refletir sobre o "inflexível tempo", nesse artigo de 1911 que rememorava o 13 de maio de 1888, Lima Barreto traçou as tensões e as frustrações mais agudas que marcaram sua trajetória. Nos "pobres quartos" e nos "livros complacentes" foram sepultados os "sonhos de posição" desfeitos, "os de Amor" não realizados, "os de saber, de erudição" reduzidos, os de "viagens" não concretizados, a não ser através dos livros de viagens, como o "Larousse Viagens" e o "Baedecker"[207] como únicas possibilidades. A intenção de representar o "mundo circundante" e o sofrimento que resultava dessa atitude são, portanto, marcas da experiência urbana de Lima Barreto desde muito cedo:

> - Mas quem te faz sofrer rapaz? perguntou-me o desconhecido.
> - Ninguém, falei-lhe eu, ninguém. É o meu espírito, meu entendimento, é a representação que ele faz do mundo circundante.[208]

Na passagem, focalizamos a explicitação da relação estreita entre trajetória e experiência urbana através da reflexão intelectual, que revela o sentimento de sofrimento misturado ao

---

[206] Lima Barreto. "Maio", op. cit., p. 258.
[207] "*Baedecker's Old Guide Books* – Great Britain, 1910. Handbook for Travelers by Karl Baedecker". A obra contém 28 mapas, 65 planos de viagens, e um panorama geral. A sétima edição, revisada e aumentada foi publicada em 1910. www.contueor.com/baedecker/great_britain/index
[208] Lima Barreto. "Dentes Negros e Cabelos Azuis". In: *Histórias e Sonhos*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1961, p.228. (Coleção Obras de Lima Barreto, vol. VI).

entendimento, à representação do mundo circundante, no qual Lima Barreto deu destaque aos aspectos mais próximos das "bagatelas" e da "marginália", para usarmos duas imagens fundamentais do seu discurso, e que dão pistas sobre suas escolhas enquanto um intelectual carioca "vencido mas não submisso à máquina social"[209]. Do próprio relato de Barreto, a propósito das condições de produção dos seus escritos, destacamos três marcas do processo de construção de seus textos: "a mania ambulatória", a "ironia" e a "marginália":

> **Com o Binóculo**
> Ontem, domingo, o calor e a mania ambulatória não me permitiram ficar em casa. Saí e vim aos lugares em que um "homem das multidões" pode andar aos domingos.[210]
>
> **Os Correspondentes**
> Se a tua dor te incomoda, faze dela um poema, mas o que se não pode entender é que certos sujeitos não podendo fazer dela um poema, venham pedir que se revele pelas colunas dos jornais o espetáculo de suas mágoas e amores.
> Tudo isto é respeitável e digno; mas o que não é digno é revelar semelhantes cousas.
> Não há dia que não recebamos cartas de amorosos declarando os seus sentimentos à sua amada; não há dia que não encontremos no nosso correio denúncias de despeitados contra as suas prováveis apaixonadas. (...) Estamos aqui para fazer **troça**, pilheriar contra a humanidade, mas não para atravancá-la com perseguições e maldades.[211]
>
> **A Questão dos Poveiros**
> Era tal a falta de uma segura orientação nos que se digladiavam [a propósito da questão entre os pescadores portugueses oriundos de Póvoa do Varzim e os japoneses recém-chegados como imigrantes ao Brasil], que só tive um remédio para estudá-la mais tarde: cortar as notícias dos jornais, colar os retalhos num caderno e anotar à margem as reflexões que esta e aquela passagem me sugerissem. Organizei assim uma "marginália" a esses artigos e notícias.[212]

Nos três fragmentos citados, fica evidente que as escolhas de leitura e, portanto, de escritura, são historicamente determinadas. É nessa perspectiva que Lima Barreto explicitou seu

---

[209] Alfredo Bosi. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 267.
[210] Lima Barreto. "Com o Binóculo". *Correio da Noite*, Rio, 11-1-1915. In: *Vida Urbana*, op. cit., p. 71.
[211] Idem. " Os Correspondentes". *Careta*, Rio, 27-9-1919. Ibidem, p. 180. Grifo nosso.
[212] Idem. "A Questão dos 'Poveiros". *Gazeta de Notícias*, Rio, 2-1-1921. In: *Marginália*, op. cit., p.32.

método, o qual estabelecia um vínculo estreito entre o ato de movimentar-se no espaço urbano de "modo ambulatório"[213], a observação atenta das questões que emergiam naquele contexto, a recepção cuidadosa dos textos que buscavam referenciar-se nos problemas cotidianos, a reflexão que pretendia integrar a "marginália" e, então, a "troça", isto é, a escrita com a intenção de atribuir novos e outros sentidos ao mundo. Utilizando a "circunstância" como matéria-prima, Barreto nos apresentou uma versão do "real acontecido"[214] em um trabalho complexo de relato dos costumes e de desvelamento de aspectos da cultura urbana carioca.

Assim, no artigo "A questão dos poveiros"[215], Lima Barreto chamou de "marginália" as anotações que fazia aos artigos e notícias que recortava dos periódicos e colava em um caderno; utilizando esse material como matéria-prima, ele escrevia seus textos autorias, buscando refletir sobre as questões sociais, culturais e políticas do seu tempo.

Posteriormente, o vocábulo "marginália" adquiriu um novo significado, ao nomear um dos três volumes de artigos e crônicas organizados em vida pelo próprio Lima Barreto, no ano de 1918. Os periódicos que publicaram a maior parte desses textos originalmente jornalísticos de Lima Barreto são: "Careta", "A.B.C"., "Correio da Noite", "A Lanterna", "Gazeta da Tarde", "Hoje", "Gazeta de Notícias" e "A Voz do Trabalhador".

A seguir, "Marginália" passou a dar título ao volume XII das "Obras de Lima Barreto", que foram estabelecidas, organizadas e publicadas em dezessete volumes, sob a direção de seu principal biógrafo, Francisco de Assis Barbosa, e com a colaboração de

---

[213] Em outra crônica, Lima Barreto definiu o "modo ambulatório" em tom jocoso: "a agitação inútil de trocar pernas na cidade, conversar aqui e ali, dizer tolices e ouvir tolices". Ver: "Não valia a pena". In: *Bagatelas*, op. cit., pp. 115-121 (115).
[214] Jacques Leenhardt e Sandra Jatahy Pesavento, op. cit., p. 10.
[215] Lima Barreto. "A Questão dos 'Poveiros", op. cit., p. 32.

Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. A publicação da primeira edição, pela editora Brasiliense, ocorreu tardiamente em 1956. Antes disso, Lima Barreto publicou em folhetins ou em volumes avulsos, com muito esforço e às suas próprias custas, os romances "Recordações do Escrivão Isaías Caminha", "Triste Fim de Policarpo Quaresma" e "Numa e Ninfa". Assinalamos ainda a publicação no jornal carioca "O Correio da Manhã" de uma série de reportagens, sem assinatura, de 28 de abril a 3 de junho de 1905, do que passou a ser identificado como "O Subterrâneo do morro do Castelo", um romance folhetinesco que ficou um longo tempo "soterrado". Os manuscritos desse romance encontram-se na Biblioteca Nacional, mas a obra, que entrelaça fatos históricos sobre a cidade e lendas fantásticas sobre tesouros em torno da derrubada do Morro do Castelo, apenas foi publicada em 1997, inaugurando os trabalhos da editora carioca Dantes.

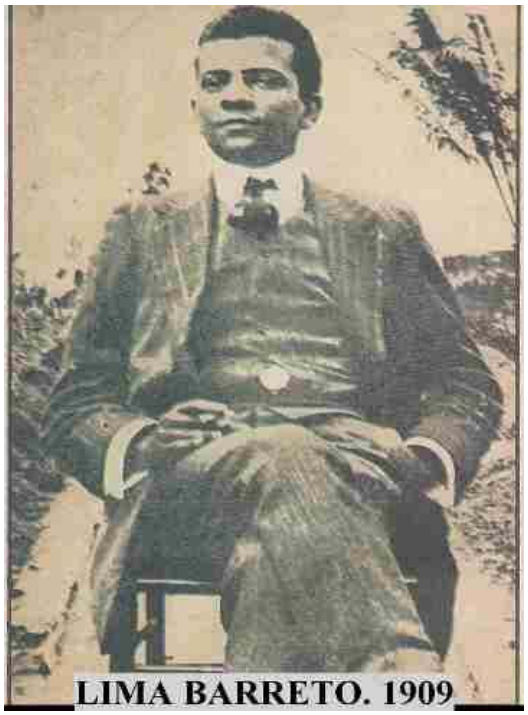
Ao investigar na "Coleção Lima Barreto" a "Série papéis pessoais"[216], deparamo-nos com uma "marginália" mais antiga ainda. Formam um primeiro volume os recortes de jornais, recolhidos e colados com evidente cuidado por Lima Barreto. Tais recortes datam do período compreendido entre os anos de 1894 e 1909 e, pelo período que eles abrangem, podem oferecer pistas para pensarmos a formação de Lima Barreto enquanto intelectual.

Não poderíamos encerrar o presente capítulo sem que fizéssemos uma análise ligeira da recepção da obra de Lima Barreto. Nesse sentido, optamos por recolher, principalmente na mídia impressa, as matérias que consideramos mais significativas para explicitar essa recepção. Começamos por apresentar um conjunto de "Quatro imagens de Lima Barreto em quatro tempos", composto de duas fotografias, uma de 1909 e outra de

[216] Idem. *Álbum de recortes de jornais e revistas: poesias, textos gramaticais, ciência popular, humorismo, crônicas etc. [1894-1909]*. Fundação Biblioteca Nacional. Seção de Manuscritos. Coleção Lima Barreto. Série papéis pessoais.

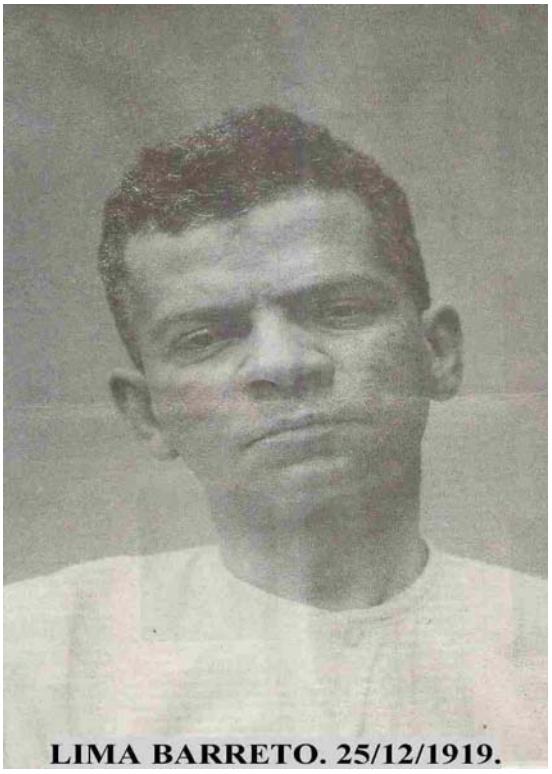
1919, um desenho assinado de 1950 e uma caricatura igualmente assinada de 2005 prestam-se a uma análise da trajetória de Lima Barreto da mocidade até a posteridade.

Ocupando toda a página quatro do primeiro volume das "Obras de Lima Barreto", "Recordações do Escrivão Isaías Caminha", a fotografia de 1909 vinha acompanhada da seguinte legenda "Lima Barreto, na época da 1ª edição do *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909)". Como já vimos, a Livraria Classica Editora de Lisboa, de A. M. Teixeira & Cia. editou a obra, graças à intermediação pessoal de Noronha Santos. Na leitura da imagem, assinalamos o gestual próprio de um intelectual do seu tempo, composto pelo vestuário adequado, postura alinhada, expressão serena e saudável. Na fotografia, observamos um Lima Barreto que, evidentemente, preparou-se para ser retratado e, naquele instante congelado "daquilo que foi"[217], para usarmos uma frase de R. Barthes, o retratado olha para o futuro com confiança.



[217] Roland Barthes. *A câmara clara*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1984, p. 127

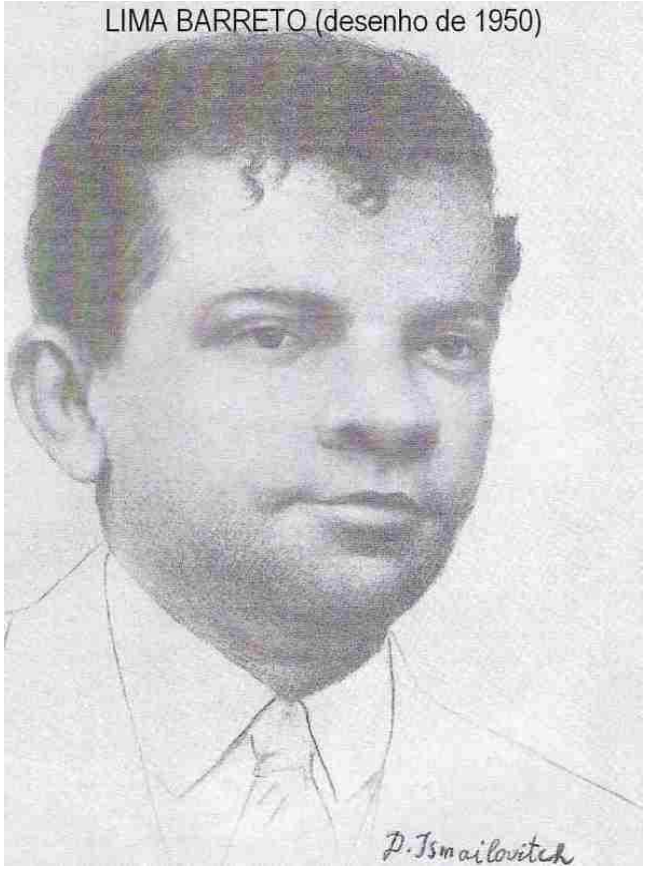
Dez anos depois, em 1919, por ocasião da segunda passagem de Lima Barreto pelo Hospital de Alienados, ele foi fotografado, agora sem nenhum *glamour*, apenas para ser identificado na ficha de internação.



A tomada da fotografia, que só veio a público recentemente, é de documentário, e nela podemos ler a dimensão da tragédia vivida por Lima Barreto. "No fundo, a fotografia é subversiva, não quando aterroriza, perturba ou mesmo estigmatiza, mas quando é *pensativa*" – refletiu R. Barthes em seu estudo sobre a fotografia[218]. Na foto de 1919, lá estão a dor e o sofrimento, cruamente estampados nos olhos e na pele, em todo o rosto, e, contrastando "subversivamente" com a fotografia de 1909, atingem-nos como uma "flecha"...

[218] Ibidem, pp. 45-46, 62. Barthes propõe, na leitura da fotografia, uma análise semiótica que busque identificar "a co-presença de dois elementos descontínuos, heterogêneos", o "studium" e o "punctum", aquele remetendo "sempre a uma informação clássica" ou "familiar", e esse, "ao contrário do studium, partindo da cena, como uma flecha".

Morto Lima Barreto em 1922, somente na década de 1940 Francisco de Assis Barbosa começou seu longo, exaustivo e minucioso trabalho de recolher os pedaços da biobibliografia de Lima Barreto, resultando na publicação de dois clássicos na década de 1950: “A vida de Lima Barreto”, pela editora José Olympio, e “Obras de Lima Barreto”, em dezessete volumes, pela editora Brasiliense.



O desenho de D. Ismailovitch integra esse momento de recuperação da produção intelectual de Lima Barreto e, conforme comprovamos, a referência do artista foi uma fotografia de 1917, por ocasião da publicação da segunda edição do “Recordações do Escrivão Isaías Caminha”, pela “Typographia Revista dos Tribunaes”, do Rio de Janeiro.

Na década atual, em uma época de intensificação dos debates acerca do reconhecimento de nossa ancestralidade africana, é publicada uma caricatura de Lima Barreto, de autoria de Loredano, na qual os traços de sua negritude são acentuados.

LIMA BARRETO (Caricatura de Loredano. 2005)

Aliás, a origem negra de Lima Barreto é inegável nas quatro imagens apresentadas, embora no desenho de Ismailovitch o traço da cor da pele esteja esmaecido, visando, talvez, o apagamento de parte da negritude do escritor.

A prática de visitar os sebos da cidade do Rio de Janeiro, compartilhada por nós, pode vir a ser um momento de muitas e ricas experiências leitoras, dentre as quais destacamos a investigação da recepção das obras de autores do passado, como Lima Barreto.

Em um desses passeios, durante a década de 1990, deparamo-nos com um volume daquela primeira edição de “A Vida de Lima Barreto”, da Livraria José Olympio, que imediatamente adquirimos, embora já possuíssemos uma edição mais nova, saída em 1988 através da parceria entre as editoras Itatiaia e da USP – Universidade de São Paulo.

Além das ilustrações, a edição de 1952 do livro de Francisco de Assis Barbosa continha dois tesouros que somente os livros adquiridos em sebos podem oferecer. Tratava-se de dois recortes de jornal, amarelados pelo tempo mas bem preservados, sem data. Percebemos imediatamente que ambos pertenciam a jornais do ano de 1952, pelo assunto das matérias – de saudação do recente lançamento da biografia de Lima Barreto.

O primeiro recorte trazia uma resenha, com indicação do autor e fonte: “Valdemar Cavalcanti (O Jornal)”, publicada na seção “Jornal Literário”, às página 1 e 5 (continuação) e sob o título “Vida e morte de Lima Barreto”, em uma alusão explícita a um dos romances de Lima Barreto, “Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá”. Destacamos dois trechos do parágrafo inicial da resenha: “Justifica-se que o reporter Francisco de Assis Barbosa tenha demorado tanto a nos dar a sua biografia de Lima Barreto (...) Durante anos o autor se dedicou à pesquisa de documentos e de testemunhos humanos relativamente à vida de nosso romancista (...)”.

O segundo recorte vem assinado pela consagrada escritora Rachel de Queiroz. O título é simplesmente “Lima Barreto” e na matéria há a indicação da fonte: “Especial para o ‘Diário de Notícias”, logo abaixo do nome da autora. A articulista defende a “teoria de que o biógrafo ideal é o bom repórter”, por tratar-se de “um homem que só se atém a realidades, que procura de todas as maneiras contar uma história curta e certa”, como seria o caso de Francisco de Assis Barbosa.

Os comentários de Valdemar Cavalcanti e de Rachel de Queiroz estão afinados com a defesa de uma idéia de imparcialidade, logo, de expressão da verdade que um trabalho de pesquisa realizado por um "bom repórter" ofereceria. Ao fugir das "interpretações complexas", o repórter abriria espaço para que "o leitor tire as suas conclusões" das "realidades" ou dos "fatos" apresentados. Não é bem assim, já sabemos, e poderemos comprovar um pouco mais adiante, ao prosseguirmos analisando a recepção da obra de Lima Barreto.

Em matéria publicada no "Jornal do Brasil, Caderno B, páginas 1 e 2", sob título "Inéditos de Lima Barreto incluídos em edição que reorganiza suas crônicas e novas pesquisas revelam um escritor valorizado em sua época, apesar do preconceito", Valéria Lamego escreveu: "Suas crônicas espelham esse desafio: ser negro, intelectual e ao mesmo tempo um homem de opinião". Destacamos a composição da imagem que, dominando a primeira página, ocupa quase toda a abertura do "Caderno B", na qual temos a parte superior (dos ombros ao alto da cabeça) do retrato de 1909[219] duplicada, dando a impressão de que a parte de cima está refletida na parte inferior da página. A assinatura de Lima Barreto (como Affonso Barreto) foi colocada exatamente no meio, separando as duas partes da imagem. A reportagem refere-se a "uma pesquisa minuciosa" de Beatriz Resende, Rachel Valença e André Luiz dos Santos[220], cujo objetivo principal foi a reorganização das crônicas completas do autor, em ordem cronológica, "para dar um sentido histórico à trajetória do autor".

[219] A imagem pode ser revista na página 83.
[220] Os pesquisadores são apresentados, respectivamente, como professora de Literatura Comparada da UFRJ, filóloga da Casa de Rui Barbosa e assistente.

Além de defender que Lima Barreto gozava de algum reconhecimento intelectual em seu tempo, especialmente nos últimos anos de sua vida[221], a pesquisa apresentou, como um dos resultados inesperados, a descoberta de dez crônicas inéditas em livro, uma das quais – "A minha Alemanha" – está na página 2 da matéria do "Jornal do Brasil", com a indicação de que fora originalmente publicada "no jornal *ABC*, no Rio de Janeiro em 20 de setembro de 1919", portanto no período do Entre Guerras. Ao comentar a exclusão dessa crônica nas "Obras de Lima Barreto", publicadas em volumes organizados por Francisco de Assis Barbosa, quase cinqüenta anos antes, Beatriz Resende assinala que "talvez o Dr. Francisco tenha, de caso pensado, deixado essa crônica de fora", uma vez que o ano de 1956 "era um momento de grande preocupação em torno do nacionalismo". Mesmo tratando-se de uma hipótese, a idéia de Resende confronta-se com aquela de Valdemar Cavalcanti e Rachel de Queiroz, trazendo uma reflexão acerca da historicidade da produção e da recepção das obras de arte.

No último dia do mesmo ano dessa matéria do "JB", o jornal "O Globo" publicou em 31 de dezembro de 2000, na "Seção Morar Bem – Pelos Quatro Cantos, página 3" uma matéria sob título "Casas que entram para a crônica" e subtítulo "Imóvel em que Lima Barreto morou e que é descrito em sua obra ganha placa comemorativa". Há uma fotografia de uma casa com a seguinte legenda: "A casa onde o escritor Lima Barreto morou durante a infância, de 1890 até 1902, fica na Ilha do Governador, numa área da Aeronáutica: referência em crônicas e em livros". A autoria da pesquisa que encontrou essa casa é de André Luiz dos Santos[222], que conseguiu, através da descrição que Lima Barreto fez da casa em crônicas como "Homem ou boi de canga" e "O estrela", descobrir que "o Sítio do Carico" ainda

[221] Talvez a escolha da imagem deva-se a esse resultado da pesquisa.
[222] Figurando como "assistente" na pesquisa relatada na matéria anterior, aqui ficamos sabendo que André Luiz dos Santos era "mestrando da FAPERJ" em "Literatura".

existia. À época da matéria de “O Globo”, a casa ficava localizada “dentro do Parque de Material Bélico da Aeronáutica, na Estrada do Galeão”; como residência da família Barreto, a casa pertencia à Colônia de Alienados Mentais da Ilha do Governador, da qual, como já vimos, o pai de Lima Barreto fora diretor algum tempo depois de ter perdido prestígio, inclusive emprego, com a queda da Monarquia.

De autoria de Cristiane Costa, editora do “Caderno Idéias, Jornal do Brasil”, foi publicada em 16 de março de 2002 uma resenha, com título – “A fortuna acrítica de Lima Barreto” – e subtítulo – “Seleta da obra em prosa do escritor desprezado em vida, e só agora valorizado, peca por deixar de fora estudos fundamentais” – transparentes em relação às intenções da resenhista a respeito da obra de 1520 páginas “Prosa seleta: Lima Barreto”, organizada por Eliane Vasconcellos e publicada em edição de luxo pela editora Nova Aguillar. Mais uma vez, a principal imagem impressa é, no alto é à direita, a da fotografia de 1909, ladeada à esquerda por uma caricatura do cartunista Nássara, contemporânea à resenha. Além dessas, a matéria de página inteira apresenta na margem esquerda duas pequenas imagens em *fac-símile* das capas da primeira edição do romance “Numa e Ninfa”, de 1915, e do número inaugural da revista “Floreal”, dirigida por Lima Barreto, de outubro a dezembro de 1907. Finalmente, no canto inferior direito da página, vemos uma imagem com uma inscrição onde se lê “Rua da Carioca”, representando as ruas na época de Lima Barreto, com os prédios, as pessoas, a maioria do sexo masculino, que circulam em suas vestimentas características e algumas aglomeram-se em torno de uma barraca de venda de alimentos, situada em primeiro plano, na esquina. Destacamos a legenda dessa fotografia, que dá o tom da resenha, pelos contrastes que ressalta: “Mulato e pobre, Lima Barreto viveu o outro lado da *Belle Époque* carioca, seus livros não fizeram grande sucesso nem suas revistas”. É

evidente a divergência na recepção, quando comparamos as duas matérias analisadas, essa e a anterior.

O “Jornal do Brasil” publicou no “Caderno Idéias de 30 de novembro do 2002” uma entrevista com o professor Alfredo Bosi, realizada pela mesma Cristiane Costa, “editora do Idéias”, por ocasião do lançamento de “Literatura e resistência”, pela Companhia das Letras. O título da entrevista, “A obra de arte nos ensina a resistir”, o subtítulo, “Em seu novo livro, Alfredo Bosi sugere uma forma inovadora de pensar a história da literatura”, e a legenda da imagem centralizada do entrevistado, “Bosi analisa a resistência em autores como Lima Barreto e Graciliano Ramos”, antecipam algumas questões importantes para nosso breve estudo da recepção da obra de Lima Barreto. À pergunta sobre as possibilidades da literatura, em algum momento, conseguir “ser mais do que resistente, libertária”, Bosi respondeu que “A resistência pode exprimir-se em graus diversos (...). No limite, a literatura resistente toca o extremo das posições libertárias: é o caso dos fermentos anarquistas que estão vivos em várias passagens da obra de Lima Barreto”.

Observamos que Lima Barreto estava em excelente companhia e, segundo a opinião do respeitado professor da USP, integrava o seleto grupo dos intelectuais brasileiros engajados que assumiram posições de resistência ou até libertárias. De certa forma, o crescente número de trabalhos de pós-graduação confirma essa idéia, como já observamos na revisão historiográfica que realizamos para justificar a pertinência das fontes em nossa tese.

Em 2003, duas matérias aparecem no “Jornal do Brasil”, ambas ilustradas pelo desenho de 1950[223], de autoria de D. Ismailovitch. A primeira delas, publicada no “Caderno Idéias”, em 15 de março, é uma resenha, assinada por Karine Rodrigues (repórter do JB),

[223] Essa imagem está localizada na página 85.

para uma nova edição pela velha editora José Olympio do clássico “A Vida de Lima Barreto”, de Francisco de Assis Barbosa. No parágrafo inicial, Rodrigues reitera uma conhecida frase de Otto Lara Resende, no prefácio da oitava edição – “Lima Barreto ressuscitou na sua pesquisa” – para sintetizar a importância de Chico Barbosa “na valorização do legado de um dos mais combativos nomes da literatura brasileira”. A resenhista ainda assinala que, a cada nova edição, aumenta o número de leitores interessados, anônimos ou críticos consagrados, como Antônio Cândido e Sérgio Buarque de Hollanda, desse “cronista urbano da melhor cepa, *flâneur* inveterado, capaz de andar durante horas observando a massa anônima do Centro da cidade e dos subúrbios”, e que, “pela forma direta com que metia o dedo na ferida”, recebeu muitas críticas.

Embora a resenha trate de uma obra sobre a vida de Lima Barreto, a imagem escolhida para ilustrá-la, como já vimos, foi desenhada quase trinta anos após a sua morte, com a intenção explícita de contribuir para a valorização desse “homem de letras” e, juntamente com Assis Barbosa, “ressuscitá-lo” como intelectual “da melhor cepa”. Na perspectiva da recepção da obra de Lima Barreto, é possível vislumbrar o crescimento de um “ciclo de admiradores do romancista”, de acordo com Karine Rodrigues.

A “Revista Programa, domingo, 7 de dezembro de 2003, páginas 48 a 50” publicou uma outra matéria cujo título “O Triste Fim de Lima Barreto” fazia alusão direta ao romance “O Triste Fim de Policarpo Quaresma”. No subtítulo, “Tentativas isoladas buscam recuperar o prestígio do escritor hostilizado pelo Rio em que viveu”, o autor Bruno Agostini comenta a recepção da obra de Barreto, sob um ponto de vista diverso daquele de K. Rodrigues, até certo ponto. Ao lado da enumeração das mazelas vividas por Lima Barreto, Agostini abre uma nova e rica possibilidade de acesso aos textos barretianos através de uma página na

internet, como uma forma de "reconhecimento tardio" que Barreto, caso fosse vivo, "talvez gostasse", já que era considerado "moderno para seu tempo".

Destacamos a montagem da imagem que ilustra a matéria, composta de uma reprodução do mesmo desenho de D. Ismailovitch, só que, dessa vez, emoldurado por manuscritos de Lima Barreto em *fac-símile*. Assinalamos ainda que a primeira página é exageradamente colorida e espalhafatosa, com o título em letras vibrantes e "em caixa altíssima". Na segunda página, observamos, à esquerda, a continuação ou o excedente do título e da moldura do desenho; e, à direita do texto, temos duas imagens: acima, uma tomada da fachada da Biblioteca Nacional, ladeada pela seguinte legenda: "Manuscritos de Lima Barreto (à esquerda) e Biblioteca Nacional (ao lado)"; abaixo, uma reprodução da capa do romance "Triste Fim de Policarpo Quaresma", com a seguinte legenda: "Primeira edição de 'Policarpo Quaresma". Finalmente, a última página contém uma caricatura de Lima Barreto, encerrando a matéria, o endereço do sítio[224] e uma outra montagem, que junta uma fotografia da residência de Todos os Santos, com uma "janela" que exibe sua atual moradora, Nair Batista. A legenda desse último conjunto imagético, ao ressaltar a opinião da residente, acrescenta uma importante contribuição para o estudo que fazemos da recepção em Lima Barreto: "Nair Batista, atual moradora da casa do escritor na Rua Elisa de Albuquerque, hoje desfigurada: 'Nem sabia que ele havia morado aqui. Nunca li nada dele". Fosse vivo, Lima Barreto talvez ficasse contrariado ao tomar conhecimento desse depoimento, ainda mais porque essa fala talvez seja representativa de uma grande parcela das classes populares, suburbanas ou não.

[224] www.memoriaviva.com.br. A matéria veicula a informação de que esse sítio não é exclusivo da vida e obra de Lima Barreto. Nele podem ser disponibilizadas, por exemplo, reproduções das mais de "400 imagens do Rio de Janeiro produzidas entre o fim do século 19 e o início do 20 – de autoria do fotógrafo Carlos Malta". Há ainda a informação de que "o acervo digital do Memória Viva contará ainda com registros atualizados dos mesmos ângulos obtidos por Malta, trabalho de Sandro Fortunato, jornalista responsável pela página".

Um título polissêmico, “Lima Barreto e o olho da rua”, e um subtítulo antecipador, “Crônicas do escritor mostram crítico das mesquinharias da vida” introduzem uma resenha da obra “Toda crônica”, de Lima Barreto, organizada por Beatriz Resende e Rachel Valença, em dois volumes, e finalmente publicada pela editora Agir. A resenha, assinada por Nelson Vasconcelos, saiu em “O Globo, Caderno Prosa e Verso, Sábado, 15 de janeiro de 2005, página 3”.

Chamou nossa atenção aquela caricatura de Loredano[225], que ilustra a matéria. O resenhista ressalta o significado das crônicas de Lima Barreto como fontes para novos cronistas e para pesquisadores que se debruçam sobre a história e a cultura do Rio de Janeiro no tempo do escritor, pois “não há problema de seu tempo que ele tenha deixado de lado. Página por página, vão se sucedendo temas como preconceito (sempre caro a ele, negro e humilde), guerras, moda, política, corrupção, ignorância, administração pública... o diabo”. Um mês antes, os jornais “Folha de São Paulo”, “Jornal do Brasil” e o mesmo “O Globo” já haviam publicado matérias sobre o lançamento dessa importante obra, ressaltando que a editora Agir comemorava seus sessenta anos com o lançamento de “Toda Crônica”.

Na “Folha de São Paulo, seção Ilustrada, sábado, 4 de dezembro de 2004”, a reportagem, de autoria de Luiz Fernando Vianna, tomava inteiramente a primeira página, com o título em destaque “O marginal imortal” e o subtítulo “Caixa com dois volumes reúne 435 crônicas de Lima Barreto escritas a partir de 1900 até a sua morte”. No “Jornal do Brasil, caderno Idéias”, coincidentemente no mesmo “Sábado, 4 de dezembro de 2004”, foi publicada a matéria de autoria de Alvaro Costa e Silva, em toda a primeira e parte da segunda páginas, com o título “O genial mulato” e o subtítulo “Dois livros, ‘Toda Crônica’ e ‘O

[225] Ver página 86.

Cemitério dos Vivos', atestam a permanência da literatura do escritor carioca Lima Barreto". Por fim, o jornal "O Globo, Segundo Caderno, 2a feira, 6 de dezembro de 2004" publicou uma matéria menor, assinada por Daniela Birman, entitulada "Editora Agir comemora os seus 60 anos renovada" e com o subtítulo: "Obras clássicas e contemporâneas marcam aniversário".

Na "Folha", a imagem centralizada de Lima Barreto ocupa mais de metade do espaço da primeira página e, logo abaixo, há um *fac-símile* da ficha de internação, com a mesma fotografia anexada[226]. Entre as duas imagens, lemos a seguinte legenda: "O escritor Lima Barreto em foto tirada em 1919[227] no hospício Nacional; abaixo, sua ficha de internação achada nos arquivos do Instituto de Psiquiatria da UFRJ". No "JB", a mesma imagem é de dimensões um pouco menores, com a legenda: "Em 26 de dezembro de 1919, o escritor deu entrada no Hospital Nacional de Alienados, o velho hospício da Praia Vermelha". Mais uma vez, o "JB" publica, agora na capa do "Caderno Idéias", a crônica "A minha Alemanha", inédita em livro. Na página 2, a matéria continua e, novamente, somos presenteadas com a caricatura de Loredano. Sobre a legenda "Foto inédita de Lima Barreto tirada em hospício", "O Globo" reproduz a mesma imagem de 1919, em tamanho bem reduzido e, nessa matéria, Lima Barreto disputa espaço com as notícias sobre a comemoração do aniversário da Editora Agir.

Avaliamos que os títulos e os subtítulos dessas quatro últimas matérias jornalísticas são indícios seguros da recepção atual da obra de Lima Barreto. As expressões "genial

---

[226] Na ficha, constam os seguintes dados: "INSTITUTO DE NEUROPHATOLOGIA; Nome: Affonso H. de Lima Barreto; Cor: parda; Idade: 38 anos; Nacionalidade: brasileira; Profissão: jornalista; Filiação: _____; Diagnóstico: Alcoolismo. Entrada em 25 de Dezembro de 919; Sahida: Transferido em 26 de dezembro de 1919; É de 2ª entrada; Deu-se a primeira em 18 de agosto de 1914, tendo observação no livro 161, pág. 315".

[227] A imagem está reproduzida na página 84.

mulato” e “marginal imortal” revelam a persistência das tensões vividas por Lima Barreto em sua experiência urbana de carioca. Corroborando nossa análise, damos destaque ao fato de que a imagem reproduzida nas três últimas matérias que analisamos é aquela da fotografia de 1919. As únicas diferenças são, como vimos, a dimensão da foto e a legenda.

Nesse momento, vamos deixar de lado os jornais e buscar no teatro a recepção da obra de Lima Barreto. Em 1995, assistimos no Centro Cultural Banco do Brasil à peça “Lima Barreto ao terceiro dia”, de Luís Alberto de Abreu, com direção de Aderbal Freire-Filho. Na encenação, há uma distinção entre o “Lima velho”, protagonizado pelo ator Milton Gonçalves, e o “Lima novo”, representado pelo ator Fernando Almeida. E no final do “Programa da peça”, reencontramos a mesma fotografia de 1909 para ilustrar um texto de Joel Rufino dos Santos – “Por que Lima Barreto?” – no qual são enumeradas três razões fundamentais para que fosse levada “à cena um autor morto há 73 anos”, na época. Rufino ressalta, como primeira razão, a “teatralidade de Lima Barreto”, que tornou possível a Luís Alberto captar “essa vocação teatral de Lima” e, assim, escrever a peça. A segunda razão é que Lima Barreto “deu voz literária aos suburbanos”, atendendo “com antecipação de setenta anos” a uma reivindicação da atualidade em defesa da “pluralidade cultural”. A terceira razão destaca que “o *lugar* de onde falou não é comum no Brasil: o *lugar* do negro, pobre e suburbano”. Em nossa análise, privilegiamos a negritude e a intelectualidade como aquelas marcas que melhor traduzem o posicionamento desse carioca frente às questões do seu tempo.

CAPÍTULO 2
O "RIO-PARIS BARATO": CIDADE DE DESLOCAMENTOS

A belleza feminina pede ruas largas.
Mario Pederneiras[228]

O alvorecer da República no Brasil das primeiras décadas do século XX tem aguçado o interesse de inúmeros pesquisadores e pesquisadoras em diferentes áreas de conhecimento, por tratar-se de um período histórico de mudanças intensas e aceleradas nas práticas, valores e representações na e da sociedade brasileira, especialmente na cidade do Rio de Janeiro. Dentre as temáticas, destacamos a luta política marcada pela fragmentação[229] entre a tutela federal, a bancada estadual e a administração municipal da capital republicana, que se juntou ao processo de modernização, ao acirramento dos contrastes e dos confrontos sociais no espaço urbano-industrial, aos efeitos da primeira guerra mundial, à demonização dos imigrantes pobres, ao silenciamento sobre os negros recém-desescravizados, aos movimentos de emancipação das mulheres, às lutas dos trabalhadores.

Sobre os determinantes das permanências e das transformações nos modos de vida e no cotidiano da virada do século, o historiador André N. Azevedo desenhou um quadro no

[228] Mario Pederneiras. "A mulher e a rua". In: *Revista Kosmos*, nov 1907, N. 11. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.
[229] Angela M. S. Penalva Santos e Marly Silva da Motta. "O 'bota-abaixo' revisitado: o Executivo Municipal e as reformas urbanas no Rio de Janeiro (1903-2003)". In: *Revista Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UERJ/LPP/Fórum-Rio, n. 10, maio-agosto 2003, pp. 11-34 (15).

qual a nova ordem política, nascida com a instauração do regime republicano no final do século XIX, "não surgia com o fim de manter ou incentivar um ideal de civilização, mas antes com a finalidade de perpetuar e ampliar o poder político e econômico das oligarquias regionais brasileiras", sobretudo as mineiras e as paulistas. Nesse quadro político, Azevedo assinalou as intensas mudanças econômicas no Rio da Janeiro, "a principal praça financeira do Brasil e o principal centro comercial e industrial da nação", destacando ainda que "entre 1872 e 1890, a capital dobrou a sua população" e, igualmente, diversificou-se quanto à origem e às ocupações desses novos habitantes. Devido às "fortes correntes migratória e imigratória", a cidade registrava, na virada do novecentos, "28,7 % de sua população vinda do exterior e 26% provenientes de outras regiões do Brasil, o que totalizava um montante de aproximadamente 45% da população nascida fora da cidade[230], ainda de acordo com A. Azevedo.

Diante da demanda crescente e não atendida pelo poder público por serviços básicos de infra-estrutura, como saneamento, transporte e moradia, a cidade colonial e imperial de ruas estreitas e sinuosas mostrava-se, portanto, cada vez mais acanhada e menos adequada para servir de modelo para a implantação da nova ordem republicana, que havia chegado para ficar e se estabelecer.

A historiadora Lená M. Menezes traçou um painel "das várias dimensões da mudança por que passou a capital", com o intuito de substituir por outras aquelas representações "das grandes mortandades ocasionadas pelas epidemias" e dos desfiles de cheiros, gestos, gostos, sons e cores misturados que a presença dos costumes populares pelas

[230] André Nunes de Azevedo. *Da monarquia à república: um estudo dos conceitos de civilização e progresso na cidade do Rio de Janeiro entre 1868 e 1906*. Rio de Janeiro, RJ, 2003. Tese de Doutorado. Departamento de História, PUC-RJ, p. 131.

ruas da cidade evidenciava, desafiando a nova ordem dos que "clamavam pela civilização". Através da "importação de produtos e homens, usos e costumes, fazeres e lazeres, crimes e contravenções, valores e visões de mundo", buscava-se "romper com a tradição urbana colonial, caracterizada pela indiferenciação espacial e pela promiscuidade social nas ruas", refletiu Menezes. O principal desafio para "a jovem república" era "a transformação da capital numa espécie de cidade-modelo, destinada a atrair o capital estrangeiro e garantir às elites um viver civilizado[231], acrescentou Lená M. Menezes.

Coube principalmente aos engenheiros a responsabilidade de redesenhar o espaço central da cidade, dotando-o de largas avenidas e amplas lojas, além de teatros, museus, bibliotecas e demais equipamentos públicos indispensáveis à implementação do projeto de modernização da cidade-capital, em defesa do qual a epígrafe que escolhemos para abrir esse Capítulo, de Raul Pederneiras, torna-se um exemplo. As "ruas largas" simbolizavam "um novo viver" e adquiriam funções especializadas, como a de serem passarelas da moda e da exposição da beleza feminina, além de espaços mais abertos e destinados à circulação para a manutenção da ordem.

Observamos que o cenário correspondente às décadas iniciais do novo regime redundou na principal fonte para os temas sobre os quais Lima Barreto refletiu e escreveu, buscando defender uma cultura política "volta(da) para a diferença"[232], que fosse "basicamente sensível às desigualdades na apropriação de materiais ou práticas comuns"[233], e que estivesse referenciada em um espaço urbano mais amplo no qual a sub-urbe estava incluída:

---

[231] Lená Medeiros de Menezes, op. cit, pp. 30-32.
[232] Roger Chartier. "Textos, impressão e leituras". In: Lynn Hunt (org). *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 216.
[233] Ibidem.

> Houve grande contentamento nos arraiais dos estetas urbanos por tal fato. Vai-se o monstrengo, diziam eles; e ali, naquele canto, tão cheio de bonitos prédios, vão erguer um grande edifício, moderno, para hotel, com dez andares.(...)
>
> É que eles estavam convencidos da sua fealdade, da necessidade do seu desaparecimento, para que o Rio se aproximasse mais de Buenos Aires.
>
> A capital da Argentina não nos deixa dormir. Há conventos de fachada lisa e monótona nas suas avenidas? Não. Então esse casarão deve ir abaixo.
>
> O Passos quis; o Frontin também; mas, a desapropriação custaria muito e recuaram.(...)
>
> Não é que eu tenha grande admiração pelo velho casarão; mas, é que também não tenho grande admiração nem pelo estilo, nem pela gente, nem pelos preceitos americanos dos Estados Unidos (...)
> Esse furor demolidor vem dos forasteiros, dos adventícios, que querem um Rio-Paris barato ou mesmo Buenos Aires de tostão.[234]

Consideramos a crônica "O Convento" uma das mais importantes para nosso trabalho de pesquisa, por reunir um conjunto expressivo de elementos fundamentais da historicidade, da linguagem e da reflexão intelectual de Lima Barreto. Com a mesma ironia aguda característica de seu estilo, o cronista contrapôs à expressão "*Belle Époque* Tropical", consagrada para representar o modelo vencedor de modernidade importada, duas outras, "Rio-Paris barato" e "Buenos Aires de tostão". Como efeito de sentido de maior interesse para nossa análise, podemos destacar a inversão de perspectiva, que transformou o que antes era positivo em "*Belle Époque* Tropical", em expressões com conotação negativa pelo uso de "barato" e "de tostão" para qualificar a nossa modernidade republicana de inspiração "adventícia" e "forasteira". Na citação, "o Passos" e "o Frontin" são, respectivamente, Francisco Pereira Passos (1903-1906) e André Gustavo Paulo de Fontin (1919), ambos prefeitos do Distrito Federal. Destacamos ainda o humor barretiano como um outro efeito de

[234] Lima Barreto. "O Convento", op. cit., pp. 83-86.

sentido obtido a partir da linguagem rica em termos, expressões e construções surpreendentes, tais como "monstrendo", para indicar a visão dos "estetas urbanos" a respeito do "convento", "furor demolidor", para caracterizar a "era das demolições", sem falar na interrogação retórica "Há conventos de fachada lisa e monótona nas suas [de Buenos Aires] avenidas?", que funciona como uma "provocação cortante" para a argumentação de Barreto contrária à demolição do Convento da Ajuda e de outros monumentos da cidade.

Sob o título de "Porque Lima Barreto"[235], o historiador Afonso Carlos Marques dos Santos, no texto de introdução à exposição "O Rio de Janeiro de Lima Barreto", comemorativa do centenário do escritor, destacou o significado dos escritos de Lima Barreto como fonte documental para o conhecimento da cidade do Rio de Janeiro, ressaltando ainda o fato de que o texto de Barreto estava impregnado do vivido.

Em seus escritos, o próprio Lima Barreto defendeu o investimento em revelar "o sentimento da cidade, de suas várias partes e de seus vários aspectos, em diversas horas do dia e da noite"[236]. E ele prosseguiu: "Quase sempre, nós esquecemos muito dos aspectos urbanos, do 'ar', das praças, das ruas, lojas etc., das cidades que descrevemos em nossos livros..."[237]. Podemos dizer que a cidade do Rio de Janeiro era o grande tema das crônicas de Lima Barreto, ressaltando que o olhar do cronista focalizava com mais atenção as gentes que davam o "ar" de sua graça ou de sua desgraça, circulando e ocupando as praças, as ruas, as lojas, os bondes, os trens...

---

[235] Afonso Carlos Marques dos Santos. "Porque Lima Barreto". In: *Exposição O Rio de Janeiro de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/Departamento Geral de Cultura/Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro, 1983, pp. 5-10. (Catálogo)
[236] Lima Barreto. "História de um Mulato". *O País*, Rio, 17/4/1922. In: *Impressões de Leitura*., op. cit., p. 95.
[237] Ibidem. Esses dois fragmentos (notas 14 e 15) integram a crítica que Lima Barreto fez da obra *História de um Mulato*, de Enéias Ferraz.

O levantamento das principais tensões manifestas na trajetória e, inseparavelmente, no discurso de Afonso Henriques de Lima Barreto, resultou na apreensão de um quadro de oposições, que serviram de base para o estabelecimento de duas representações – a "Vila Quilombo" e a "Avenida Central" – criadas por nós[238] para retratar não apenas o espaço visual da cidade mas, sobretudo, as aproximações e as diferenças sociais que se justapunham no espaço físico da cidade-capital brasileira. Dialeticamente, a "Vila Quilombo" e a "Avenida Central" só podem ser compreendidas se postas em relação. Desse modo, na análise da experiência urbana de Lima Barreto, buscamos descobrir ora as fronteiras, ora as pontes entre e através da "Vila Quilombo" e da "Avenida Central", para aí situarmos nosso objeto de pesquisa – as imagens barretianas das relações sociais de sexo no Rio de Janeiro da Primeira República.

A denominação "Vila Quilombo" é própria de Lima Barreto, e apareceu na crônica "Bailes e Divertimentos Suburbanos"[239], publicada originalmente na "Gazeta de Notícias", em 7 de fevereiro de 1922:

> Há dias, na minha vizinhança, quase em frente à minha casa, houve um baile. Como tinha passado um mês enfurnado na minha modesta residência, que para enfezar Copacabana denominei "Vila Quilombo", pude perceber todos os preparativos da festa doméstica: a matança de leitões, as entradas das caixas de doces, a ida dos assados para a padaria, etc.[240]

Situada no subúrbio carioca de Todos os Santos, a "modesta residência" foi nomeada "Vila Quilombo" e, desse modo, Lima Barreto rememorou, no espaço-tempo da república pós-abolição, o grito de liberdade de uma prática de resistência contra o sistema da escravidão

---

[238] Celi Silva Gomes de Freitas, op. cit., p. 67 e seguintes.
[239] "Vila Quilombo" é um exemplo de imagem criada por Lima Barreto. A criação de imagens fortes e contundentes é uma marca do seu discurso.
[240] Lima Barreto. "Bailes e Divertimentos Suburbanos". *Gazeta de Notícias*, Rio, 7-2-1922. In: *Marginália*, op. cit., pp. 61-68.

colonial e imperial no Brasil. Ao mesmo tempo em que funcionava discursivamente como "memória", a "Vila Quilombo" expressava o "presente"[241] de Lima Barreto, no qual se distinguia o subúrbio como um dos espaços destinados pela ordem republicana a afastar os "indesejáveis"[242] do palco da modernidade.

O verbo "enfezar", que guarda com o substantivo "fezes" uma aproximação etimológica, colocava-se no campo das relações de dominação simbólicas, próprias do processo de estratificação dos espaços da cidade, especialmente durante as primeiras décadas do século XX. "Enfadar", "irritar" e "amolar", na primeira acepção, ou então "entrar em decadência", "definhar" e "decair"[243], na segunda acepção do verbete do dicionário, as duas idéias possibilitam a construção do significado irônico cuja "vítima" é Copacabana, em um movimento discursivo de devolver aos "poderosos" o descaso com o subúrbio considerado "indesejável".

Com a República e para fins administrativos, o Distrito Federal foi dividido, inicialmente, em vinte circunscrições, cuja origem eram as antigas freguesias do Império, com diversas modificações, pela Lei de número 76 de 16 de agosto de 1892, executada pelo Decreto 1034 de 1º de setembro do mesmo ano. O território continental carioca passou a ter vinte e cinco distritos, pelo Decreto municipal número 434 de 16 de março de 1903[244]; e o

---

[241] Na "Correspondência Ativa" de Lima Barreto, encontramos em algumas cartas a seguinte inicial: "Vila Quilombo, Todos os Santos..."

[242] Lená Medeiros de Menezes. *Os indesejáveis: desclassificados da modernidade. Protesto, crime e expulsão na Capital Federal (1890-1930)*, op. cit. O título da obra já expressa o significado do termo. Ver p. 89 e seguintes.

[243] Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

[244] Por esse mesmo decreto, as ilhas do Governador e de Paquetá foram reunidas, "sendo-lhes incorporadas outras ilhas menores que lhes ficam perto", na baía de Guanabara, passando a constituir a circunscrição "das Ilhas". Ver: Paulo Berger. *As Freguesias do Rio Antigo – Vistas por Noronha Santos*, (biobibliografia por Paulo Berger). Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1965, p.72.

Decreto número 864 de 29 de abril de 1912[245] ratificou esse aumento do número de distritos, embora alterando seus limites. Tal ampliação fazia face ao crescimento do número de habitantes e à expansão da malha urbana, sobre o qual assinalamos, para exemplificar, que o contingente populacional empregado na atividade comercial cresceu[246], ascendendo de 48.048 habitantes em 1890, para 62.062 em 1906. No mesmo sentido, o número de profissionais liberais quase triplicou nestes dezesseis anos e o de funcionários públicos dobrou, ao passo que a população da cidade cresceu em 46,8%.

Com base nos Censos de 1906 e 1922, apresentamos o "Quadro: Rio de Janeiro – População por Distritos"[247], no qual podemos observar o crescimento e os deslocamentos populacionais nas primeiras décadas do século passado na capital da República:

Rio de Janeiro – População por Distritos					
No.	Distrito	Região	População em 1906	População em 1920	Crescimento Percentual
1	Candelária	Centro	4.454	3.962	-11%
2	Santa Rita	Centro	45.929	38.164	-17%
3	Sacramento	Centro	24.612	27.370	11%
4	São José	Centro	42.980	27.714	-36%
5	Santo Antônio	Periferia do Centro	38.996	49.325	26%
6	Santa Teresa	Zona Sul	7.971	8.326	4%
7	Glória	Zona Sul	57.477	68.330	19%
8	Lagoa	Zona Sul	47.992	57.558	20%
9	Gávea	Zona Sul	12.570	15.270	21%
10	Copacabana	Zona Sul	-	22.761	-
11	Santana	Periferia do Centro	37.266	40.632	9%
12	Gamboa	Periferia do Centro	42.049	50.699	21%
13	Espírito Santo	Zona Norte	57.682	77.798	35%

[245] Ibidem, p. 8.
[246] André Nunes de Azevedo, op. cit., pp 131-150.
[247] "Fonte: Censos de 1906 e 1920". *Apud*: Carlos Kessel. *A Vitrine e o Espelho: o Rio de Janeiro de Carlos Sampaio*. Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas, p. 123.

14	São Cristóvão	Zona Norte	45.098	59.332	32%
15	Engenho Velho	Zona Norte	37.695	48.948	30%
16	Andaraí	Zona Norte	48.556	84.171	73%
17	Tijuca	Zona Norte	7.708	11.484	49%
18	Engenho Novo	Subúrbios	28.433	41.727	47%
19	Méier	Subúrbios	34.476	57.252	66%
20	Inhaúma	Subúrbios	67.478	131.886	95%
21	Irajá	Subúrbios	27.706	99.586	263%
22	Jacarepaguá	Zona Rural	14.980	19.751	32%
23	Campo Grande	Zona Rural	31.248	52.405	68%
24	Guaratiba	Zona Rural	17.928	23.609	32%
25	Santa Cruz	Zona Rural	15.380	16.506	7%
26	Ilhas	Ilhas	8.982	13.033	45%
Totais			805.335	1.147.599	42%

O distrito de Copacabana foi criado somente em 1915, pelo Decreto número 1698, de 5 de agosto, que o desmembrou do distrito da Lagoa: "Faz parte da freguesia [da Lagoa] o pitoresco arrabalde de Copacabana, servido pelas linhas de bondes de Copacabana e da Igrejinha" – anotou Noronha Santos em seus "Apontamentos"publicados em 1901[248]. Embora ainda fosse um arrabalde da freguesia da Lagoa no início do século XX, Copacabana era considerada uma "área nobre" e, por essa razão, seu saneamento mereceu investimentos expressivos e atenção especial na administração Serzedelo Correa (1909-1910)[249].

Entre os dois processos censitários de 1906 e 1920, constatamos, através da leitura do Quadro, o esvaziamento das regiões centrais de Candelária, Santa Rita e São José, ou seja, do Centro Velho do Rio de Janeiro, localizado ente os Morros do Castelo e São Bento, e que contornava as águas da Baía de Guanabara.

[248] Ibidem, pp. 8 e 90.
[249] Maurício de Almeida Abreu. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro: IPLANRIO; J. Zahar, 1988, p. 73.

Tratamos esse Mapa[250] como uma representação do encontro entre a paisagem natural e a construída na ocupação do espaço da cidade do Rio de Janeiro. A interligação entre os traçados retilíneos da "Avenida Central" (número 3) e do "Novo cais comercial" (número 1) simboliza a "onda modernizadora" que "varre" a cidade-capital nas primeiras décadas do século XX.

O "bota-abaixo" e o processo de "regeneração" operado na cidade, com destaque para a construção da Avenida Central, empurrou as classes populares, de início, para os

[250] *Do cosmógrafo ao Satélite. Mapas da cidade do Rio de Janeiro*. Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 2000.

morros da periferia do Centro, situados na freguesia de Santana, e para os subúrbios (que não aparecem nesse primeiro Mapa), aumentando consideravelmente a densidade da população nessas regiões. Destacamos, portanto, os Morros do Castelo, de Santo Antônio e de São Bento como limites da Cidade Velha e, na direção norte e suburbana, os Morros da Providência e do Pinto, como *locus* de concentração popular na cidade em expansão.

A meio caminho entre "as Freguesias Suburbanas do Engenho Novo, do Méier e de Inhaúma"[251], o bairro de Todos os Santos[252], de moradia de Lima Barreto, apesar de mais antigo do que Copacabana, não fez jus aos melhoramentos que o centro e o lado sul da cidade usufruíram. Lima Barreto registrou a continuidade dessa mesma postura de descaso do governo municipal, atribuída ao prefeito Pereira Passos e a seus sucessores, esses representados pelas administrações de Paulo de Frontin (1919) e de Carlos Sampaio (1920 a 1922):

> O senhor doutor Carlos Sampaio é um excelente prefeito, melhor do que ele só o Senhor de Frontin. Eu sou habitante da cidade do Rio de Janeiro, e, até, nela nasci; mas, apesar disso não sinto quase a ação administrativa de Sua Excelência. (...)
>
> Vê-se bem que a principal preocupação do atual governador do Rio de Janeiro é dividi-lo em duas cidades: uma será a européia e a outra, a indígena.
>
> É isto que se faz ou se fez na Índia, na China, em Java, etc.; e em geral, nos países conquistados e habitados por gente mais ou menos amarela ou negra. (...)
>
> Todo o dia, pela manhã, quando vou dar o meu passeio filosófico e higiênico, pelos arredores da minha casa **suburbana**, tropeço nos caldeirões da rua principal da localidade de minha residência, rua essa que foi calçada há bem cinqüenta anos, a pedregulhos respeitáveis.

[251] Fonte: "Recenseamento de 1920". *Apud*: Maurício de Almeida Abreu, op. cit., p. 85.
[252] Noronha Santos caracterizou Todos os Santos como "um dos centros populosos da freguesia de Inhaúma", atravessado pela Estrada de Ferro Central do Brasil. Ver: Paulo Berger, op. cit., p. 95.

> Lembro-me dos silhares dos caminhos romanos e do asfalto com que a prefeitura Municipal está cobrindo os areais desertos de Copacabana.[253]

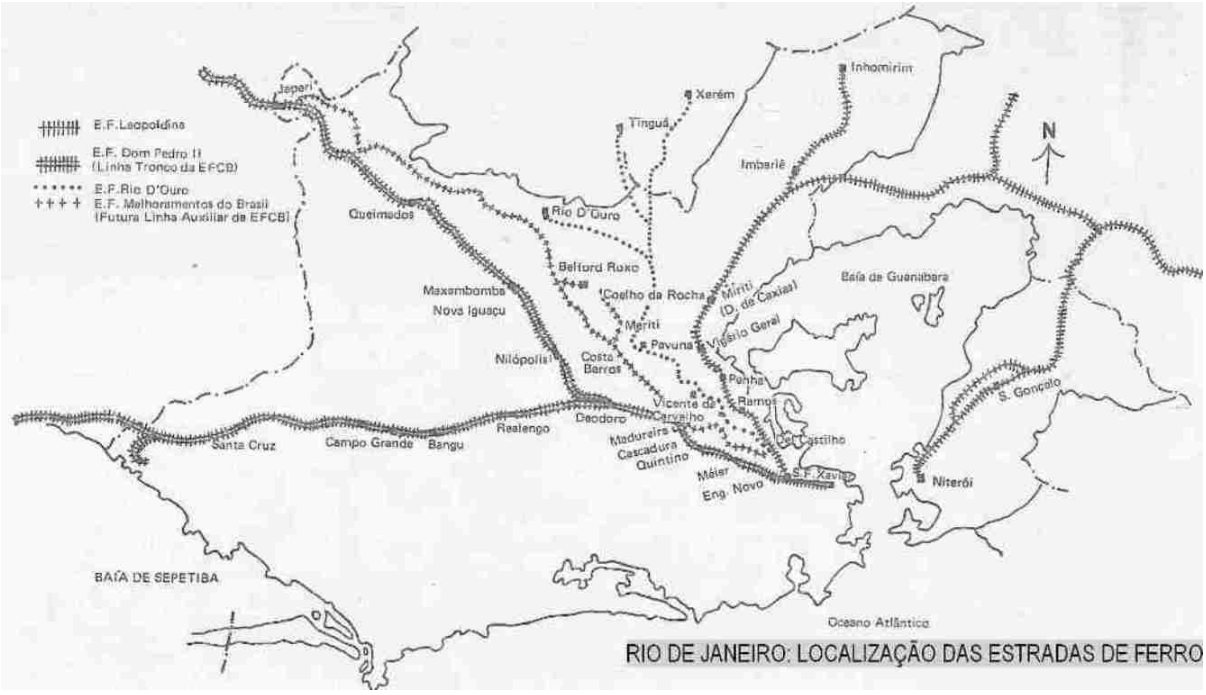
Em "O Prefeito e o Povo", Lima Barreto estabeleceu desde o título uma distinção entre, de um lado, o governo municipal e as ações governamentais, e de outro lado, o povo carioca e suas necessidades. A imagem de uma "cidade partida"[254] foi dada pela oposição entre a "européia" Copacabana, bem atendida pela prefeitura municipal, e a "indígena" Todos os Santos, abandonada pelo poder público. Na passagem, o desinteresse para com os moradores da região suburbana do Rio de Janeiro foi comparado ao que sofreu a "gente mais ou menos amarela e negra" dos "países conquistados", em uma referência à exploração dos povos americanos e africanos pelos colonizadores europeus.

As "mordidas" irônicas foram percebidas pela confluência de duas formações discursivas justapostas. Abrindo a crônica, a primeira delas anunciou o que seria um elogio aos prefeitos Carlos Sampaio e Paulo de Frontin, este ainda "melhor do que" aquele. No mesmo parágrafo, o discurso tomou outro rumo e a "ação administrativa de Sua Excelência" [o prefeito Carlos Sampaio] passou a ser duramente criticada por alguém que não só habitava a cidade como também "até" nela nascera. Em outros artigos e crônicas, observamos que Lima Barreto protestou insistentemente contra a escolha de representantes ou de autoridades para a administração da municipalidade[255] que não eram "cariocas da gema" como ele e que, por isso, conheciam o Rio de Janeiro muito superficialmente.

---

[253] Lima Barreto. "O Prefeito e o Povo", *Careta*, Rio, 15-1-1921. In: *Marginália*, op. cit., p. 117. Grifo nosso.
[254] Expressão tomada a Zuenir Ventura, em: *A cidade partida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
[255] Lima Barreto era um incansável crítico dessa "fragmentação do *campo político* carioca". A Lei Orgânica de 20/9/1892 estabeleceu que o prefeito e o chefe de polícia do Distrito Federal eram indicados pelo presidente da República, enquanto ao senado caberia referendar a nomeação e os vetos do prefeito. Tal desenho institucional evidenciava a intenção clara dos republicanos liberais de controlar politicamente a capital, *locus* da administração pública federal. Ver: Angela M. S. Penalva Santos e Marly Silva da Motta. "O 'bota-abaixo' revisitado: o Executivo Municipal e as reformas urbanas no Rio de Janeiro (1903-2003)", op. cit., pp. 14-15.

Ao dizer que, em seus passeios matinais, tropeçava “nos caldeirões da rua principal da localidade de minha [sua] residência”, Lima Barreto referia-se à rua José Bonifácio, que ligava e ainda liga a antiga estrada Real de Santa Cruz, posteriormente avenida Suburbana e atual avenida dom Helder Câmara, à rua Arquias Cordeiro, que margeia a linha férrea da Central do Brasil. Em outras crônicas, a referência ao péssimo estado de conservação do calçamento daquela artéria, na época considerada a principal do bairro de Todos os Santos, resultou em escritos com toques de “humor macabro”, como os excelentes “Os Enterros de Inhaúma”[256] e “Queixa de Defunto”[257].



Para uma representação do crescimento urbano da capital da República, apresentamos um Mapa de “Localização das Estradas de Ferro”[258]. Destacamos a relação

[256] Lima Barreto. “Os Enterros de Inhaúma”, *Careta*, Rio, 26-8-1922. In: *Feiras e Mafuás*, op. cit., pp. 287-292.
[257] Idem. “Queixa de Defunto”, *Careta*, Rio, 20-3-1920. In: *Vida Urbana*, op. cit., pp. 221-223. Nessa e na crônica anterior, Lima Barreto descreveu situações que envolviam a intensa trepidação dos carros fúnebres ao passarem pela rua José Bonifácio, que a Prefeitura Municipal não calçava convenientemente, provocando até o ressuscitamento de defuntos com o susto.
[258] Maurício de Almeida Abreu, op. cit., p. 52. A sigla **“**EFCB” significa “Estrada de Ferro Central do Brasil”.

entre o traçado das estradas de ferro e a expansão territorial da cidade na direção dos subúrbios, com os logradouros situados no entorno das linhas férreas transformando-se em bairros populosos, como Méier e Bangu, ou mesmo em futuros municípios da Região Metropolitana do Rio de Janeiro[259], como Nilópolis e Belford Roxo.

Nos "Apontamentos para o Indicador do Distrito Federal", de 1901[260], o historiador e principal correspondente de Barreto[261], Noronha Santos, listou oito estações de parada da Estrada de Ferro Central do Brasil localizadas no território da freguesia do Engenho Novo. Dentre essas estações, inauguradas no período compreendido entre março de 1858 e agosto de 1889, havia a de Todos os Santos, cuja data de inauguração é objeto de controvérsias: em 24 ou 27 de dezembro[262] de 1868, ou ainda em 24 de janeiro de 1868[263]. Tanto quanto a estação do "Meyer", esta inaugurada em 13 de maio de 1889, Todos os Santos situava-se em terras das fazendas anteriormente pertencentes à família de Joaquim Meyer.

Definimos, portanto, a "Vila Quilombo" como uma representação do espaço-tempo dos subúrbios e, desde o título da crônica "Bailes e Divertimentos Suburbanos", podemos apreciar essa construção de um espaço e de um tempo suburbanos pelo uso intensivo do vocábulo "subúrbio" e de seu adjetivo derivado "suburbano":

> (...) O baile, não sei se é, era ou foi, uma instituição nacional, mas tenho certeza de que era profundamente carioca, especialmente **suburbano**.

---

[259] A Região Metropolitana do Rio de Janeiro, também conhecida como Grande Rio, foi instituída pela Lei Complementar n. 20, de 1º de julho de 1974, após a fusão dos estados do Rio de Janeiro e da Guanabara, sendo este último, por sua vez, resultado da transferência da Capital Federal para Brasília, em 1960. Ver: http://pt.wikipedia.org/Região_Metropolitana_do_Rio_de_Janeiro

[260] Paulo Berger, op. cit., p. 33.

[261] Lima Barreto. "Antônio Noronha Santos – 1904-1920", op. cit., p. 59.

[262] Paulo Berger, op. cit. O texto apresenta as duas datas, às páginas 75 e 33, respectivamente. A estação de Todos os Santos vinha imediatamente em seguida a do Méier.

[263] *Almanaque Suburbano* (516), 1941, p. 24.

> (...) Quando fui morar naquelas paragens não havia noite em que voltando tarde para casa, não topasse no caminho com um baile, com um choro, como se dizia na gíria do tempo. (...)
>
> Sem receio de errar, (...) pode-se dizer que o baile familiar e burguês, democrático e efusivo, está fora de moda, nos **subúrbios**. A carestia da vida, a exigüidade das casas atuais e a imitação da alta burguesia desfiguraram-no muito e tendem a extingui-lo.[264]

Lima Barreto percebeu as mudanças que se operaram na "Vila Quilombo" entre 1903, ano em que passou a residir em Todos os Santos, e 1922, ano de publicação da crônica e, também, de sua morte. Em artigo datado de 1904 sobre a ocupação dos subúrbios do Rio de Janeiro, Aureliano Portugal pensou o espaço do subúrbio integrado ao espaço urbano:

> A continuidade da cidade propriamente dita é tal que, em grande parte, se torna impossível estabelecer limites entre as paróquias urbanas e as chamadas suburbanas. (...) Estes subúrbios não têm existência própria, independente do Centro da cidade, pelo contrário a sua vida é comum, as suas relações íntimas e freqüentes; é a mesma população que moureja, no centro comercial da cidade, com a que reside neste, sendo naturalmente impossível separá-las.[265]

Embora a inauguração do trecho inicial da pioneira Estrada de Ferro D. Pedro II, bem como das estações de Cascadura e Engenho Novo, datasse de 1858, Aureliano Portugal definiu o espaço suburbano como simples dormitório na primeira década do século XX, explicitando, desse modo, o "atravessamento pendular da cidade"[266], um movimento incessante que marcava a experiência urbana daqueles habitantes que precisavam "ir ao centro" para

---

[264]Lima Barreto. "Bailes e Divertimentos Suburbanos". In: *Marginália*, op. cit., pp. 62-66. Grifos nossos.

[265] Aureliano Portugal. *Jornal do Commercio*, 20-6-1904. *Apud* (para o texto e autor da citação): Maurício de Almeida Abreu. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*, op. cit., p. 53. *Apud* (para a indicação da fonte original, parte do texto e autor da citação): Robert M. Pechman. *A gênese do mercado urbano de terras, a produção de moradias e a formação dos subúrbios no Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado. UFRJ. Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, pp.52-53.

[266] Giulio Carlo Argan. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, pp. 230-231. No capítulo "O espaço visual da cidade", Argan reflete sobre a "experiência da cidade" que têm aqueles habitantes que são relegados "aos subúrbios periféricos, justamente os que, além de constituir a parte numericamente maior da população, são os protagonistas mais diretos da chamada 'função urbana", isto é, outorgam a "razão de ser" de uma determinada construção.

trabalhar e voltar para os bairros populares situados na periferia como "lugar onde se mora". De fato, no Recenseamento de 1890[267], as "Freguesias do Rio de Janeiro" se subdividiam em "Freguesias Urbanas" e "Freguesias Rurais", não se fazendo qualquer menção a "subúrbios". Somente no Recenseamento de 1920[268] a divisão entre "Freguesias Urbanas" e "Freguesias Suburbanas" apareceu em tabela, ressalvando-se que o Méier e o Engenho Novo faziam parte do segundo grupo, juntamente com São Cristóvão, Inhaúma e Irajá.

Na crônica "Bailes e Divertimentos Suburbanos", o espaço-tempo da "Vila Quilombo" revelou-se através de imagens do empobrecimento da "gente pobre" e da "gente média"[269], e da perda da inocência pela invasão das "suntuosidades republicanas" aliadas ao "arsenal da hipocrisia americana", enquanto o sububúrbio vivia o processo de "civilizar-se":

> (...) O subúrbio civiliza-se, diria o saudoso Figueiredo Pimentel, que era também suburbano; mas de que forma, santo Deus?
>
> (...) O subúrbio não se diverte mais. A vida é cara e as apreensões muitas, não permitindo prazeres simples e suaves, doces diversões familiares, equilibradas e plácidas. Precisa-se de ruído, de zabumba, de cansaço, para esquecer, para espancar as trevas que em torno da nossa vida, mais densas se fazem, dia para dia, acompanhando *pari passu* as suntuosidades republicanas.
>
> Ele não mais se diverte inocentemente; o subúrbio se atordoa e se embriaga não só com o álcool, com a lascívia das danças novas que o esnobismo foi buscar no arsenal da hipocrisia americana. Para as dificuldades materiais de sua precária existência, criou esse seu paraíso artificial, em cujas delícias transitórias mergulha, inebria-se minutos, para esperar, durante horas, dias e meses, um aumentozinho de vencimentos...[270]

---

[267] "Recenseamento de 1890 – População residente e taxa de crescimento demográfico das Freguesias do Rio de Janeiro" (tabela) In: Maurício de Almeida Abreu. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*, op. cit., p. 67.
[268] "Recenseamento de 1920 – Distribuição Ocupacional da População Economicamente Ativa do Rio de Janeiro, segundo as Freguesias. Ibidem, p. 85.
[269] Ibidem.
[270] Ibidem, pp. 67-68.

No campo discursivo do "aqui", Lima Barreto colocou os "prazeres simples e suaves" e as "doces diversões familiares" de um subúrbio idealizado dos "tempos idos", quando os "bailes suburbanos (...) "tinham um grande cunho de honestidade e respeito"[271]. Ao "aqui" da "Vila Quilombo", Barreto contrapôs um "lá" da "Avenida Central", localizando no campo discursivo do "lá" as "suntuosidades republicanas" e o "arsenal da hipocrisia americana" que, juntos, transformaram o subúrbio no "paraíso artificial" do "esnobismo", da "lascívia das danças novas" e das "delícias transitórias**".** Desse modo, podemos concluir que Lima Barreto enxergava a área suburbana como uma parte da cidade em expansão, embora, em diversas passagens, observasse e relatasse situações nas quais as distinções entre o subúrbio republicano e a *belle époque* tropical se reproduziam nos cenários, nos gestos e nas atitudes da população:

> Embarco em Cascadura. É de manhã. O bonde se enche de moças de todas as cores com os vestuários de todas as cores. Vou ocupar o banco da frente, junto ao motorneiro. Quem é ele? É o mais popular da linha. É o "titio Arrelia" – um crioulo forte, espadaúdo, feio, mas simpático. Ele vai manobrando as manivelas e deitando pilhérias, para um lado e para o outro.[272]

A "Vila Quilombo" é o ponto de partida da crônica "De Cascadura ao Garnier", cujo título antecipa o relato de experiência de um "atravessamento pendular da cidade"[273], com partida do distante subúrbio de Cascadura e chegada "ao Garnier", provavelmente à livraria Garnier, localizada no comércio *chic* da famosa rua do Ouvidor[274]. Observamos que, ao nomear o agente de cuja caminhada a narrativa se ocuparia, Lima Barreto realizou um percurso

---

[271] Ibidem, pp. 62-65.
[272] Lima Barreto. "De Cascadura ao Garnier". *Careta*, Rio, 29-7-1922. In: *Marginália*, op. cit., p. 83.
[273] G. C. Argan. "O espaço visual da cidade", op. cit., p. 230.
[274] A livraria Garnier ficava localizada à rua do Ouvidor, 71. Ver: *Almanak Laemmert*. 46ª edição, 1889, p. 816. http://brazil.crl.edu/bsb/bsb/almanak

discursivo no qual buscou dar destaque a uma trajetória determinada de um determinado ator do político. Desse modo, a identificação profissional “motorneiro” apareceu na crônica em apenas uma ocasião, na abertura da mesma; em seguida, o apelido próprio “titio Arrelia” (e seu substituto anafórico “ele”) assumiu integralmente o espaço de nomeação do condutor do bonde até o final do relato.

A referência às cores variadas do vestuário feminino e às trocas lingüísticas sem solenidade marcou uma distinção de costumes em relação às elites. No entanto, a modernidade não estava de todo ausente naquele contexto marcadamente suburbano, uma vez que havia o bonde, havia as manivelas para manobrá-lo e havia um agente que não apenas movimentava aquele meio de transporte coletivo. Partindo da pergunta “Quem é ele?”, a apresentação do motorneiro seguiu um percurso que primeiro introduziu o argumento da popularidade máxima como justificativa para esse “escrito de circunstância” tão significativo; a seguir, Lima Barreto informou o nome do agente, “titio Arrelia”, um apelido que reforçou seu traço popular; por fim, Barreto acrescentou as características que compuseram, mais do que a aparência física do motorneiro, sua identidade: “crioulo forte, espadaúdo, feio, mas simpático”. A polifonia se manifestou no sentido do último vocábulo da enumeração, não sendo possível definirmos se o “simpático” se contrapunha apenas a “feio” ou ao conjunto “crioulo forte, espadaúdo, feio”.

No fragmento destacado, observamos que a questão da miscigenação foi colocada de modo discreto, através das formações discursivas “crioulo” e “moças de todas as cores”, esta última esvaziada de conteúdo ideológico pela proximidade com a formação “vestuários de todas as cores”. Talvez, naquele espaço de um transporte coletivo e popular, que atravessava a cidade, as relações étnico-raciais fossem percebidas como menos tensas.

Entre o subúrbio de Cascadura e a livraria Garnier, havia uma distância física que exigia um grande investimento de tempo para ser percorrida. No bonde, Lima Barreto buscou relacionar as distinções entre os espaços e os tempos da "Vila Quilombo" e da "Avenida Central", para completar uma imagem da cidade do Rio de Janeiro em toda a sua diversidade física, social e política:

> (...) Ele [o bonde Cascadura-Garnier] percorre uma parte da cidade que até agora era completamente desconhecida. Em grande trecho, prelustra a velha Estrada Real de Santa Cruz que até bem pouco vivia esquecida.
>
> Entretanto, essa trilha lamacenta que, preguiçosamente, a Prefeitura Municipal vai melhorando, viu carruagens de reis, de príncipes e imperadores. Veio a estrada de ferro e matou-a, como diz o povo. Assim aconteceu com Inhomirim, Estrela e outros "portos" do fundo da baía. A Light, porém, com o seu bonde de "Cascadura" descobriu-a de novo e hoje, por ela toda, há um sopro de renascimento, uma palpitação de vida urbana, embora os bacorinhos, a fossar a lama, e as cabras, a pastar pelas suas margens, ainda lhe dêem muito do seu primitivo ar rural de antanho.[275]

Na crônica, a "Vila Quilombo" abrigava três temporalidades distintas. Antes do trem, quando predominava um tempo "de antanho", um tempo do Império de "carruagens", um tempo esquecido, um tempo de "primitivo ar rural" que Lima Barreto evocou com certa nostalgia. Depois do trem, quando "a estrada de ferro" veio e "matou" não só os "portos' do fundo da baía" de Guanabara como aquele caminho da "Estrada Real de Santa Cruz" que, mais tarde e por muitos anos, seria denominado "Avenida Suburbana". Mas o advento do bonde, um meio de transporte moderno, trouxe, para a "Vila Quilombo", um "sopro de renascimento", e, lentamente, trouxe o novo, trouxe uma "palpitação de vida urbana".

[275] Lima Barreto. "De Cascadura ao Garnier", op. cit., pp. 83-84.

No uso do advérbio “preguiçosamente”, Lima Barreto criticou o modo pelo qual a Prefeitura Municipal realizava as melhorias naquela “trilha lamacenta” da Estrada Real, certamente porque não se tratava de reformar o entorno e construir a nova Avenida Central. A modernidade, portanto, entrava apenas como “um sopro” ou “uma palpitação” no espaço-tempo suburbano, representado pela “Vila Quilombo”:

> Mas...o bonde Cascadura corre; “titio Arrelia”, manejando o *controle*, vai deitando pilhérias, para a direita e para a esquerda; ele já não se contenta com o tímpano; assovia como os cocheiros dos tempos dos bondes de burro; e eu vejo delinear-se uma nova e irregular cidade, por aqueles capinzais que já foram canaviais; contemplo aquelas velhas casas de fazenda que se erguem no cimo das meias-laranjas; e penso no passado.
>
> No passado ! Mas... o passado é um veneno.[276]

Os costumes tradicionais, a decadência das fazendas coloniais de cana-de-açúcar, a “nova e irregular” paisagem de uma “sub-urbe” onde os “canaviais” foram substituídos pelos “capinzais”, tudo isso compunha a paisagem da “Vila Quilombo”, um espaço-tempo guardião de um passado que “é [era] um veneno”. Em lugar de nostalgia, aquele passado descrito na passagem citada trouxe melancolia e tristeza como efeitos de sentido, e o relato explicitou uma ruptura no instante em que o bonde alcançou a fronteira entre a “Vila Quilombo” e a “Avenida Central”:

> Fujo dele [do passado], de pensar nele e o bonde entra com toda a força na embocadura do Mangue. A usina de gás fica ali e olho aquelas chaminés, aqueles guindastes, aquele amontoado de carvão de pedra. Mais adiante, meus olhos topam com medas de manganês...[277]

[276] Ibidem.
[277] Ibidem, p. 84.

Na cidade do Rio de Janeiro do início do século passado, o Mangue representava a "fronteira" e, dialeticamente, a "ponte"[278] que estabelecia uma articulação entre as "grandes oposições sociais objetivadas no espaço físico"[279]. Na "Vila Quilombo", as marcas do passado colonial e rural. Na "Avenida Central", as evidências da modernidade urbana, da industrialização.

O velho canal do Mangue, uma obra do visconde de Mauá, foi inteiramente modernizado em conseqüência das obras monumentais do cais do porto do Rio de Janeiro, iniciadas durante o governo Rodrigues Alves. Inaugurado o porto em 16 de março de 1908, já no governo de Afonso Pena, outros logradouros surgiram nas áreas vizinhas, como a rua Francisco Bicalho, resultante de um prolongamento do canal do Mangue, em cuja extremidade próxima ao novo cais[280] foi montada em 1910 a "Societé Anonyme du Gaz"[281]. Ao deslocar-se, Lima Barreto flagrou a travessia do "titio Arrelia" que, ao sair de um espaço da "sub-urbe" afastada para ingressar na periferia da "urbe civilizada", mudou inteiramente de postura:

> E o bonde corre, mas "titio Arrelia" não diz mais pilhérias, nem assovia. Limita-se muito civilizadamente a tanger o tímpano regulamentar. Estamos em pleno Mangue, cujas palmeiras farfalham mansamente, sob um céu ingratamente nevoento. Estamos no Largo de São Francisco. Desço.[282]

A utilização do advérbio "mansamente", aplicado às palmeiras, poderia igualmente definir a atitude do "titio Arrelia" no espaço da ordem republicana. O paralelismo entre os advérbios "mansamente" e "civilizadamente" estabeleceu uma ligação entre o movimento das

---

[278] M. De Certeau, op. cit., p. 209. "[No relato,] a fronteira e a ponte parecem as figuras narrativas essenciais".
[279] P. Bourdieu, op. cit., p. 162.
[280] Ver o Mapa, à página 106. O traçado do novo canal do Mangue aparece perpendicularmente à extremidade superior do "Novo cais comercial" (1).
[281] Brasil Gerson, op. cit., pp. 176-177.
[282] Lima Barreto. "De Cascadura ao Garnier", op. cit., p. 84.

palmeiras e o gesto do motorneiro. Aos modestos "capinzais que já foram canaviais" da "Vila Quilombo", a "Avenida Central" contrapunha as esbeltas palmeiras farfalhantes.

O uso da forma verbal "desço" [no Largo de São Francisco], em primeira pessoa do singular, instaurou uma "articulação conjuntiva"[283] com "embarco" [em Cascadura] , a primeira palavra da crônica. No discurso, "desço" deslocou o foco do ato de caminhar do "outro", o "titio Arrelia", para o "eu", ou seja, para o narrador ou o sujeito da enunciação.

O fragmento a seguir finaliza a crônica "De Cascadura ao Garnier", estabelecendo mais uma vez um elo entre espaços distintos e aspectos da autobiografia de Lima Barreto:

> Penetro pela Rua do Ouvidor. Onde ficou a Estrada Real, com os seus bácoros, as suas cabras, os seus galos e os seus capinzais ? Não sei ou esqueci-me. Entro na Garnier e logo topo um poeta, que me recita:
>
> *"Minh' alma é triste como a rola aflita", etc.*
>
> Então de novo me lembro da Estrada Real, dos seus porcos, das suas cabras, dos seus galos, dos capinzais...[284]

Na crônica "De Cascadura ao Garnier", publicada quatro meses antes de sua morte, Lima Barreto conseguiu demonstrar que em sua trajetória entre a "Vila Quilombo" e a "Avenida Central", os deslocamentos nos espaços especializados pela ordem republicana marcaram agudamente sua própria caminhada e a caminhada de outros populares, como o "titio Arrelia". Na situação relatada, as distinções entre os espaços sociais reapresentaram uma "simbólica do poder"[285] que, naquela temporalidade, valorizava positivamente o espaço da modernidade da "Avenida Central".

---

[283] M. De Certeau, op. cit., p. 178.
[284] Lima Barreto. "De Cascadura ao Garnier", op. cit., p. 84
[285] P. Bourdieu, op. cit., p. 163.

No discurso, a autobiografia de uma subjetividade sob tensão estabeleceu uma ponte com a História Política da cidade do Rio de Janeiro e a da cidade de Paris, através do topônimo "Garnier", que tanto poderia ser a livraria no centro do Rio de Janeiro, quanto o teatro em Paris, este um símbolo da reforma do prefeito Eugène Haussmann na cidade-capital francesa, que serviu de inspiração para a reforma urbana do também prefeito Francisco Pereira Passos na cidade-capital brasileira. Na crônica, após ter viajado até o "lá" da "Avenida Central", ou mesmo ao "acolá" de Paris, no entanto, Lima Barreto retornou ao ponto de onde saiu, ao "aqui" da "Vila Quilombo", da "Estrada Real, dos seus porcos, das suas cabras, dos seus galos, dos seus capinzais...", enfim, de sua residência no suburbano logradouro de Todos os Santos. Em outra crônica, encontramos a reiterada caracterização da "Vila Quilombo" como espaço idealizado do paraíso carioca:

> Noticiaram os jornais que um delegado inspecionando, durante uma noite destas, algumas delegacias **suburbanas**, encontrou-as às moscas, comissários a dormir e soldados a sonhar. (...)
> Os jornais, com aquele seu louvável bom senso de sempre, aproveitaram a oportunidade para reforçar as suas reclamações contra a falta de policiamento nos **subúrbios**.[286]

Mais uma vez, podemos flagrar o método de trabalho de Lima Barreto, que consistia em partir da leitura das matérias jornalísticas sobre o cotidiano da cidade, as quais tornavam-se matéria-prima para suas reflexões e seus escritos. Barreto explicitou sua posição divergente mas autorizada acerca da região suburbana, através da estratégia discursiva da ironia, que também denunciou o desconhecimento dos jornais em relação a esse espaço da cidade. Na crônica, ele revelou seu espanto diante da desinformação com que as questões dos subúrbios eram habitualmente noticiadas:

[286] Lima Barreto. "A Polícia Suburbana". *Correio da Noite*, Rio, 28-12-1914. In: *Vida Urbana*, op. cit., p. 61.

> Leio sempre essas reclamações e pasmo. Moro nos **subúrbios** há muitos anos e tenho o hábito de ir para a casa alta noite.
>
> Uma vez ou outra encontro um vigilante noturno, um policial e muito poucas vezes é-me dado ler notícias de crimes nas ruas que atravesso.
>
> A impressão que tenho é de que a vida e a propriedade daquelas paragens estão entregues aos bons sentimentos dos outros e que os pequenos furtos de galinhas e coradouros não exigem um aparelho custoso de patrulhas e apitos.[287]

Na seqüência, o espaço suburbano foi descrito como um paraíso de paz e tranqüilidade, uma idéia que se contrapunha ao pensamento hegemônico, em uma época – a crônica data de 1914 – na qual todos viviam ou sofriam os efeitos da deflagração da Primeira Guerra Mundial na Europa. Diante do "caráter oligárquico e excludente da República e os vínculos existentes entre as elites intelectuais e políticas"[288], a imagem dos subúrbios que prevalecia era a de confirmá-lo como um dos espaços favoráveis à existência de "relações entre pobreza e criminalidade", as quais eram analisadas segundo determinantes étnicos e não econômicos baseados nas teorias lombrosianas. Distanciando-se desse posicionamento, o testemunho de Lima Barreto fundamentou-se em sua comprovada sabedoria de base empírica, que ele fez questão de reafirmar, ao se referir ao longo tempo de moradia "naquelas paragens" e ao "hábito" de transitar durante a madrugada pelas ruas dos subúrbios.

Para melhor justificar seu ponto de vista, Lima Barreto também confrontou os temas do policiamento e do crime, para concluir que os dados estatísticos de crimes ocorridos na região suburbana e publicados nos periódicos não indicavam a necessidade de maior investimento em "aparelho custoso de patrulhas e apitos". Os "pequenos furtos de galinhas"

---

[287] Ibidem, pp. 61-62.
[288] Lená Medeiros de Menezes, op. cit., p. 56.

e de roupas colocadas para corar ou clarear nos "coradouros" produziram uma imagem característica dos chamados delitos leves ou de pouca monta:

> Aquilo lá vai muito bem, todos se entendem livremente e o Estado não precisa intervir corretivamente para fazer respeitar a propriedade alheia.
>
> Penso mesmo que, se as coisas não se passassem assim, os vigilantes, obrigados a mostrar serviço, procurariam meios e modos de efetuar detenções e os noctívagos, como eu, ou os pobres-diabos, que lá procuram dormida, seriam incomodados com pouco proveito para a lei e para o Estado.
>
> Os policiais **suburbanos** têm toda a razão. Devem continuar a dormir.(...)[289]

Contrapondo-se ao posicionamento vencedor de que o subúrbio era um dos espaços especializados destinados aos "indesejáveis"[290], Lima Barreto sugeriu que o Estado não precisava se preocupar em aumentar o policiamento dos subúrbios, pois neles a propriedade privada não estava ameaçada e, sobretudo, lá não havia a prática dos crimes violentos[291]. Com ironia, referiu-se aos boêmios e aos pobres como os únicos que poderiam ser ameaçados de prisão, caso as autoridades quisessem "mostrar serviço"; e, ainda utilizando o dircurso irônico, sugeriu que os policiais não tinham o que fazer nos subúrbios, a não ser dormir.

Para continuar observando o crescimento da cidade do Rio de Janeiro em direção aos subúrbios, estabelecemos um elo entre a crônica "A Polícia Suburbana", que acabamos de analisar, e as duas seguintes que passaremos a estudar, "Legião da Mulher Brasileira" e "O 'Moambeiro".

---

[289] Ibidem, p. 62.
[290] Ibidem, pp. 127-129. O enfrentamento das leis e da ordem capitalista republicana, que consagrava o trabalho como valor social supremo e estava em processo de implantação na cidade-capital, era praticado por um número crescente de vadios, bêbados, ladrões de carteira, de jóias, mendigos.
[291] Elysio de Carvalho. *A luta technica contra o crime*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1914. (Biblioteca do Boletim Policial, XXXII), p. 6. *Apud*: Lená Medeiros de Menezes, ibidem, pp. 58-60.

Ao escrever que "Aquilo lá vai muito bem"[292], referindo-se ao espaço suburbano, Lima Barreto ocupou por um instante a posição própria dos jornalistas para dialogar "de igual para igual" com esses profissionais da imprensa e mostrar-se autorizado a debater o tema da vida nos subúrbios. Assim, o "aqui da Vila Quilombo" tornou-se um "Aquilo lá" apenas como objeto de menor conhecimento das notícias lidas por Barreto, e escritas por outros, e de maior conhecimento, expresso nas crônicas escritas por Lima Barreto:

> Na minha vizinhança, no pacato Todos os Santos, nas proximidades de Inhaúma, a longínqua, dias ou semanas antes do carnaval, alguns meus conhecidos e amigos de modesta condição, que me dão a honra de ouvir, nas vendas e botequins, as minhas prédicas sociais e políticas, fundaram um cordão, rancho ou bloco a que chamaram de "Rapaduras Gostosas".
>
> Eu não sei porque quiseram tal nome, mas nada objetei-lhes e calei toda a crítica irreverente ou tola à semelhante manifestação de arte popular. Diabo! Eu sou povo também; não descendo, como o presidente, de fidalgos flamengos, que ficaram no Brasil e abandonaram os seus patrícios quando eles foram batidos pelas hostes pernambucanas de André Vidal de Negreiros, Fernandes Vieira, Camarão e Henrique Dias. Sou essencialmente homem do povo e criticar manifestações artísticas de pessoas da mesma condição que a minha, pode parecer pretensão e soberbia. Guardei a crítica e convenci-me de que podia haver rapaduras amargas.
>
> Tendo tomado tal precaução, fui a uma das sessões de início do bloco e assisti-a do começo ao fim. A presidi-la, estava o meu bom camarada Manuel Parafuso, artista pintor de liso, muito consagrado pelas famílias abastadas da redondeza; o secretário era Miguel Barbalho, um rapaz acobreado da mais perfeita aparência caprina; e outros cujos nomes não me recordo.

[292] Lima Barreto. "A Polícia Suburbana", op. cit., p. 62.

> Pois bem, todos esses homens humildes de condição e instrução guiaram os trabalhos da assembléia com uma perfeição extremamente parlamentar, a ponto de, se pudessem lá estar, causar inveja ao Senhor Andrade Bezerra ou ao Senhor Torquato Moreira.[293]

Ser "essencialmente um homem do povo" e, ao mesmo tempo, conquistar ouvintes para as suas "prédicas sociais e políticas" possibilitava a Lima Barreto compreender com empatia as "manifestações artísticas de pessoas da mesma condição" que ele próprio. Na "Vila Quilombo", Lima Barreto buscou descobrir e valorizar o saber popular, além de relatar uma experiência na qual ficava evidente que os "homens humildes de condição e instrução", representados por Manuel Parafuso e Miguel Barbalho, haviam acumulado um conhecimento sólido a respeito da coordenação política dos trabalhos de uma assembléia capaz de superar o desempenho de parlamentares de ofício como os citados Andrade Bezerra e Torquato Moreira[294]. A reflexão acerca do nome do bloco carnavalesco, as "Rapaduras Gostosas", reforçou a postura cuidadosa com que o cronista enxergava e atribuía sentido às criações populares. O intelectual Lima Barreto e aqueles homens do povo possuíam uma mesma identidade, advinda, segundo Barreto, da ascendência comum, que não era fidalga como a do presidente[295], ele fez questão de provocar.

Em "O 'Moambeiro", uma crônica mais antiga ainda, publicada em 1915, continuamos observando o modo pelo qual Lima Barreto era distinguido como "negro-

---

[293] Idem. "Legião da Mulher Brasileira". *ABC*, Rio, 27-3-20. In: *Coisas do Reino do Jambon*, pp. 66-67.

[294] Andrade Bezerra figura como patrono da cadeira n. 34 da Academia Pernambucana de Letras, fundada em Recife, em 26/1/1901, dissolvida em 1910 e reorganizada em 1920, mesmo ano da publicação da crônica de Lima Barreto que ora analisamos. Torquato Moreira participou do grupo que planejou o atentado ao presidente Prudente de Morais em 5/11/1897; não encontramos sobre ele outra referência mais próxima da data de publicação da crônica de Lima Barreto. http://pt.wikipédia.org

[295] Trata-se de Epitácio Pessoa (1919-1922), eleito quando se encontrava na Europa, caso inédito na história política brasileira. Provavelmente, o ataque de Lima Barreto deve-se ao fato de que Epitácio Pessoa proíbira, naquele mesmo ano de 1920, a participação de jogadores negros na seleção brasileira de futebol. Em outras crônicas, Barreto protestou com mais veemência contra a postura governamental de evidente preconceito racial contra uma parte considerável da população brasileira.

intelectual" pelos "pobres-diabos", e também como um destes foi "enquadrado" pelas autoridades policiais, que buscavam "mostrar serviço" no controle das "classes perigosas":

> Quando saio de casa e vou à esquina da Estrada real de Santa Cruz, esperar o bonde, vejo bem a miséria que vai por este Rio de Janeiro.
>
> Moro há mais de dez anos naquelas paragens e não sei porque os humildes e os pobres têm-me na conta de pessoa importante, poderosa, capaz de arranjar empregos e solver dificuldades.
>
> Pergunta-me um se deve assentar praça na brigada, pois há oito meses não trabalha no seu ofício de carpinteiro; pergunta-me outro se deve votar no Senhor Fulano; e, às vezes mesmo, consultam-me sobre casos embaraçosos. (...)[296]

Tal como a expressão "Aquilo lá" na crônica "A Polícia Suburbana", analisada alguns parágrafos atrás, o uso da forma demonstrativa "naquelas" nesta última citação marcou discursivamente a posição de estranhamento de Lima Barreto, enquanto um "negro-intelectual" que circulava no espaço-tempo da "Vila Quilombo".

Ao representar a paisagem da "Vila Quilombo", Lima Barreto pintou-a com as cores fortes da "miséria que vai por este Rio de Janeiro" e destacou nas "gentes" os "humildes e os pobres". No espaço suburbano, a presença de Lima Barreto era percebida de modo distinto da maioria dos habitantes, embora ele residisse "há mais de dez anos naquelas paragens":

> Ultimamente, na esquina, veio ao meu encontro um homem com quem conversei alguns minutos. Ele me contou a sua desdita com todo o vagar de popular.[297]

Em uma esquina suburbana, houve o encontro do intelectual e de um homem do povo, com o "vagar popular" de sua linguagem e a sua história de "desdita". Na crônica de Lima Barreto,

---

[296] Lima Barreto. "O 'Moambeiro". *Careta*, Rio, 7-8-1915. In: *Marginália*, op. cit., p. 90.
[297] Ibidem.

a alteridade como experiência urbana vivida e relatada foi acrescida de uma forte carga de ironia para denunciar uma política de reprodução da exploração econômica do outro, especialmente se ele era/é humilde:

> Este ano foi particularmente abundante em laranjas e o nosso homem teve a feliz idéia de vendê-las. Vendo, porém, que os compradores na porta não lhe davam o preço devido, tratou de valorizar o produto, mas sem empréstimo a 30%.
> Comprou um cesto, encheu-o de laranjas e saiu a gritar:
> -Vai laranja boa ! Uma a vintém !
> Foi feliz e pelo caminho apurou uns dois mil-réis.
> Quando, porém, chegou a Todos os Santos, saiu-lhe ao encontro a lei, na pessoa de um guarda municipal:
> -Quedê a licença !
> Que licença ?
> -Já sei, intimou o guarda. Você é "moambeiro". Vamos para a agência.
> Tomaram-lhe o cesto, as laranjas, o dinheiro e, a muito custo, deixaram-no com a roupa do corpo.
> Eis aí como se protege a pomicultura.[298]

Ao inserir no relato o discurso direto, Lima Barreto buscou intensificar o efeito de verossimilhança e, desse modo, introduziu a polifonia das vozes de personagens como pessoas de carne e osso, uma delas sofrendo a "miséria que vai [ia] por este Rio de Janeiro" e a outra fazendo sofrer "em nome da lei". Pela ironia verbal, Lima Barreto estabeleceu na seqüência citada, que é a que encerra a crônica, uma contradição entre dois níveis semânticos, o primeiro se estendendo até o ponto em que o pequeno agricultor quase perdeu "a roupa do corpo" e o último compreendendo a oração – "Eis aí como se protege a pomicultura".

Em "O 'Moambeiro", o procedimento irônico estruturou o texto, articulando as seqüências discursivas "vejo bem a miséria que vai por este Rio de Janeiro", do início da crônica, e a que a encerra – "Eis aí como se protege a pomicultura", para evidenciar que a

[298] Ibidem, p. 91.

intervenção do poder público se fazia contra o povo, uma formação discursiva também presente na crônica de 1921, "O Prefeito e o Povo", que prosseguimos analisando:

> De resto, municipalidade supõe-se ser, segundo a origem, um governo popular que cuide de atender, em primeiro lugar, ao interesse comum dos habitantes da cidade (comuna) e favorecer o mais possível a vida da gente pobre. (...)
>
> Municipalidades de todo o mundo constróem casas populares; a nossa, construindo hotéis *chics*, espera que, à vista do exemplo, os habitantes da Favela e do Salgueiro modifiquem o estilo das suas barracas. Pode ser...
>
> O senhor Sampaio também tem se preocupado muito com o plano de viação geral da cidade.
>
> Quem quiser, pode ir comodamente de automóvel da avenida à Angra dos Reis, passando por Botafogo e Copacabana; mas, ninguém será capaz de ir de cavalo do Jacaré à Irajá.[299]

O termo "Favela" ainda não se popularizara e nomeava apenas "as barracas" do Morro da Providência que, localizado nas proximidades da Praça Onze, abrigou, de início, "os soldados do Coronel Moreira César e do General Artur Oscar"[300] de regresso das malogradas expedições a Canudos contra Antônio Conselheiro.

Na seqüência citada, a ironia, mais uma vez, estabeleceu uma oposição entre os campos do popular e da administração da municipalidade do Rio de Janeiro. De um lado, Lima Barreto colocou a população, localizando-a nos Morros da Favela e do Salgueiro, além da região suburbana de "Jacaré à Irajá", com seu "interesse comum", suas necessidades de habitação e transporte não atendidas, "suas barracas" e a impossibilidade sequer de "ir a cavalo" do Jacaré, um logradouro próximo a Todos os Santos, a Irajá, o distrito que, como já vimos, foi o que mais cresceu (263%) entre os censos de 1906 e 1920. E de outro lado,

[299] Lima Barreto. "O Prefeito e o Povo", op. cit., p. 118.
[300] Brasil Gerson, op. cit., p. 183.

Barreto situou a prefeitura, o governo da municipalidade, caracterizados por revelar uma clara preocupação com seus "hotéis de luxo".

Mais uma vez, observamos a explosão irônica como elemento estruturante da linguagem barretiana, quando ele sugeriu que os tais "hotéis" favoreceriam "o saneamento" e a mudança de "estilo" das "barracas" dos morros "da Favela e do Salgueiro", do mesmo modo que o "plano de viação" da prefeitura, embora não cuidasse do transporte coletivo entre os populosos distritos suburbanos, facilitaria uma viagem[301] "de automóvel da avenida (Central) à Angra dos Reis, passando por Botafogo e Copacabana". Botafogo estava localizado na freguesia da Lagoa e era identificado como "o elegante bairro de Botafogo, de todos os lugares do Rio de Janeiro, incontestavelmente, o mais procurado pela aristocracia estrangeira ou pela alta burocracia brasileira para moradia", segundo anotou Noronha Santos[302] em seus "Apontamentos" de 1901.

Durante os primeiros anos do regime republicano e a partir da reforma Pereira Passos, excetuando-se as freguesias urbanas centrais de Candelária, Santa Rita e São José, houve aumento considerável da densidade demográfica nos espaços urbano e suburbano do Rio de Janeiro, para atender ao novo desenho de base capitalista da Capital Federal[303]. Paralelamente a essas transformações na ocupação do espaço, os meios de locomoção da população precisaram se modificar, e o trem tornou-se o principal modo de transporte coletivo para a massa crescente de habitantes dos subúrbios cariocas.

---

[301] Lima Barreto refere-se à obra municipal de alargamento e modernização, em 1920 e por ocasião da visita do rei Alberto da Bélgica, do trecho mais antigo de uma estrada que fora planejada para ligar o bairro de Botafogo ao porto fluminense de Angra dos Reis. Com uma extensão inicial de 193 Km, inicialmente através de via férrea, o primeiro trecho construído, de 800 metros, dessa "Companhia Viação Férrea Sapucaí" foi iniciado em 1891, "partindo do lado do Leblon e contornando a montanha dos Dois Irmãos em direção à praia da Gávea". Ver: Paulo Berger, op. cit., pp. 52-53.
[302] Ibidem, p, 85.
[303] Maurício de Almeida Abreu, op. cit., p. 67.

Como usuário habitual dos trens suburbanos, em suas viagens de ida e volta entre a estação de Todos os Santos e a Central do Brasil, Lima Barreto era observador atento e sempre disposto a recolher nesse trajeto boa parte da matéria-prima para seus escritos sobre a "vida dos subúrbios":

> As conversas de trem são quase sempre interessantes. A mania dos **suburbanos** é discutir o merecimento deste **subúrbio** em face daquele. Um morador de Riachuelo não pode admitir que se o confunda com um do Encantado e muito menos com qualquer do Engenho de Dentro.
>
> Os habitantes de Todos os Santos julgam a sua estação excelente por ser pacata e sossegada, mas os do Méier acusam os de Todos os Santos de irem para o seu bairro tirar-lhe o sossego.[304]

Marcada pelo sentimento bairrista, a rivalidade entre os habitantes dos subúrbios explicitava, como podemos observar na seqüência citada, a existência de fronteiras que demarcavam os logradouros que se constituíram em torno de quatro estações da linha ferroviária da Central do Brasil: Riachuelo, Méier, Todos os Santos e Engenho de Dentro. Tendo em vista que as viagens de trem obrigatoriamente começavam e terminavam nas estações ferroviárias, estas foram assunto dos relatos de Lima Barreto, caracterizadas como lugares de encontro que favoreciam as relações sociais de sexo e, igualmente, como pólos aglutinadores das atividades comerciais:

> De resto, é em torno da "estação" que se aglomeram as principais casas de comércio do respectivo **subúrbio**. Nas suas proximidades, abrem-se os armazéns de comestíveis mais sortidos, os armarinhos, as farmácias, os açougues e – é preciso não esquecer – a característica e inolvidável quitanda.[305]

---

[304] Lima Barreto. "Os Outros", *Careta*, Rio, 11-12-1915. In: *Vida Urbana*, op. cit., p. 115.
[305] Idem. "A Estação". In: *Feiras e Mafuás*, op. cit., p.145.

Nessa primeira enumeração dos estabelecimentos comerciais da época predominam os que atendiam às necessidades básicas; a lista foi enriquecida com a ênfase dada à quitanda que, assim, ganhou "ares" de maior importância, destacando-se dos demais negócios:

> O Méier é o ponto inicial de quatro linhas de bondes, uma até de grande extensão, a de Inhaúma, e outra que leva à Boca do Mato, lugar pitoresco, que já teve fama de possuir bons ares, para curar "moléstias do peito", como diz o povo.
>
> Além das quatro de que falei, três linhas, vindas do centro da cidade, passam por esta localidade, de modo que a impressão que dá não é bem de um **subúrbio**, mas de uma cidade média. (...)
>
> É o Méier o orgulho dos **subúrbios** e dos **suburbanos**. Tem confeitarias decentes, botequins freqüentados; tem padarias que fabricam pães, estimados e procurados; tem dois cinemas, um dos quais funciona em casa edificada adrede; tem um circo-teatro, tosco, mas tem; tem casas de jogo patenteadas e garantidas pela virtude, nunca posta em dúvida, do Estado, e tem boêmios, um tanto de segunda mão; e outras perfeições urbanas, quer honestas, quer desonestas.[306]

Em "A Estação", Lima Barreto apresentou uma visão panorâmica do cenário suburbano, no qual o foco principal era o trem, a linha férrea e a estação ferroviária. E a estação do Méier, ao se destacar das demais, pareceu-nos indicar que ali, naquela temporalidade, começava a se constituir a região que, mais tarde, passaria a ser denominada "Grande Méier", englobando todos os logradouros ao redor, inclusive Todos os Santos, o bairro de residência de Lima Barreto. Na passagem citada, há uma referência a um "lugar pitoresco", a Boca do Mato, certamente por se tratar do primeiro local na direção suburbana onde a família Barreto residiu, durante pouco tempo, em busca de alívio para a mãe de Lima Barreto, que sofria de "moléstias do peito", a causa de sua morte em 1887.

[306] Ibidem, pp. 145-146.

Ao descrever o Méier, Lima Barreto utilizou um percurso discursivo de ironia crescente, que começou na qualificação das casas de jogo, tão virtuosas quanto o Estado; a seguir, Barreto tratou de descrever os boêmios, "um tanto de segunda mão" como ele próprio, talvez; por fim, o processo irônico nos conduziu à ambígua honestidade-desonestidade das "perfeições urbanas" que o Méier já havia incorporado:

> As casas de modas, pois as há também, e de algum aparato, possuem nomes *chics*, ao gosto da Rua do Ouvidor. Há até uma "Notre Dame", penso eu. (...)
>
> É de lamentar essa pobreza e essa falta na designação das nossas casas de mercancia.
>
> Os portugueses, quando não as apelidam com os seus nomes próprios e sobrenomes familiares, evocam nas tabuletas nomes e coisas dos lugares de seu nascimento; ou figuras da política de sua terra, reis, etc., ou datas notáveis, tanto de cá como de lá; e até, fatos domésticos.
>
> (...) Em geral, nós não inventamos os títulos das nossas casas comerciais, aliás, de coisa alguma.
>
> As lojas de primeira ordem copiam os das grandes casas das primeiras cidades do mundo; e as dos arrabaldes e **subúrbios**, por sua vez, copiam os dísticos naquelas e acrescentam o nome da divisão da cidade em que se acham.
>
> Nas cercanias das estações de **subúrbios**, parece-nos, a ilusão urbana fica completa com essas tabuletas ouvidorianas, onde até o francês figura.[307]

Na análise que anteriormente fizemos nesse capítulo da crônica "De Cascadura ao Garnier", observamos o caso da livraria Garnier, na carioca rua do Ouvidor, que reproduzia o nome do famoso teatro parisiense. A alusão à "ilusão urbana" restabeleceu a distinção entre os espaços urbano e suburbano, os quais, entretanto, estavam unidos na prática de copiar os letreiros das lojas de prestígio, Paris sendo modelo para a "Avenida Central" e esta, sendo reproduzida pela "Vila Quilombo" nas "tabuletas dos mercadores":

[307] Ibidem, pp. 146-147.

> Elas [as tabuletas] indicam as lojas em que se amontoam essas coisas *fashionable* das casas de fazendas, de sapatarias, de bordados, de balas e bombons. Porém, o aspecto mais interessante da "estação" não é esse.[308]

Nessa última seqüência citada da crônica "A Estação", observamos que Lima Barreto expandiu a lista de estabelecimentos comerciais, acrescentando as lojas de modas – "essas coisas *fashionable"* – em geral à primeira relação de lojas mais simples, que negociavam artigos de primeira necessidade como alimentos, remédios e pequenos aviamentos. Havia evidências, por essas enumerações de estabelecimentos comerciais de diversas naturezas, de que os subúrbios da cidade do Rio de Janeiro gozavam de certa autonomia quanto à disponibilidade de mercadorias variadas e, desse modo, ofereciam a possibilidade de manutenção de seus moradores circunscritos ao espaço suburbano, desde que eles não fossem – ou não se sentissem – obrigados aos deslocamentos entre a "Vila Quilombo" e a "Avenida Central".

Acompanhamos mais de perto, a partir de agora, a trajetória de Lima Barreto na posição de "intelectual-negro", para darmos maior visibilidade ao espaço-tempo que considera a "Avenida Central" como representação do "aqui", em oposição ao "lá" da "Vila Quilombo". Privilegiamos, nesse caso, a análise do discurso barretiano que realiza o movimento "daqui pra lá", ou "da Avenida Central para a Vila Quilombo", e que fazia, nesse movimento, a crítica da nova ordem republicana.

A representação que denominamos "Avenida Central" tem como marco histórico o momento em que, durante o governo do presidente Rodrigues Alves, a administração municipal do prefeito Pereira Passos resultou em um "verdadeiro período Haussmann à la

[308] Ibidem, p. 148.

carioca”[309]. Lima Barreto enxergou a superposição de novas e velhas contradições no espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro, apresentando-as, por exemplo, na crônica “O Convento”, que trata da demolição do Convento da Ajuda:

> De resto, não se pode compreender uma cidade sem esses marcos de sua vida anterior, sem esses anais de pedra que contam a sua história.
>
> Repito: não gosto do passado. (...)
>
> Quando, entretanto, eu me faço cidadão da minha cidade não posso deixar de querer de pé os atestados de sua vida anterior, as igrejas feias e os seus conventos hediondos.[310]

A “era das demolições” representou, para o Rio de Janeiro, a tentativa de apagamento das marcas da cidade escravista colonial e imperial, e o início de sua transformação em espaço adequado às exigências de uma cidade moderna, capital do novo regime republicano. O Convento da Ajuda, situado na recém-inaugurada Avenida Central, simbolizava a cidade velha e sua derrubada tornava-se indispensável[311], para que surgisse plenamente a nova paisagem resultante da onda modernizadora. Na crônica de Lima Barreto, a reflexão sobre a conservação da história da cidade sobrepôs-se ao debate acerca da complexidade das relações entre o antigo e o moderno, o feio e o bonito.

Sem desejar cair em anacronismos, ousamos dizer que Lima Barreto fez a apologia dos “lugares de memória” da cidade, para usarmos um conceito de Pierre Nora, em sua defesa a favor da preservação dos “anais de pedra” que contavam a história do Rio de Janeiro e, ao mesmo tempo, demonstrou que estava ciente de que outros significados seriam atribuídos a esses monumentos em cada época. Na caracterização do espaço-tempo da

---

[309] Maurício de Almeida Abreu, op. cit., p. 67.
[310] Lima Barreto. “O Convento”, op.cit., pp. 85-86.
[311] O Convento da Ajuda, localizado em área hoje ocupada pela Cinelândia, foi demolido em 1911, seis anos após a inauguração da Avenida Central, em 1905, quando a maioria dos seus edifícios ainda estava em construção. Ver: *O Rio de Janeiro do Bota-abaixo*. (Fotografias de Augusto Malta; textos de Marques Rebelo e Antonio Bulhões). Rio de Janeiro: Salamandra, 1997, pp. 94-106.

"Avenida Central", um fragmento do prefácio do primeiro tomo da "Correspondência Ativa e Passiva" de Lima Barreto pode ser tomado como exemplo significativo:

> Aqui nascido, raras vezes se afastou Lima Barreto do Rio, e o mesmo se deu com seus amigos, camaradas, ou colegas (...) Aqui vivíamos enjaulados num sempiterno quadrilátero: avenida, Ouvidor, Uruguaiana, São José, de dia. Ao cair da tarde, o Largo de São Francisco, as petisqueiras. À noite, a Lapa.[312]

Os limites da Cidade Velha, região por onde a boemia intelectual de diferentes matizes e condições circulava, estão aí postos[313]. Na passagem, o grande interlocutor Antônio Noronha Santos referiu-se ao fato de que Lima Barreto e seus amigos viveram quase todo o tempo na cidade do Rio de Janeiro, dela afastando-se muito pouco e, por conseguinte, mantendo uma relação de profunda intimidade com a terra natal.

Acrescentamos a esse núcleo histórico os novos espaços localizados no entorno da Avenida Central, atual Avenida Rio Branco, e também os bairros de Catete, Botafogo e Copacabana que, situados na direção sul da cidade, tornaram-se os preferidos das elites intelectuais e políticas, merecendo, por esta razão, atenção especial dos poderes públicos, federal e municipal. Nos relatos de Lima Barreto sobre esses novos espaços socialmente valorizados da região sul, entretanto, não encontramos tanta riqueza de detalhes quanto em seus escritos sobre os espaços bem conhecidos porque percorridos cotidianamente dos subúrbios e do centro da cidade. A crítica de Lima Barreto à reforma urbana do Rio de Janeiro incluiu outros argumentos, como as oposições que diferenciavam politicamente a

---

[312] Lima Barreto. "Prefácio de Antônio Noronha Santos". In: *Correspondência.- Tomo I*, op. cit., p.[9].
[313] Ver o Mapa à página 106. Podemos obter uma idéia aproximada dos limites do "quadrilátero", considerando os números 3 (Avenida Central), 8 (rua Uruguaiana), 9 (Rua dos Ourives, cujo trecho assinalado corresponde à atual rua Miguel Couto, vizinha da rua do Ouvidor) e 4 (Avenida Mem de Sá, que começa na Lapa).

cidade do campo, com a mesma intenção de isolar os "indesejáveis", afastando-os do "Rio civilizado":

> **A Volta**
>
> O Governo resolveu fornecer passagens, terras, instrumentos aratórios, auxílio por alguns meses às pessoas e famílias que se quiserem instalar em núcleos coloniais nos Estados de Minas e Rio de Janeiro. (...)
>
> A obsessão de Buenos Aires sempre nos perturbou o julgamento das coisas.
>
> A grande cidade do Prata tem um milhão de habitantes; a capital argentina tem longas ruas retas; a capital argentina não tem pretos; portanto, meus senhores, o Rio de Janeiro, cortado de montanhas, deve ter largas ruas retas; o Rio de Janeiro, num país de três ou quatro grandes cidades, precisa ter um milhão; o Rio de Janeiro, capital de um país que recebeu durante quase três séculos milhões de pretos, não deve ter pretos. (...)
>
> O Rio civiliza-se![314]

Podemos observar, através de suas palavras, que Lima Barreto buscou, mais uma vez, alargar o campo de análise; interligando a questão da identidade nacional à da submissão a modelos da ordem internacional. A crítica explícita à modernidade importada se fez pela estratégia discursiva da ironia, que, como temos visto, é dominante no discurso barretiano. A referência às "longas ruas retas" pode ser cotejada com as propostas modernizadoras de abertura da Avenida Central e de construção do novo porto do Rio de Janeiro[315]. Frente às posições hegemônicas acerca das questões internacionais, nacionais ou locais que atravessaram seu tempo, Lima Barreto buscou, com paixão e risco, o caminho menos fácil da análise crítica através de uma "narratividade delinqüente"[316], como em:

---

[314] Lima Barreto. "A Volta". *Correio da Noite*, Rio, 26-1-1915. In: *Vida Urbana*, op. cit., pp. 82-83.
[315] Ver o Mapa à página 106.
[316] Michel De Certeau, op. cit., p. 217.

A Questão dos "Poveiros"

> Fui estudar alguma coisa da história das relações *yankees* com outros Estados estrangeiros; é deplorável, é cheia de felonias. Lembrei-me também como lá se procede com os negros e mulatos. Pensei. Se os doutrinatários que querem que procedamos com os japoneses, da mesma forma com que os Estados Unidos se comportam com eles, forem vitoriosos, com a sua singular teoria, não faltará quem proponha que também os imitemos, no tocante aos negros e mulatos. É lógico. Então, meus senhores, ai de mim e de... muita gente![317]

No artigo citado, Lima Barreto partiu do episódio da disputa entre os pescadores originários de Póvoa do Varzim, especializados na pesca em alto-mar, e os japoneses, imigrantes recém-chegados ao Brasil. Para além das tensões entre os americanos do Norte e os japoneses, o autor fez referência à opressão sofrida por negros e mulatos americanos. Ao expandir o campo de análise, desta maneira, Lima Barreto buscou não só refletir sobre a questão fundamental da identidade brasileira, de imigrantes, de diferentes raças, mas, também, sobre a "questão do outro"[318] no contexto político duríssimo do Entre-Guerras.

Tal qual Baudelaire, Lima Barreto criticou em seus artigos e crônicas o conceito de intelectual composto na modernidade e distanciado daquele outro que, tradicionalmente, considerava o eterno em detrimento do efêmero:

> Tudo hoje é intelectual e o xadrez não podia fazer exceção à regra. O *football* também o é, apesar de ser jogado com os pés; o atirar de pistola e remar em canoas leves, também!
>
> (...) O que não é intelectual são as manifestações de arte, de ciência e literatura.
>
> (...) O Brasil, ao acreditar em semelhante pessoal, ficará célebre no mundo, desde que ganhe campeonatos internacionais dessas futilidades todas.[319]

---

[317] Lima Barreto. "A Questão dos 'Poveiros", op. cit., p.32.
[318] T. Todorov, op. cit., p. 259.
[319] Lima Barreto. "As Glórias do Brasil". 7-1-1922. In: *Feiras e Mafuás*, pp. 271-272.

Na passagem, Lima Barreto anteviu a possibilidade, hoje tornada factual, da construção da imagem "positiva" do Brasil através do desempenho de seus atletas nos esportes, especialmente no futebol. A respeito dessa modalidade esportiva, a crítica de Lima Barreto era sobre vários aspectos cada vez mais implacável, à medida em que o futebol ganhava prestígio em todos os espaços, inclusive, na "cidade das letras". Para mostrar sua discordância, Barreto escreveu diversos textos nos quais denunciava o preconceito contra negros e pobres que vigorava no período da introdução no Brasil desse esporte de origem inglesa:

> O *football* é eminentemente um fator de dissensão. Agora mesmo, ele acaba de dar provas disso com a organização das turmas de jogadores que vão à Argentina atirar bolas com os pés, de cá para lá, em disputa internacional. O *Correio da Manhã*, no seu primeiro *suelto* de 17 de setembro, aludiu ao caso. Ei-lo:
>
> O Sacro Colégio do *Football* reuniu-se em sessão secreta, para decidir se podiam ser levados a Buenos Aires, campeões que tivessem, nas veias, algum bocado de sangue negro – homens de cor, enfim.
>
> O conchavo não chegou a um acordo e consultou o papa, no caso, o eminente senhor presidente da República. (...)
>
> Foi sua resolução de que gente tão ordinária e comprometedora não devia figurar nas exportáveis turmas de jogadores; lá fora, acrescentou, não se precisava saber que tínhamos no Brasil semelhante esterco humano. (...)
>
> Concordaram todos aqueles esforçados cavalheiros que trabalham "pedestremente" pela prosperidade intelectual e pela grandeza material do Brasil; (...)
>
> A providência, conquanto perspicazmente eugênica e científica, traz no seu bojo ofensa a uma fração muito importante, quase a metade, da população do Brasil; deve naturalmente causar desgosto, mágoa e revolta; mas – o que se há de fazer? O papel do *football* repito, é causar dissensões no seio de nossa vida nacional. É a sua alta função social.

> O que me admira, é que os impostos, de cujo produto se tiram as gordas subvenções com que são aquinhoadas as sociedades futebolescas e seus tesoureiros infiéis, não tragam também a tisna, o estigma de origem, pois uma grande parte deles é paga pela gente de cor. Os futeboleiros não deviam aceitar dinheiro que tivesse tão malsinada origem. (...)
>
> P.S. – A nossa vingança é que os argentinos não distinguem, em nós, as cores; todos nós, para eles, somos *macaquitos*. A fim de que tal não continue seria hábil arrendar por qualquer preço, alguns ingleses que nos representassem nos encontros internacionais de *football*.[320]

Observamos, a partir de suas palavras, que as elites intelectuais e políticas ocupavam-se igualmente das questões esportivas, na medida em que as mesmas adquiriam um significado político de prestígio e, desse modo, participavam do processo de construção de uma certa identidade brasileira que excluía a população negra. No pós-escrito (P.S.) do artigo, a subjetividade manifesta no pronome possessivo em "nossa vingança" explicita uma inclusão: Lima Barreto incluiu-se, como "intelectual-negro", no grande grupo da população negra brasileira que estava impedida de participar da equipe de jogadores que representaria o Brasil em competições internacionais. Na ironia fortemente presente ao longo da citação, podemos observar a crítica severa às posturas elitistas dos poderosos, desde o presidente da República – no caso, Epitácio Pessoa – até os dirigentes "futeboleiros".

Ainda na forma discursiva irônica, Lima Barreto resumiu que a "alta função social" do futebol era "causar dissensões no seio de nossa vida nacional", manifestando um posicionamento de oposição "com carga afetiva máxima"[321], pois contrapunha o futebol à tranqüilidade da vida nacional. A produção da violência pelo futebol foi tratada em diversos artigos, tendo como ponto de partida as notícias publicadas nos jornais sobre "rolos",

[320] Idem. "Bendito Football". 1-10-1921. In: *Feiras e Mafuás*, pp. 94-96.
[321] Linda Hutcheon, op. cit., p. 76.

“barulhos”, “ataques” e outras confusões motivadas pelos jogos de futebol que aconteciam aos domingos:

> *O Foot-ball*
>
> Não é possível deixar de falar no tal esporte que dizem ser bretão.
>
> Todo o dia e toda a hora ele enche o noticiário dos jornais com notas de malefícios, e mais do que isto, de assassinatos. Não é possível que as autoridades policiais não vejam semelhante cousa.
>
> O Rio de Janeiro é uma cidade civilizada e não pode estar entregue a certa malta de desordeiros que se querem intitular *sportmen*.
>
> Os apostadores de brigas de galos portam-se muito melhor. Entre eles, não há questões, nem rolos. As apostas correm em paz e a polícia não tem que fazer com elas; entretanto, os tais de *foot-ballers* todos os domingos fazem rolos e barulhos e a polícia passa-lhes a mão pela cabeça. (...)[322]

Como uma modalidade esportiva inscrita no campo que podemos denominar “lazer civilizado” desde a sua introdução no Brasil, o futebol carioca “nasceu” em 21 de julho de 1902, “na residência do Sr. Horácio da Costa Santos, à rua Marquês de Abrantes número 51, [quando] fundaram o Fluminense Football Club”[323]. Portanto, “o tal esporte” começou no Flamengo, um dos bairros adjacentes a Botafogo e, portanto, pertencia ao espaço-tempo representado pela “Avenida Central”.

Na crítica à modernidade importada, Lima Barreto ressaltou que a mesma continha um pacote de “malefícios” como o futebol, um “esporte que dizem ser bretão” mas que promovia cenas de violência explícita protagonizadas por “desordeiros que se querem intitular *sportmen*”. Pela comparação entre o “esporte bretão” e um divertimento popular como as “brigas de galos”, Barreto denunciou o tratamento diferenciado que as “autoridades

---

[322] Lima Barreto. “*O Foot-ball*”. *Careta*, Rio, 1-7-1922. In: *Marginália*, p. 153.
[323] Charles J. Dunlop. *Rio Antigo*. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Laemmert Ltda., 1955, p. 111 (vol. I).

policiais" dispensavam a um e a outro, ou seja, no Rio de Janeiro "civilizado", a violência dos "tais *foot-ballers*" era tolerada "e a polícia passa[va]-lhes a mão pela cabeça", enquanto as diversões populares como as "brigas de galos" eram execradas e não recebiam o mesmo tratamento respeitoso por parte das mesmas "autoridades policiais".

No discurso de Lima Barreto com referência ao espaço-tempo da "Avenida Central", a crítica aos privilégios que os "futeboleiros" auferiam só foi suplantada pela crítica às vantagens que os "doutores" usufruíam apenas com a apresentação de seus diplomas como credenciais:

> Esse espírito de dar aos "formados" os bons lugares da administração vai tomando vulto, vai crescendo desbriadamente com os anos da República. (...)
>
> Essa superstição do doutor vai de tal modo avassalando a nossa administração que, nas promoções, um bacharel, um engenheiro, um médico ou um dentista que concorra com um colega não "anelado", em igualdade de condições ou não, o mais certo é ser promovido o "doutor". Note-se que não falo de repartição especial. (...)
>
> Os seus [do nosso ensino superior] estabelecimentos são verdadeiras oficinas de enobrecimento, para dar títulos, pergaminhos, – como o povo chama os seus diplomas, o que lhes vai a calhar – aos bem nascidos ou pela fortuna ou pela posição dos pais.[324]

Como formação discursiva, a imagem do "diploma abre-te Sésamo" concorreu para a construção das oposições sociais que distinguiam a "Avenida Central" como representação do espaço de "densa concentração de propriedades positivas"[325]. Na perspectiva do combate ao projeto de modernidade instalado na República, o discurso de Lima Barreto buscou tornar perceptível que "o poder se afirma[va] e se exerc[ia] (...) sob a forma mais sutil, a da

[324] Lima Barreto. "As Reformas e os 'Doutores", 16-1-1921. In: *Feiras e Mafuás*, pp. 234-236.
[325] Pierre Bourdieu, op. cit., p. 161.

violência simbólica”[326]. Os efeitos do poder simbólico eram quase sempre invisíveis e, portanto, precisavam ser desocultados; um desses efeitos era a crescente reserva e destinação dos “bons lugares da administração” para os “anelados”, sendo estes, por seu turno, exclusivamente os “bem nascidos ou pela fortuna ou pela posição dos pais”.

Segundo Lima Barreto, até mesmo no “execrável *football*”, os “anelados” recebiam vantagens:

> (...) porque os pais, tios, tutores, vendo o futuro dos filhos, sobrinhos e pupilos, só garantido com o “canudo de lata”, hão de empregar todos os recursos, processos e manhas, para obter a aprovação dos seus candidatos e vê-los afinal munidos com o diploma – “abre-te, Sésamo !” (...)
>
> Até no execrável *football* os doutores são as primeiras figuras entre os jogadores honorários.
>
> À proporção que os “anelados” ganham importância, iníquos privilégios, o ensino desanda e piora a olhos vistos, como está na consciência de todos.
>
> Costumo admitir que os nossos nobres doutorais venham a chegar, como os seus semelhantes feudais, a jactar-se de não saberem ler nem escrever, na sua qualidade de gentis-homens acadêmicos.[327]

Temos aí, na citação, a oportunidade de conferir uma das marcas do estilo de Lima Barreto: a sua desenvoltura como frasista e criador de imagens. O “canudo de lata”, ou o “diploma ‘abre-te, Sésamo”, que funcionava como condecoração para os “anelados”, tornando esses “nobres doutorais” ou “semelhantes feudais” verdadeiros “gentis-homens acadêmicos”, esse conjunto reunido produziu um efeito imagético que concede ao leitor, mesmo aquele distanciado no tempo e no espaço, condições de interpretar e atribuir sentidos àquela questão dos privilégios concedidos aos diplomados. A avaliação desfavorável do “ensino [que] desanda[va] e piora[va] a olhos vistos” reforçou a crítica aos “iníquos privilégios” dos

[326] Ibidem, p. 163.
[327] Lima Barreto. “As Reformas e os ‘Doutores”. In: *Feiras e Mafuás*, op. cit., pp. 237-239.

“nobres doutorais”, os quais muniam-se do “canudo de lata” como se este fosse um título de nobreza e, em breve, não precisariam sequer saber ler e escrever, “como os seus semelhantes feudais” e, “na qualidade de gentis-homens acadêmicos”, introduziam no tempo-espaço da modernidade, para criticá-la, a estratificação social do antigo regime. Segundo o texto de Lima Barreto, e como a sua própria trajetória demonstrou, os lugares de prestígio estavam previamente marcados e, portanto, interditados aos do povo.

Na crítica aos “doutores”, um dos ingredientes foi a inevitável referência à Escola Politécnica[328], a instituição de formação de engenheiros situada no Largo de São Francisco. O significado da passagem fracassada de Lima Barreto pela Escola Politécnica pode ser lido de dois modos distintos. Uma leitura mais superficial tem sido a de que a frustração de Lima Barreto por não ter conseguido se diplomar engenheiro explicaria sua amargura, expressa em inúmeros escritos, diante dos “doutores” e de seus privilégios. No entanto, a situação de Lima Barreto poderia ser interpretada de modo mais aprofundado, como um caso emblemático de “violência simbólica” que negros e pobres sofriam e ainda sofrem quando buscavam e buscam romper a hierarquia dos lugares marcados na sociedade:

[328] Considerada o berço dos grandes engenheiros nacionais, a Escola Politécnica, antiga Escola Central, resulta de uma divisão da Academia Real Militar em 1874, quando totalidade do ensino militar desta foi transferida para a Praia Vermelha e a parte 100% civil passou a ocupar o edifício do Largo de São Francisco de Paula. A escola militar, por sua vez, instalara-se nesse endereço do Largo de S. Francisco, na freguesia do Sacramento, desde 1812, ocupando uma parte posterior da igreja da inacaba da Sé Nova; ganhando importância após a Independência, a escola militar “mereceu” inclusive que seu prédio fosse todo reformado e ampliado através de um projeto de Pedro José Pezerat, o arquiteto particular de D. Pedro I. Em 1906, com a expansão das aulas da Escola Politécnica, o edifício ganhou um terceiro andar e uma nova e monumental fachada. E em 1948, quando se tornou a Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil, um novo pavimento foi construído. Após a transferência da escola de engenharia para o Campus da Ilha do Fundão, o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro passou a funcionar no velho prédio. Ver: Brasil Gerson, op. cit., pp. 124-130;152. Ver também: Paulo Berger, op. cit., pp. 95-96.

> No Brasil, o doutor (e olhem que eu escapei de ser doutor), é um flagelo, porque se transformou em nobreza (...)
>
> O doutor, se é ignorante, o é; mas sabe; o doutor, se é preto, o é, mas... é branco.[329]

Nos relatos do próprio Lima Barreto, há diversas passagens como essa, nas quais ele afirmou, de modo irônico, ter "escapado de ser doutor". Tendo em vista a imagem consagrada do "doutor" como aquele que "sabe" e "é branco", podemos colher exemplos de comentários a propósito das tensões vividas por Lima Barreto como estudante negro e pobre, desde 1897, quando foi aprovado nos exames e ingressou na Escola Politécnica, até 1903, quando desistiu de tornar-se doutor:

> Desde muito que eu desejava abandonar o meu curso.
>
> Aquela atmosfera da escola superior, não me agradava nos meus dezesseis anos, cheios de timidez, de pobreza e de orgulho.
>
> Todos os meus colegas, filhos de graúdos de toda sorte, que me tratavam, quando me tratavam, com um compassivo desdém, formavam uma ambiência que me intimidava, que me abafava, se não me asfixiava.[330]

Após seguidas reprovações em disciplinas do curso e, também, após a doença do pai e, ainda, após passar a residir no subúrbio de Todos os Santos com a família, Lima Barreto abandonou a Escola Politécnica. No mesmo momento, sentiu-se obrigado, por necessidade de sobrevivência, a prestar concurso para amanuense da Secretaria de Guerra:

> Fui perdendo o estímulo; mas, a autoridade moral de meu pai, que me queria formado, me obrigava a ir tenteando... Conjugados... Momentos... Teoria do pêndulo... Teorema das áreas... Que sei eu mais? Nada!... Desgostava-me e era reprovado; e as minhas reprovações desgostavam meu pai, tanto mais que, a bem dizer, até aí, não tinha sido reprovado.

---

[329] Lima Barreto. "A Instrução Pública". *Correio da Noite*, Rio, 11-3-1915. In: *Vida Urbana*, op. cit., p. 91.
[330] Idem. "Henrique Rocha". 22-6-1919. In: *Bagatelas*, op. cit., p. 195.

> Os últimos anos, passei-os pelos corredores da escola a discutir, já afeito ao seu "ar" – agora! – ou a ler na Biblioteca Nacional ou Municipal; mas, sobretudo, na da própria escola.(...)
>
> Vivia eu nesse conflito moral desde os meus dezesseis anos, quando, aos vinte e um, meu pai adoeceu sem remédio, até hoje. Estava livre, mas, por que preço, meu Deus! Enfim... Não seria mais doutor em cousa alguma – o que me repugnava – nem precisaria andar agarrado 'as abas da casaca do doutor Frontin. Ia me fazer por mim mesmo, em campo muito mais vasto e mais geral![331]

A trajetória de Lima Barreto demonstrou que, pelo caminho da educação formal, a porta para o "título" e o reconhecimento estava fechada para negros e pobres. Assim, a saída pela via da produção escrita, como "literato", era a opção que restava como possibilidade de ascensão social, desde que não passasse pela porta, igualmente emoldurada pela formalidade, da Academia Brasileira de Letras[332]:

> Lima Barreto é certamente um dos espíritos mais notáveis da nova geração de escritores.
> Arte, cultura, graça e amena simplicidade de estilo casam-se aos dons de harmonia arquitetônica das suas obras.
> Neste momento, cremos que é candidato a uma vaga da Academia Brasileira; em princípio, poucos, pouquíssimos, poderiam disputar-lhe essa consagração.
> Entretanto, há razões práticas que o excluem daquela competência. Uma delas, por ventura a única de consideração, é o fruto da sua própria negligência.
> Acadêmico que sou, não quero nomeá-la por não cometer um doesto, levantar um queixume ou autorizar uma injustiça.
> Em todo o caso, a Academia que não peca por exclusivos, cremos, antes pelo contrário realiza as mais largas condescendências, não é nem pode ser o país da Boêmia.

---

[331] Ibidem.

[332] Fundada em 20 de julho de 1897, para ser um exemplo da mudança de concepção do papel intelectual dos escritores no Brasil *fin-de-siècle*, a Academia Brasileira de Letras caracterizou-se "por evitar a intervenção social e política" e por cultivar a imagem de "um salão de cordialidade e boas maneiras". No entanto, tal projeto desvinculador do engajamento traduz não apenas uma posição política como também "um discurso sobre a vida pública brasileira". Ver: João Paulo Coelho de Souza Rodrigues. *A dança das cadeiras: literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*. 2ª ed. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, CECULT, 2003. (Col. Várias Histórias).

> Ela, como romance do autor, também abre portas travessas por onde conseguem entrar os Beldroegas de meu feitio.
> Mas Lima Barreto entraria pela porta principal e talvez pela minha mão se fosse ela firme, e eu pudesse estender-lha.[333]

No comentário do crítico do acadêmico João Ribeiro, a explicitação do confronto entre as qualidades intelectuais de Lima Barreto e suas práticas boêmias tornou visível o cenário no qual os literatos se movimentavam, além de revelar as razões pelas quais a Academia Brasileira de Letras recusou Lima Barreto como acadêmico. Da correspondência com Monteiro Lobato, recolhemos uma referência ao artigo citado de João Ribeiro bem como outras análises, igualmente reveladoras do complexo jogo entre saber e poder no ambiente intelectual dos anos dez e vinte do século passado:

> **Lima Barreto a Monteiro Lobato**
> [Sem data].
> Meu caro Lobato.
> Mando-te o artigo do João Ribeiro sobre o nosso livro [Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá]. Ele alude à minha candidatura à academia. Nunca fui sinceramente candidato. A primeira vez que o fui, não sinceramente – é bem de ver – foi quando o Hélio [Lobo] se apresentou. Só para lhe fazer mal, porque eu o atrapalhava e me vingava das desfeitas que me fizera, tendo me tratado antes a modos de pessoa poderosa. A carta que enviei, embora registrada, desapareceu e Hélio, apesar do Gustavo Barroso, foi eleito maciamente. Sei bem que não dou para a academia e a reputação da minha vida urbana não se coaduna com a sua respeitabilidade. De *motu proprio*, até, eu deixei de freqüentar casas de mais ou menos cerimônia – como é que podia pretender a academia? Decerto, não. (...)
>
> **Monteiro Lobato a Lima Barreto**
> 25-4-1919
> Lima
> Recebi a tua última. Não podes entrar para a academia por causa da "desordem da tua vida urbana"; no entanto, ela admite a frescura dum J. do R. [João do Rio]. Os imortais, a

[333]João Ribeiro. "Crônica Literária". *O Imparcial*, 21-4-1919. In: Lima Barreto. "João Ribeiro – 1917 [1919]". *Correspondência – Tomo II*, pp. 31-32.

> contar de Júpiter, sempre viram com indulgência os Ganimedes... Enfim, são brancos, digo, imortais, lá se entendem. Eu acho a academia uma bela coisa, depois que o [Rodrigues] Alves a enriqueceu. É positivamente um negócio imortalizar-se vitaliciamente. Porque duma maneira ou doutra, a renda do legado há de reverter em benefício dos frades da ordem. Talvez isso explique o recrudescimento do avança que se nota agora a cada vaga. (...)[334]

O incidente do desaparecimento da carta endereçada em 21 de agosto de 1917 ao então presidente da Academia, Rui Barbosa, marcou a primeira tentativa de Lima Barreto, concorrendo à vaga de Sousa Bandeira. Posteriormente, outras duas investidas seriam igualmente frustradas, a primeira delas para a vaga de Emílio de Menezes, em uma eleição bastante disputada nas sessões de 24 de fevereiro e 20 de outubro de 1919. Ironicamente, na última tentativa, Lima Barreto candidatou-se à vaga de Paulo Barreto, o João do Rio, um dos alvos mais freqüentes das críticas de Lima Barreto nos artigos e na correspondência, como observamos na citação anterior.

Na leitura das atas da Academia, chamou nossa atenção um trecho da "Acta da vigesima quinta sessão, em 7 de julho de 1921". Embora longo, achamos melhor transcrevê-lo em apenas uma citação:

> Lidas também duas cartas, dos srs. Affonso Henriques de Lima Barreto e João Coelho Cavalcanti, apresentando-se candidatos à vaga Paulo Barreto, pede a palavra o sr. Mario de Alencar, para lembrar o dispositivo introduzido no regimento, sobre o compromisso de voto e sobre a nomeação de uma comissão que estudará o merecimento dos candidatos, como consta das atas de julho do ano findo. Termina pedindo a leitura do mesmo dispositivo.
>
> O sr. 1º Secretario procede a leitura de copia do dispositivo. O sr. Alberto Faria pondera que a sessão fora exclusivamente convocada para a discussão dos pareceres sobre as obras em concurso.

[334] Ibidem, pp. 69-70.

> Objeta o sr. Lauro Muller que os termos finais do dispositivo em questão são obscuros, pois não se compreende que uma comissão estude o merecimento dos candidatos sem insinuar opinião sobre eles.
>
> O sr. Mario Alencar explica o sentido do dispositivo, de que foi autor, parecendo-lhe que com ele se evitam candidaturas indesejáveis.
>
> O sr. Medeiros e Albuquerque julga o dispositivo altamente inconveniente, cumprindo porém à Academia obedecê-lo pois já é lei da casa. Cita a Academia Francesa onde tais disposições foram suprimidas.
>
> Pede a palavra em seguida o sr. Affonso Celso para perguntar à Diretoria se não julga oportuno manifestar a Academia o seu apreço ao poeta francês sr. Paul Fort, presentemente nesta cidade. (...)[335]

Com relação ao conjunto documental formado pelas atas da Academia Brasileira de Letras, deve ser registrada a presença de um hiato com relação ao período de julho de 1920, referido por Mario de Alencar como aquele no qual foi introduzido o novo dispositivo no regimento. Também não encontramos qualquer registro desse dispositivo na documentação regimental oficial da Academia. Parece-nos significativo que a única referência ao tal dispositivo para evitar "candidaturas indesejáveis" e a polêmica que o mesmo gerou entre os acadêmicos tenha aparecido apenas dessa vez, exatamente quando Lima Barreto apresentava sua derradeira candidatura, que ele próprio retirou em carta datada de 28 de setembro de 1921, alegando "motivos inteiramente particulares e íntimos"[336].

Ainda na passagem citada, é digna de nota a intervenção do acadêmico Affonso Celso, filho do padrinho de Lima Barreto, suspendendo a polêmica sobre o dispositivo regimental. Por quê? Não conseguimos apreender nas lacunas e entrelinhas do texto quais

[335] Academia Brasileira de Letras. "Acta da vigesima quinta sessão, em 7-7-1921".
[336] Lima Barreto. "Academia Brasileira de Letras – 1920-1921". In: *Correspondência – Tomo II*, op. cit., p. 217.

seriam as motivações que levariam o filho do visconde de Ouro Preto a introduzir uma mudança tão brusca de assunto naquele momento da sessão.

Para quem buscava uma posição valorizada positivamente na "cidade das letras", nem a Escola Politécnica nem tampouco a Academia Brasileira de Letras... Restou como única porta entreaberta os "quotidianos", através dos quais Lima Barreto conseguiu expor-se e expor sua obra com maior freqüência. No entanto, precisamos assinalar que nem todos os jornais e revistas acolheram os escritos, as idéias e a figura de Lima Barreto.

Ainda na condição de aluno da Escola Politécnica, Lima Barreto colaborou nos periódicos estudantis "A Lanterna"[337] e "Quinzena Alegre", este com Bastos Tigre. "Correio da Manhã"[338], "Tagarela", "O Diabo", "Revista da Época", "O Riso", "Hoje", além de "Revista Souza Cruz", "O Mundo Literário", "Fon-Fon", "Gazeta da Tarde", "Correio da Noite", "Careta", "A.B.C.", "Brás Cubas". Todos esses periódicos cariocas também publicaram originalmente não apenas os artigos e crônicas como também os romances de Lima Barreto, estes sob a forma de folhetins:

> **Lima Barreto a Monteiro Lobato**
>
> Rio, 4-1-1919.
>
> Meu caro Lobato.
>
> Recebi as primeiras provas impressas [de *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*]. Fi-las ler por um amigo, aquele a quem o livro é dedicado [Antônio de Noronha Santos]. (...) Muito obrigado pelas referências aos meus broquéis; e, embora o João do Rio se diga literato, eu me honro muito com o título e dediquei toda a minha vida para merecê-lo.

[337] Relembramos que, em 1902, Lima Barreto deu início à sua colaboração em "A Lanterna", "órgão oficioso da mocidade das escolas oficiais", onde costumava assinar-se, alternadamente, "Alfa Z" e "Momento de Inércia".
[338] Neste periódico, Lima Barreto fez sua entrada no jornalismo. No mesmo período, dividia suas atividades jornalísticas com a militância política, participando do Comitê Operário Independente, um dos muitos comitês criados pelo movimento anarquista.

> Por falar em semelhante paquiderme... Eu tenho notícias de que ele não se tem na conta de homem de letras, senão para arranjar propinas com os ministros e presidentes de estado ou senão para receber sorrisos das moças brancas botafoganas daqui – muitas das quais, como ele, escondem a mãe e o pai. É por causa dessa covardia idiota que "essa coisa" não acaba...
>
> Digo as daqui, porque são as que eu conheço, na montra da Rua do Ouvidor, e nos cochichos dos cafés, chopes e confeitarias.
>
> Lendo unicamente jornais, como a gente inteligente do Rio, elas só conhecem a literatura do seu tempo por aquilo que, como tal, neles é publicado: João do Rio, etc., etc.[339]

Embora, na passagem, Lima Barreto tenha feito críticas à superficialidade dos leitores e leitoras dos jornais, foi nas "folhas volantes" que ele conseguiu publicar uma vasta obra entre 1905 e 1922, sem que, no entanto, ficasse livre das tensões, inevitáveis para um "intelectual-negro" no espaço da "Avenida Central". Graças à ligação com o editor Monteiro Lobato, estabelecida por intermédio de uma correspondência freqüente a partir de 1918, é que Lima Barreto conseguiu experimentar ainda em vida um certo reconhecimento, desde os entendimentos financeiros iniciais para a publicação em volume de seus romances.

Na última seqüência citada, apareceu novamente a referência corrosiva a João do Rio; em diversas ocasiões, as relações pouco amistosas com Paulo Barreto, o João do Rio, foram compartilhadas com outros interlocutores, dos quais destacamos Noronha Santos e Monteiro Lobato. Na citação, a contundência da agressividade do discurso barretiano dialogava com o discurso igualmente agressivo de Monteiro Lobato em carta anterior, datada de 28 de dezembro de 1918, na qual, ao comentar a boa acolhida de seu mais recente "livro de contos", *Urupês*, ele escrevera: "Cá entre nós: não sou literato, nem quero ser, porque João do Rio o é". Em mais um exemplo de discurso irônico, Barreto respondeu a Lobato,

[339] Lima Barreto. "Monteiro Lobato – 1918-1922", op. cit., pp. 56-57.

dizendo-se orgulhoso de ser "literato", mesmo compartilhando essa atividade com "semelhante paquiderme", conforme João do Rio foi qualificado. Por outro lado, Lima Barreto se opunha à atitude de João do Rio de "esconder mãe e pai" para negar suas origens negras, tal como faziam as "moças brancas botafoganas". Na passagem, a permanência do racismo, "essa coisa" que "não acaba[va]..." foi atribuída à atitude de "covardia idiota" de apagamento das "negras imagens" através dos "títulos" e da "posição". O neologismo "botafoganas", aplicado às "moças brancas", expressou as grandes "oposições sociais objetivadas no espaço físico da "Avenida Central"[340], no qual Botafogo representava o bairro mais aristocrático de todos:

> Com a formidável venda que o livro [*Urupês*] de você tem tido aí, parece que lá a coisa é diferente. Nunca supus assim São Paulo. Penitencio-me.
>
> O meu *Policarpo* do qual tirei 2.000, há dois anos, está longe de esgotar-se, apesar de tê-lo vendido (a edição) quase pelo preço da impressão. (...)
>
> Isto dá a medida da inteligência do leitor do Rio. Há uma coisa que ele pede ao autor: posição. (...) Além disso, uma outra coisa influi poderosamente no sucesso do livro: a tendência erótica (...)
>
> O leitor comum do Rio, ou leitora, não sabe ver Amor senão no livro em que ele aparece em fraldas de camisa.
>
> Incapaz disso, pois respeito e tenho muito medo de semelhante deus, procurei empregar a violência, a análise cruel e corajosa, para ser veículo de minhas emoções e pensamentos, despertando a curiosidade, de forma a não morrerem meus livros nas livrarias. É defeito que neles eu reconheço, mas era preciso. Estou falando muito de mim. Adeus.
>
> *Lima Barreto*
>
> N. B. – Nasci no Rio de Janeiro e meus pais também.[341]

[340] Pierre Bourdieu, op. cit., p. 162.
[341] Lima Barreto. "Monteiro Lobato – 1918-1922", op. cit., pp. 57-58.

Como pano de fundo para o debate acerca do contexto da produção literária nas primeiras décadas do século XX, Lima Barreto destacou que a posição social do autor de uma determinada obra era um critério importante, que atravessava a discussão das relações entre a produção e a recepção das obras literárias. Barreto rebateu a modesta acolhida de seus livros com a crítica à inteligência e às escolhas dos leitores e leitoras do Rio, que preferiam as leituras "fáceis" dos jornais "do seu tempo" e dos livros "de tendência erótica" explícita, nos quais o Amor figurava "em fraldas de camisa". Ao mesmo tempo em que avaliou negativamente os leitores cariocas, comparando-os aos paulistas, no final da carta em que se dirigia a um paulista como Monteiro Lobato, Lima Barreto não deixou de sublinhar que "nascera no Rio de Janeiro e seus pais também", o que lhe dava pleno direito de fazer aquela crítica aos seus conterrâneos.

Com a marca do humor, Lima Barreto revelou suas limitações em relação ao "Deus do Amor", do qual tinha "muito medo" e, por isso, respeitava. Assim, suas escolhas temáticas afastavam-se muito daquelas opções de *best-sellers*[342] eróticos para concentrarem-se no "emprego da violência, na análise cruel e corajosa, para ser veículo de suas emoções e pensamentos, despertando a curiosidade". Embora "reconhecesse esse defeito" em seus livros, Lima Barreto não queria "vê-los morrerem nas livrarias", ou seja, sua intenção era de que sua obra sobrevivesse ao seu tempo e aos leitores do seu tempo. Na correspondência intensamente trocada com Monteiro Lobato nos quatro últimos anos de vida, entre 1918 e 1922, encontramos uma observação que, de certo modo, antecipava o que vem sendo a recepção dos escritos de Lima Barreto:

[342] Ousamos inserir aqui uma expressão que não pertence à época de Lima Barreto, mas que descreve adequadamente sua percepção das escolhas de leituras pelos leitores de seu tempo.

> **Monteiro Lobato a Lima Barreto**
>
> São Paulo, 28-12-1918.
>
> Meu caro Lima Barreto,
>
> Recebi as últimas provas [de Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá], e acabo de rever eu mesmo os primeiros capítulos do teu livro. Que obra preciosa estás a fazer! Mais tarde será nos teus livros e nalguns de Machado de Assis, mas sobretudo nos teus, que os pósteros poderão "sentir" o Rio atual com todas as suas mazelas de salão por cima e Sapucaia por baixo. Paisagens e almas, todas, está tudo ali. (...)[343]

A opinião autorizada de Monteiro Lobato destacou a produção escrita de Lima Barreto para ressaltar seu significado como registro de um espaço-tempo, o Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX. Na seqüência, a "Avenida Central" e a "Vila Quilombo" foram reapresentadas por Monteiro Lobato através do contraste entre as duas imagens, "salão por cima e Sapucaia[344] por baixo" do "Rio [de Janeiro] atual [das décadas de 1910, 1920] com todas as suas mazelas".

Sobre o ambiente intelectual da cidade do Rio de Janeiro e os círculos de sociabilidade dos quais Lima Barreto participou, selecionamos algumas passagens do relato de B. Quadros, que se tornou o prefácio do segundo volume da "Correspondência" de Lima Barreto:

> **Primeiro Contacto com Lima Barreto**
>
> Conheci Lima Barreto, se bem me lembro, em 1908, quando se abria a Avenida.
>
> Os moços de hoje julgam, e nós mesmos, que já andamos nos 50, de tanto lermos nos jornais ditirambos à "febre dinâmica" dos Pereira Passos e à "vara de condão" dos Frontin e Lauro Müller, estamos propensos a acreditar,

[343] Lima Barreto. "Monteiro Lobato – 1918-1922", op. cit., p. 55.
[344] Uma das 13 ilhotas da Baía de Guanabara, incorporada à ilha do Fundão. Ver: "Homem ou boi de canga?". In: Lima Barreto. *Bagatelas*, p. 272. Era na ilhota de Sapucaia que todo o lixo da cidade era incinerado. Ver: Paulo Berger, op. cit., p. 75.

> retrospectivamente, no esplendor (vá lá...) da cidade de hoje surgindo como encanto dos escombros do Rio antigo.
>
> Nada disso. A remodelação da velha *urbs* foi demorada, e obedeceu ao ritmo caprichoso, ora presto, ora lento, que caracteriza as nossas atividades. Em suma, a Avenida fez-se devagar. (...)
>
> O povo continuou a mover-se sem pressa, e só com o tempo foi adaptando hábitos ancestrais ao novo ambiente.
>
> Novo, sim, sobretudo à noite, com as luzes variegadas dos primeiros reclames luminosos que o Rio conheceu, e os seus terraços e mesas da Americana e do Jeremias – insolentemente espalhadas pelos passeios.[345]

Publicado pela primeira vez em 1936, o relato de B. Quadros pode ser interpretado como um resultado da desejada "sobrevivência" da obra de Lima Barreto para além do seu tempo. Dessa feita, com letra inicial maiúscula, B. Quadros reapresentou a abertura da "Avenida" como símbolo da "remodelação da velha *urbs*" e nela situou os "terraços e mesas da Americana e do Jeremias" como espaços que, "insolentemente espalhados pelos passeios", serviam como lugar de encontro da boemia intelectual, além de posto de observação da modernidade que chegava e do Rio antigo que se ia:

> Foi numa dessas mesas, creio, que travei conhecimento com Lima Barreto. Cercava-o a rodinha que, durante alguns anos, constituiu o séquito humilde desse *prince de l'esprit*, atraído quiçá, graças a alguma obscura percepção, pelas irradiações do gênio irrevelado, ou talvez pelo simples prazer de bebericar desde o cair da tarde até altas horas da noite, como um boêmio igual a ele.
>
> Nenhum tinha relevo, é preciso repeti-lo, ou situação social acima do medíocre.
>
> (...) E embora Lima Barreto freqüentasse também outras rodas, como a do Café Papagaio, onde avultavam, pelo talento e pela verve, Bastos Tigre, Domingos Ribeiro Filho e

[345] Lima Barreto. "Prefácio de B. Quadros". Publicado, pela primeira vez, em *Vida Nova*, Rio de Janeiro, 25-1-1936. In: *Correspondência – Tomo II*, op. cit., p. [9-11].

> o engenheiro Ribeiro de Almeida, e na qual discutia Arte, era a primeira a sua predileta (...)
>
> Nos primeiros contatos que tive com ele, não lhe notei a amargura, o vinco das criaturas marcadas para os grandes cometimentos e os desastres irreparáveis. Era o Lima Barreto da primeira fase: alegre, despreocupado da vida, sem grandes preocupações pecuniárias, não nos mostrava o fundo de sua alma, aquele surto irreprimível para a tristeza e a dor e o orgulho de ser negro, que mais tarde notei nele (...)[346]

Embora B. Quadros não houvesse notado, de inicio, a aparente "alegria" e a "despreocupação" do Lima Barreto da primeira década do século XX, ou, como Quadros denominou, da sua "primeira fase", o "Lima novo" já continha seu tanto de "amargura" e de "sofrimento". Basta que rememoremos a trajetória de tensões vividas desde quando, aos seis anos de idade, ficara órfão de mãe, e em boa parte relatada no primeiro capítulo de nossa tese. Por outro lado, um dos produtos mais felizes das rodas da "Americana" e do "Jeremias" foi o estreitamento da parceria com um de seus *habitués*, o melhor amigo Noronha Santos.

Nas ruas, nas calçadas, nos terraços, nas mesas dos cafés da "Avenida Central", os "sem esperança" como Lima Barreto teimavam em permanecer e ocupar um espaço que se modificava e se especializava, como bem demonstrava a moda em geral e o vestuário feminino em particular. A distinção entre o espaço restrito dos interiores dos "bailes e teatros" e o espaço da rua também foi percebida por Lima Barreto, através da análise das mudanças nos costumes imposta pela nova ordem da modernidade republicana. Desse modo, as relações sociais de sexo foram objeto de comentários e análises dos mais freqüentes nas crônicas de Lima Barreto, merecendo, portanto, que nos envolvêssemos com essa temática no trabalho que ora apresentamos.

[346] Ibidem, [10-11].

Temeroso confesso das mulheres, dizendo-se um "péssimo namorador", foi na posição de intelectual que Lima Barreto obteve maior êxito no tratamento da temática das relações sociais de sexo. Na "Avenida Central", Barreto expandiu sua reflexão, expôs com nitidez suas contradições, levantou questões e desenhou com riqueza de detalhes o cenário no qual as mulheres se movimentavam com crescente desenvoltura enquanto alguns homens como ele próprio pareciam cada vez mais intimidados. Vivo fosse, Lima Barreto certamente reprovaria uma ousadia que, nesse momento, vamos cometer. A fim de completar a "pintura" do espaço-tempo do "Rio-Paris barato", tão bem nomeado por Lima Barreto, trazemos um pouco de João do Rio e de sua leitura da cidade do Rio de Janeiro.

Os dois cronistas, embora desafetos[347] e com trajetórias distintas, tinham algumas marcas biográficas em comum: por exemplo, eram cariocas, ambos nasceram no mesmo ano (1881), sendo que João do Rio morreu um ano antes (1921) de Lima Barreto (1922). Portanto, Lima Barreto e João do Rio viveram e produziram na mesma temporalidade:

> Flanar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flanar é ir por aí, de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da populaça, (...)[348]

Das condições de produção dos escritos de João do Rio, ressaltamos "a arte de flanar", que dialoga com "a mania ambulatória" de Lima Barreto, sobre a qual já fizemos comentários no primeiro capítulo da tese. Em nossa investigação sobre as relações sociais de sexo, ao interpretarmos os discursos desses dois "homens de letras", estamos cientes dos limites e das

---

[347] Aqui mesmo, já tivemos oportunidade de observar o ódio à João do Rio, explicitado na "Correspondência" entre Lima Barreto e Monteiro Lobato. Quanto à João do Rio, podemos mencionar a exclusão de Lima Barreto do inquérito produzido por aquele, e que resultou em *O momento literário*, um trabalho de levantamento entre os literatos do início do século XX de problemas e questões sobre aquela época na vida literária brasileira.

[348] João do Rio. "A Rua". In: *A alma encantadora das ruas: crônicas*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura. Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, 1987, p. 5. A 1ª edição desta obra foi publicada em 1908, reunindo textos da *Gazeta de Notícias* e da revista *Kosmos*.

possibilidades dessa escolha. Parece-nos que, nesse momento, o medo da ordem e da desordem do discurso não mais assusta, e a pesquisa histórica já não sofre mais de logofobia[349]. Ao contrário, há o entendimento da dimensão social, histórica e cultural do discurso[350], e da língua como arena de muitas lutas, pois "enquanto houver hierarquia, dominação, exploração, haverá práticas de resistência que deixam traços na língua"[351]. A expressão "à espera do Zé-Maria", muito utilizada por João do Rio, fez emergir um significado referente à morte, ou melhor, "à espera da morte", como podemos observar na seguinte passagem da crônica "As Mulheres Mendigas":

> - Chamo-me Zoarda. Sou cubana. Vim para o Rio com um *pelotari* [jogador de bola]. Ao chegar aqui, outro conquistou-me. Fui explorada por ambos. Eram bonitos, eram fortes! Adoeci; eles tomaram outra. Quando saí do hospital só pensava em matá-la!
> - A quem?
> - A ela, a outra. Fui, entretanto, presa e novamente segui para a Gamboa, onde cheguei a ser enfermeira. Quando de lá saí, roída pela moléstia, estava este trapo à espera do *Zé-Maria*.
> - O *Zé-Maria*?
> - Sim, da morte![352]

A Gamboa abrigou uma das primeiras casas de saúde do Rio de Janeiro. Nesse logradouro, foi instalada em 1853 "uma enfermaria para portadores de moléstias infecciosas, de febre amarela inclusive"[353], que foi transformada em hospital em 1871. Na passagem, a estratégia do discurso direto produziu o efeito de sentido da polifonia[354] e, desse modo, a voz de Zoarda se fez ouvir em confissão, quando o cronista ia "pela noite alta (...) para o Largo da Sé, para

---

[349] Michel Foucault, op. cit., p. 30.
[350] Mikhail Bakhtin. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6ª ed. São Paulo: Hucitec, 1992, p. 36.
[351] David McNally, op. cit., p. 48.
[352] João do Rio."As Mulheres Mendigas". In: *A alma encantadora das ruas: crônicas,* op. cit., p. 129.
[353] Brasil Gerson, op. cit., p. 154.
[354] Dominique Maingueneau, op. cit., p. 108. Trata-se de uma noção introduzida por M. Bakhtin.

as beiradas da Santa Casa". E assim, no espaço da crônica, Zoarda narrou sua trajetória de mulher, imigrante pobre, explorada, doente, à espera da morte.

Na nova ordem republicana, ser pobre e estrangeiro ou estrangeira significava "arcar com uma dupla suspeição"[355]. A essas duas características desqualificantes, Zoarda ainda acumulava a de ser proletária do sexo e não-européia. Mas não foi apenas a sua condição de "indesejável"[356] que entrou no relato. É possível descobrir na trajetória de Zoarda algumas práticas de resistência. A primeira delas, pela "alteridade"[357], que se expressou por uma ação de distanciamento em relação aos que a maltrataram, produzida a partir do uso dos pronomes "outro", "outros", "outra". Uma segunda prática de resistência a que, para encobrir a condição de proletária do sexo, atribuiu um juízo de valor positivo para justificar a aproximação de Zoarda dos dois homens: "Eram bonitos, eram fortes!". Como afirmação de uma "simbólica do poder"[358], a possibilidade da morte, entretanto, só estava destinada às duas mulheres: à Zoarda, que estava à sua espera e também pensava em matar apenas a rival. Vejamos mais uma imagem de João do Rio, para representar o "Rio-Paris barato":

> - Olha, Maria...
> - É verdade! Que bonito!
> As duas raparigas curvam-se para a montra, com os olhos ávidos, um vinco estranho nos lábios.
> Por trás do vidro polido, arrumados com arte, entre estatuetas que apresentam pratos com bugingangas de fantasia e a fantasia policroma de coleções de leques, os desdobramentos das sedas, das plumas, das *guipures*, das rendas...
> É a hora indecisa em que o dia parece acabar e o movimento febril da Rua do Ouvidor relaxa-se (...) Os relógios acabaram de bater, apressadamente, seis horas. Há um hiato na feira das

[355] Lená Medeiros de Menezes, op. cit., p. 192.
[356] Ibidem, p. 189.
[357] Tzvetan Todorov, op. cit., p. 223.
[358] Pierre Bourdieu, op. cit., p. 163.

> vaidades: sem literatos, sem *poses*, sem *flirts*. Passam apenas trabalhadores de volta da faina e operárias que mourejaram todo o dia. (...)
> As raparigas ao contrário [dos operários]: vêm devagar, muito devagar, quase sempre duas a duas, parando de montra em montra, olhando, discutindo, vendo.(...)
> Elas, coitaditas! Passam todos os dias a essa hora indecisa (...) Que lhes destina no seu mistério a Vida cruel? Trabalho, trabalho; a perdição, que é a mais fácil das hipóteses; a tuberculose ou o alquebramento numa ninhada de filhos.(...)
>
> A rua não lhes apresenta só o amor, o namoro, o desvio...Apresenta-lhes o luxo. E cada montra é a hipnose e cada *rayon* de modas é o foco em torno do qual reviravolteiam e anseiam as pobres mariposas.[359]

Observamos nessa passagem a articulação de um espaço social de lugares marcados no qual "o poder se afirma e se exerce sob a forma mais sutil, a da violência simbólica"[360]. As mulheres eram "operárias", "coitaditas" e "anseiam" possuir. Após cada dia inteiro de trabalho duro, ocupavam um "hiato na feira das vaidades" e, nesse espaço-tempo restrito, "a essa hora indecisa", quando os relógios marcavam seis horas, percorriam a famosa rua do Ouvidor, em atitude constrita de adoração às vitrines como se fossem altares.

O "Zé-Maria", ou a idéia de morte, estava à espreita dessas "pobres mariposas do luxo", através da "perdição", da "tuberculose", da maternidade fecunda que gerava "alquebramento" ou da "hipnose" que as suntuosidades do "Rio-Paris barato" exibiam. Como práticas de resistência, destacamos o uso diferenciado do tempo, a faina do tempo do trabalho dando lugar à lentidão com que as raparigas caminhavam e, assim, iam estabelecendo na rua as redes de solidariedade, para olhar, desejar, comentar entre elas e... demorar a voltar para a casa, o que significava adiar o momento de enfrentar mais trabalho, daquela feita, os serviços domésticos.

---

[359] João do Rio. "As Mariposas do Luxo". In: *A alma encantadora das ruas: crônicas*, op. cit., pp. 101-102.
[360] Pierre Bourdieu, op. cit., p. 163.

Como pesquisadoras, avaliamos que a contribuição de João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, o João do Rio, é inegável e valeu a pena acrescentá-la, através dessas três citações e algumas poucas palavras de comentários, de modo a tornar mais visível a imagem do Rio de Janeiro como uma "cidade de deslocamentos".

Observamos as tensões e as interligações entre a "Vila Quilombo" e a "Avenida Central" no discurso barretiano, as quais distinguem para excluir a "Vila Quilombo" dos cuidados que o poder público dispensava à "Avenida Central", ou às regiões de prestígio, desde a "avenida (...), passando por Botafogo e Copacabana"[361], na paisagem urbana da cidade do Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX. Na "Vila Quilombo", temos como primeira formação discursiva "a ilusão urbana", cujo ícone mais significativo seriam as "tabuletas ouvidorianas" dos nomes das lojas situadas no entorno da "estação" de trem; a segunda formação discursiva é a que localizava "o paraíso carioca" nesse espaço-tempo, livre até certo ponto das mazelas patrocinadas pelos "plutocratas"[362] e pelo poder público. Na "Avenida Central", temos como a primeira formação discursiva a "modernidade importada", concretizada nas expressões "Rio-Paris barato" e "Buenos Aires de tostão"; a segunda formação discursiva considera o "diploma abre-te Sésamo" e suas implicações em relação às discriminações várias, seja nas colocações e nas funções da administração nas várias esferas de poder, seja até mesmo na prática do futebol e dos esportes em geral.

No capítulo que se encerra, o Rio de Janeiro é desvelado desde a imagem barretiana escolhida para dar título e, igualmente, pela afirmação de que "o processo de constituição da

---

[361] Lima Barreto. "O Prefeito e o Povo". In: *Marginália*, op. cit., p. 118.

[362] "Plutocratas" seriam "não só os grandes capitalistas, mas também os grandes fazendeiros e senhores de terra", segundo a interpretação de Astrojildo Pereira, que prefaciou o volume *Bagatelas*, a respeito do uso que Lima Barreto fazia do termo, por sinal, um uso freqüente. Ver: Lima Barreto. "Prefácio, por Astrojildo Pereira". In: *Bagatelas*, op. cit., [20].

cidade-questão era o objeto de nossa investigação histórica”[363]. Reconhecer a problemática do “Rio-Paris barato” enquanto questão, tal como indicou a historiadora Maria Izilda S. de Matos, significa dizer, portanto, que as cenas de “Uma guerra dos sexos? Inventário de imagens”, correspondentes à temática do “Capítulo 3”, resultam das formações discursivas em disputa que caracterizavam o espaço-tempo do “Rio-Paris barato” como “cidade de deslocamentos” e da experiência da alteridade.

[363] Maria Izilda Santos de Matos. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru, SP: EDUSC, 2002, pp. 33-34.

CAPÍTULO 3
UMA GUERRA DOS SEXOS? INVENTÁRIO DE IMAGENS

As cenas[364] de uma "guerra dos sexos" em curso em uma determinada época histórica podem ser reveladas através de imagens. Tais cenas delimitam cenários – ou lugares – nos quais homens e mulheres estão em relação.

A partir da análise do discurso de Lima Barreto, estabelecemos um conjunto de nove cenas de uma guerra dos sexos nas relações sociais: MODA, CASAMENTO, FEMINISMO, FILANTROPIA, CELEBRAÇÕES POPULARES, DIPLOMA E ANEL, TRANSPORTES COLETIVOS, RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E CRIMES. Essas cenas não estão isoladas; suas fronteiras são permeáveis e, portanto, suas práticas transversalizam as demais cenas, formando um sistema de complexas relações sociais, culturais e políticas. Por questões de metodologia, passamos a apresentar a seguir cada uma das cenas *de per si*, buscando destacar as formações discursivas que as caracterizam.

MODA[365]

> *Uma tarde no Café Papagaio, vendo passar pela Rua Gonçalves Dias afora, de baixo para cima, de um lado para outro, grandes mulheres estrangeiras, cheias de jóias, com espaventosos chapéus de altas plumas, ao jeito de velas enfunadas ao vento...*
>
> *Lima Barreto*[366]

---

[364] A noção de "cena" foi apropriada da teoria da Análise do Discurso. Ver: Patrick Charadeau e Dominique Maingueneau, op. cit., p. 95.

[365] No estudo que fizemos da cena da moda, privilegiamos as seguintes crônicas: "A Mulher Brasileira", que saiu na *Gazeta da Tarde* de 27 de abril de 1911; publicadas originalmente na revista *Careta*, temos "Modas Femininas e Outras", de 13 de setembro de 1919, "As Vaporosas", de 4 de outubro de 1919, "Chapéus, etc", 24 de julho de 1920 e "Vestidos Modernos", de 22 de julho de 1922; por último, "Uma Conversa", do volume *Histórias e Sonhos*.

A apresentação da cena da moda pressupõe o levantamento de imagens que reflitam as referências e tendências que a constituem no espaço-tempo da cidade-capital brasileira do início do século XX. Partimos da citação em epígrafe, focalizando, primeiramente, a imagem dos "espaventosos chapéus de altas plumas" associada às "velas enfunadas" das caravelas que trouxeram para as terras da futura nação brasileira os primeiros colonizadores portugueses em fins do século XV. A bela metáfora com base na nossa História introduziu na cena da moda a questão da submissão a orientações e concepções estrangeiras.

Ressaltamos a presença das modistas francesas, a partir do século XIX, concentradas na rua do Ouvidor[367], e dedicadas a confeccionar nos trópicos o vestuário concebido à parisiense, para uma clientela oriunda da elite brasileira[368]. Essas profissionais francesas, com suas novas práticas, influenciaram os costumes, mudando a paisagem: as costureiras brasileiras, não importando a condição sócio-econômica, passaram a buscar inspiração na moda francesa; o comércio da moda cresceu, com o aumento dos pedidos e das encomendas de tecidos, aviamentos, acessórios e outros materiais importados; a demanda por outras tarefas correlacionadas, como a de lavar e de engomar roupas finas, ampliou as possibilidades profissionais para francesas e nacionais; as revistas de modas tornaram-se leitura obrigatória e faziam sucesso, até mesmo quando estampavam modelos impossíveis de

---

[366] Lima Barreto. *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*. 2ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1962, p.103. (Col. Obras de Lima Barreto, vol. IV).

[367] Em texto de 1901, Luiz Edmundo registra: "A rua, que a municipalidade de então chama Moreira César e o povo, como sempre, rua do Ouvidor, é apenas um pobre corredor entre tantos corredores da cidade, embora menos rústico que os outros, embora mais festivo, e, sobretudo, muito mais freqüentado." A seguir, o cronista delineia o trecho mais animado, que compreendia os quarteirões situados entre o largo de São Francisco e a rua do Ourives, atual rua Miguel Couto. Ver: Luiz Edmundo. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1957, pp. 65-69. (1º Vol.).

[368] Lená Medeiros de Menezes. "À francesa, dos pés à cabeça: Ao chegar ao Brasil, a moda parisiense passa a ditar o vestuário e o comportamento das elites do país". In: *Revista de História da Biblioteca Nacional.* Ano 3, N. 35, outubro de 2007, pp. 54-57.

serem confeccionados e usados no cotidiano das ruas da cidade, lá como cá. Por tudo isso, havia quem tentasse caminhar pelas ruas do Rio de Janeiro trajando certos modelos parisienses, ricos em adornos e aviamentos, e o resultado, muitas vezes, tornava-se catastrófico, pelo menos nos relatos de Lima Barreto.

Destacamos ainda na epígrafe a localização do centro da moda carioca, situado junto "à avenida e à Rua do Ouvidor", tendo a vizinha Rua Gonçalves Dias como o endereço da famosa Confeitaria Colombo[369]. Observamos também a imagem das "grandes[370] mulheres estrangeiras" como as portadoras das novidades que não cessavam de chegar, vindas principalmente de Paris, o centro mundial da moda na *Belle Époque*. Finalmente, apropriamo-nos das palavras de L. Menezes para acrescentar à leitura da epígrafe a evidência de que "O toque do refinamento europeu manifestava-se na presença das meretrizes francesas (...), nos figurinos e adornos franceses (...). Progresso e prazer tornaram-se os símbolos de um novo mundo e de um novo viver, (...)"[371] no espaço-tempo da "Avenida Central", de início, para desdobrar-se no espaço-tempo da "Vila Quilombo", em seguida, como bem observou o cronista da época, Luiz Edmundo: "Nesse trecho, com pouco mais de cem metros

---

[369] Na Colombo, construída em 1894, a clientela mudava conforme a hora do dia "na claridade da República". Às duas horas da tarde, a casa começava a receber as mocinhas e as senhoras elegantes que retornavam dos passeios e das compras na rua do Ouvidor. Às cinco e meia, a fase familiar dá lugar ao murmúrio das "madamas", dos "coronéis", e "nas mesinhas de mármore os cândidos sorvetes são substituídos por absintos, Xerez (...) E gargalhadas (...)". À noite, era a vez da boemia e da roda literária, isso após o rompimento de Olavo Bilac com a Confeitaria Pascoal. A senha "Para a 'Colombo", ditada por Bilac, transferiu para essa confeitaria, por solidariedade, "a maioria do cenáculo". Antes de fechar, pelas nove e meia da noite, é a vez dos pobres: "Homens de ar melancólico, os chapéus descidos sobre os olhos, mulheres de mantilha, crianças pálidas que choramingam, todos eles à espera dos embrulhos de pastelaria ou dque vão ser distribuídos como se fossem níqueis." Ver: Luiz Edmundo. *O Rio de Janeiro do meu tempo*, op. cit., pp. 595-599. (3º Vol.).

[370] Observamos que o adjetivo "grandes" não expressa o tamanho dessas mulheres, uma vez que elas, especialmente as francesas, eram de baixa estatura. Talvez a presença imponente ou glamurosa dessas mulheres, com seus "chapéus de altas plumas" e demais adereços "de chamar a atenção" as tornassem, aos olhos do cronista, de fato, "grandes".

[371] Lená Medeiros de Menezes. *Os estrangeiros e o comércio do prazer nas ruas do Rio (1890-1930).* Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992 , p. 27.

de extensão, é que palpita a vida elegante da cidade, trânsito obrigatório dos que chegam dos arrabaldes à parte central da cidade, a compras ou a passeio”[372].

No ensaio “Sobre a Modernidade”, de 1859, Charles Baudelaire escreveu: “A moda deve ser considerada, pois, como um sintoma do gosto pelo ideal que flutua no cérebro humano acima de tudo o que a vida natural nele acumula de grosseiro, terrestre e imundo...”[373]. No mesmo estudo, o poeta e crítico francês fez referência ao “todo indivisível” constituído “da mulher e do traje” como “uma imagem inseparável da beleza”[374] que encantava qualquer homem. Assim, nas relações sociais de sexo, ao homem caberia observar a beleza e, se fosse capaz, exprimi-la “como o pintor do circunstancial e de tudo o que este sugere de eterno”[375], pois “A Modernidade é o transitório, o efêmero, o contingente, é a metade da arte, sendo a outra metade o eterno e o imutável”[376], definiu Baudelaire.

Ao cotejar a consagrada concepção de Baudelaire sobre modernidade e moda com a de Lima Barreto, segundo o que este expressou em suas crônicas, observamos algumas aproximações e oposições que passamos a apresentar:

> Nunca foi da minha vocação ser cronista elegante; entretanto às vezes, me dá na telha olhar os vestidos e atavios das senhoras e moças, quando venho à avenida. Isto acontece principalmente nos dias em que estou sujo e barbado. (...)
>
> Há dias, saindo de meu subúrbio, vim à avenida e à Rua do Ouvidor e pus-me a olhar os trajes das damas.
>
> Olhei, notei e concluí: estamos em pleno carnaval.
>
> Uma dama passava com um casaco preto, muito preto, e mangas vermelhas; outra, tinha uma espécie de capote que parecia asas de morcego; ainda outra vestia uma saia

[372] Luiz Edmundo. *O Rio de Janeiro do meu tempo*, op. cit., p. 66. (1º vol.).
[373] Charles Baudelaire. *Sobre a modernidade*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004, p. 63. (Col. Leitura).
[374] Ibidem, p. 59.
[375] Ibidem, p. 14.
[376] Ibidem, p. 26.

> patriótica verde e amarelo; enfim, era um dia verdadeiramente dedicado a Momo.[377]

Na crônica "Vestidos Modernos", a "avenida" era a Avenida Central, vitrine maior da "*Belle Époque* Tropical", rebatizada como "Rio-Paris barato"[378] por Lima Barreto, como já vimos. A seqüência "Olhei, notei e concluí", na qual acrescentaríamos "registrei como cronista", permite-nos constatar que Lima Barreto era um "pintor" da modernidade que se interessava pela moda. Ao sentenciar que "estamos em pleno carnaval", Barreto estava evidenciando a prática da cópia sem critério das revistas de moda, que resultava nessas "catástrofes" ambulantes, plenamente adornadas de acessórios. Ao anunciar que costumava observar o desfile das mulheres elegantes nas ruas da cidade exatamente "nos dias em que estou[estava] sujo e barbado", interpretamos que Lima Barreto desejava distanciar-se do "gosto pelo ideal" que a moda para as elites revelava, para manter-se na "vida natural" de sua existência.

Na cena da moda, Lima Barreto buscou juntar as duas metades que definem a arte da moda, segundo Baudelaire: a circunstancial e efêmera, que consistia em estranhar os trajes das damas que circulavam na avenida e na Rua do Ouvidor; e a metade eterna e imutável, quando "os vestidos e atavios das senhoras e moças", embora considerados "modernos", assemelhavam-se a "fantasias de carnaval" para quem, como ele, podia fazer tal comparação porque possuía a experiência viva do carnaval como uma das festas populares que marcava sua/nossa identidade cultural. Estamos interpretando a metade "eterna e imutável" do conceito baudelaireano de modernidade e moda como uma construção histórica,

[377] Lima Barreto. "Vestidos Modernos", *Careta*, Rio, 22/7/1922. In: *Marginália*, op. cit., p. 89.
[378] Idem. "O Convento", op. cit., p. 86.

produzida na longa duração dos "costumes em comum"[379] que nos diferenciavam dos costumes franceses e, também, ingleses, como o uso da bengala por cavalheiros.

O desejo de acompanhar mais de perto a moda era atribuído às mulheres, enquanto os homens, como observou Baudelaire, olhavam e, quando conseguiam, registravam suas impressões. Na crônica "Chapéus, etc.", Lima Barreto voltou a observar essa peça do vestuário feminino, assumindo que seu estranhamento só não era maior porque os "costumes republicanos" estavam admitindo "tanta coisa nova" que tudo era possível acontecer:

> Vejam os senhores, por exemplo, essas damas que encontro pelos bondes... Em vão tento namorá-las! Andam elas com uns chapéus de oleado de fazer medo a qualquer bombeiro em momento de ataque ao fogo; entretanto, elas vão bonitinhas, contentinhas de fazer um homem como eu, péssimo namorador, ficar embasbacado.
>
> É possível que essas moças se julguem interessantes com semelhante cobertura? Não creio. Contudo elas vão alegres e satisfeitas. Como admitir uma cousa e outra?[380]

Enquanto as damas iam "alegres e satisfeitas", "bonitinhas, contentinhas", Lima Barreto ficava "embasbacado" ao encontrar nos bondes as moças com aqueles chapéus, descritos por ele como desinteressantes. Ao se autoproclamar "péssimo namorador", o cronista trouxe a cena do casamento para o interior da cena da moda, declarando mais uma vez sua inabilidade para namorar tais damas. Na crônica "A Mulher Brasileira", Barreto refletiu mais um pouco sobre as qualidades que a mulher brasileira deveria ter para fazer-se merecedora de brindes e gabos nas sobremesas em "festins familiares":

> Todos estão vendo um homenzinho de *pince-nez*, testa sungada, metido numas roupas de circunstâncias, levantar-se lá do fim da mesa; e, com uma mão no cálice, meio

[379] E. P. Thompson. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.22.
[380] Lima Barreto. "Chapéus, etc.", *Careta*, 24/7/1920. In: *Vida Urbana*, op. cit., pp. 235-236.

> suspenso, e a outra na borda do móvel, pesado de pratos sujos, compoteiras de doce, guardanapos, talheres e o resto – dizer: "Peço a palavra"; e começar logo: "Minhas senhoras, meus senhores". As conversas cessam; Dona Lili deixa de contar a Dona Vivi a história do seu último namoro; todos se aprumam na cadeira; o homem tosse e entra em matéria: "A mulher, esse ente sublime..." E vai por aí, escachoando imagens do *Orador Familiar*, e fazendo citações de outros que nunca leu, exaltando as qualidades da mulher brasileira, quer como mãe, quer como esposa, quer como filha, quer como irmã.
>
> A enumeração não foi completa; é que o meio não lhe permitia completá-la.[381]

A citação apresentou uma situação do cotidiano da época, com vários elementos das imagens que compõem as diferentes cenas das relações sociais de sexo. Assim, temos as confidências sobre namoros trocadas entre duas amigas, o "Peço a palavra" do "homenzinho de *pince-nez"*, como senha para tomar para si todas as atenções dos presentes, a enumeração – incompleta – dos papéis da mulher no espaço privado da família, a insinuação maldosa a respeito de outros papéis da mulher no espaço público e, por fim, as "roupas de circunstâncias", que o orador vestia para a ocasião. "Haverá mesmo razão para tantos gabos? Os oradores terão razão?" – foram as perguntas retóricas que orientaram o exame das qualidades da mulher brasileira por Lima Barreto, fazendo com que o comportamento das brasileiras fosse objeto de análise:

> Lendo há dias as *Memórias*, de Mme d'Épinay, tive ocasião de mais uma vez constatar a floração de mulheres superiores naquele extraordinário século XVIII francês.
>
> Não é preciso ir além dele para verificar a grande influência que a mulher francesa tem tido na marcha das idéias de sua pátria. (...)
>
> E foi por ler Mme d'Épinay e recordar outras leituras, que me veio pensar nos calorosos elogios dos oradores de sobremesas à mulher brasileira. Onde é que se viram no

[381] Idem. "A Mulher Brasileira", *Gazeta da Tarde*, Rio, 27/4/1911. In: *Vida Urbana*, op. cit., pp. 49-52.

> Brasil, essa influência, esse apoio, essa animação das mulheres aos seus homens superiores?
>
> É raro; e todos que o foram, não tiveram com suas esposas, com suas irmãs, com suas mães, essa comunhão nas idéias e nos anseios, que tanto animam, que tantas vantagens trazem ao trabalho intelectual.[382]

A obra "Mémoires", em dois volumes encadernados, de Mme d'Épinay fazia parte da "Limana"[383] de Lima Barreto. A sintonia das mulheres francesas com o "trabalho intelectual" ao tempo da Ilustração juntou-se à cena da moda para sugerir que a influência francesa não se fazia sentir no cenário mais nobre das "letras e artes" brasileiras:

> Como que adoça, como que tira as asperezas e as brutalidades, próprias ao nosso sexo, essa influência feminina nas letras e nas artes.
>
> Entre nós, ela não se verifica e parece que aquilo que os nossos trabalhos intelectuais têm de descompasso, de falta de progressão e harmonia, de pobreza de uma alta compreensão da vida, de revolta clara e latente, de falta de serenidade vem daí. (...)
>
> Como se sente bem a intimidade espiritual, perfeitamente espiritual, que há entre Balzac e a sua terna irmã, Laura Sanille, quando aquele lhe escreve, numa hora de dúvida angustiosa dos seus tenebrosos anos de aprendizagem: "Laura, Laura, meus dois únicos desejos, 'ser célebre e ser amado', serão algum dia satisfeitos?" Há disso aqui?[384]

A "intimidade espiritual, perfeitamente espititual" entre Balzac e sua irmã Laura Sanille representava um modelo a ser seguido pelos "homens de inteligência" e pelas mulheres que os acompanhavam. Um outro exemplo francês foi acrescentado, para reforçar a tese de que as mulheres brasileiras, "até como mães", não eram "digna[s] dos elogios dos oradores inflamados":

---

[382] Ibidem.

[383] De acordo com o "Inventário" da biblioteca particular de Lima Barreto, elaborado por ele próprio, "Mémoires" estava localizada na "Estante 1, 3ª Prateleira, sob número 111". *Apud*: Francisco de Assis Barbosa, op. cit., p. 350.

[384] Lima Barreto. "A Mulher Brasileira", op. cit., pp. 49-52.

> A sagacidade e agilidade de espírito fazem-lhes falta completamente para penetrar na alma dos filhos; as ternuras e os beijos são estranhos às almas de cada um. Sonho do filho não é percebido pela mãe; e ambos, separados, marcham no mundo ideal**.** Todas elas são como aquela de que fala Michelet: "Não se sabe o que tem esse menino'. 'Minha Senhora, eu sei: ele nunca foi beijado".[385]

Nas relações entre mãe e filho, o distanciamento físico, emocional mesmo, mostrava que ambos "marcha[va]m no mundo ideal" e fugiam do real, sem enfrentarem os problemas circunstanciais do cotidiano. A seguir, Lima Barreto tornou mais concreto seu posicionamento pela apresentação de uma imagem da diferença entre os comportamentos da mulher brasileira e das imigrantes nas ruas do Rio de Janeiro:

> Basta observar a maneira de se tratarem. Em geral, há jeitos cerimoniosos, escolhas de frases, ocultações de pensamentos; o filho não se anima nunca a dizer francamente o que sofre ou o que deseja e a mãe não o provoca a dizer.
>
> Sem sair daqui, na rua, no bonde, na barca, poderemos ver a maneira verdadeiramente familiar, íntima, sem *morgue* nem medo, com que as mães inglesas, francesas e portuguesas tratam os filhos e estes a elas. Não há sombra de timidez e de terror; não há o "senhora" respeitável; é "tu" e "você".
>
> As vantagens disso são evidentes. A criança habitua-se àquela confidente; faz-se homem e, nas crises morais e de consciência, tem onde vazar com confiança as suas dores, diminuí-las, portanto, afastá-las muito, porque dor confessada é já meia dor e tortura menos. A alegria de viver vem e o sorumbatismo, o mazombo, a melancolia, o pessimismo e a fuga do real vão-se.[386]

A oposição entre os "jeitos cerimoniosos" das mães brasileiras e "a maneira verdadeiramente familiar, íntima" das mães européias colocava em desvantagem as crianças brasileiras, que cresciam sem "alegria de viver", experimentando "o sorumbatismo, o mazombo, a melancolia, o pessimismo", segundo Lima Barreto. Ao incluirmos na cena da moda esses

[385] Ibidem.
[386] Ibidem, p. 52.

outros elementos, como as formas de tratamento mais ou menos formais que eram usadas nas relações pessoais, estamos assumindo a posição de que a moda, muito mais do que simplesmente o uso dos trajes e seus acessórios, era um modo de se colocar frente às mudanças propostas para os comportamentos na sociedade. A última crônica do *corpus* documental de análise da cena da moda é "Uma Conversa", que utiliza a estratégia discursiva do diálogo entre dois amigos para focalizar a temática da beleza:

> [Zeca Magalhães] Pegou do copo e sorveu um segundo chope, enquanto eu via, numa mesa ao lado, um gordo alemão com um focinho de porco Yorkshire, acompanhado da mais linda alemã que foi dado aos olhos de um carioca, que nunca saiu da sua cidade natal, ver e contemplar.
>
> - Zeca, disse eu, a meia voz, vê que alemã bonita.
>
> Era disso mesmo que eu queria falar, fez ele descansando o copo.
>
> - Da alemã?
>
> - Relaciona-se. Eu estava no teatro... Foi há vinte anos, ou mais. Estava no teatro, no jardim, quando vi uma mulher. Que beleza era! Tinha uns olhos, um nariz! E que boca![387]

Na crônica, o olhar "de um carioca, que nunca saiu de sua cidade natal" descreveu fisicamente o alemão e a alemã, distinguindo os dois sexos pela beleza, apresentada como um atributo exclusivamente feminino. A imagem da "alemã bonita" trouxe de volta do passado de Zeca Magalhães, o amigo do narrador, um acontecimento que se atualizava como fenômeno que "não me [lhe] saiu da cabeça". Em sua narrativa, Magalhães referiu-se à estranha experiência de ver duas imagens diferentes de uma mesma mulher, uma italiana que encontrara em dois momentos, com o intervalo de uma noite:

> Eu a tinha visto no teatro, em plena integridade dos meus sentidos; tinha analisado detalhadamente – como era então que a mulher que eu via, às oito horas da tarde, não era a

[387] Lima Barreto. "Uma Conversa". In: *Histórias e Sonhos*, op. cit., pp. 237-239.

> mesma de quem me despedi às seis da manhã do dia seguinte? (...) Estava doido naquela noite! pensei. Rememorei o que fizera naquele dia e nos precedentes ao meu encontro com a tal italiana. Lembrei-me que tinha recebido umas estampas de grandes obras de escultura e, na sua contemplação, gastara horas seguidas de uma atenção absorvente. Estava aí a causa do erro! Sobre os seus traços verdadeiros, ou antes, os mais reais, eu tinha depositado a imagem anterior da grande beleza que me ficara do livro; e, quando de manhã, com a fadiga, etc., ela se esvaiu, ficou mais ou menos a mulher comum, fugindo por completo a idéia anterior com que eu a revestira. Daí concluí, não sem ligeireza, que essa nossa mania de beleza é um contágio dos delirantes sonhos de alguns homens, dados a loucuras de Arte, exacerbados com os delírios das tradições de antigas raças e sofrendo a tirania dos ideais belos; é que as nossas sensações são interpretadas pelo nosso entendimento, de acordo com as imagens de certos padrões que já estamos predispostos a recebê-las...[388]

A partir da interpretação que fizemos das palavras de Lima Barreto, colhemos a evidência de que as imagens, quando contempladas demorada e atentamente, tinham o poder de se sobrepor aos "traços verdadeiros, ou antes, os mais reais" de alguém.

A cena da moda trouxe a reflexão acerca da "tirania dos ideais belos", que exigia a obediência a "certos padrões", recebidos e "exacerbados com os delírios das tradições de antigas raças". Cabia, portanto, desconfiar das próprias sensações para discernir com clareza e "sem ligeireza" os "delirantes sonhos" das práticas e suas representações.

[388] Ibidem, p. 238.

CASAMENTO[389]

Nosso ponto de partida são as idéias de Lima Barreto sobre o casamento e sua "utilidade social", que foram escritas na crônica "No ajuste de contas", de 1918, como parte de suas reflexões que, sob influência da revolução russa, defendiam a necessidade de uma revolução na sociedade brasileira:

> Eu sou por todas as formas de casamento; não me repugna admitir a poligamia ou a poliandria; mas transigiria se fosse governo. Continuaria a monogamia a ser a forma legal do matrimônio, mas suprimiria toda essa palhaçada de pretoria ou juizado de paz. O Estado só interviria para condenar e processar o bígamo; tudo o mais correria por conta das famílias dos nubentes. Os pais é que se encarregariam do processo, hoje chamado – "papéis de casamento" – e das cerimônias que fossem do seu gosto realizar; e o Estado só saberia do "caso", como atualmente, com o nascimento, por comunicação escrita das partes, para o competente registro. Não haveria nunca comunhão de bens; a mulher poderia soberanamente dispor dos seus.
>
> O divórcio seria completo e podia ser requerido por um dos cônjuges e sempre decretado, mesmo que o motivo alegado fosse o amor de um deles por terceiro ou terceira.
>
> A muitos leitores parecerão absurdas essas idéias; não pretendo convencer desde já todos, espero que o tempo e o raciocínio irão despertar neles simpatia por elas e a convicção da sua utilidade social.[390]

A intenção de diálogo com os leitores estava explicitada no parágrafo final da citação, bem como a indicação de Lima Barreto de que "o tempo e o reciocínio" dariam as condições indispensáveis para o processo de convencimento de todos. A poligamia e a poliandria apareceram como possibilidades nas relações sociais de sexo, embora a monogamia devesse

---

[389] A fim de apresentar nossa análise da cena do casamento, consideramos as seguintes crônicas de Lima Barreto: "O Trem de Subúrbios", de 21 de dezembro de 1921, do volume *Feiras e Mafuás*; "No Ajuste de Contas", de 11 de maio de 1918, e "Os uxoricidas e a sociedade brasileira", de 2 de março de 1919, do volume *Bagatelas*; "Lívia", "A Mulher do Anacleto", "A Cartomante" e "Na Janela", do volume *Histórias e Sonhos – Outras Histórias;* e do volume *Vida Urbana*: "Quereis encontrar marido?", de *Hoje*, 26 de junho de 1919, "Novidades", de *Careta*, 22 de novembro de 1919 e "A Pescaria", de *Careta*, 13 de agosto de 1921.

[390] Lima Barreto. "No ajuste de contas", 11/5/1918. In: *Bagatelas*, op. cit., pp. 88-96.

continuar sendo a forma de união conjugal, cuja legalização far-se-ia apenas a partir do registro de nascimento do primeiro filho. Segundo Barreto, a abolição do regime de comunhão de bens e a a defesa do divórcio, "mesmo que o motivo alegado fosse o amor de um deles por terceiro ou terceira", constituíam as demais propostas de mudanças sugeridas nas relações sociais de sexo mais estáveis. Portanto, a igualdade de direitos entre homens e mulheres nas relações sociais de sexo estava assegurada, de acordo com as idéias defendidas por Lima Barreto.

Em "A Mulher do Anacleto", outras imagens, nesse caso mais próximas da vida cotidiana das relações sociais de sexo, entraram na cena do casamento. Embora o título antecipe que a mulher era a protagonista, seu protagonismo resultou das mudanças que Anacleto, o marido, experimentou em sua vida profissional e matrimonial:

> Este caso passou-se com um antigo colega meu de repartição. (...)
>
> Ele, em começo, era um excelente amanuense, pontual, com magnífica letra e todos os seus atributos do ofício faziam-no muito estimado dos chefes.
>
> Casou-se bastante moço e tudo fazia crer que o seu casamento fosse dos mais felizes. Entretanto, assim não foi.
>
> No fim de dous ou três anos de matrimônio, Anacleto começou a desandar furiosamente. Além de se entregar à bebida, deu-se também ao jogo.
>
> A mulher muito naturalmente começou a censurá-lo.[391]

A primeira mudança observada no comportamento da mulher do Anacleto foi a "censura" ao marido, inicialmente ouvida por ele com "resignação", mas logo com "fúria" e em seguida com atos de agressão física à "pobre rapariga". Segundo Lima Barreto, "Ela estava no seu

[391] Idem. "A Mulher do Anacleto". In: *Histórias e Sonhos*, op. cit., pp. 220-221

papel, ele, porém, é que não estava no dele."[392] Eram, portanto, relações sob tensão que expunham uma crise na cena do casamento da qual não parecia haver retorno, só mais tensão e guerra:

> Motivos secretos e muito íntimos, talvez explicassem a sua transformação; a mulher, porém, é que não queria entrar em indagações psicológicas e reclamava. As respostas a estas acabaram por pancadaria grossa. Suportou-a durante algum tempo. Um dia, porém, não esteve mais pelos autos e abandonou o lar precário. Foi para a casa de um parente e de uma amiga, mas, não suportando a posição inferior de agregada, deixou-se cair na mais relaxada vagabundagem de mulher que se pode imaginar.[393]

A "posição inferior de agregada" em casa de parentes ou amigas foi rejeitada pela mulher do Anacleto, uma vez que reproduzia uma experiência amarga para grande parte das mulheres do seu tempo, e parecia repetir mais duramente a condição de subalterna que ela ocupara na casa paterna e na casa do marido. A mulher do Anacleto viu-se entre dois infernos: a "pancadaria grossa" no "lar precário" e a "mais relaxada vagabundagem" na rua. O primeiro inferno já era bem conhecido, restando, portanto, a opção de conhecer o outro. E foi o que ela, de fato, fez: "Era uma verdadeira 'catraia' que perambulava suja e rota pelas praças mais reles deste Rio de Janeiro", narrou Lima Barreto:

> Quando se falava a Anacleto sobre a sorte da mulher, ele se enfurecia doidamente:
>
> - Deixe essa vagabunda morrer por aí! Qual minha mulher, qual nada. (...)
>
> Veio a mulher a morrer, na praça pública; e eu que suspeitei, pelas notícias dos jornais, fosse ela, apressei-me em recomendar a Anacleto que fosse reconhecer o cadáver. Ele gritou comigo:
>
> - Seja ou não seja! Que morra ou viva, para mim vale pouco!

[392] Ibidem, p. 220.
[393] Ibidem.

> Não insisti, mas tudo me dizia que era a mulher do Anacleto que estava como um cadáver desconhecido no necrotério.[394]

Da vida de abandono nas ruas da cidade do Rio de Janeiro, sobreveio a morte na "praça pública" e a mulher do Anacleto tornou-se um "cadáver desconhecido no necrotério", pois o único movimento de Anacleto em relação à mulher continuou a ser um enfurecimento doido. Na crônica, o último ato da cena do casamento foi a "vingança póstuma" da mulher do Anacleto:

> Passam-se anos, o meu amigo Anacleto perde o emprego (...) Ao fim de algum tempo, (...) arranja um outro, num Estado do Norte.
>
> Ao fim de um ano ou dous, recebo uma carta dele, pedindo-me arranjar na polícia certidão de que sua mulher havia morrido na via pública e fora enterrada pelas autoridades públicas, visto ter ele casamento contratado com uma viúva que tinha "alguma cousa", (...)
>
> Dei todos os passos para tal, mas era completamente impossível. (...)
>
> E foi assim que a esposa do Anacleto vingou-se postumamente. Não se casou rico, como não se casará nunca mais.[395]

A vontade de casar para ter direito ao dote, mais uma vez, trouxe o homem para a cena do casamento. A procura por um novo "casamento contratado com uma viúva que tinha 'alguma cousa" tornou Anacleto refém de seus próprios atos passados em relação à primeira mulher, abandonada em vida e após a morte por ele. A crônica "A mulher do Anacleto" reapresentou a tese do casamento como "decepção", uma das mais caras a Lima Barreto, além de acrescentar no final a punição exemplar de Anacleto, que "desandara furiosamente", descumprira suas obrigações de marido e, por essas razões, ficara impedido de se casar outra vez.

---

[394] Ibidem.
[395] Ibidem, p. 221.

Nas duas crônicas que selecionamos para finalizar a cena do casamento, recolhemos duas situações nas quais foi possível construir imagens significativas de experiências vividas por mulheres nas relações sociais de sexo antes do casamento, mas alimentadas pelo desejo de casar.

Em "Lívia", Lima Barreto apresentou a evocação e o sonho como saídas possíveis para a personagem que deu nome à crônica escapar bovarianamente do "viver diário" de agregada na casa suburbana de um cunhado tirano:

> Esforço a esforço, de evocação em evocação, aparecia-lhe aos poucos a sua figura, o seu ar; e, após esse paciente trabalho de reconstrução, lhe vinha, anunciado por um sorriso reprimido que lhe encrespava rediosamente o semblante, o seu nome sílaba por sílaba... Go-do-fre-do. Então com volúpia, ela, lhe pesava os recursos: ganhava cento e vinte, no emprego da Central, talvez, em breve, viesse a ter mais. Quarenta para a casa e o resto para o vestuário e alimentos.
>
> Era pouco – convinha – mas servia, pois assim ficaria livre da tirania do cunhado, das impertinências do pai; teria sua casa, seus móveis e, certamente, o marido lhe dando algum dinheiro, ela – quem sabe! – que tão bons sonhos tinha, arriscando no "bicho", aumentaria a renda do casal; e, quando assim fosse, havia de comprar um corte de fazenda boa, um chapéu, de jeito que, sempre, pelo carnaval, iria melhorzinha à Rua do Ouvidor, assistir passarem as sociedades.[396]

Na citação, o jogo do bicho e o carnaval foram introduzidos como duas marcas da cultura popular carioca. Segundo Luiz Edmundo, o jogo do bicho, com o famoso quadro da roda dos bichos inventado pelo seu criador, o barão de Drummond, e realizado no antigo Jardim Zoológico, no bairro de Vila Isabel, já era proibido no começo do século passado. Mas "o Rio todo jogava", como comprovava a anotação "de um caderno de compras dessa época:

[396] Idem. "Lívia". In: *Histórias e Sonhos*, op. cit., pp. 151-155.

Dia 18 – banha 400 réis, azeite 20 réis, palitos 140 réis, *jacaré* no antigo, 500 réis, *porco*, por todos os lados, 1$600”[397]. Como vemos, o dono do estabelecimento comercial, que podia ser uma quitanda, um armazém de secos e molhados ou uma vendinha, era quem “fazia o jogo” e a prática do jogo do bicho saía mais cara do que a despesa com a alimentação, participando intensamente da vida cotidiana da população da cidade.

Em honra a Momo, “uma coisa que particularmente encanta, nesses três dias de folia, é a pompa do cortejo das grandes sociedades carnavalescas”[398] – também escreveu Luiz Edmundo, para se referir aos Fenianos e aos Democráticos, as duas principais agremiações rivais que desfilavam nos primeiros anos do século passado pela parte central da cidade, fazendo a glória do carnaval de rua carioca. Décadas depois, no carnaval de 1919, vamos encontrar os compositores Donga e Pixinguinha às voltas com as atividades quase irreconciliáveis de compor o samba “A pombinha”[399] para os Fenianos e tocar durante os três dias da festa momesca em um coreto da sociedade rival Tenentes do Diabo, armado no Largo da Carioca e ao lado da sede da agremiação, na Rua Uruguaiana – conforme registrou Sérgio Cabral na biografia que escreveu em 1978 sobre o “compositor, instrumentista, orquestrador e regente”[400] Alfredo da Rocha Viana Filho, o famoso Pixinguinha (1897-1973).

Lívia desejava fazer parte daquela multidão que acorria ao centro da cidade para entusiasmar-se diante dos suntuosos carros das grandes sociedades, apresentados “sob aquele profano e desvairado feitio que era o das velhas saturnais nos tempos de Roma antiga”[401]. A evocação romântica do nome e do semblante de Godofredo trouxe também o planejamento

---

[397] Luiz Edmundo, op. cit., p. 870. (4º vol.).
[398] Ibidem, pp. 790-794. A estreita rua do Ouvidor, passagem obrigatória do cortejo das grandes sociedades carnavalescas, obrigava a que os carros fossem pequenos, embora possuíssem “graça, idéia e luxo”.
[399] “Meu bem, minha pombinha,/Neste samba feniano/De todos, o mais querido/No carnaval deste ano.”. Ver: Sérgio Cabral. *Pixinguinha: vida e obra*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Funarte, 2007, pp. 47-49.
[400] Ibidem, p. 13.
[401] Luiz Edmundo, op. cit., pp. 790-794. (4º vol.).

do futuro, com os cálculos sobre recursos e despesas, o investimento no vestuário mais elegante e o desejo de adotar "um viver civilizado que tinha Paris como modelo"[402] e estava disponível na Rua do Ouvidor, o centro da moda carioca. E o sonho sonhado com pinceladas de realismo continuou, após a partida do cunhado para a estação de trem:

> Envolvida ainda naquele sonho que lhe soubera tão bem a manhã, ela, através das frinchas da veneziana, viu o cunhado atravessar a rua e se perder por entre o dédalo de casas.
>
> Certificada disso, abriu a janela. O subúrbio todo despertava languidamente. (...)
>
> Corria, de resto, como sempre, morosamente o viver diário; e a Lívia, sacudida pelo silvo agudo de uma locomotiva, levantou de repente os olhos, até ali fitos na estação que emergia do ambiente pardo a clarear-se, para pregá-los numa nesga do céu que o sol abria, por entre a névoa, furiosamente, vitoriosamente.
>
> A súbitas, sua alma voou, asas abertas, vôo rasgado, para outras bandas, outras regiões. Voou para a cidade de luxo e elegância que, ao fim daquelas fitas de aço, refulgia e brilhava.[403]

Enquanto o trem significava, para o cunhado de Lívia, meio de transporte para o trabalho, Lívia pensava o trem como possibilidade de vôo de "asas abertas" para longe do subúrbio, ou seja, "para a cidade de luxo e elegância" que, para aquela moça suburbana, estava situada "ao fim daquelas fitas de aço", lá na Avenida Central, lá na Rua do Ouvidor, lá no centro da cidade do Rio de Janeiro. Para Lívia, o casamento com um homem que pudesse "dar-lhe algum dinheiro" e, mais do que isso, realizar os seus sonhos, era o que mais desejava, embora não conseguisse ir além da janela da casa de sua irmã.

A crônica "Na Janela", por outro lado, mostrou a busca incessante de Mercedes pelo amor, com o relato de suas confidências a uma amiga, a Candinha:

---

[402] Lená Medeiros de Menezes. "À francesa, dos pés à cabeça", op. cit., p. 55.
[403] Lima Barreto. "Lívia", op. cit., pp. 151-155.

> Nos elétricos que passavam, os passageiros que olhavam aquelas duas mulheres com olhares cheios de desejos não seriam capazes de adivinhar a inocência de sua conversa, na janela de uma casa suspeita.[404]

Embora tenham vivido experiências diversas – Mercedes nunca se casara e Candinha fora casada e abandonada pelo marido – as duas mulheres acabaram encontrando e se encontrando no mesmo e difícil caminho da prostituição. Muito já foi escrito e desenhado sobre o significado da janela para a vida social, especialmente das mulheres. Em documentos de viajantes estrangeiros do século XIX, que integram a "Antologia" organizada por Míriam Moreira Leite, encontramos um desenho de uma mulher à janela, acompanhado de um depoimento acerca do estranhamento dos viajantes diante da costumeira presença de "pessoas nas janelas e nas portas; em determinadas horas, são as mulheres, em outras, os homens e as crianças que passam horas inteiras a olhar quem passa (...)"[405]. Fronteira entre dois mundos, o público e o privado, a janela é, ao mesmo tempo, umbral de travessia e espaço minúsculo no qual a mulher "mantém-se, sonhadora, no interior da casa, como que defendida por ela"[406]. Na crônica de Lima Barreto, a imagem "daquelas duas mulheres", sonhadoras mas indefesas em sua condição de proletárias do sexo, "na janela", olhando e sendo olhadas pelos que passavam nos bondes elétricos, foi capturada pelo olhar do cronista que, em seu modo ambulatório, passou, viu e registrou um instante da vida urbana carioca:

> - Você sabe: o Alfredo não trouxe o broche.
>
> - Que desculpa ele deu?
>
> - Que o sete não tinha dado a noite toda...
>
> - Vai ver, Mercedes, que ele foi gastar com a Candinha... Ah! os homens! São uns malandros!

---

[404] Idem. "Na Janela". In: *Histórias e Sonhos*, op. cit., p.242-244.

[405] Alfred Marc. "O bonde e a janela", 1887, pp. 427-428. In: Míriam Moreira Leite (org.). *A Condição Feminina no Rio de Janeiro, Século XIX: antologia de textos de viajantes estrangeiros*. São Paulo: HUCITEC; Ed. da USP; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1984, pp. 160-161. (Col. Estudos Históricos: 4).

[406] Michelle Perrot. *Mulheres públicas*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998, p. 48.

- Não sei, mas... enfim todos eles são iguais.

- No começo é aquilo, parece que a gente é pouca o que eles são mais. Vivem atrás de nós, descobrem, adivinham os nossos pensamentos; depois... não sei o que dá neles... esfriam, esfriam...

- Meu marido foi assim. No tempo de noivo, nem sabia falar quando estava perto de mim; olhava-me só e o seu olhar parecia que me vestia, que me beijava, que me ameigava... Meses depois de casada, deixou-me só, sem dinheiro, sem destino, sem parentes, nesta cidade tão grande... Bem fez você que não se casou!

- Mas namorei...

- Muitos?

- Sem conta!

- Você não amou nenhum?

- Não sei... Creio que todos me agradavam o bastante para casar.

- É difícil compreender.

- Ora, é fácil... Eu fui sempre engraçada. Aos treze anos, quando saía com meu pai, todos na rua me olhavam. Um dia até, no bonde, uma senhora de aparência rica, muito grande, muito alta, perguntou a meu pai: é sua filha? Sim, respondeu ele. A senhora olhou-nos muito, a mim e a ele, virou a cara e sorriu duvidosa. Aos quatorze, tive o primeiro namorado. Era o caixeiro da venda... Um portuguesinho louro, que dizia "binho", "benda", mas com uns olhos azuis cor do céu pelas bonitas manhãs. E daí não parei mais. Tive um segundo, um terceiro... quando cheguei ao quinto já escrevia cartas. Minha mãe pegou uma e deu-me uma surra; mas não me emendei – continuei. Não sabia resistir... Eles choravam... juravam... e eu namorava quase ao mesmo tempo. Era como se – em grande riqueza inesgotável – não negasse esmolas. Você sabe: quando se tem muito vai se dando. Parece que não acaba; mas acaba e então chora-se pitanga. Foi assim: pediam-me beijos, abraços, cabelos; e eu dava por pena, unicamente. Se eu tivesse sido mais sovina, não estava "nesta vida"... É a sorte, que se há de fazer?[407]

[407] Lima Barreto. "Na Janela", op. cit., pp.242-244.

Através da conversa na janela, observamos que Mercedes e Candinha partilhavam de uma opinião comum acerca dos homens: “São uns malandros!” e “todos eles são iguais”[408]. Para Mercedes, nas relações sociais de sexo, “quando se tem muito vai se dando”; assim, ela “se deu” aos muitos namorados, e até mesmo escreveu-lhes cartas, para no final concluir que não fora sovina ao dar-se e por isso estava “nesta vida”. Instigada por Candinha, Mercedes relatou em seguida sua experiência mais profunda de busca do amor, destacada da seqüência de namoros de certo modo fugazes e sem muita importância da primeira parte da conversa na janela:

> - É verdade! Um dia fui a um baile, como sempre, tinha lá uma chusma de admiradores; mas apareceu um novo. Não sabia quem era, muito diferente de todos. Educado, parecia doutor ou estudante de verdade, de estudos difíceis. Olhou-me e eu olhei, e namorei-o. Não troquei palavra. Dancei com ele e o ouvi falar a um outro. Que voz! Antes da meia noite saiu. No outro ano, em dia de festa na mesma casa, já não pude ir lá mais; tinha vindo a tal encrenca... corpo de delicto... Você sabe... Não deu em nada; ou antes: deu “nisto”.
>
> - Nunca mais você viu “ele”?
>
> - O “tal”?Há dois anos que sempre o vejo na Rua do Ouvidor, nos teatros...
>
> - Ele não fala com você? - Não. Olha-me um instante e baixa a cabeça.
>
> - Engraçado! Outro qualquer...
>
> - É verdade! Perguntei quem era, disseram é um doutor fulano de tal e é solteiro.
>
> - Mas nunca você procurou falar com ele?
>
> - Só uma vez. Cheguei-me e sem mais aquela sentei-me à mesa em que estava. Perguntei-lhe se não me conhecia. De vista, respondeu. Se não tinha ido a um baile, assim, assim. Nunca! afirmou. Contei-lhe então a história e indaguei-lhe se, de fato, fosse ele não se daria a conhecer. Hesitou e, por fim respondeu-me umas cousas embrulhadas que, afinal, me

[408] Ibidem.

> pareceu quererem dizer que eu, a menina do baile era outra cousa que não sou eu mesma atualmente; e quem me tinha visto no baile não me via ali, num jardim de teatro.[409]

Concebidos como "lugares de encontro dos sexos separados"[410], os bailes cumpriram seu papel na situação narrada. Na passagem, as relações sociais de classe atravessaram as de sexo, impedindo o prosseguimento do romance desejado por Mercedes. Desde o início, a vida do "príncipe" não sofreu abalos; por outro lado, Mercedes experimentou a "tal encrenca" no intervalo de tempo entre o primeiro baile e o reencontro casual do "doutor" na "Rua do Ouvidor, nos teatros" do centro da cidade do Rio de Janeiro. Encontro-reencontro-desencontro – eis a guerra dos sexos em processo.

A coragem de Mercedes para iniciar uma conversa anos depois do primeiro encontro contrastou com o medo do "doutor fulano de tal". A frase-síntese que descreveria a experiência das mudanças pelas quais uma mulher como Mercedes passou talvez fosse "A menina do baile era outra coisa". Enquanto ela se transformava, o homem seguia sua trajetória sem sobressaltos para no ato final simplesmente concluir que a menina que vira no baile não era a mesma que via ali, "no jardim do teatro". Portanto, na cena do casamento representada no discurso de Lima Barreto, as imagens das relações sociais de sexo construíam-se na tensão entre a "mesmice" e a "outra coisa".

---

[409] Ibidem, p. 244.
[410] Michelle Perrot, op. cit., p. 16.

CELEBRAÇÕES POPULARES[411]

> *O cordão é o Carnaval, é o último elo das religiões pagãs, é bem o conservador do sagrado dia do Deboche ritual; o cordão é a nossa alma ardente, luxuriosa, triste, meio escrava e revoltosa, babando lascívia pelas mulheres e querendo maravilhar... (J.Rio)*[412]

Na interpretação que fazemos da citação em epígrafe, João do Rio buscou definir o carnaval através da imagem do "cordão", uma espécie de caminhada festiva pelas ruas da cidade na qual os carnavalescos dançavam, pulavam, cantavam, enfim, brincavam o carnaval, "maravilhando e maravilhando-se" na multidão. De certa forma equivalente aos blocos atuais, o cordão era uma diversão de maior participação popular, enquanto as grandes sociedades atraíam multidões como platéia, que assistia à exibição de destaques no cortejo formado pelos carros. Mas os cordões e as sociedades, tudo isso (e muito mais) fazia parte do carnaval carioca de antanho. No trecho "babando lascívia pelas mulheres", observamos que as mulheres foram olhadas como seres passivos, objetos de atos libidinosos praticados por homens.

A imagem do carnaval apresentada por Lima Barreto, que passamos a citar em seguida, destacou a "embriaguez que a multidão traz" como "a mais inofensiva de todas", e fez uma crítica à falta de sentido das "cantarolas" dos "vates dos cordões e ranchos":

> Nunca fui carnavalesco, mas como todo melancólico e contemplativo, gosto do ruído e da multidão e não fugia a ele.

---

[411] As crônicas sobre as quais nos debruçamos para a elaboração da cena das celebrações populares foram "Bailes e Divertimentos Suburbanos", publicada originalmente na *Gazeta de Notícias* em 7 de fevereiro de 1922; da revista *Careta*, temos "No Mafuá dos Padres", de 10 de outubro de 1919, "Feiras Livres", de 16 de julho de 1921 e "Iaiá das Ma,rimbas", de 3 de junho de 1922; finalmente, "Feiras e Mafuás" e "Sobre o Carnaval", do volume *Feiras e Mafuás*.

[412] João do Rio. "Cordões", op. cit., p. 97.

> O isolamento faz-me mal à alma e ao pensamento. Mergulho no barulho dos outros, deixo de pensar em mim e nas fantasmagorias que eu mesmo criei para o meu padecer. A embriaguez que a multidão traz, é a melhor e a mais inofensiva de todas que se tem agora inventado. Nem o ópio, nem o álcool, nem o *hachisch* produzem a embriaguez que com a dela se assemelhe. Temos visões extranormais, sem estragar a saúde... (...)
>
> Não partilho da opinião da polícia, (...)
>
> O ponto de vista de imoralidade e chulice pouco me preocupa; o que me preocupa é o intelectual e artístico, (...)
>
> Fazendo estas despretenciosas considerações, não me move nenhuma espécie de antipatia pelo folgar do povo; mas, pedir unicamente a ele próprio que nessa sua folgança, nesse poetar de sua alma alanceada, quando procura, nestes três dias, esquecer o seu penar e a sua dor, no riso, no gargalhar e no estonteamento, pusessem os seus trovadores mais gosto, mais sentido, compusessem mais cantares que pudessem ser entendidos, coisa que não lhes é impossível, pois todos conhecemos as poesias roceiras, as quadras populares, quase sempre expressivas e denunciando verdadeira poesia.[413]

Os "ranchos" apareceram como mais uma modalidade de participação nas festas momescas. A "alma ardente, luxuriosa, triste, meio escrava e revoltosa", na imagem de João do Rio, deu lugar, na concepção de Lima Barreto, à "alma alanceada" do carnavalesco que, nos três dias de Momo, buscava "esquecer o seu penar e a sua dor". Desse modo, para Lima Barreto, a imagem do carnaval que prevalecia era a de uma espécie de parênteses na vida atormentada do povo, que assim desfrutava de um breve instante para o "riso", o "gargalhar", o "estonteamento". Como principal personagem dessa primeira imagem barretiana do carnaval, encontramos o povo, um coletivo de gentes formado por mulheres e homens quase sempre humildes, embora ativos, de um modo ou de outro:

> Resta-nos o carnaval; é ele, porém, tão igual por toda a parte, que foi impossível, segundo tudo faz crer, ao subúrbio dar-lhe alguma coisa de original. (...) enfim, o carnaval em que

[413] Lima Barreto. "Sobre o Carnaval". In: *Feiras e Mafuás*, op. cit., pp. 208-212.

> como lá diz Gamaliel de Mendonça, no seu último livro – *Revelação*: – Os homens são jograis; as mulheres, bacantes**.** (...) [414]

Para completar a cena carnavalesca, observamos na citação uma oposição entre as imagens de "homens-jograis" e de "mulheres-bacantes", distinguindo posicionamentos nas relações sociais de sexo. Recorremos aos significados dos verbetes de dicionário[415] para uma análise das duas imagens. O termo "jogral" é relacionado como "substantivo masculino" e, em uma acepção mais antiga, significa "na Idade Média, até o século X, artista, geralmente das classes mais humildes, que ganhava a vida divertindo o público, nos palácios e nas praças públicas, com gracejos, sátiras, mágicas, acrobacias, mímica etc"; e "após o século XIV, artista popular itinerante; saltimbanco"; há ainda uma outra acepção por derivação ou extensão de sentido, que transforma o "jogral" em "vagabundo, indivíduo de má vida, em quem não se pode confiar". Quanto ao termo "bacante", observamos que a distinção no campo das relações sociais de sexo começa pela sua classificação gramatical como "substantivo feminino", e prossegue com a atribuição do sentido literal de "sacerdotisa do culto de Baco" e o sentido figurado, por derivação, de "mulher licenciosa, depravada". Portanto, podemos interpretar que os "homens-jograis" podiam ser "artistas" ou "vagabundos", enquanto as "mulheres-bacantes" tendiam inevitavelmente para a representação do feminino erótico e fatal.

Nessa mesma crônica, "Bailes e Divertimentos Suburbanos", captamos algumas imagens dos significados do baile, considerado um evento genuinamente suburbano: "O baile, não sei se é, era ou foi, uma instituição nacional, mas tenho certeza de que era

[414] Idem. "Bailes e Divertimentos Suburbanos", op. cit., pp. 61-68.
[415] *Dicionário Eletrônico Antonio Houaiss* 1.0 – 2001.

profundamente carioca, especialmente suburbano."[416] Segundo Lima Barreto, tal modalidade de festa popular perdera o brilho antigo em um intervalo de tempo de vinte anos, entre 1902 e 1922:

> "Sem receio de errar, entretanto, pode-se dizer que o baile familiar e burguês, democrático e efusivo, está fora da moda, nos subúrbios. A carestia da vida, a exigüidade das casas atuais e a imitação da alta burguesia desfiguraram-no e tendem a extinguí-lo."[417]

Na passagem, Barreto estabeleceu valor positivo para os adjetivos que qualificavam o antigo "baile familiar e burguês", além de "democrático e efusivo". Ao narrar sua experência urbana, Barreto escreveu uma crônica da chegada da modernidade à *Belle Époque* Tropical, acarretando mudanças nos costumes, como aquelas percebidas em relação ao baile suburbano, que, segundo ele, entrou em decadência:

> Às duas e meia, interrompi o sono e estive acordado até as quatro da madrugada, quando acabou o sarau. A não ser umas barcarolas cantadas em italiano, não ouvi outra espécie de música, a não ser polcas adoidadas e violentamente sincopadas (...)
>
> Perguntei a minha irmã, provocado pela monótona musicaria do baile da vizinhança, se nos dias presentes não se dançavam mais valsas, mazurcas, quadrilhas ou quadras, etc.
>
> - Qual! – disse-me ela. – Não se gosta mais disso... O que apreciam os dançarinos de hoje, são músicas apolcadas, tocadas *à la diable*, que servem para dançar tango, *fox-trot*, *ragtime*, e...
>
> - *Cake-walk*? – perguntei.
>
> - Ainda não se dança, ou já se dançou; mas agora, está aparecendo um tal de *shimmy*.[418]

A citação é parte do relato de uma experiência da vizinhança de Barreto, no bairro carioca de Todos os Santos, que ele acompanhou e descreveu desde os preparativos que antecederam à

[416] Lima Barreto. "Bailes e Divertimentos Suburbanos", op. cit., pp. 61-68.
[417] Ibidem.
[418] Ibidem.

festa doméstica até seu epílogo. Em lugar do produto nacional, ou nacionalizado em época anterior como a valsa, observamos que o subúrbio carioca incorporava outros ritmos importados com os novos ventos da modernidade. Interessa-nos destacar a consulta de um irmão à sua irmã acerca de temas cotidianos, como os ritmos e as danças que estavam "na moda", demonstrando que a cena da moda intrometia-se na cena das celebrações populares. No diálogo com a irmã Evangelina, predominaram termos em inglês para não só designar os ritmos recém-chegados como também denunciar a origem comum americana de todos eles. Na crônica, Lima Barreto ainda aproveitou a situação do desaparecimento dos bailes para ressaltar um aspecto econômico da mudança na paisagem suburbana da cidade. À memória nostálgica de um tempo que não existia mais, de "choros", "valsas, mazurcas, quadrilhas ou quadras", Barreto acrescentou a crítica que buscava politizar o cotidiano:

> Hoje, porém, as casas minguam em geral, e especialmente na capacidade dos seus aposentos e cômodos. Nas salas de visitas das atuais mal cabem o piano e uma meia mobília, adquirida a prestações. (...) Isto acontece com as famílias remediadas; com as verdadeiramente pobres, a coisa piora. Ou moram em cômodos ou em casitas de avenidas, que são um pouco mais amplas do que a gaiola dos passarinhos.[419]

Além da referência às "prestações" como forma de aquisição de "uma meia mobília", a ironia barretiana, que nunca era apenas cômica mas sempre trágica ou tragicômica, articulou no discurso a leveza dos bailes de outrora com a construção política do espaço. Na comparação entre a "casita" de um pobre habitante do subúrbio e uma "gaiola de passarinhos", aquela levava vantagem, pois era "um pouco mais ampla". Uma modalidade de festa como esses "bailes suburbanos" resultava em ocasião propícia para encontros entre moços e moças:

[419] Ibidem, p. 62.

> Nesses bailes suburbanos, o mártir era o dono da casa: "Seu" Nepomuceno começava por não conhecer mais da metade da gente que, transitoriamente, abrigava, porque Cacilda trazia Nenê e esta o irmão que era namorado daquela – a única cuja família tinha relações com a do "Seu" Nepomuceno: e, assim, a casa se enchia de desconhecidos. Além desses subconvidados, ainda existiam os penetras. Chamava-se assim certos rapazes que, sem nenhuma espécie de convite, usavam deste ou daquele truque, para entrar nos bailes – penetrar.
>
> Em geral, apesar da multidão dos convidados, essas festas domésticas tinham um grande cunho de honestidade e respeito. Eram raros os excessos e as danças, com o intervalo de uma hora, para uma ceia modesta, se prolongavam até o clarear do dia sem que o mais arguto do sereno pudesse notar uma discrepância nas atitudes dos pares, dançando ou não. Sereno, era chamado o agrupamento de curiosos que ficavam na rua a espiar o baile. Quase sempre era formado de pessoas das vizinhanças e outras que não haviam sido convidadas e lá se postavam para ter assunto em que baseassem a sua despeitada crítica.
>
> Esses bailes burgueses não eram condenados pela religião. Se algumas nada diziam, calavam-se. Outras até elogiavam. O puritanismo era francamente favorável a eles. Afirmava ele, pela boca de adeptos autorizados, que essas reuniões facilitavam a aproximação dos moços de dois sexos, cuja vida particular a cada um deles se fazia isoladamente, sem terem ocasião de trocar impressões, (...) [420]

Como espaço de sociabilidade, o baile burguês aproximava os "moços de dois sexos", logo, favorecia os casamentos e, por esse motivo, era plenamente autorizado e até incentivado pelas instituições religiosas. O povo estava representado pela "multidão de convidados", pelos "desconhecidos", ou "subconvidados", e ainda pelos "penetras", além do grupo do "sereno". E, para abrigar tanta gente, era desejável que o cômodo da casa destinado a receber os convivas para o baile fosse espaçoso:

> Na escolha da casa, presidia sempre a capacidade da sala de visitas para a comemoração coreográfica das datas festivas

[420] Ibidem.

> da família. Os construtores das casas já sabiam disso e sacrificavam o resto da habitação à sala nobre. Houve quem dissesse que nós fazíamos casa, ou as tínhamos para os outros, porque a melhor peça dela era destinada a estranhos.[421]

Contraditoriamente, a relação com os "outros", tratados como "estranhos", significava "comemoração", "festa em família", na perspectiva da vida pública, e "sacrifício", pela redução do conforto no âmbito da vida privada. Observamos um alargamento do público em detrimento do privado, até o ponto em que a sala de visitas da residência se expandia para o outro lado da rua, onde estavam instalados os "penetras", também participantes da festa:

> Nos tempos idos, essa gente verde das nossas elegâncias – verde é sempre uma espécie de *argot* – sempre mutável e variável de ano para ano, – desdenhava o subúrbio e acusava-o falsamente de dançar o maxixe; hoje, não há diferença; todo o Rio de Janeiro, de alto abaixo, incluídos os Democráticos e o Music-Club das Laranjeiras, o dança.
>
> Há uma coisa a notar: é que esse maxixe familiar não foi dos "Escorregas" de Cascadura para o Achilleon do Flamengo; ao contrário, veio deste para aquela. (...)[422]

Nessa última citação da crônica "Bailes e Divertimentos Suburbanos", Lima Barreto contrapôs a região suburbana, representada pelo bairro de Cascadura, ao centro e bairros elegantes da cidade, como o Flamengo, para afirmar ironicamente que o maxixe não fora uma invenção dos subúrbios, logo, tratava-se de um "maxixe familiar", nascido em um clube do bairro aristocrático do Flamengo.

Em sua reflexão acerca das celebrações populares, o cronista tratou do preconceito contra os "folguedos, as danças e os batuques", vistos como expressão da "religião tradicional negro-africana, reposta nos terreiros, bem como no interior de uma sociedade

[421] Ibidem.
[422] Ibidem.

como a brasileira”[423]. As perseguições policiais a essas manifestações da cultura de ancestralidade africana não eram dirigidas propriamente ao aspecto formal que “as danças e folguedos ou batuques” assumiam, mas ao que era revivido “clandestinamente” nessas celebrações, ou seja, à “recriação de uma cultura negra brasileira” através dos ritos, do culto aos deuses e da retomada da “linha de relacionamento comunitário”, como no candomblé.

Identificado como “festa religiosa”[424] e “oficio de mulher”[425], o candomblé possui diferentes significados. Segundo o testemunho de Mãe Cléo, “para o negro baiano, é a manifestação da própria cultura do dia-a-dia. Agora, para o branco ou negro paulista, por exemplo, de São Paulo, é um resgate, uma volta às origens. Para algumas pessoas o candomblé é uma expressão cultural e para o povo todo um resgate cultural”[426]. Na crônica citada a seguir, veremos que Lima Barreto trata “Iaiá das Marimbas” como “uma sociedade dançante”, inicialmente, e como um “candombé”, em seguida:

> É uma cousa curiosa dos nossos costumes o que, certas vezes, a polícia, ou antes, o noticiário policial revela. Há dias, não sei há quantos, o comissário, doutor Edgard Romero, foi obrigado a prender por causa de um “rolo” setenta e poucos sócios de uma sociedade dançante, que se diz familiar, intitulada “Iaiá das Marimbas”.
>
> A toda gente, tal cousa parecerá de pouco apreço; mas a um observador de costumes, relacionando-os com a formação da nacionalidade, a cousa tem mais interesse do que a questão das candidaturas presidenciais.

---

[423] Helena Theodoro Lopes, José Jorge Siqueira e Maria Beatriz Nascimento. *Negro e Cultura no Brasil: Pequena Enciclopédia da Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro: UNIBRADE/UNESCO, 1987, pp. 47-49.

[424] Maria Salete Joaquim. *O papel da liderança religiosa feminina na construção da identidade negra*. Rio de Janeiro: Pallas; São Paulo: Educ, 2001, p. 31.

[425] Ibidem, p. 15. Segundo a autora, o ponto de partida de sua obra é essa declaração de Edison Carneiro: “O candomblé é um ofício de mulher. Indicam-no entre outras coisas a necessidade de cozinhar as comidas sagradas, de velar pelos altares, de enfeitar a casa por ocasião das festas, de superintender a educação”. Ver: Edison Carneiro. *Candomblés da Bahia*. Bahia: Ediouro, 1935, p. 96.

[426] Ibidem, p. 30. Mãe Cloé é uma das mães-de-santo que, ao longo do livro, oferecem seu testemunho na condição de lideranças religiosas femininas..

> Vejam os senhores só como a estratificação da nossa sociedade foi acabar de tal forma que a polícia formidável do Senhor Geminiano é obrigada a arranjar um comboio de "viúvas-alegres" para prender quase uma centena de freqüentadores e freqüentadoras de "candomblés".[427]

No segundo parágrafo da citação, Barreto tornou evidente sua posição de cronista da modernidade. Para ele, as relações entre os "costumes" e a "formação da nacionalidade" eram uma questão de interesse superior à das candidaturas presidenciais, porque revelavam "a estratificação da nossa sociedade" brasileira, de um lado; e, de outro lado, a prática de "candomblés", que incluía "freqüentadores e freqüentadoras", indistintamente, como "um movimento de reconstrução transformadora dos modos de ser históricos", inserido "na luta política dos afrodescendentes"[428]. A imagem do equilíbrio de poderes nas relações sociais de sexo ficou fortalecida no momento da prisão "de quase uma centena" de praticantes de "candomblés", homens e mulheres daquela "comunidade litúrgica"[429] denominada "Iaiá das Marimbas", um nome composto no qual talvez esteja a indicação de que ali também era exercida uma liderança religiosa feminina.

Ao reprimir os "costumes" de determinados grupos sociais como aquele, a ação policial estava reintroduzindo na cena das celebrações populares, a das relações étnico-raciais e, desse modo, reafirmando a permanência de práticas discriminatórias na formação da nacionalidade brasileira. Através do processo discursivo irônico, Lima Barreto confessou-se freqüentador de "candomblés', 'canjerês'[430], 'mambembes" para, em seguida, denunciar que a autoridade policial também apreciava "tais cerimônias":

---

[427] Lima Barreto. "Iaiá das Marimbas", *Careta*, Rio, 3/6/1922. In: *Marginália*, op. cit., p. 149.
[428] Muniz Sodré. *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999, pp. 210-212.
[429] O sentido do termo "litúrgica" é: "uma forma de vida articulada com a dimensão do sagrado, uma heterotopia nacional". Ver: Muniz Sodré, ibidem, p. 210.
[430] O vocábulo "canjerê" significa "Reunião de escravos para cerimônias fetichistas acompanhadas de danças. (...) Aurélio registra o termo como de provável origem africana, dizendo ser 'Reunião de pessoas, geralmente de

> Com a polícia acontece o mesmo. Eles gostam de tais cerimônias religiosas de certa maneira, tanto assim que dão um tento para surpreendê-las.
>
> O doutor Edgard Romero que prendeu tanta gente, sem culpa nem crime formado, me disse como Tito, a delícia do gênero humano:
>
> - Foi o melhor dia da minha vida; e isto por causa da "Iaiá das Marimbas".[431]

Nessa passagem, percebemos que o processo de definição do que seria "Iaiá das Marimbas" continuou em elaboração e, então, o lugar passou a ser reconhecido como "cerimônia religiosa". A mistura entre práticas de violência e de diversão, ou entre o ato de prender "tanta gente, sem culpa nem crime formado" e a declaração cínica de ter sido este "o melhor dia da minha [sua, do agente policial] vida", revelava um jogo no qual as classes subalternas, ao mesmo tempo em que eram submetidas a constrangimentos, utilizavam táticas de sedução pela exibição vigorosa de formas e gestos simbólicos, presentes nas danças, nos cânticos, nos ritos. Do embate entre a ordem do poder estatal e as práticas culturais de grupos populares, como as comunidades litúrgicas afrodescendentes, emergiam certas flutuações das relações de poder, nas quais as marcações dos espaços hegemônicos se deslocavam. Naquele espaço-tempo da Primeira República na cidade do Rio de Janeiro, entretanto, as celebrações populares que não sofriam qualquer restrição eram os "mafuás", promovidos pela igreja católica, e as "feiras", patrocinadas pela prefeitura mas inspiradas nas festas eclesiásticas:

> O povo chama tais coisas de "mafuás". Não atino qual seja a origem do termo. Há quem diga que é corruptela do francês: *ma foi* – "minha fé". (...) Seja como for, "mafuá" é coisa pitoresca. Funciona aos domingos e é a festa, o passeio domingueiro, por excelência, do povo dos subúrbios. (...)

---

negros, para a prática de feitiçarias' e 'Dança própria de negros'. (...) O termo é entendido também como sinônimo de macumba, em sentido pejorativo". Ver: Alaôr Eduardo Scisínio. *Dicionário da escravidão*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 1997, p. 83.

[431] Lima Barreto, "Iaiá das Marimbas", op. cit., p. 149.

> A idéia eclesiástica do "mafuá" não deixou de ter a sua repercussão nas concepções sociais dos nossos atuais dirigentes. O parentesco do "mafuá" com a "feira livre" da superintendência é evidente, é axiomático.
>
> Há, entretanto, pequenas diferenças: o "mafuá" é à noite e a "feira livre" é pela manhã; nesta não há "rodas", não há "pinguelim", naquele há. E é só; no mais, ambos têm um constante ar de família. É a mesma coisa, com o idêntico aspecto de festa popular, pretexto para passeios e discretos namoros; e, tanto num, como na outra, vende-se de um tudo, como diz o povo. [432]

Enquanto os terreiros de candomblés eram (e são) uma "pequena África' reinterpretada", segundo Muniz Sodré, os espaços dos mafuás e das feiras reproduziam aquele das feiras da Europa medieval. Como "síntese litúrgica e territorial"[433] que retrabalhava os cultos e os deuses africanos, o terreiro fechava-se em torno de segredos que definiam uma alteridade e um pertencimento resultantes da ancestralidade negra. Segundo as palavras de Lima Barreto, os mafuás e as feiras, ao contrário dos terreiros de candomblés, adequavam-se às "concepções sociais dos nossos atuais dirigentes", pelos significados que possuíam, expressos pela imagem de festa familiar burguesa domingueira. Na crônica "No 'Mafuá' dos Padres", Lima Barreto continuou buscando uma definição para o termo "mafuá":

> O meu amigo doutor João Ribeiro ainda não me pôde explicar o que quer dizer "mafuá".
>
> Apesar disso, eu, pela boca do povo, sei que, mais ou menos tal termo exprime uma barafunda de homens e mulheres de todas as condições.
>
> Não quero contribuir para o dicionário de brasileirismos da Academia; mas o que aprendo ensino.
>
> Ouvi este termo de "mafuá" no Engenho de Dentro, para designar umas barraquinhas que os padres tinham lá feitas. Era, como lá diziam, o "mafuá" dos padres.

---

[432] Idem. "Feiras e Mafuás". In: *Feiras e Mafuás*, op. cit., pp. 21-28.
[433] Muniz Sodré, op. cit., pp. 211-213.

> Eles fazem um leilão de prendas, por intermédio de moças mais ou menos decotadas.[434]

Na citação, Barreto apresentou duas fontes de pesquisa, a acadêmica e a popular, para afirmar que "aprendeu" pela boca do povo, no suburbano bairro do Engenho de Dentro, o significado de "mafuá" como "uma barafunda de homens e mulheres de todas as condições". A partir de suas próprias observações, o cronista acrescentou outros sentidos para o termo "mafuá", que também passou a designar "umas barraquinhas que os padres tinham lá feitas", nas quais eles faziam "um leilão de prendas, por intermédio de moças mais ou menos decotadas". A finalidade econômica estava, portanto, assegurada e a intenção de auferir lucros era objetivo dos padres, como administradores dos mafuás:

> Nas tardes em que eles funcionam, os bondes mastodônticos da Light chegam nas proximidades deles, apinhados de passageiros de outros subúrbios, onde não os há; e despejam uma multidão, que se vai colear por entre as barracas, sob a luz firme dos focos elétricos, ao compasso de uma charanga rouca e estridente, olhando avidamente para aqueles objetos tentadores das barracas piedosas, na sua primeira tentação.
>
> O branco domina o vestuário das mulheres; e o cinzento, os ternos dos homens. Nas barracas há de tudo. Há leitões, há carneiros, há galinhas, há cabritos, há chapéus, há bengalas; mas a barraca mais procurada é aquela em que se extraem por sorte frascos de perfumes. Nela, a competente "roda" gira o dobro de vezes mais do que as das outras em que se vendem coisas mais úteis e proveitosas. Há de haver quem censure.
>
> Convém, porém, recordar que não é só de pão que vive o homem, e o *Cântico dos Cânticos*, do grande Salomão, rescende a mirra, a aloés, a sândalo, a nardo... (...)
>
> Se o sábio Salomão e a curiosíssima rainha de Sabá eram assim tão amigos de inebriantes aromas, porque os modestos suburbanos, de ambos os sexos e de todas as cores, não o podem ser também a seu modo e conforme as suas fortunas? "Homo sum"...

[434] Lima Barreto. "No 'Mafuá' dos Padres", *Careta*, 11/10/1919. In: *Vida Urbana*, op. cit., pp. 186-187.

> Essa suburbana folgança domingueira acaba cedo, às dez horas da noite; e, então, é de ver-se o desfile daquela gente, a maioria cheia de decepções, mas uma boa parte carregando despretensiosamente patos, perus, galinhas e leitões (...)[435]

Na passagem, destacamos na cena das celebrações populares a presença da cena dos transportes coletivos, representada pelos "bondes mastodônticos da Light" que chegavam "apinhados de passageiros de outros subúrbios", uma imagem na qual podemos descobrir que os ventos da modernidade sopravam na região suburbana, desde que nos lugares politicamente convenientes. Lima Barreto atualizou a representação do "pão e circo" para incluir os "inebriantes aromas" no topo da lista de objetos do desejo dos "modestos suburbanos, de ambos os sexos e todas as cores" que, assim, preteriam as "coisas mais úteis e proveitosas" e, ao fazer tal opção, corriam o risco de sofrer alguma censura.

Como os "mafuás", as "feiras livres" espalhavam-se pelas áreas suburbanas da cidade do Rio de Janeiro:

> Nas minhas vizinhanças, isto é, no Méier, há uma delas. Lá fui ter. Não era muito cedo. Não me levanto às primeiras horas do dia, embora seja pobre. Fui às oito horas da manhã. Que lindeza de moças e senhoras!
>
> Nunca as vi tão lindas nem mesmo na Rua do Ouvidor que freqüento desde os dezesseis anos quando me matriculei na Escola Politécnica.
>
> Naturalmente, um homem como eu, estando em "feira livre" e vendo tanta moça bonita, havia de ficar contente.[436]

Na passagem, a comparação das lindas mulheres que embelezavam a "feira livre" do bairro do Méier com aquelas que circulavam na Rua do Ouvidor poderia, em princípio, resultar do sentimento bairrista de Lima Barreto. Por outro lado, podemos interpretar que o desfile de

[435] Idem. "Feiras e Mafuás", op. cit., pp. 21-28.
[436] Idem. "Feiras Livres", *Careta*, 16/7/1921. In: *Vida Urbana*, op. cit, pp. 248-249.

mulheres bonitas era um espetáculo apreciado pelo cronista em qualquer circunstância, e independia do cenário ser ou não o centro carioca das elegâncias.

Para encerrar a a cena das celebrações populares, selecionamos essa imagem de belas mulheres circulando às oito horas da manhã em uma "feira livre" suburbana sob a mira do cronista que olhava "contente" esse movimento das representantes do sexo feminino. As duas imagens fundiram-se para reapresentar uma cena das relações sociais de sexo na modernidade.

FEMINISMO[437]

Estamos no tempo do feminismo rubro até ao tacape e nada há de admirar.
Lima Barreto[438]

Na composição da cena do feminismo nas relações sociais de sexo, destacaremos principalmente as tensões que as práticas e as representações do feminismo, em curso nas primeiras décadas do século XX e em especial na sociedade carioca, provocavam. Na citação em epígrafe, Lima Barreto etiquetou o feminismo com uma dupla adjetivação, cujos significados poderiam ser estabelecidos conforme o contexto de sua inserção. Margareth Rago[439] refere-se às diversas correntes do feminismo que emergiram nesse período, assinalando que o contato entre "as anarquistas" e as "feministas liberais" praticamente não existiu.

---

[437] A cena do feminismo será apresentada a partir da interpretação que fizemos das seguintes crônicas de Lima Barreto: "Uma Nota" (*Careta*, 27 de agosto de 1921), "Feminismo Internacional" (*Careta*, 3 de junho de 1922) e "Carta Aberta", do volume *Marginália*; "Feminismo e Voto Feminino (Estudo de Ciência Social)", de 7 de janeiro de 1922, do volume *Feiras e Mafuás*; "Os uxoricidas e a sociedade brasileira", de 2 de março de 1919, do volume *Bagatelas*; "Quereis encontrar marido? – Aprendei!..." (*Hoje*, de 16 de junho de 1919), "Novidades" (*Careta*, de 23 de novembro de 1919) e "O Nosso Feminismo" (*ABC*., de 12 de agosto de 1922), do volume *Vida Urbana*.
[438] Lima Barreto. "Novidades", *Careta*, 22/11/1919. In: *Vida Urbana*, op. cit., p. 208.
[439] Margareth Rago. *Anarquismo & Feminismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1998, p. 21.

Assim, o feminismo "rubro até ao tacape" poderia referir-se, para atacar, tanto ao movimento das "feministas liberais" de classe média e alta, nesse caso representadas pela indianista Leolinda Daltro portando seu "tacape", quanto ao projeto libertário das "feministas revolucionárias", desenhado pelas vozes femininas anarquistas "rubras". Uma outra possibilidade de interpretação da expressão "rubro até ao tacape" seria a de considerá-la qualificante do feminismo de esquerda exclusivamente, um feminismo agressivo, de acordo com as palavras de Lima Barreto.

Naquele ano de 1919, quando a crônica de Barreto foi publicada, "a 'ameaça' comunista, o 'perigo vermelho', a 'onda bolchevique' ou a 'praga maximalista' eram espectros que pairavam sobre a Europa, ameaçando subverter o mundo"[440], embora a defesa do ideário maximalista fizesse parte não apenas das suas reflexões intelectuais como também fosse tema de artigos[441] publicados nos periódicos por Lima Barreto.

Ainda segundo M. Rago, e tomando como fonte a imprensa anarquista e operária em geral, havia divergências entre os anarquistas quanto a questões situadas no campo da moral como "a nova família, a emancipação da mulher, o amor livre, o direito ao prazer"[442]. As promessas de novas relações sociais de sexo, delineadas pelos e, principalmente, pelas anarquistas, chegavam a um consenso quando se mobilizavam para fazer a crítica à sociedade burguesa, fundada em "relações sociais autoritárias, injustas e corruptas"[443] que atingiam sobretudo o cotidiano das mulheres de todas as classes sociais, proletárias e burguesas.

---

[440] Lená Medeiro de Menezes. "*Lua nova*: Hollywood e a propaganda contra-revolucionária". In: Lená M. Menezes, Denise Rollemberg e Oswaldo Munteal Filho (orgs.). *Olhares sobre o político: novos ângulos, novas perspectivas*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, p. 49.
[441] No Capítulo 1, tratamos da questão que envolve as opiniões publicadas de Lima Barreto sobre o maximalismo e o anarquismo.
[442] Margareth Rago, op. cit., pp. 95-96.
[443] Ibidem, p. 96.

O mal-estar declarado no discurso barretiano em relação à luta feminina voltava-se não apenas contra a participação sem amparo legal das mulheres no mercado de trabalho, especialmente nas repartições públicas, como também contra a bandeira sufragista que reivindicava o direito ao voto. Em "Feminismo e Voto Feminino", cujo subtítulo imodesto é "(ESTUDO DE CIÊNCIA SOCIAL) – À ACADEMIA DE ALTOS ESTUDOS", Lima Barreto buscou fazer um mapeamento daquilo que considerava o movimento feminista brasileiro, com suas diferentes linhas de ação, tratadas por ele como "igrejinhas", "seitas feministas" e "canjerês' femininos", em mais um exemplo de funcionamento corrosivo do discurso irônico pelo uso dos termos "igrejinhas, seitas e canjerês", todos desqualificantes para um conjunto de experiências femininas de luta por direitos fundamentais de cidadania:

> Mal o feminismo surgiu entre nós, logo cindiu-se em uma porção de igrejinhas, rivais e inimigas. As principais que ainda existem, são quatro, também rivais e inimigas: Mme Chrysantème (é quase uma basílica); "Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher Brasileira" (não confundir com a "Cruz Vermelha") e "Partido Republicano Feminino", em tupi-guarani – "Iã Nabô Bokox'yarã", segundo o Senhor Hélio Lobo. Cada uma dessas seitas feministas tem o seu credo particular, mas o que as faz variar, o que determinou o cisma, foi a importância maior que cada uma quer dar à sua respectiva Veleda.
>
> Entretanto, para a boa inteligência do leitor, vou dizer o que, em essência, constitui a doutrina matriz de cada um desses "canjerês" femininos.[444]

De modo depreciativo, Lima Barreto prometeu fazer "para a boa inteligência do leitor" uma apresentação da "doutrina matriz" dos "feminismos" de acordo com sua percepção. O termo "canjerês"[445] ressurgiu nessa cena, com a mesma ironia cortante. Nesse primeiro fragmento, observamos que os processos de cisão no movimento feminista representaram o primeiro

[444] Lima Barreto. "Feminismo e Voto Feminino (ESTUDO DE CIÊNCIA SOCIAL) – À ACADEMIA DE ALTOS ESTUDOS", 7/1/1922. In: *Feiras e Mafuás*, op. cit., pp. 267-269.
[445] Ver um outro emprego e os significados do termo "canjerê", à página 190, nota 430.

alvo de ataque escolhido por Barreto. A seguir, trazemos uma longuíssima citação, que descreve cada uma das quatro organizações feministas da época, segundo o olhar nada favorável do cronista:

> O de Mme Chrysantème quer, para mulher, a plena liberdade do seu coração, dos seus afetos, enfim, dos seus sentimentos. É o mais lógico e natural, por isso os seus adeptos, tanto de um sexo, como de outro, são inúmeros.
>
> O que se intitula "Liga pela Emancipação", onde oficia a Excelentíssima Senhora Dona Berta Lutz, quer a liberdade de trabalho para as gentis senhoritas, bem recomendadas e empistoladas, nas repartições públicas. Tem adversários terríveis, entre os quais os funcionários de calças que julgam que mulher, já por si, é pistolão (*v*. na *A Noite*, de 28-9-1921, o tópico – "Feminismo empistolado, *versus* funcionários desprotegidos").
>
> Além destes, tem, por adversário, essa igrejoca feminina, a própria Mme Chrysantème que recebeu com bem boas carapuças, uma entrevista que a superiora da "Emancipação" concedeu ao *Rio-Jornal*. Mme Chrysantème atribuía o feminismo burocrático a um certo nervosismo verificado, de uns tempos a esta parte, em certos grupos de mulheres, existentes entre nós. Após negar que se verifique esse nervosismo nas mulheres que trabalham (naturalmente em repartições públicas – ela não diz, mas se presume), Dona Berta afirma peremtoriamente que um tal estado de nervos, provocando afinal "fins tóxicos de aventuras banais" é encontrado em certo e determinado núcleo de mulheres muito diferentes das operosas abelhas de secretaria. "Estas (aventuras)" – diz a dona da Emancipação – "são o apanágio de outra classe de mulheres, muito menos emancipadas, as *coureuses* de cinema, de festas, de divertimentos, etc., etc."
>
> Deixo de pôr o resto porque respeito os segredos de senhoras. Sou cavalheiro, apesar de tudo; mas, os curiosos vejam o *Rio-Jornal* de 13 de dezembro de 1921, que tem cousa digna de entusiasmar.
>
> A terceira igrejinha feminina é a "Legião da Mulher Brasileira". A bem dizer, não sei o que quer esta; mas julgo que ela pretende uma modificação na nossa organização militar. Quer que a legião, à antiga, à romana, em que entrem todas as armas, formando um só corpo, sob um único comando, seja a unidade táctica nacional. Compor-se-á,

> então, de infantarias, cavalaria, engenharia, aviação e, sobretudo, de artilharia. Será isso? Não garanto; mas é bem provável que seja.
>
> E o "Partido Republicano Feminino", em tupi-guarani – "Iã Nabô Bokox'yarã" – o que quer?
>
> Tem por priora essa seita, a assaz conhecida professora Deolinda Daltro. Sabe-se logo o que é um partido chefiado por essa senhora. Ela quer ser intendente municipal; quer o ensino obrigatório do tupi nas escolas públicas; e festa à bessa, em que possa mostrar a beleza dos seus caboclos e a grandeza dos pés deles encarcerados dolorosamente em botas torturantes.[446]

Para a historiadora C. R. Jardim Pinto, "o feminismo daquele período esteve intimamente ligado a personalidades"[447], e a ligação de cada um dos quatro grupos apresentados por Lima Barreto "ao esforço pessoal de alguma mulher"[448] foi o que mais aproximou a análise de Jardim Pinto daquela de Barreto. Ainda de acordo com a mesma historiadora, a vertente mais organizada e mais forte era liderada por Bertha Lutz e representava "a face bem-comportada do feminismo brasileiro do período"[449], que era liberal e de jeito nenhum rubro. Lima Barreto enxergou nessa vertente uma ligação estreita com as elites e seus interesses e, em suas análises do feminismo brasileiro, não poupou "Dona Berta" de críticas implacáveis. Ao dizer-se "cavalheiro, apesar de tudo", o cronista sugeriu que deixara de lado muitas lacunas porque respeitava "os segredos das senhoras", indicando, no entanto, outras fontes em periódicos cariocas para "os curiosos" que desejassem fazer a colheita de "cousa digna de entusiasmar" a respeito da celeuma entre os grupos feministas, pelo menos em seus aspectos menos produtivos e mais "sórdidos".

---

[446] Ibidem.
[447] Céli Regina Jardim Pinto. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2003, pp. 13-39. (Col. História do Povo Brasileiro).
[448] Ibidem, p. 14.
[449] Ibidem, p. 15.

Avaliamos que as quatro "seitas" destacadas por Barreto aproximavam-se da primeira vertente proposta por Jardim Pinto e participavam da corrente das "feministas liberais", a quem os ataques antifeministas de Lima Barreto eram dirigidos. As duas outras vertentes do movimento feminista identificadas por Jardim Pinto não foram incomodadas por Lima Barreto, nem "a que se poderia chamar de movimento difuso", de face intermediária, cujos textos, publicados na imprensa, tocavam "em temas delicados para a época, como sexualidade e divórcio"[450], nem tampouco a que se manifestou "no movimento anarquista e, posteriormente, no Partido Comunista"[451], visto como "o menos comportado dos feminismos no período", cujo "grande expoente" foi Maria Lacerda de Moura, de acordo com Jardim Pinto.

Como já assinalamos, a historiadora Margareth Rago distinguiu o "feminismo liberal" do "feminismo revolucionário", considerando-os as duas correntes principais do feminismo no Brasil. Ao mapear as "intuições dominantes da reflexão anarquista" relativas à causa feminina, Rago ouviu outras vozes de mulheres, além de Maria Lacerda de Moura, como Matilde Magrassi, Maria de Oliveira, Tibi, Josefina Stefani Bertachi, Maria S. Soares, todas elas empenhadas na fundação da Federação Internacional Feminina, em 1921 na cidade de São Paulo, e ainda em escrever e publicar artigos na imprensa libertária, fazer palestras e conferências educativas em vários cantos do país[452], em defesa da libertação da mulher em todos os campos da vida social. Segundo Rago, Maria Lacerda podia ser identificada menos como uma anarquista e mais como uma "pensadora independente" e "a mais inovadora e radical" em sua crítica à "civilização uni-sexual". Rago cita como exemplo a anarquista Tibi,

[450] Ibidem.
[451] Ibidem, pp. 37-39
[452] Margareth Rago, op. cit., p. 96.

que escreveu sobre a morte do amor pelo matrimônio, uma tese de certo modo abraçada por Lima Barreto quando tratou da decepção no casamento.

A última citação da crônica "Feminismo e Voto Feminino" colocou em cena algumas diferenças entre os padrões de comportamento de distintos grupos de mulheres. Assim, observamos a presença de "outra classe de mulheres, muito menos emancipadas, as *coureuses* de cinema, de festas, de divertimentos", a referência à "mulher honesta", casta, assexuada e "do lar", a prática da "sexualidade vagabunda" da "pecadora diabólica" no espaço público, o trabalho de "gentis senhoritas" nas "repartições públicas". Segundo as palavras de Lima Barreto, o "feminismo burocrático" de Bertha Lutz preocupava-se exclusivamente com esse último grupo e defendia que a emancipação feminina era uma conquista das mulheres trabalhadoras, desde que não fosse em atividades relacionadas ao mundo do prazer na esfera pública.

Nesse cenário pode ser incluída uma outra polêmica, essa decorrente da intervenção do discurso médico na construção das identidades dos sexos nas relações sociais. O "jogo-de-empurra" para retirar o "nervosismo" como uma marca do comportamento de uma classe de mulheres, presumivelmente a elite das repartições públicas, e jogá-lo para outra classe, certamente as proletárias das diversões, evidenciava o lugar de poder que a fala de autoridade do discurso "científico" e masculino, em nome da saúde da população e da preservação da espécie[453], ocupava. Em contraposição, a participação das meretrizes nas lutas pela liberdade significava a promoção de novas práticas e outras identidades no campo das relações sociais de sexo. Nos parágrafos finais de sua crônica de janeiro de 1922, Lima Barreto voltou à tese do legalismo para debater a outorga do "direito de voto às mulheres":

[453] Ibidem, pp. 74-87.

> Agora, tratando-se na câmara de outorgar direito de voto às mulheres, essas quatro seitas deixaram de ser rivais e inimigas e, por um momento, estão de acordo; mas, tudo faz crer que, ainda desta vez, o projeto não seja convertido em lei.
>
> Se isso se der, é de esperar que as paredras do nosso feminismo apelem para os consultores jurídicos dos ministros e para o da república, e obtenham deles pareceres favoráveis às inócuas pretensões eleitorais e obriguem as autoridades competentes a expedir-lhes a carteira de eleitor.
>
> Não fizeram o mesmo para entrar nas repartições públicas? Repitam a manobra e mandem às favas o congresso. É mais prático.[454]

Na concepção libertária, o sufragismo era uma causa menor, pois o fundamental era a luta por mudanças no cotidiano de todas as mulheres, fosse no espaço público ou privado, nas relações afetivas, familiares ou profissionais. Ao reconhecer que as "quatro seitas deixaram de ser rivais e inimigas" quando se tratava do sufragismo, Barreto avaliou que ainda assim "o projeto não seja [seria] convertido em lei", o que, de fato, só aconteceu dez anos depois, em 1932:

> Não cesso de dizer que acompanho o movimento feminista com o maior interesse. Isto não é de agora; desde as priscas épocas de Dona Deolinda com os seus caboclos, que assim procedo. Tenho tido raros momentos de prazer e gozo íntimo. (...)
>
> Mas, não é só do sufragismo de Dona Daltro que vem o meu riso íntimo; é também de outras feministas. (...)
>
> Por hoje, como simples nota, fica a seguinte observação. A Senhora Dona Berta Lutz, sabendo que um ministro mandara ouvir um dado funcionário sobre, se as moças podiam ser admitidas em concurso, saiu-se lá de sua Liga pela Emancipação da Mulher (uma das seitas) e resolveu oficiar a esse funcionário, pedindo que o parecer dele fosse de acordo com o programa de sua "liga".[455]

---

[454] Lima Barreto. "Feminismo e Voto Feminino (ESTUDO DE CIÊNCIA SOCIAL) – À ACADEMIA DE ALTOS ESTUDOS", op. cit., p. 269.
[455] Idem. "Uma Nota", *Careta*, Rio, 27/8/1921. In: *Marginália*, op. cit., pp. 128-129.

O uso dos nomes das duas mulheres precedidos do título de tratamento "dona" era mais um elemento que se somava para revelar uma intenção depreciativa no discurso antifeminista de Barreto. Ao escrever que a luta do movimento feminista pelos direitos políticos das mulheres provocava "raros momentos de prazer e gozo íntimo", "riso íntimo", Lima Barreto buscava levar de volta para o espaço privado das intimidades um movimento que já se mostrava vitorioso ao ocupar o espaço público das práticas e representações do feminismo:

> A Senhorita Berta Lutz continua nas suas manifestações do feminismo burocrático. (...)
>
> Dizem os telegramas que essa apostolesa anda nos Estados Unidos, devido à munificência do Governo Federal, a fazer propaganda da Exposição do Centenário.
>
> É um grande serviço que ela presta ao Brasil; mas o que ela devia primeiro fazer era ajudar o Senhor Carlos Sampaio a derrubar o morro do Castelo.[456]

Na citação, Lima Barreto substituiu o título habitual de "dona" pelo de "senhorita" antes do nome da conhecida feminista, talvez para acentuar o caráter "internacional" e burocrático" do feminismo que, segundo ele, era praticado por Bertha Lutz; e, na passagem, Barreto fez referência, para criticar, aos laços estreitos que a ligavam aos poderes federal e municipal. Comemorativa dos cem anos da independência, a Exposição do Centenário foi um evento grandioso realizado na cidade do Rio de Janeiro em 1922; e, para essa Exposição, foram construídos os pavilhões para representar cada país exatamente no local onde até então se localizava o morro do Castelo, desmanchado completamente por processos moderníssimos naquele mesmo ano.

Observamos que Lima Barreto associou o feminismo à modernidade que chegava, derrubando não apenas o morro do Castelo, um marco histórico da cidade, como

[456] Idem. "Feminismo Internacional", *Careta*, Rio, 3/6/1922. Ibidem, p. 147.

também suas próprias crenças e valores. Como imagem final da cena do feminismo, trazemos uma crônica, escrita sob a forma de carta aberta:

> (...) Excelentíssima Senhora:
>
> Dispenso-me de iniciar esta com as fórmulas habituais de saudações, porque o nosso tempo que é de cousas práticas e frutíferas, não permite mais a perda de energia com futilidades de civilidade e boa educação. (...)
>
> Não estamos, portanto, no tempo de salamaleques. Não há mais delicadeza, nem mesmo nas danças de sala, nem mesmo nos divertimentos públicos. Durante as partidas do tal futebol, as damas e senhoritas trocam amabilidades de palavras e gestos que faziam corar um frade de pedra; e, às vezes mesmo, elas se atracam com uma sem-cerimônia digna de valentões consumados. (...)
>
> É o feminismo em marcha que deixa as secretarias, para manifestar-se nas arquibancadas das arenas do esporte bretão, como dizem os virtuosos cronistas esportivos. Vossa Excelência, porém, foi mais além na conquista de um lugar ao sol para a mulher, e também na senda das reivindicações femininas. (...)
>
> Nunca neguei capacidade alguma na mulher. O meu antifeminismo não parte do postulado da incapacidade da mulher, para isso ou para aquilo; é baseado em outros motivos, mais de ordem social do que mesmo de natureza fisiológica ou psicológica. (...) Nunca supus a mulher capaz de tanta energia nervosa, capaz de tanta matreirice, pois sempre as vi chorando diante das autoridades, por cousas insignificantes.
>
> Vossa Excelência, porém, mostrou-me que as cousas não se passam sempre assim; e, na boca das mulheres, diante de austeros juízes e severos delegados, a verdade não é nunca uma só, podendo ser ondeante e diversa. Até agora, isto só acontecia quando se tratava de falar a maridos ou mesmo a amantes; porém, neste momento, com a iniciativa de Vossa Excelência, o sexo feminino deu um passo além; sabe de pronto emaranhar juízes e delegados. Meus parabéns, Excelentíssima Senhora; e o meu sentimento é que se haja estreado tão tarde, em papel de tanto relevo e significação.
>
> De Vossa Excelência, etc., etc.[457]

[457] Idem. "Carta Aberta". In: *Marginália*, op. cit., pp. 132-134.

Como estratégia discursiva, Barreto recorreu a uma cenografia de carta para se aproximar dos leitores, buscando transformar as convicções deles.[458] A crítica feroz ao "esporte bretão" foi tema de inúmeras crônicas e, na "Carta Aberta", veio para mostrar as mudanças de comportamento que "as damas e senhoritas" experimentavam em todos os espaços públicos, inclusive como torcedoras entusiasmadas dos times de futebol. Na passagem, Barreto assumiu seu antifeminismo e tentou defini-lo como "baseado em outros motivos, mais de ordem social do que mesmo de natureza fisiológica ou psicológica". Feminismo e antifeminismo expressavam, portanto, uma guerra entre práticas e representações das relações sociais.

FILANTROPIA[459]

Os significados contemporâneos do termo "filantropia" são um "profundo amor à humanidade" e um "desprendimento, generosidade para com outrem, caridade"[460]. Trazemos as imagens da cena da filantropia para contrapô-la à cena do feminismo, na perspectiva de focalizar as ações mais conservadoras que, em nome da caridade, as mulheres e os homens dispunham-se a realizar como uma forma de atuação voltada para os outros, sem, no entanto, produzir transformações na sociedade..

Do mesmo modo que combateu duramente o feminismo com seu antifeminismo, o misantropo Lima Barreto fez uso do espaço discursivo da crônica para criticar severamente

---

[458] Patrick Charadeau e Dominique Maingueneau, op. cit., p. 97.

[459] As crônicas de Lima Barreto nas quais inventariamos as imagens da cena da filantropia são "Hotel Sete de Setembro", publicada originalmente na revista *Careta*, em 5 de agosto de 1922, e estabelecida no volume *Marginália*; "A Nossa Filantropia", de 24 de agosto de 1918, original do periódico *ABC* e integrante do volume *Feiras e Mafuás*; por último, "Adélia" e "A Indústria da Caridade", do volume *Histórias e Sonhos*, cuja primeira edição, bastante precária, data de 1920.

[460] Instituto Antônio Houaiss, op. cit.

as iniciativas filantrópicas que, apregoadas em um determinado jornal, repercutiam em outros periódicos:

> Li nos jornais que um grupo de senhoras da nossa melhor sociedade e gentis senhoritas inauguraram, com um chá dançante, a dez mil-réis a cabeça, o hotel do Senhor Carlos Sampaio, nas encostas do morro da Viúva. Os resultados pecuniários de semelhante festança, segundo diziam os jornais, reverteriam em favor das crianças pobres, das quais as referidas senhoras e senhoritas, agremiadas sob o título de "Pequena Cruzada", se fizeram espontâneas protetoras.
>
> Ora, não há nada mais belo do que a caridade; e, se não cito aqui um profundo pensamento a respeito, motivo é não ter ao alcance da mão um dicionário de "chapas". (...)
>
> Quero dizer que semelhante festa, a dez mil-réis a cabeça, para proteger crianças pobres, é uma injúria e uma ofensa, feita a essas mesmas crianças, num edifício em que o governo da cidade gastou, segundo ele próprio confessa, oito mil contos de réis.
>
> Pois é justo que a municipalidade do Rio de Janeiro gaste tão vultosa quantia para abrigar forasteiros ricos e deixe sem abrigo milhares de crianças pobres ao léu da vida?[461]

Ao atribuir a Lima Barreto a qualidade de misantropo, não estamos utilizando a principal acepção do termo, isto é, aquele que tem "ódio pela humanidade", mas servimo-nos daqueles significados derivados por extensão de sentido, para identificar no cronista uma certa "falta de sociabilidade" e traços de "melancolia, depressão, tristeza".[462] Com esses atributos, Lima Barreto pôde distanciar-se das belas imagens da inauguração do novo hotel para elaborar uma análise crítica da filantropia praticada "a dez mil-réis a cabeça, para proteger crianças pobres", revelando as contradições e, mais ainda, o uso do véu da caridade para encobrir o mau-uso da verba pública oriunda da municipalidade do Rio de Janeiro.

---

[461] Lima Barreto. "Hotel Sete de Setembro", *Careta*, 5/8/1922. In: *Marginália*, op. cit., pp. 33-34.
[462] Instituto Antônio Houaiss, op. cit.

Mais uma vez, e agora em outra cena, podemos observar nessa passagem a crítica severa às mulheres pertencentes às elites, representadas pelas "senhoras da nossa melhor sociedade e gentis senhoritas". Na cena da filantropia, observamos algumas incursões de Lima Barreto no Flamengo, um "bairro residencial de alta categoria" da cidade, de acordo com Brasil Gerson. A "História das ruas do Rio"[463] nos informa que a ligação do Flamengo com o aristocrático bairro de Botafogo através da avenida do Contorno (porque "contorna" o morro da Viúva), posteriormente Rui Barbosa, deu-se no governo do presidente Epitácio Pessoa e na administração municipal de Carlos Sampaio, fazendo parte da obra a construção de um hotel, o Centenário, em homenagem ao dia sete de setembro da Independência[464], transformado posteriormente na Escola de Enfermagem Ana Néri.

Em outra crônica, "A Nossa Filantropia", Lima Barreto dialogou em língua escrita com Antônio Torres, a propósito do "movimento de caridade" que se virava de costas para os brasileiros necessitados para se desvelar em cuidados com as "caminhas brancas", que Barreto não sabia de onde eram. Seu nacionalismo não admitia que a "nossa filantropia" brasileira se esquecesse "de que há entre nós muita criança necessitada" e fosse atender aos leitos das vítimas da primeira guerra mundial na Europa:

> Antônio Torres, o curioso Antonio Torres, fez há dias na *Gazeta de Notícias*, uma crítica acerba e justa às senhoras – eu ia dizer nossas – brasileiras que se desvelam com cuidados para as "caminhas brancas" não sei de onde e para a Cruz Vermelha da Sérvia, esquecendo-se de que há entre nós muita criança necessitada de que elas não cuidam e em prol das quais não fazem o menor movimento de caridade. (...)
>
> Essa coisa de beneficiar é daquelas da mais alta elegância que só se encontram em Paris e alhures. Isto é, em terras do

[463] Brasil Gerson, op. cit., p. 254.
[464] Por isso, o título da crônica, "Hotel Sete de Setembro", em mais uma provocação irônica de Lima Barreto.

> máximo *chic*, para as quais estão voltados os olhos de todos que se julgam mais ou menos europeus.[465]

No final da crônica "A Nossa Filantropia", Lima Barreto defendeu "o caminho eficaz e natural da Caridade", rememorando uma experiência que tivera nessa trilha aos seis anos de idade e afirmando que as senhoras e senhoritas preferiam "a caridade" com "Cruzes Vermelhas" e "alardes":

> Essas senhoras, para dar um óbolo, em favor de feridos ou coisa que valha, da Grande Guerra, não tinham necessidade de tanto alarde, para mostrar que têm bom coração.
>
> Não era preciso que os jornais soubessem. Não era preciso que o *Binóculo* desse notícia.
>
> O que era preciso, era dar. Bastava.
>
> Vou lhe contar uma história que talvez lhes cause ensinamento.
>
> Isto foi quando eu tinha seis anos.
>
> Meu pai tinha enviuvado e nós morávamos em uma casa muito pobre na Rua do Riachuelo.
>
> Todos os sábados, eu pedia a meu pai um tostão para dar a uma pobre velha que me ia esmolar, à porta da minha rótula paterna.
>
> Dei-lhe sempre a esmola e ela me beijava. Desses beijos, tenho eu ainda grandes saudades...
>
> Ela era velha, esquálida; mas, assim mesmo, ainda e sempre me lembrei dos seus beijos...
>
> Ah! A caridade sem Cruzes Vermelhas.[466]

Observamos na passagem que Lima Barreto aceitava a prática da caridade com discrição, retomando esse ponto de vista para reafirmar a inutilidade da "nossa filantropia moderna feita de elegância e exibições" na crônica "Adélia":

> A nossa filantropia moderna feita de elegância e exibições é das cousas mais inúteis e contraproducentes que se pode

[465] Lima Barreto. "A Nossa Filantropia". In: *Feiras e Mafuás*, op. cit., pp. 264-266.
[466] Ibidem.

> imaginar. Entre todas as pessoas do povo aqui, no Rio de Janeiro, há uma condenação geral para as raparigas que se casam, no dia de Santa Isabel, e saem da Casa de Expostos. Isto se dá para uma casa semi-religiosa, que só visa, penso eu, não a felicidade terrena, mas o resgate de alma das garras do demônio. Agora, imagina tu o que de transtorno na vida de tantos entes não vão levar esses "dispensários", essas *crèches* etc. Que lhes amparam os primeiros anos de vida e, depois, os abandonam à sua sorte...
>
> - És mau... É impossível que ela não aproveite muitos.
>
> - Alguns, talvez; mas muitos, ela estraga e desvia do seu destino, que talvez fosse alto.[467]

A concentração das atividades filantrópicas nas mãos das elites e nas regiões politica e economicamente valorizadas do Rio de Janeiro pode ser observada mais uma vez, se aproveitarmos a referência à "Casa de Expostos" nessa crônica para acompanharmos o percurso de deslocamentos dessa "casa semi-religiosa" pelos distritos da cidade.

A Roda dos Expostos do Rio de Janeiro, fundada a 14 de janeiro de 1738 por Frei Romão de Mattos Duarte, nasceu ligada à Santa Casa da Misericórdia e com recursos do seu primeiro benemérito, que dá nome à Fundação, e que passou a ser reconhecido como um pioneiro da "proteção à infância desvalida no Rio". A "Roda" funcionou inicialmente "em Santa Luzia [na Irmandade da Santa Casa da Misericórdia], e na Lapa, na Rua Evaristo da Veiga número 66, a partir de 10 de junho de 1860, numa casa demolida (e com ela o chafariz das Marrecas) para a construção de um novo quartel da Polícia Militar", segundo Noronha Santos[468]. O Caminho Novo, atual rua Marquês de Abrantes, no Flamengo, caracterizou-se, a partir dos oitocentos, pela instalação de inúmeros palacetes, onde residiam ilustres famílias do Império. Na aurora da República, a partir de 1906, a vasta mansão do Dr. José Carlos Rodrigues, localizada no número 48 dessa rua, foi cedida por seu proprietário ("após tê-la

[467] Idem. "Adélia". In: *Histórias e Sonhos*, op. cit., pp. 115-118.
[468] Paulo Berger, op. cit., pp. 136-137.

comprado para montar nela um hospital para crianças, afinal localizado na rua Miguel de Frias") para abrigar a "sede definitiva, mas em edifício novo, da Casa ou Roda dos Expostos", registra Brasil Gerson[469].

De acordo com Maria Vittoria P. Civiletti[470], a Casa dos Enjeitados, Casa dos Expostos, Casa da Roda ou, simplesmente, Roda existia em quase todos os países do mundo nos séculos XVIII e XIX e, em 1882, ao apresentar o atendimento realizado no Brasil à infância abandonada no "Congrés International de la Protection de l'Enfance", M. Araujo acusa a existência de Rodas em quase todas as províncias brasileiras. Para as mulheres escravas, a Roda ou a morte pela prática do aborto representavam a esperança de liberdade para seus filhos. Por isso, na sociedade escravocrata brasileira, o número de crianças colocadas na Roda, basicamente filhos de escravas, reduziu-se após a Lei do Ventre Livre (1871) e caiu drasticamente após a abolição.

A antiga Roda dos Expostos foi transformada em Fundação Romão de Matos Duarte a partir de 14 de janeiro de 1938 e, com ou sem o dispositivo no qual a criança era depositada, permanece como uma instituição de atendimento à infância desassistida até os nossos dias, como prova o recebimento em 2002 de uma "moção de congratulações pelo transcurso do 264º ano de existência", oferecida pela ALERJ[471] ao atual "Educandário Romão de Mattos Duarte".

Na cena da filantropia, e no diálogo que se estabeleceu entre um narrador-personagem e uma segunda personagem, Lima Barreto trouxe a história de Adélia como

---

[469] Brasil Gerson, op. cit., pp. 289-290.
[470] Maria Vittoria Pardal Civiletti. "O cuidado às crianças pequenas no Brasil escravista". www.uff.br/feuff/departamentos/docs_edu_infantil_mural/muinfa21.doc
[471] Moção n. 8576/2002. Plenário Barbosa Lima Sobrinho, em 22/8/2002. Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. http://alerjln1.alerj.rj.gov.br

exemplo paradigmático para enfocar os muitos brasileiros e brasileiras que eram/são amparados "nos primeiros anos de vida" e, em seguida, entregues "à sua sorte" por esses "dispensários", como a Roda dos Expostos e o Recolhimento das Órfãs, ambos pertencentes ao complexo da Santa Casa da Misericórdia:

> - Quando a portuguesa Gertrudes, que "vivia" com o italiano Giuseppe, um amolador ambulante, apresentou Adélia sua filha, à sublimada competência do doutor Castrioto, do dispensário, a criança era só um olhar. As pernas lhe eram uns palitos, os braços descarnados, esqueléticos, moviam-se nas convulsões do choro sinistramente. (...) O seu olhar, entretanto, era calmo. Era azul-turquesa, e doce, e vago. No meio da desgraça do seu corpo, a placidez do seu olhar tinha um tom zombeteiro. O doutor melhorou-a muito; mas, assim mesmo, até a puberdade, foi-lhe o corpo um frangalho e o olhar sempre o mesmo, a ver caravelas ao longe que a viessem buscar para países felizes. Depois de adolescente, porém, no fim das grandes concentrações íntimas, o brilho hialino das pupilas turbava-se, estremecia. Ninguém descobriu-lhe o olhar – quem repara no olhar de uma menina de estalagem? Olham-se-lhe as formas, os quadris e os seios; ela não os tinha opulentos, contudo casou-se. O casamento realizou-se a pé e a garotada assoviou pelo caminho. A noiva com calma estúpida olhou-os. Porque? Casava-se a pé; era ignóbil. O padrinho não lhe notou modificação sensível. Não chorara, não soluçara, não tremera; unicamente mudou num instante de olhar que ficou duro e perverso. O primeiro ano de casamento fez-lhe bem. A intensa vida sexual arredondou-lhe as formas, disfarçou as arestas e as anfractuosidades – emprestou-lhe beleza. Demais, o ócio desse primeiro ano afinou-a, melhorou-a; mas sempre com aquele olhar fora do corpo e das cousas reais e palpáveis. No fim de dous anos de casada, o marido começou a tossir. Não trabalhava mais. Adélia rogou, pediu, chorou. Andou por aqui e por ali. Encontrou alguém amável que a convidou (...)[472]

Na crônica, não ficou claro se Adélia era filha do casal Gertrudes e Giuseppe ou apenas da mulher. Pareceu-nos que Adélia talvez fosse órfã de pai e, por essa razão, tivesse direito de acesso ao Recolhimento das Órfãs da Misericórdia. O que podemos destacar de mais

[472] Lima Barreto. "Adélia", op. cit., pp. 115-118.

significativo na história da menina de olhar “azul-turquesa, e doce, e vago” era o fato de Adélia ser “uma menina de estalagem” e filha de imigrantes pobres, duas marcas de sua identidade que eram comuns a um grande contingente de habitantes da cidade do Rio de Janeiro naquele momento. Por sabermos que o controle do espaço urbano pelo poder público municipal, na administração de Pereira Passos, impedia a realização de quaisquer reformas ou melhorias nos cortiços sobreviventes à “era das demolições”, imaginamos que as condições de vida de Adélia e sua família deviam ser de penúria extrema, habitando um cortiço insalubre e, provavelmente, localizado em uma área periférica das freguesias centrais.

Na cena da filantropia, houve espaço para a introdução da cena do casamento, indicando ser esse o caminho a ser trilhado pelas mulheres, inclusive as pobres. Em vez de ir ao encontro das sonhadas “caravelas ao longe que a viessem buscar para países felizes”, o destino “ignóbil” de Adélia foi o casamento, que “realizou-se a pé e a garotada assoviou pelo caminho”. E na vida de casada, sobreveio a decepção, para confirmar a principal tese de Lima Barreto, como analisamos anteriormente. O marido adoeceu repentinamente e Adélia viu-se atraída pela vida fora do lar até quando ela própria contraiu a mesma tuberculose que vitimara o marido e morreu:

> Aos poucos, infiltravam-se-lhe gostos novos. Um sapato de abotoar, um chapéu de plumas, uma luva... Morreu o marido. O enterro foi fácil e o luto ficou-lhe bem. O seu olhar vago, fora dos homens e das cousas, atravessava o véu negro como um firmamento com uma única estrela no engaste de um céu de borrasca. Um ano depois corria confeitarias, à tarde; mas o seu olhar não pousava nunca nos espelhos e nas armações. Andava longe dela, longe daqueles lugares. (...)
>
> Não custou a embriagar-se um dia. Meteram-lhe num carro. Estava que nem uma pasta mole e desconjuntada. (...)
>
> Veio um ano que se examinou. Estava quase magra, quase esquálida. Foi-se fanando daí por diante. Diminuíram-se-lhe as jóias e os vestidos. Morreu aos trinta e poucos anos como

> a criança que se fora: um frangalho de corpo e um olhar vago e doce, fora dela e das cousas. Que é que adiantou o dispensário?[473]

A questão da inevitabilidade do destino chocava-se com a possibilidade de salvação através da caridade e, segundo Lima Barreto, a filantropia do "dispensário" mostrava-se inócua como garantia de mudanças na vida de crianças abrigadas como Adélia. Encerramos a cena da filantropia com uma interessante crônica, "A Indústria da Caridade", através da qual tomamos ciência de um outro gênero de filantropia, esse praticado por homens. A figura de um personagem-narrador e seu interlocutor, mais uma vez, foi a estratégia discursiva utilizada por Lima Barreto para apresentar a situação aos leitores:

> Era dia de moda. A confeitaria regurgitava. Aqueles móveis de falsa laca, muito pechisbeques e pernósticos, davam a tudo um ar de fatuidade e presunção. A freqüência especial de cavadores, *gigolots*, "melindrosas", "guitarristas", bobos-alegres, etc., enchiam o salão, sentados ao redor de mesinhas, olhando, de quando em quando, de soslaio os espelhos que o circundavam.
>
> A um canto, abancados a uma mesa, tendo uma garrafa de "Canadian" em frente, dous amigos conversavam. (...) Os dous amigos tinham esse prazer, esse "gozo" de andar pelas reuniões públicas tidas como da moda, para "biografar" os freqüentadores.[474]

Na cena da moda, a primeira do presente Capítulo, observamos que a confeitaria, com suas paredes espelhadas, era um dos espaços públicos destinados ao gosto moderno pelo prazer de olhar e ser olhado. Na descrição física da confeitaria, os "móveis de falsa laca" funcionavam como uma representação do refinamento que uma modernidade "de fachada" trazia. Ao traçar um panorama da confeitaria, pela voz das personagens, Lima Barreto listou os tipos que se movimentavam em tais ambientes em um "dia de moda": eram "cavadores, *gigolots*,

[473] Ibidem, pp. 115-118.
[474] Idem. "A Indústria da Caridade". In: *Histórias e Sonhos*, op. cit., pp. 233-236.

‘melindrosas’, ‘guitarristas’, bobos-alegres, etc.”. Na listagem que apresentou dos freqüentadores da confeitaria, Lima Barreto deu exemplos de “Velhos e novos contingentes de marginais [que] fundiam-se, no Rio de Janeiro, numa enorme massa de excluídos que crescia sem cessar”[475], como considerou Lená M. Menezes, ao contrapor progresso e prazer nas ruas do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século passado.

E, na mesma crônica, ao “biografar’ os freqüentadores” daquele espaço de sociabilidades, os dois amigos-personagens focalizaram “uma família ‘desconhecida’ que procurava esconder as suas maneiras de Catumbi, com uma *morgue* procurada e sob trajes caros no rigor da moda”[476]. Segundo Brasil Gerson, o Catumbi era, “na linguagem dos índios, (...) rio na sombra ou sombreado, e foi em torno dele, nascido em Santa Teresa, que o bairro se formou” no século XVIII, tendo sido ocupado inicialmente “por ricos proprietários de terras e escravos” e, posteriormente, pela classe média carioca. Como curiosidade, o bairro abrigou, a partir da segunda metade do século XIX, “o primeiro dos cemitérios brasileiros a céu aberto, destinado a não-indigentes”.[477] O ato de ocultar as “maneiras do Catumbi” pela família do Major Almério evidenciava, no movimento de ocupação da crescente cidade, a produção de uma hierarquia que valorizava uns e desvalorizava outros bairros.

A identificação de Almério como o chefe da “família ‘desconhecida” que ocupara uma das mesas da confeitaria deu margem a que tomássemos conhecimento de uma prática filantrópica que exigia do praticante um conhecimento dos labirintos da vida política nacional e municipal ao qual os homens tinham maior acesso:

---

[475] Lená M. de Menezes. *Os estrangeiros e o comércio do prazer nas ruas do Rio (1890-1930)*, op. cit. p. 26.
[476] Lima Barreto. “A Indústria da Caridade”, op. cit., pp. 235-236.
[477] Brasil Gerson, op. cit., p. 337.

> - Ele, o tal Almério, é "guitarrista" também?
>
> - Não. É homem honesto; exerce legalmente a indústria da Caridade.
>
> - Indústria da Caridade! Tens cada uma – livra! (...)
>
> - Vou te mostrar como o é. Este Almério, há menos dez anos passados, morava em Bonsucesso, numa casinha, pela qual pagava trinta ou quarenta mil-réis. Vivia sabe Deus como. O aluguel da casa era pago com o produto das costuras da mulher e da filha mais velha, que tinha, por esse tempo, dezesseis anos; e o resto os vizinhos e amigos forneciam. Ele vinha todo o dia à cidade, a ver se arranjava alguma cousa, qualquer lugar, mesmo de servente em qualquer repartição pública. (...) Veio uma agitação política, por ocasião de uma sucessão presidencial, e ele viu bem que o "caminho do burro" era ser do partido do candidato popular. (...)
>
> - Foi o que fez o nosso major. No negócio presidencial, respondeu – não; foi contra a opinião geral e acertou. Entrou para uma junta a favor do candidato execrado; fizeram-no major da Guarda Nacional e recebia uma diária pelo serviço de *meeting*, etc. Começou a jantar e almoçar diariamente, e a família também. Os seus horizontes se alargaram. Não quis mais emprego, fosse qual fosse. Pensou cousa melhor.[478]

Na passagem, o uso da palavra "guitarrista" caracterizava, em linguagem informal, o falsário, especialmente aquele que falsificava papel-moeda. Como significativa imagem da ascensão social da família Almério, observamos a mudança para o Rio Comprido, um bairro mais próximo da área central da cidade e, portanto, mais elegante do que o suburbano Bonsucesso. Sem ser "guitarrista", o major era "homem honesto; exerce [exercia] legalmente a indústria da Caridade", o que lhe permitiu apropriar-se dos "remanescentes das subvenções" para viver pomposamente:

> - Planejou um hospital de crianças. Interessou jornalistas e repórteres do partido na cousa. Recebeu donativos, o governo federal cedeu-lhe o velho edifício do hospital da brigada e casas adjacentes, restauradas, deu-lhe uma subvenção; o governo municipal, outra. Ele se instalou num palacete, mobiliado com remanescentes das subvenções, que lhe dão

[478] Lima Barreto. "A Indústria da Caridade", op. cit., pp. 234-235.

> também para comer e vestir-se luxuosamente, ele, mulher e filhas.
>
> - Como se mantém nessa "mamata"?
>
> - À custa de manifestações a tudo que é impopular, portanto, do agrado do "poder".[479]

Graças às manobras realizadas no "negócio presidencial", definidas com ironia pela expressão "indústria da caridade", o major Almério retomou suas funções de provedor na família. E Adélia saiu de casa para encontrar a morte trágica, como vimos na crônica anterior. Desse modo, as duas trajetórias – a de Almério e a de Adélia – na cena da filantropia mantiveram os lugares marcados para homens e mulheres nas relações sociais de sexo.

DIPLOMA E ANEL[480]

A cena do diploma e anel nas relações sociais de sexo expressa uma das grandes preocupações de Lima Barreto: a educação. Uma primeira imagem que gostaríamos de destacar é a do "diploma abre-te Sésamo" que, como formação discursiva, fazia a crítica às vantagens, como cargos e outros privilégios, que os "doutores" usufruíam apenas com a apresentação de seus diplomas como credenciais[481]. Lima Barreto apontou uma outra conquista que os portadores do "canudo" e do "anel" podiam garantir:

> Esse lado de respeitabilidade de saber e talento que circunda o canudo, o anel e portador destes, não tardou em reagir no coração das mocinhas casadoiras. Quase todas elas se

[479] Ibidem, p. 236.
[480] O *corpus* documental que passaremos a analisar compõe-se das seguintes crônicas: "O Anel dos Musicistas" (*A Lanterna*, de 25 de janeiro de 1918), "A Prenda" (*Careta*, de 30 de abril de 1921) e "O Estácio Atual" (*Careta*, 22 de julho de 1922), do volume *Marginália*; "Esta Minha Letra" (*Gazeta da Tarde*, 28 de junho de 1911), do volume *Feiras e Mafuás*; "Tenho esperança que...", de 3 de maio de 1918, "A superstição do doutor", de maio de 1918, e "Duas Relíquias", de 28 de fevereiro de 1920, do volume *Bagatelas*; "A Música" (*Correio da Noite*, de 28 de fevereiro de 1914), "Os Exames" (*Correio da Noite*, de 6 de março de 1915) e "Concurso para a Cozinha" (*Careta*, de 22 de novembro de 1919), do volume *Vida Urbana.*
[481] Celi Silva Gomes de Freitas, op. cit., p. 107.

> querem casar com "doutor"; e, se o não fazem, ficam com uma espinha atravessada na garganta, embora se resignem mais tarde.
>
> Os "cabras" matreiros, desses que, aos dezoito anos, não sonham grandes destinos para a sua vida, mas têm a intuição perfeita nela, da sua grosseria e inferioridade; esses, certos de tal pendor das meninas que se querem casar, tratam logo de se formar de qualquer modo, seja nisso ou naquilo, saia sabendo alguma coisa da escola ou faculdade, ou não.[482]

Segundo Lima Barreto, "os bons casamentos" eram aqueles realizados entre "os homens formados" e "as herdeiras ricas". Nas relações sociais de sexo, Barreto observou que no interior o prestígio do noivo-doutor era ainda maior, uma vez que ele não enfrentava a concorrência dos oficiais do Exército e da Marinha no espaço urbano. A cena do anel e diploma revelou uma imagem do ensino superior no Brasil como "uma fábrica de caça-dotes", na qual "o cidadão ainda não saiu doutor e já sonha casar-se rico": A mesma combinação entre a cena do anel e diploma e a do casamento apareceu na crônica "Esta Minha Letra", que começa com um breve relato de Lima Barreto acerca dos imensos obstáculos de sua trajetória:

> Não quero aqui fazer a minha biografia; basta, penso eu, que lhes diga que abandonei todos os caminhos, por esse das letras; e o fiz conscientemente, superiormente, sem nada de mais forte que me desviasse de qualquer outra ambição; e agora vem essa coisa de letra, esse último obstáculo, esse premente pesadelo, e não sei que hei de fazer!
>
> Abandonar o propósito; deixar a estrada desembaraçada a todos os gênios explosivos e econômicos de que esses Brasis e os políticos nos abarrotam?
>
> É duro fazê-lo, depois de quase dez anos de trabalho, de esforço contínuo e – porque não dizer? – de estudo, sofrimento e humilhações. Mude de letra, disse-me alguém.
>
> É curioso. Como se eu pudesse ficar bonito, só pelo fato de querer.

[482] Lima Barreto. "A Prenda", *Careta*, Rio, 30/4/1921. In: *Marginália*, op. cit., pp. 125-127.

> Outro conselheiro (são sempre pessoas a quem faço reclamações sobre os erros) disse-me: escreva em máquina. Ponho de parte o custo de um desses desgraciosos aparelhos, e lembro aqui aos senhores que aquilo é fatigante, cansa muito e obrigava-me ao trabalho nauseante de fazer um artigo duas vezes: escrever à pena e passar a limpo em máquina.[483]

Como permanecer um homem de letras com uma letra horrível? Eis o último pesadelo de Lima Barreto. Os conselhos para mudar de letra ou escrever a máquina foram refutados com senso de humor por Barreto, através de argumentos que indicavam a impossibilidade de atendimento das sugestões dos "conselheiros" de plantão, da mesma forma que era impossível "ficar bonito, só pelo fato de querer". Na passagem, destacamos a atitude de estranhamento em relação à utilização da máquina de escrever[484], um dos ícones da modernidade que chegava, e que foi definida como "um desses desgraciosos aparelhos", que vinha para substituir a pena e a tinta na escrita manuscrita, bem como decretar o fim das aulas de caligrafia (a não ser para os currículos escolares fechados às mudanças necessárias). Um outro efeito desastroso da ilegibilidade de sua letra era o aumento de inimigos entre os humildes funcionários da revisão e das oficinas dos periódicos para os quais Lima Barreto escrevia seus textos:

> De manhã, quando recebo a *Gazeta* ou outra publicação em que haja coisas minhas, eu me encho de medo, e é com medo que começo a ler o artigo que firmo com a responsabilidade do meu humilde nome. A continuação da leitura é então um suplício. Tenho vontade de chorar, de matar, de suicidar-me;

---

[483] Idem. "Esta Minha Letra", *Gazeta da Tarde*, 28/6/1911. In: *Feiras e Mafuás*, op. cit., pp. 293-298.

[484] A patente pela invenção da máquina de escrever data de 23 de junho de 1868 e pertence ao americano Christopher Latham Sholes. Entretanto, muitos inventores deram a sua contribuição para a criação desse instrumento, como Henri Mill, em 1714, o italiano Pellegrino Turri, em 1808 e o padre e professor de matemática paraíbano João Francisco de Azevedo, que apresentou um modelo na Exposição Agrícola e Industrial de Pernambuco, em 1861, e na Exposição Nacional do Rio de Janeiro, em fins do mesmo ano. Mas a máquina somente se tornou popular depois que o italiano Camilo Olivetti, em 1910, colocou no mercado uma máquina de escrever muito semelhante aos modelos que conhecemos e que foram substituídos pelos computadores. As máquinas de escrever, em seus áureos tempos, eram apelidadas de "pretinhas" por redatores e jornalistas. Ver: http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A1quina_de_escrever.

> todos os desejos me passam pela alma e todas as tragédias vejo diante dos olhos. Salto da cadeira, atiro o jornal ao chão, rasgo-o; é um inferno.[485]

Na passagem, Lima Barreto subiu o tom discursivo, acentuando hiperbolicamente a gravidade do problema da letra para, em seguida, apresentar uma solução surpreendente:

> De tal modo essa questão de letra está implicando com o meu futuro que eu já penso em casar-me. Hão de surpreender-se em ver estas duas coisas misturadas: boa letra e casamento. O motivo é muito simples e vou explicar a gênese da associação com toda a clareza de detalhes.
>
> Foi um dia destes. Eu vinha de trem muito aborrecido porque saíra o meu folhetim todo errado. O aspecto desordenado dos nossos subúrbios ia se desenrolando aos meus olhos; o trem se enchia da mais fina flor da aristocracia dos subúrbios. Os senhores com certeza não sabiam que os subúrbios têm uma aristocracia. (...)
>
> Iam entrando com a *morgue* que caracteriza uma aristocracia de tal antiguidade e tão fortes rendimentos, quando uma moça, carregada de lápis, penas, réguas, cadernos, livros, entrou também e veio sentar-se a meu lado.
>
> Não era feia, mas não era bela. Tinha umas feições miúdas, um triste olhar pardo de fraco brilho, uns cabelos pouco abundantes, um colo deprimido e pouco cheio. Tudo nela era pequenino, modesto; mas era, afinal, bonitinha, como lá dizem os namorados.
>
> Olhei-a com o temor com que sempre olho as damas e continuei a mastigar as minhas mágoas.[486]

Embora estejamos acompanhando o movimento freqüente de infiltração da cena do casamento por entre as demais cenas da guerra dos sexos nas relações sociais, observamos que cada entrada dessa cena trouxe elementos novos para nossa análise. Assim, a mistura entre "boa letra e casamento" resultou de uma imagem que deveria causar tanto estranhamento quanto o aparecimento da máquina de escrever: "uma moça, carregada de lápis, penas, réguas, cadernos, livros" que circulava desacompanhada no espaço público

[485] Lima Barreto. "Esta Minha Letra". In: *Feiras e Mafuás*, op. cit., pp. 293-298.
[486] Ibidem.

deveria ser olhada, no mínimo, com curiosidade pelos demais transeuntes e chamar a atenção de quem, como Lima Barreto, buscava a matéria-prima para as crônicas em sua experiência urbana:

> Num dado momento, ela puxou um dos muitos cadernos que trazia, abriu-o, dobrou-o e pôs-se a ler. Que não me levem a mal o *Binóculo*, e a *Nota Chic* e não deitem por isso excomunhão sobre mim! Sei bem que não é de boa educação ler o que os outros estão lendo ao nosso lado; mas não me contive e deitei uma olhadela, tanto mais (notem bem os senhores do *Binóculo* e da *Nota Chic*) que, me pareceu, a moça fazia para ralar-me de inveja ou encher-me de admiração por ela.
>
> Tratava-se de álgebra e as mulheres têm pela matemática uma fascinação de ídolo inaccessível. Foi, portanto, para mostrar-me que ela o ia atingindo que desdobrou o caderno; ou então para dizer-me sem palavras: Veja, você, seu homem! Você anda de calças, mas não sabe isso... Ela se enganava um pouco![487]

O "Binóculo"[488] e a "Nota Chic" eram famosos periódicos da época que se dedicavam a ditar as regras de etiqueta para a sociedade carioca. Através de um processo discursivo irônico, a referência a uma possível "excomunhão" em razão de um ato de desobediência aos cânones prescritos pelo receituário das duas revistas visava "desmascarar ou subverter valores"[489] como aqueles, considerados elitistas por Barreto. Na passagem, o jogo irônico prosseguiu para distinguir o dito do não dito na frase "Tratava-se de álgebra e as mulheres têm pela matemática uma fascinação de ídolo inaccessível". Nas relações sociais de sexo, a cena do diploma e anel insistia na explicitação de imagens que colocavam os saberes – e poderes – femininos apartados dos masculinos, hierarquizando-os:

---

[487] Ibidem.
[488] "Binóculo, ditador das elegâncias urbanas e suburbanas da cidade" – esse é o modo pelo qual o periódico é introduzido no índice do clássico de Luiz Edmundo, *O Rio de Janeiro do meu tempo*, op. cit., p. 925 (5º vol).
[489] Beth Brait, op. cit., p. 106.

> Mas... como dizia: olhei o caderno e o que vi, meu Deus! Uma letra, um cursivo irrepreensível, com todos os tracinhos, com todas as filigranas. Os "tt" muito bem traçados – uma maravilha!
>
> Ah! Pensei eu. Se essa moça se quisesse casar comigo, como eu não seria feliz? Como diminuiriam os meus inimigos e as tolices que são escritas por minha conta? Copiava-me os artigos e...
>
> Quis namorá-la, mas, não sei namorar, não só porque não sei, como também porque tenho consciência da minha fealdade. Fui, pois, tão canhestro, tão tolo, tão inábil, que ela nem percebeu. Um namoro de... caboclo.
>
> Seria, casar-me com ela, uma solução para esse meu problema da letra, mas nem este mesmo eu posso encontrar e tenho que agüentar esse meu inimigo, essa traição que está nas minhas mãos, esse abutre que me devora diariamente a fraca reputação e apoucada inteligência.[490]

Finalmente, Lima Barreto chegou à fórmula da felicidade, que consistia em requisitar o serviço de copista de uma mulher, sem qualquer ônus econômico, e acrescentá-lo às outras inúmeras tarefas domésticas destinadas exclusivamente às esposas. Como homem e futuro marido, caber-lhe-ia apenas a "nobilíssima" atividade de criar seus artigos para, em seguida, embelezá-los na versão final com "um cursivo irrepreensível, com todos os tracinhos, com todas as filigranas" que somente as mulheres eram capazes de desenhar. A partir da análise das palavras de Lima Barreto, podemos concluir que a letra bonita era um atributo feminino porque resultava de uma prática de treinamento mecânico que dispensava o uso sofisticado da inteligência.

A música e as escolas de música era um outro campo no qual a presença de mulheres adquiria visibilidade e, por esse motivo, foi tema de crônicas, como "O Anel dos Musicistas"[491] e "A Música"[492]. Curiosamente, a única irmã de Lima Barreto, Evangelina de

---

[490] Lima Barreto. "Esta Minha Letra", op. cit., p. 298.
[491] Idem. "O Anel dos Musicistas", *A Lanterna*, 25/1/1918. In: *Marginália*, op. cit., pp. 39-41.

Lima Barreto, um ano mais nova que ele, diplomou-se no Instituto Nacional de Música como professora de piano, dedicando-se ao ensino particular daquele instrumento no subúrbio de Todos os Santos, bairro de residência da família, onde faleceu a 9 de março de 1956[493]. Segundo seu principal biógrafo, Francisco de Assis Barbosa, foi o próprio Lima Barreto o incentivador da irmã para que ela se formasse e, desse modo, conquistasse sua independência financeira através de uma profissão que a manteve até o fim da vida. Um outro dado interessante é que os dois irmãos permaneceram solteiros até a morte. Foi, portanto, com grande conhecimento de causa que o cronista escreveu sobre um novo desejo da "meninas do Instituto de Música":

> As meninas do Instituto de Música escreveram aos jornais, lembrando a criação de um anel que as marcasse ao fim do curso ou dos cursos daquela casa sonora. A exemplo dos médicos, dos advogados, dos engenheiros, dos dentistas, dos bacharéis do Pedro II, dos cônegos, das raparigas da Escola Normal, elas querem também um distintivo que as extreme do vulgo. É muito justo, pois se o destino da mulher é o casamento, tudo o que possa concorrer para que elas o cumpram, deve merecer o nosso apoio entusiástico. Quando uma moça, doutora do Instituto, for de anel no dedo pelos bondes afora, ao fim da viagem não esperará muito que um namoro se transforme em noivado... Ela garantirá a "zona" e o marido futuro ficará sossegado quanto às despesas da casa. O anel à mostra, isto é, o que ele rende, ficará sendo assim, às claras, uma espécie de dote, porque de todas as profissões femininas, a que tem maiores possibilidades entre nós é a de professora de música, quando garantidas pelo Instituto do Largo da Lapa. Os motivos disto estão entrando nos olhos de todos os que residem no Rio de Janeiro e vivem sitiados por pianos ou violinos, na frente, nos fundos, nos lados, seja a casa em bairro rico ou pobre.[494]

A imagem de uma moça "de anel no dedo pelos bondes afora" representava uma distinção do "vulgo feminino" e, simultaneamente, funcionava como "uma espécie de dote", uma vez que

---

[492] Idem. "A Música", *Correio da Noite*, 28/2/1914. In: *Vida Urbana*, op. cit., pp. 62-63.
[493] Idem. *Correspondência. Ativa e passiva. 1º tomo*, op. cit., p. 181.
[494] Idem. "O Anel dos Musicistas", op. cit., p. 39.

“o destino da mulher é o casamento”. Segundo Lima Barreto, o anel anunciaria ao “marido futuro” que lá estava um bom partido, uma garantia segura de pagamento das despesas da casa com os rendimentos profissionais de uma professora de música bem sucedida. No final da crônica, Barreto sugeriu ironicamente a “tatuagem” como um processo mais seguro e indelével para distinguir todos os diplomados e diplomadas. A presença feminina no noticiário dos jornais, “em elogios, em retratos, em gabos, por ocasião de um concerto ou, pelo fim do ano, quando se realizam os exames do Instituto de Música”, movimentava na cena do anel e diploma os posicionamentos nas relações sociais de sexo, a ponto de provocar comentários nas crônicas publicadas nos “quotidianos” que comparavam a ausência de “criação musical” na produção feminina com as poucas obras de “alguns homens notáveis”:

> A música está atualmente, entre nós, entregue às moças; ficou sendo um atavio, um adorno mundano e vai perdendo aos poucos o que possa haver nela de profundo e importante para o nosso destino.
>
> As mulheres são extraordinariamente aptas para essas coisas de reprodução, de execução, de exames, de concursos; mas quando se trata de criação, de invenção, de ousadia intelectual, fraqueiam.
>
> Um autor, Abel France, num estudo, *O Indivíduo e os Diplomas*, explanou muito bem essa capacidade das mulheres e mostrou que a continuar esse nosso sistema chinês de exames e concursos, combinando com a emancipação feminina, todos os cargos ficariam nas mãos das mulheres e o progresso intelectual estagiaria.
>
> Sei bem que há exceção, mas todas elas estão fora da música.
>
> Os grandes músicos têm sido sempre homens e se não temos músicos equivalentes aos escritores e pintores que possuímos, é porque de uns tempos a esta parte a música ficou sendo, entre nós, arte de moças que querem casar, ou de outras que querem ganhar muito dinheiro ensinando aqui e ali.[495]

[495] Idem. “A Música”, op. cit., p. 63.

Na ligação entre "emancipação feminina" e estagnação do "progresso intelectual" havia exceções, mas todas situavam-se "fora da música". Portanto, o mal-estar dos homens diante das lutas por direitos e demais processos de libertação protagonizados por mulheres, ainda que de forma difusa, como já vimos, tornava-os combatentes dispostos a rejeitar tais "ousadias" femininas, em defesa da manutenção da posição hierarquicamente superior dos "machos" na sociedade. Para comprovar que Lima Barreto era um daqueles cronistas empenhados em registrar e refletir sobre as relações sociais de sexo, saímos do Largo da Lapa, no centro nobre da cidade, próximo à Avenida Central, e conduzimos a cena do anel e diploma para o Largo do Estácio[496], no bairro do mesmo nome, nas imediações da Praça Onze de Junho, da Pequena África Carioca[497] e do Morro da Providência, na época chamado Favela, denominação que "popularizou-se, ficou sendo também dos nossos demais conglomerados humanos semelhantes"[498], não apenas na cidade do Rio de Janeiro:

> Há dias fui ao Largo do Estácio, que conheci com a velha Igreja do "Espírito Santo", quando era menino e freqüentava o Colégio Paula Freitas. Desde muito que isso não fazia, de modo que o aspecto da praça me surpreendeu.
>
> Não esperava vê-lo assim tão florido de damas e moças, a tagarelarem, a consultarem livros e cadernos, numa atitude de sábios em seu gabinete de trabalho.
>
> Estranhei e não compreendi aquele aspecto do velho largo transformado em pátio de universidade.[499]

As mudanças na paisagem da cidade foram, como de hábito, percebidas e descritas por Lima Barreto. O "velho largo" do Estácio também sofrera transformações que surpreenderam o

---

[496] Ver o Mapa à página 106. Para a localização do largo do Estácio, considerar como limites a rua Frei Caneca (5) e o morro da Providência.

[497] A expressão "Pequena África" refere-se à Praça Onze carioca e é própria de Heitor dos Prazeres, conforme lemos em: Oswaldo Porto Rocha. *A era das demolições* e CARVALHO, Lia de Aquino. *Habitações Populares*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. E Inf. Cultural. Divisão de Editoração, 1995 (Col. Biblioteca Carioca), vol. 1, pp. 11, 82, 87, 93.

[498] Brasil Gerson, op. cit., p. 183.

[499] Lima Barreto. "O 'Estácio' Atual", *Careta*, Rio, 22/7/1922. In: *Marginália*, op. cit., pp. 158-159.

cronista, como resultado do processo de "separação de usos e classes promovida pela Reforma [Pereira] Passos", que promoveu o deslocamento de contingentes populacionais para os subúrbios e para áreas periféricas ao centro, "que tinham sido preservadas da fúria demolidora", como "Catumbi, Cidade Nova, Misericórdia, Estácio, Lapa, Gamboa, Santo Cristo e Saúde". Observamos que sua "mania ambulatória" tornava Lima Barreto um "carioca da gema" interessado em conhecer a história de sua terra natal. Com sua habitual curiosidade de cronista, Barreto aproximou-se "sorrateiramente" de dois grupos diferentes de moças para "ouvir-lhes a conversa". Descobriu que o primeiro grupo observado falava de história do Brasil e, com surpresa, descobriu que o outro grupo tratava "de medição do meridiano terrestre" e "contavam a história dessa medição desde os gregos até Delambre". Barreto confessou seu espanto, ao constatar que "aquelas moças soubessem geodésia, quando me [lhe] parecia ignorarem o teorema de Hiparco". No final da crônica, a presença das moças na praça assumiu a posição de assunto principal do diálogo entre dois homens, o narrador e um fiscal de bonde: "Então, perguntei humildemente a um fiscal de bonde: - Quem são essas moças? - São alunas da Escola Normal."[500]

Criada pelo Decreto Imperial de 30 de novembro de 1876, a "Escola Normal da Corte Imperial do Brasil", até conquistar sua imponente e definitiva sede na tijucana rua Mariz e Barros, número 273, em 25 de outubro de 1930, perambulou por diversos endereços[501]. Como "alunas da Escola Normal", aquelas moças que conversavam

[500] Ibidem, p. 159.

[501] De início, a Escola Normal, atual Instituto Superior de Educação do Estado do Rio de Janeiro, funcionou provisoriamente, em três endereços no centro da cidade: no Imperial Colégio Pedro II, na Rua Larga, atual avenida Marechal Floriano Peixoto; a partir de 1888 e à noite, no prédio da antiga Escola Politécnica, no Largo de São Francisco; em seguida, no prédio da Escola Pública da freguesia de Santana, na Praça da República, atualmente ocupado pela Escola Rivadávia Correa, onde ficou até 1914. Em 1914, a Escola Normal saiu do centro e foi transferida para o Largo do Estácio, passando a ocupar o prédio da Escola Pedro Varela, na Rua Joaquim Palhares, demolido para a construção do metrô. http://pt.wikipedia.org.wiki.Instituto .

animadamente no Largo do Estácio já eram vencedoras de uma grande disputa, que deixara de fora uma quantidade de candidatas a futuras professoras "das primeiras letras a meninas e meninos pobres". Lima Barreto refletiu sobre essa situação na crônica "Tenho esperança que...":

> Certas manhãs quando desço de bonde para o centro da cidade, naquelas manhãs em que, no dizer do poeta, um arcanjo se levanta de dentro de nós; quando desço do subúrbio em que resido há quinze anos, vou vendo pelo longo caminho de mais de dez quilômetros, as escolas públicas povoadas. (...)
>
> Vendo todo o dia, ou quase, esse espetáculo curioso e sugestivo da vida da cidade, sempre me hei de lembrar da quantidade das meninas que, anualmente, disputam a entrada na Escola Normal desta cidade; e eu, que estou sempre disposto a **troçar as pretensões feministas**, fico interessado em achar no meu espírito uma solução que satisfizesse o afã do milheiro dessas candidatas a tal matrícula, procurando com isso aprender para ensinar, o que? o curso primário, as primeiras letras a meninas e meninos pobres, no que vão gastar a sua mocidade, a sua saúde e fanar a sua beleza. Dolorosa coisa para uma moça... [502]

A assumida disposição para "troçar as pretensões feministas" não impediu Lima Barreto de pensar "nas mil e tantas meninas que todos os anos acodem ao concurso de admissão à Escola Normal" e defender o maior empenho da "Municipalidade" e do "governo federal" para cumprir a Constituição, "provendo essa espécie de ensino no Distrito [Federal]":

> Dizem, porém, que a municipalidade não tem necessidade de tantas professoras, para admitir cerca de mil candidatas a tais cargos, a despesa, etc. Não há razão para tal objecção, pois o dever de todo o governo é facilitar a instrução dos seus súditos.(...)
>
> Verdadeiramente, não há estabelecimentos públicos destinados ao ensino secundário às moças. O governo federal não tem nenhum, apesar da Constituição impor-lhe o dever de prover essa espécie de ensino no Distrito. Ele julga,

[502] Lima Barreto. "Tenho esperança que...", 3/5/1918. In: *Bagatelas*, op. cit., pp. 61-66. Grifos nossos.

> porém, que só são os homens que necessitam dele; e mesmo os rapazes, ele o faz com estabelecimentos fechados, para onde se entra à custa de muitos empenhos.[503]

Encerramos a cena do anel e diploma com uma imagem de esperança, que rejeitava os significados do anel e do diploma como símbolos de prestígio social. Ao valorizar o acesso pleno das moças ao ensino secundário na Escola Normal, bem como o conseqüente aproveitamento das mesmas como professoras nas escolas públicas do ensino fundamental, Lima Barreto resgatava uma das primeiras bandeiras de luta do feminismo liberal brasileiro, a educação como força que impulsionaria o progresso e o processo civilizatório. E para as feministas anarquistas a instrução era também uma das principais armas de libertação feminina.

TRANSPORTES COLETIVOS[504]

> *Embarco em Cascadura. É de manhã. O bonde se enche de moças de todas as cores com os vestuários de todas as cores.*
>
> *Lima Barreto*[505]

Em "O 'Rio-Paris barato': cidade de deslocamentos", vimos que, a partir da reforma Pereira Passos, e ainda para atender ao novo desenho de base capitalista da Capital Federal[506], houve aumento considerável da densidade demográfica e "expansão notável do tecido urbano do Rio de Janeiro", excetuando-se as freguesias urbanas centrais de Candelária, Santa Rita e São José, cujo número de habitantes diminuiu entre os censos de 1906 e 1920. Paralelamente a essas transformações na ocupação do espaço, que se

---

[503] Ibidem, p. 66.

[504] Trata-se de uma cena cujas imagens foram colhidas e interpretadas por nós a partir da leitura das seguintes crônicas: "De Cascadura ao Garnier" (*Careta*, 27 de julho de 1922), do volume *Marginália*; "Palavras de um Snob Anarquista" (*A Voz do Trabalhador*, 15 de maio de 1913), "A Estação" e "O Trem dos Subúrbios", do volume *Feiras e Mafuás*; e "Com o 'Binóculo" (*Correio da Noite*, 11 de janeiro de 1915), do volume *Vida Urbana*.

[505] Lima Barreto. "De Cascadura ao Garnier". In: *Marginália*, op. cit., p. 83.

[506] Maurício de Almeida Abreu, op. cit., pp. 67-82.

especializava, os meios de locomoção da população operária que se deslocava entre o local de trabalho, concentrado no centro da cidade, e a moradia precisaram se modificar.

Os trens tornaram-se o principal modo de transporte coletivo para a massa crescente de habitantes e foram responsáveis, segundo Maurício de A. Abreu, "pela rápida transformação de freguesias que, até então [nas últimas décadas do século XIX], se mantinham exclusivamente rurais". Havia ainda os bondes, que "penetraram em áreas que já vinham sendo urbanizadas ou retalhadas em chácaras desde a primeira metade do século [XIX]"[507]. Na condição de passageiro freqüente nesses transportes coletivos, Lima Barreto estranhou a presença de elegantes damas e cavalheiros em um bonde:

> Ontem, domingo, o calor e a mania ambulatória não me permitiram ficar em casa. Saí e vim aos lugares em que um "homem das multidões" pode andar aos domingos. (...)
>
> No Largo da Carioca havia dois ou três bondes especiais e damas e cavalheiros, das mais *chics* rodas, esvoaçavam pela Galeria Cruzeiro, à espera da hora.
>
> Elas, as damas, vinham todas vestidas com as mais custosas confecções ali do Ferreira, do Palais, ou do nobre Ramalho Ortigão, do Parc, e ensaiavam sorrisos como se fossem para Versalhes nos bons tempos da realeza francesa.
>
> Eu pensei que uma pasmosa riqueza tinha abatido sobre o Ameno Resedá ou sobre a "Corbeille des Fleurs" (...); mas estudei melhor as fisionomias e recebi a confirmação de que se tratava de damas binoculares, que iam a uma festa hípica, ou quer que seja, no Jardim Botânico. (...)
>
> Não posso compreender como a elegante Mme Bulhões Sylvá, toda lida e saída nas revistas, jornais e livros do bom-tom, que tem o *Don't* de cor, como o Senhor Aurelino o Código Penal, saia de manhã de casa, meta-se num bonde em companhia de pessoas mais ou menos desconhecidas e vá pelas ruas do Rio de Janeiro afora, ao som de uma charanga

[507] Ibidem, p. 50.

> que repinica uma polca chorosa de muito rancho carnavalesco.[508]

A Companhia Ferro Carril do Jardim Botânico foi a pioneira no serviço de bondes para os bairros da região sul, com diversas linhas, dentre as quais aquela, que partia da Galeria Cruzeiro, no Largo da Carioca e chegava ao Jardim Botânico[509], passando pelos aristocráticos bairros do Flamengo e de Botafogo. No exercício de sua "mania ambulatória", Lima Barreto saíra do subúrbio de Todos os Santos, em um calorento domingo, para passear no centro da cidade, como um "homem das multidões"[510] que se julgava ser.

Embora identificados na crônica como "bondes especiais", eles não perderam sua característica de transporte coletivo – e de massa –, o que tornou a cena surpreendente para o cronista. Na perspectiva das relações sociais de classes, o jogo entre permanências e rupturas se estabeleceu, por exemplo, na oposição entre as vestimentas das damas, oriundas das "mais custosas confecções" da rua do Ouvidor e a trilha sonora "de rancho carnavalesco", que animava o passeio de bonde das esvoaçantes e *chics* figuras. Ao demonstrar sua dúvida inicial acerca dos objetivos da "roda chic", e, por isso, chegar a pensar que se tratava de participantes de um rancho, o "Ameno Resedá" ou o "Corbeille des Fleurs", Lima Barreto aproveitou para ironizar, em tom de "provocação brincalhona", os trajes das "damas *chics*", a sua origem francesa e, sobretudo, o gestual solto das mulheres "binoculares". Na passagem, a cena dos transportes coletivos e a cena da moda entrelaçaram-se em mais uma situação na qual a modernidade que chegava tornava-se o principal assunto da crônica.

---

[508] Lima Barreto. "Com o 'Binóculo", op. cit., pp. 71-72.
[509] Paulo Berger, op. cit., p. 52.
[510] A expressão dá título a um conto de Edgard A. Poe e, talvez, seja uma citação de Lima Barreto ao escritor norte-americano. E a imagem pode ser vista como uma representação do artista moderno.

Como usuário habitual dos trens suburbanos, em suas viagens de ida e volta entre a estação de Todos os Santos e a Central do Brasil, Lima Barreto era observador atento e sempre disposto a registrar em seus escritos a "vida dos subúrbios". Marcada pelo sentimento bairrista, a rivalidade entre os habitantes dos subúrbios explicitava a existência de fronteiras que demarcavam os logradouros que se constituíram a partir das estações. Como as viagens de trem obrigatoriamente começavam e terminavam nas estações ferroviárias, estas também foram assunto dos relatos de Lima Barreto.

As crônicas "A Estação"[511] e "O Trem dos Subúrbios"[512] fazem parte de um conjunto produzido com a matéria-prima oriunda das observações colhidas nos habituais deslocamentos desse "negro-intelectual"[513] entre a "modesta residência" no suburbano bairro de Todos os Santos – que ele denominava "Vila Quilombo" – e o Centro da cidade-capital brasileira, o "Rio-Paris barato" ou a "Buenos Aires de tostão", para usarmos duas expressões barretianas:

> Habitualmente não viajo em segunda classe; mas tenho viajado, não só, às vezes, por necessidade, como também, em certas outras por puro prazer.
>
> Viajo quase sempre de primeira classe e isso, desde muito tempo.
>
> Quando há quase vinte anos, fui morar nos subúrbios, o trem me irritava. A presunção, o pedantismo, a arrogância e o desdém em que olhavam as minhas roupas desfiadas e verdoengas, sacudiam-me os nervos e davam-me ânimos de revolta. Hoje, porém, não me causa senão riso a importância dos magnatas suburbanos. Esses burocratas faustosos, esses escrivães, esses doutores de secretaria, sei bem como são títeres de politicões e politiquinhos. (...)

[511] Lima Barreto. "A Estação". In: *Feiras e Mafuás*, op. cit., pp. 145-155.
[512] Idem. "O Trem de Subúrbios", 21/12/1921. Ibidem, pp. 241-250.
[513] Celi Silva Gomes de Freitas, op. cit, p. 67.

> Pela manhã, aí pelas nove e meia até às dez e meia, o carro de primeira é banalizado por esses cupins de secretarias e escritórios.[514]

A hierarquia de classes se reproduzia na divisão dos vagões dos trens e, na primeira classe, viajavam habitualmente os funcionários públicos das secretarias, como Lima Barreto. Observamos que o discurso não economizou adjetivos para desclassificar esse grupo de "magnatas suburbanos" e, desse modo, devolver as agressões de que Barreto se julgava vítima pelo fato de viajar "mal-vestido" na primeira classe.

Na crônica, a estação ferroviária era um lugar marcado pelo tempo do relógio, que disciplinava e distinguia os diferentes grupos e suas atividades profissionais:

> A "estação" é verdadeira e caracteristicamente suburbana, na segunda metade da manhã, principalmente das nove às onze horas. São as horas em que descem os empregados públicos, os pequenos advogados e gente que tal.[515]

Em "A Estação", Lima Barreto apresentou uma visão panorâmica do cenário suburbano, no qual o foco principal daquele ambiente era "as gentes", segundo ele "o aspecto mais interessante" da estação e, também, do trem:

> A segunda classe dos nossos vagões de trens de subúrbios não é assim tão homogênea. Falta-nos, para sentir a amargura do destino, profundeza de sentimentos. Um soldado de polícia que nela viaja não se sente diminuído na sua vida; ao contrário; julga-se grande coisa, por ser polícia; um guarda civil é uma coisa importante; um servente de secretaria vê Sua Excelência todos os dias e, por isso, está satisfeito; e todos eles, embora humildes, encontram na sua estreiteza de inteligência e fraqueza de sentir motivos para não se julgarem de todo infelizes e sofredores. Só alguns e, em geral, operários é que esmaltam no rosto angústia e desânimo.[516]

---

[514] Lima Barreto. "O Trem de Subúrbios", op. cit., pp. 242-243.
[515] Idem. "A Estação", op. cit., p. 148.
[516] Idem. "O Trem de Subúrbios", op. cit., pp. 241-242.

Como meio de transporte e igualmente espaço de convivência, o trem era um elo de ligação entre o espaço suburbano e a *belle époque* carioca. Em "O Trem de Subúrbios", Lima Barreto estabeleceu uma ponte com uma imagem de um carro de segunda classe de um trem francês, que vira "em um álbum de desenhos de Daumier"[517] e que desde então muito o impressionara, particularmente pela "ambiência que envolve todas as figuras e a estampa registra, ambiência de resignação perante a miséria, o sofrimento e a opressão que o trabalho árduo e pouco remunerador traz às almas."[518] Na situação do nosso trem suburbano carioca, Lima Barreto distinguiu os operários dos demais passageiros, como os únicos que revelavam a mesma grandeza das figuras do desenho francês:

> (...) a indumentária variegada merecia que um lápis hábil a registrasse. Aquelas crioulas e mulatas inteiramente de branco, branco vestido, meias, sapatos, ao lado de portugueses ainda com restos de vestuários da terra natal; os uniformes de cáqui de várias corporações; os em mangas de camisas e algum exótico jaquetão de inverno europeu, acompanhado do indefectível cachimbo – tudo isso forma um conjunto digno de um lápis ou de um pincel.[519]

Embora as fisionomias não expressassem a "profundeza de sentimentos" daquelas do desenho de Daumier, segundo Lima Barreto, a seqüência destacou a diversidade de cores dos passageiros e de suas vestimentas como um aspecto que mereceria registro iconográfico. Em língua escrita, Barreto pintou um quadro das classes populares que se espremiam diariamente na segunda classe do trem suburbano nos anos 1920: os imigrantes pobres, portugueses e outros, os descendentes de negros africanos, crioulas e mulatas em seus uniformes de domésticas, estas as únicas representantes do sexo feminino naquele conjunto de "passageiros de segunda classe".

---

[517] Ibidem, p. 241.
[518] Ibidem.
[519] Ibidem, p. 242.

Após esse "horário de expediente", a viagem de trem se tornava "mais pitoresca" porque era chegada:

> (...) a hora em que descem as moças e a hora dos namoros ferroviários. (...)
>
> Nessas horas, o trem não cheira mais a política, nem a aumento de vencimentos, nem a coisas burocráticas. O trem tem o fartum do cinematógrafo. É Gaumont para aqui, é Nordisk, para lá; é Chico Bóia; é Theda Bara – que mais sei eu, meu Deus ! (...)[520]

Na estação ferroviária e na viagem de trem, Lima Barreto flagrou e relatou os "namoros ferroviários" arranjados à custa da vontade recíproca das "moças casadoiras" e dos rapazes "cuja única esperança esta(va) no casamento":

> Na vida dos subúrbios, a estação da estrada de ferro representa um grande papel: é o centro, é o eixo dessa vida. Antigamente, quando ainda não havia por aquelas bandas jardins e cinemas, era o lugar predileto para os passeios domingueiros das meninas casadouras da localidade e dos rapazes que querem casar, com vontade ou sem ela.
>
> Hoje mesmo, a *gare* suburbana não perdeu de todo essa feição de ponto de recreio, de encontro e conversa. Há algumas que ainda a mantém tenazmente, como Cascadura, Madureira e outras mais afastadas.[521]

Além de pólo aglutinador da atividade comercial, de acordo com a descrição de Lima Barreto, a estação ferroviária era também ponto de encontro e de convivência equivalente às praças, mesmo após a chegada dos jardins e dos cinemas na região suburbana. Na passagem, as diferenças entre as posições sociais masculina e feminina foram insinuadas pelo comentário irônico acerca do casamento, que os rapazes desejavam "com vontade ou sem

[520] Ibidem, pp. 243-245.
[521] Idem. "A Estação", op. cit., p. 145.

ela", ou seja, sem interesse ou então "para fazer a operação de crédito, muito simples de saldar as suas contas"[522].

Ao "tirar um traço seguro"[523] dos "namoros ferroviários", Lima Barreto conseguiu torná-los uma representação das relações sociais de sexo naquele espaço-tempo. Como representação, os namoros ferroviários explicitavam gestos e intenções próprias do jogo de sedução que, naquela temporalidade, já se praticava em público com alguma liberdade na cidade-capital brasileira. Como primeiro elemento caracterizador desta representação, destacamos o investimento no vestuário:

> Os vestuários, com raras exceções, são exageradíssimos. Botafogo e Petrópolis exageram Paris; e o subúrbio exagera aqueles dois centros de elegâncias.(...)
>
> Os cavaleiros, com suas roupas a prestações, também se arreiam à moda dos "almofadinhas" das confeitarias de *rendez-vous* elegantes. [524]

A referência aos lugares de poder que ditavam a moda e à apropriação desses modelos de vestuário pelo subúrbio num tom exagerado reafirmou a idéia de "ilusão urbana"[525], igualmente presente nas "tabuletas ouvidorianas"[526] que nomeavam as casas de modas situadas no entorno das estações ferroviárias.

Marcados pelo vestuário exageradamente elegante, os namoros ferroviários cumpriam um ritual que envolvia dois momentos claros: a exposição ao olhar do outro(a) e a aproximação ou abordagem:

> Nas primeiras horas da tarde em que as passeadeiras suburbanas descem até a cidade, os cavalheiros que viajam

[522] Idem. "Novidades". In: *Vida Urbana*, op. cit., pp. 207-208.
[523] Idem. "O Trem de Subúrbios", op. cit., p. 245.
[524] Ibidem, p. 245.
[525] Celi Silva Gomes de Freitas, op. cit., p. 94.
[526] Lima Barreto. "A Estação", op. cit., p. 148.

> são, em geral, desse jaez. O maior trabalho deles é achar lugar. Convém notar que os carros estão semivazios; mas, eles correm vagão por vagão, para achar lugar. Chamam a isto topar um banco em que possam deitar "foguetões" a uma moça ou rapariga das proximidades que seja acessível à melosidade idiota dos seus olhos de namorados profissionais.[527]

As estações e os vagões dos trens da Estrada de Ferro Dom Pedro II revelavam-se pontos de encontro e de convivência, logo, espaços públicos privilegiados para o exercício de práticas conservadoras e modernas sob tensão-emoção, estabelecendo uma "simbólica do poder"[528] nas relações sociais de sexo naquela temporalidade. Enquanto a utilização do vestuário de modo exageradamente elegante aproximava simbolicamente homens e mulheres, as atitudes distinguiam as "passeadeiras" dos "namorados", estes "profissionais" dotados de um repertório de estratégias para a conquista, que passava pela escolha do horário e do lugar para "deitar 'foguetões" às "raparigas". À primeira vista, às moças caberia apenas "passear" de trem e "esperar" a abordagem dos cavalheiros. Entretanto, uma interpretação mais acurada dos namoros ferroviários nos faz descobrir que as mulheres ocupavam outros lugares de poder, à medida que se deslocavam e ganhavam espaços:

> À tarde, a feição do trem muda; é mais complexa, porque se misturam burocratas, militares, "almofadinhas", meninas de Normal e da Música, tudo de cambulhada, ficando a fisionomia do trem muito confusa, de forma que é difícil tirar um traço seguro dela. (p.245)
>
> Os carros são tomados de assalto, ainda em movimento. Bem cedo, estão cheios. É então que há cerimônia de dar o lugar.
>
> Foi sempre um pavor para mim, essa curiosa cerimônia nacional que já desapareceu dos bondes.
>
> Chegam Nenê e Iaiá, e não acham banco vazio. Põem-se em pé, ao lado de um banco em que há dois cavalheiros e que elas suspeitam ser um deles sensível e amável. Suponhamos

[527] Idem. "O Trem de Subúrbios", op. cit., p. 244.
[528] Pierre Bourdieu, op. cit., p. 163.

> que o que fica na frente, chama-se Guedes e é das "Obras Públicas", e o que fica no canto, acode pelo nome de Nunes e é da prefeitura. Os dois não se conhecem.Guedes lê *A Notícia* e Nunes, *O Combate*.[529]

A "cerimônia de dar lugar" exemplifica uma cena da guerra dos sexos nos transportes coletivos. O cronista Lima Barreto assumiu ter sido "sempre um pavor" para ele "essa curiosa cerimônia nacional", mas a ela dedicou boa parte de sua crônica para revelar os modos pelos quais homens e mulheres se defrontavam para simplesmente viajar sentados e, portanto, com maior conforto:

> Iaiá, cochicha com Nenê; riem-se ambas e ambas olham para os dois cavalheiros. Nenhum se dá por achado. Continuam as moças no seu jogo. Nunes e Guedes resistem heroicamente.
>
> Vendo as meninas que os cavalheiros não se rendem aos seus sorrisos de ironia tendenciosa, mudam de tática; e Iaiá toma a iniciativa de suspirar e dizer alto:
>
> - Ai, meu Deus! Em pé, até ao Méier. Que inferno!
>
> Nenê secunda:
>
> - Ainda é feliz, porque vai até ao Méier. E eu que vou até Quintino!
>
> O sensível Guedes não resiste mais. Dobra o jornal e oferece o seu lugar às moças.
>
> Nunes, embora amuado, em vista do procedimento do companheiro, vê-se obrigado a fazer o mesmo. Lá vão Iaiá e Nenê bem sentadinhas, enquanto Guedes e Nunes sofrem atrozes dores nos calos.[530]

No jogo, observamos que Iaiá e Nenê já "entraram em cena" como aliadas e assim permaneceram, partilhando táticas que se revelaram vitoriosas; de seu lado, os homens sucumbiram individualmente, primeiro o Guedes e, em seguida, o Nunes. Iaiá e Nenê realizaram uma seqüência de movimentos que orientaram todo o cerimonial até seu *gran*

---

[529] Lima Barreto. "O Trem de Subúrbios", op. cit., pp. 245-246.
[530] Ibidem, p. 246.

finale, quando os dois homens cederam seus assentos às duas mulheres por absoluta impossibilidade de resistir.

A apropriação da "mobilidade espacial"[531] pelas mulheres implicava em ampliação de seu capital simbólico: outras possibilidades de relações com outras mulheres, outras escolhas de namorados, outros passeios, outras descobertas, outras buscas, outras conquistas.

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS[532]

> *Fui a bordo ver a esquadra partir. Multidão. Contacto pleno com meninas aristocráticas. Na prancha, ao embarcar, a ninguém pediam convite; mas a mim pediram. Aborreci-me. Encontrei Juca Floresta. Fiquei tomando cerveja na barca e saltei.*
> *É triste não ser branco.*
>
> *Lima Barreto*[533]

Começamos reprisando uma citação do "Diário Íntimo", na qual Lima Barreto revelou uma imagem das relações sociais de sexo que entrecruzava as hierarquias étnico-racial e de classe, para distingui-lo da multidão. Datada de 24 de janeiro de 1908, a anotação no diário fazia referência a um convite recebido no seu local de trabalho, a Secretaria de Guerra, e "aceito com muita hesitação" para "assistir à saída da esquadra de bordo de um navio do Lloyd", Na passagem, Barreto explicitou como ele se percebia e era percebido pelos outros e, principalmente, pelas outras "meninas aristocráticas". A frase "É triste não ser branco" atestou a identidade racial de Lima Barreto, marcada pela ancestralidade africana e,

---

[531] Pierre Bourdieu, op. cit., p. 164.

[532] Para a constituição da cena das relações étnico-raciais, trabalhamos com as seguintes crônicas como *corpus* documental: "A Questão dos 'Poveiros" (*Gazeta de Notícias*, 2 de janeiro de 1921) e "O Nosso Caboclismo" (*Careta*, 11 de outubro de 1919), do volume *Marginália*; "Palavras de um **Snob** Anarquista" (*A Voz do Trabalhador*, 15 de maio de 1913) e "Enfermeiras Louras e Mosquitos Zumbidores" (*Careta*, 28 de janeiro de 1922), do volume *Feiras e Mafuás*; "São Paulo e os estrangeiros" e "O Convento", de julho de 1911, do volume *Bagatelas*; "Clara dos Anjos", do volume *Histórias e Sonhos*; "Um especialista", do volume *Clara dos Anjos e Contos*.

[533] Lima Barreto. *Diário Íntimo. Memórias*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1961, p. 130. (Col. Obras de Lima Barreto, vol. XIV).

ao mesmo tempo, por sua trajetória de distanciamentos das posições privilegiadas, perpetuadas em "práticas racistas e discriminatórias" de uma "sociedade altamente hierárquica e pigmentocrática"[534] como a brasileira.

A cena das relações étnico-raciais representa o espaço mais adequado para o levantamento das imagens de estranhamento do outro ou da outra[535], por suas diferenças de raça, de etnia, de nacionalidade, de cultura, de trajetória, de história. A expressão que nomeia essa cena considera a origem étnico-racial e as tensões entre os processos de mestiçagem e branqueamento como questões fundamentais em nossa tese.

Como tivemos oportunidade de apreciar no primeiro capítulo da tese, a "Limana" de Lima Barreto continha um número de títulos dos principais teóricos racistas, bem como de autores que polemizavam com aqueles. Na produção de suas reflexões a respeito de acontecimentos que considerava dignos de comentários, Lima Barreto fazia questão de citar os pensadores, cientistas, filósofos e demais intelectuais, buscando, a nosso ver, estabelecer uma espécie de "triálogo" entre os autores lidos, os seus próprios leitores e ele mesmo:

> No seu excelente, lúcido e irrefutável livro – *Le Préjugé des Races* – J. Finot logo nas primeiras linhas diz com evidente comiseração: "La conception jadis innocente des races a jeté comme un linceul tragique sur la surface de notre sol".
>
> Que diria ele, se ainda vivo fosse, ao ler os telegramas que, nestes últimos dias, nos chegam de Washington e de Chicago?[536]

O destaque para J. Finot deve-se ao fato de que esse era um dos mais constantes interlocutores de Lima Barreto. Nessa crônica, para tratar dos racismos, Barreto tomou como assunto inicial a crítica à "censura telegráfica diplomática" na imprensa brasileira, que

[534] Carlos Hasenbalg. "Entre o mito e os fatos: racismo e relações raciais no Brasil", op. cit., p. 236.
[535] Tzvetan Todorov, op. cit, pp. 223, 299-303.
[536] Lima Barreto. "Considerações Oportunas", *ABC*, Rio, 16-8-1919. In: *Feiras e Mafuás*, op. cit., pp. 187-195.

reproduzia os telegramas das agências internacionais, ora "secos, amputados, graduados", quando se referiam a chacinas de negros norte-americanos, ora inteiros e sem cortes, para os "massacres da Turquia e da Rússia". Após constatar que estávamos "na época da brutalidade e da violência", Lima Barreto prosseguiu citando outros de seus autores prediletos, Spencer e Bouglé:

> O destino da ciência, transformada em arma de guerra, foi nos embrutecer até ao mais último grau. Spencer tinha razão, quando, nos seus últimos anos de vida, via nos acontecimentos universais sinais certos do nosso regresso à barbária... (...)
>
> Em 1889, num discurso perante o Congresso das Sociedades Sábias, o Senhor Daren, citado por Bouglé, dizia: "É no momento que esta filosofia de raças é banida do gabinete do sábio que vemos a idéia vir para a rua".
>
> Isto há vinte anos, ele dizia em França; e foi depois que ela caiu nas sarjetas desse país, que veio para outros, como estamos vendo[537]

O debate sobre os racismos era acompanhado atentamente por Lima Barreto, que discordava do argumento de autoridade conferido às teorias científicas sobre uma questão complexa como a da "filosofia das raças":

> O que se chama Ciência nesse campo da nossa atividade mental ainda não é nem um corpo homogêneo de doutrinas. Cada autor faz um poema à raça de que parece descender ou com que simpatiza (...)
>
> O critério mesmo de raça não é fixo de um autor para outro: e eles se emaranham numa porção de divisões e subdivisões, segundo esta ou aquela característica (...)
>
> Os senhores que se têm entregue a esses estudos de antropologia, etnografia ou que outros nomes tenham, se esquecem muito de que um grande naturalista, creio que

[537] Ibidem.

> Lineu, disse: "a natureza não tem raças nem espécies; ela só tem indivíduos".[538]

A força argumentativa de Lima Barreto residia na necessidade de repetir que as incertezas e a provisoriedade da ciência exigiam "precaução do pensador honesto", cuidado com as generalizações apressadas, atenção redobrada para que as pesquisas, ao entrarem "em relação com o mundo exterior", não se transformassem "em artigos de fé, em Corão obsoleto, a propugnar guerras santas e massacres" por questões étnico-raciais de diferentes origens e matizes.

No caso do Brasil, vimos que "o pensamento brasileiro expressava, à época, uma preocupação sistemática com a origem multiétnica do povo brasileiro, percebida como fonte de contradições sociais e obstáculo à construção de uma identidade nacional"[539]. O exemplo de Nina Rodrigues pode ser tomado aqui, para fazer face às preocupações de Lima Barreto com os efeitos das pesquisas científicas. O professor de medicina legal da Universidade da Bahia entre 1891 e 1905, ao realizar pesquisas sobre criminologia em função da raça e das medidas do crânio, seguindo as doutrinas de C. Lombroso e de P. Broca, acabou por cunhar um axioma: "a raça negra no Brasil... há de constituir sempre um dos fatores da nossa inferioridade como povo". A preocupação de Rodrigues era, então, saber até que ponto o mestiçamento natural compensaria essa inferioridade, atenuando os efeitos preponderantes da inferioridade da raça negra na formação do povo brasileiro. Nesse contexto, o incentivo à imigração européia tornava-se um caminho necessário, não apenas para a substituição dos braços escravos na lavoura cafeeeira, como também para contribuir com o "melhoramento", entendido como "branqueamento", da população brasileira.

---

[538] Ibidem.
[539] José Luís Petruccelli. "Doutrinas francesas e o pensamento racial brasileiro", op. cit., p. 134

Temos observado que uma das marcas do discurso barretiano é a permanente referência à história dos acontecimentos, os quais, por esse processo, tornam-se fenômenos em constante processo de incorporação de novos elementos, determinando outras possibilidades de interpretações. Barreto realizou esse movimento em "O Convento"[540], uma crônica que, como já tivemos oportunidade de assinalar, revelava sua oposição à demolição do convento da Ajuda, uma obra do século XVIII, para o prosseguimento da construção da Avenida Central, ícone maior da transformação da Capital Federal em cidade modelar da modernidade republicana brasileira. Ao lado da crítica à "era das demolições", que destruía "esses marcos de sua [da cidade do Rio de Janeiro] vida interior, (…) esses anais que conta[va]m a sua história", Barreto reapresentou uma imagem de desgosto pelo passado das práticas discriminatórias:

> Repito: não gosto do passado. Não é pelo passado em si; é pelo veneno que ele deposita em forma de preconceitos, de regras, de prejulgamentos nos nossos sentimentos.
>
> Ainda são a crueldade e o autoritarismo romanos que ditam inconscientemente as nossas leis; ainda é a imbecil honra dos bandidos feudais, barões, duques, marqueses, que determina a nossa taxinomia social, as nossas relações de família e de sexo para sexo; ainda são as coisas de fazenda, com senzalas, sinhás moças e mucamas, que regulam as idéias da nossa diplomacia; ainda é, portanto, o passado, daqui, dali, dacolá, que governa, (...)[541]

Na passagem, Lima Barreto traçou uma linha de tempo da longa duração dos "preconceitos, de regras, de prejulgamentos" na qual estavam incluídas as relações "de sexo para sexo", bem como um conjunto de elementos – as "coisas de fazenda, com senzalas, sinhás moças e mucamas" – reunidos e apresentados como uma imagem que visava interromper o silêncio sobre a escravidão dos negros africanos e suas lutas por liberdade.

---

[540] Lima Barreto. "O Convento", op. cit., pp. 83-87.
[541] Ibidem, p. 85

Na crônica “Palavras de um **Snob** Anarquista”, que também já foi objeto de análise na tese, Lima Barreto voltou ao século XVI na linha de tempo que construía sobre as relações étnico-raciais, para debater o movimento anarquista, contrapondo-se ao estereótipo de considerá-lo “uma planta exótica”:

> Agora vejam este trecho do velho Frei Vicente do Salvador, quando trata, na sua *História do Brasil*, dos casamentos e criação dos filhos entre o gentio do Brasil: “Não é fácil imaginar, maiormente entre os principais que têm muitas mulheres, qual seja a verdadeira e legítima, porque nenhum contrato exprimem, e facilmente deixam umas e tomam outras, mas, etc.”
>
> No meio dos selvagens que tinham sobre a família idéias e concepções diferentes das suas, o aventureiro português tem da mesma criação social as noções de um homem cuja mentalidade foi sujeita à disciplina da igreja católica e dos seus institutos; e como tal se comporta durante vinte e cinco anos num meio intrinsecamente desfavorável.[542]

Observamos que Lima Barreto foi buscar na história colonial brasileira os primeiros relatos sobre as visões das culturas dos povos indígenas segundo o ponto de vista dos conquistadores portugueses, na condição de representantes da civilização da Europa ocidental nas terras do “novo mundo”. Personificada no encontro entre o “aventureiro português” e o “selvagem” na citação, essa imagem trouxe para a cena das relações étnico-raciais outros argumentos para mostrar que a atitude de “assimilação do outro” pelo filtro das próprias idéias e concepções resultava em leituras equivocadas da cultura do outro:

> Quando no século XVI, as primeiras naus portuguesas trouxeram para o Brasil conquistadores, guerreiros, padres e aventureiros, trouxeram também com eles as suas idéias de propriedade, de honra, de casta, de pátria, de rei e de Deus; e nunca mais os que ficaram deixaram de receber de lá essas idéias ou as modificações que elas foram sofrendo. Não

[542] Idem. “Palavras de um **Snob** Anarquista”, op. cit., pp. 213-218.

> houve, portanto, uma diferenciação de civilização, nas suas bases primordiais.[543]

Segundo a interpretação que fizemos das idéias de Lima Barreto, como não houve uma "diferenciação de civilização"[544] entre o Brasil e a Europa ocidental, então, o movimento anarquista poderia ser assumido "desinteressadamente" por brasileiros ou estrangeiros, naquele contexto republicano, na medida em que as "condições (...) da civilização do Brasil" desde a colonização também o garantiam. Barreto usou o espaço da crônica, publicada no calor das manifestações operárias pelo dia 1º de maio e no mesmo ano da realização do II Congresso Operário Brasileiro, para escrever suas "palavras". Identificando-se como "um **Snob** Anarquista", combateu o posicionamento hegemônico de que os anarquistas eram os outros, ou seja, os estrangeiros:

> As condições, portanto, da civilização do Brasil, quer as econômicas, quer as morais, quer as de território, justificam que haja quem desinteressadamente, brasileiro ou não, seja anarquista. Se a de lá está carunchosa, a de aqui também; uma é tão antiga quanto a outra; e convém lembrar também que é inútil nesta questão indagar-se se se é ou não de tal país, quando os jornalistas não se indagam deles mesmos se são ou não brasileiros, para se fazerem pinheiristas ou dantistas.[545]

Na passagem, os "pinheiristas" representavam os membros ou simpatizantes do PRC, o Partido Republicano Conservador, "idealizado pelo senador gaúcho Pinheiro Machado para dar sustentação política ao Presidente da República Hermes da Fonseca (1910-1914)"[546];

---

[543] Ibidem.

[544] "Como 'cultura', a palavra 'civilização' é em parte descritiva e em parte normativa: ela pode tanto designar neutramente uma forma de vida ('civilização inca') como recomendar implicitamente uma forma de vida por sua humanidade, esclarecimento e refinamento. O adjetivo 'civilizado' faz isso hoje em dia da maneira mais óbvia. Se civilização significa as artes, a vida urbana, política cívica, tecnologias complexas etc., e se isso é considerado um avanço em relação ao que havia antes, então 'civilização' é inseparavelmente descritiva e normativa". Ver: Terry Eagleton. *A idéia de cultura*. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p. 20.

[545] Lima Barreto. "Palavras de um **Snob** Anarquista", op. cit., p. 218.

[546] Angela de Castro Gomes, Dulce Chaves Pandolfi e Verena Alberti (coord.). *A República no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; CPDOC, 2000, p. 72.

como efeito de sentido da comparação, Lima Barreto aproveitou para criticar "os jornalistas", que, segundo suas palavras, opinavam irrefletidamente e assumiam posturas conservadoras acerca dos grandes temas nacionais. Na crônica "São Paulo e os estrangeiros", Barreto acrescentou a questão da imigração destinada à lavoura cafeeira, para aprofundar sua crítica às posturas dos governos federal e estadual paulista no trato com os imigrantes pobres:

> A esperança é forte nos governos, quer aqui, quer na Itália ou na Espanha; e desses dois últimos países, em chusma, acorreram famílias inteiras e milhares de indivíduos isolados, em busca de abastança, que os homens do Estado diziam ser fácil de obter.
>
> A gente que o vem dominando há cerca de trinta anos enchia-se de contentamento e até estabeleceu a exclusão da sua polícia de gente com sangue negro nas veias.
>
> A produção do café, porém, foi transpondo o limite do consumo universal e a descer de preço, portanto; e os doges do Tietê começaram a encher-se de susto e a inventar paliativos e remédios de feitiçaria, para evitar a depreciação.[547]

Interpretamos que Lima Barreto identificou dois movimentos que integravam a cena das relações étnico-raciais. O primeiro deles era o de inclusão dos imigrantes europeus e simultânea exclusão dos descendentes de africanos na sociedade paulista – e brasileira – , indicando que estava em curso a implementação da política de branqueamento. Assim, a chegada em massa dos italianos e espanhóis "estabeleceu a exclusão da sua [paulista] polícia" de outros estrangeiros deslocados, a "gente com sangue negro nas veias", ou seja, os descendentes dos povos africanos, que começaram a ser trazidos séculos antes para essas terras. O segundo movimento excluía ambos os grupos, caracterizados como "nocivos, desordeiros, perigosos e indesejáveis"[548] porque praticavam a contestação pelo crime e

[547] Lima Barreto. "São Paulo e os estrangeiros", 1917. In: *Bagatelas*, op. cit., pp. 52-55.
[548] Lená Medeiros de Menezes. *Os indesejáveis: desclassificados da modernidade. Protesto, crime e expulsão na Capital Federal (1890-1930),* op. cit., pp. 188-189.

contravenção. Pelo processo discursivo de substituição do termo "imigrante" por "estrangeiro" para nomear os trabalhadores pobres recém-chegados, a imagem deles passou a ser associada a desordem, a anarquia:

> A situação interna principiou a ser horrível, a vida cara, enquanto os salários eram mais ou menos os mesmos anteriores. O descontentamento se fez e os pobres começaram a ver que, enquanto eles ficavam mais pobres, os ricos ficavam mais ricos.
>
> Os governantes do Estado, que influiam quase soberanamente nas decisões da União, deixaram de fazer a tal propaganda do Estado no estrangeiro, mas aumentaram a polícia, para a qual adquiriram instrutores e mortíferas metralhadoras e deram em excomungar os estrangeiros a que chamam de anarquistas, de inimigos da ordem social, esquecidos de que andavam antes a proclamar que a elegância da sua capital, os seus lambrequins, as suas fanfrelhiches eram devidas a eles, sobretudo aos italianos. A influência dos estrangeiros, diziam, fez de São Paulo a única coisa decente do Brasil. (...)
>
> Seguros de que a opinião os apoiava, porque tinham feito o Estado o primeiro do Brasil, os políticos profissionais de São Paulo trataram de abafar as críticas dos estrangeiros descontentes ou com opiniões avançadas, a todos, enfim, que não se deixassem embair com a tal história da capital artística e cidade européia.
>
> Os estrangeiros, agora, já não serviam e eles queriam livrar-se do incômodo que os forasteiros lhes davam, criticando-lhes os atos, a sua cupidez, o esquecimento dos seus deveres de governantes.[549]

Segundo Lima Barreto, a queda no comércio internacional do café assustou "os governantes", mudou a política em relação aos imigrantes, produzindo os conseqüentes movimentos de protesto dos "estrangeiros descontentes ou com opiniões avançadas", os quais passaram de "atraídos" para "traídos" pela promessa de "abastança" garantida pela propaganda oficial:

[549] Lima Barreto. "São Paulo e os estrangeiros", op. cit., pp. 54-55.

> Trataram logo de se armar de leis que fizessem abafar os seus gemidos; e uma delas é a célebre de expulsão que não se coaduna com o espírito da nossa Constituição; que é inconseqüente com a propaganda feita por nós para atrair estrangeiros, que podem e devem fiscalizar as nossas coisas, pois nós os chamamos e eles suam por aí.
>
> Sem mais querer dizer, podemos afirmar que todo o nosso mal-estar atual, todo o cinismo dos especuladores com a guerra (...) vêm desse maléfico espírito de cupidez de riqueza com que São Paulo infeccionou o Brasil, tacitamente admitindo não se dever respeitar qualquer escrúpulo, fosse dessa ou daquela ordem, para obtê-las, nem mesmo o de levar em conta o esforço, a dignidade e o trabalho dos imigrantes, os quais só lhe servem, quando curvam a cerviz à sua desumana ambição crematística.[550]

Na nova ordem republicana, reproduzia-se a velha prática das elites de "abafar os gemidos" e as "críticas" dos segmentos populares com a arma das leis, como a de 1907, da "expulsão de estrangeiros, de autoria de Adolfo Gordo, cujo principal objetivo era reprimir a ação dos anarquistas no interior do movimento operário"[551]. Desse modo, a imagem da "expulsão" continha as marcas da inconstitucionalidade e da desumanidade contra os trabalhadores imigrantes, pois "nós os chamamos e eles suam por aí", lembrou Lima Barreto.

Enquanto a entrada do movimento anarquista no Brasil recebeu aprovação de Lima Barreto, o combate à influência norte-americana foi implacável. Encontramos algumas imagens desse último posicionamento na crônica "A Questão dos 'Poveiros", na qual Barreto acrescentou à sua linha de tempo das relações étnico-raciais o conflito entre pescadores de duas nacionalidades, que chegaram como imigrantes para se dedicarem à atividade da pesca em alto mar, estabelecendo-se na Baía de Guanabara: os portugueses de Póvoa do Varzim, que vieram primeiro, e os japoneses:

---

[550] Ibidem, p. 55.
[551] Angela de Castro Gomes, Dulce Chaves Pandolfi e Verena Alberti, op. cit., p. 500.

> Os defensores lastimosos dos "poveiros", que não se quiseram naturalizar brasileiros e, por isso, se repatriaram, encarniçaram-se contra os japoneses, entre outros motivos, porque eles se insulam na massa da população nacional, com a qual não parecem quererem ter senão rápidos contatos, os indispensáveis para os seus negócios.
>
> Curioso é que encontrem, unicamente nos japoneses, essa repugnância pela imitação com o geral da população brasileira, quando os tais "poveiros" a possuem ou possuíam também a ponto de não permitirem que, entre eles, houvesse outra gente, empregada nas suas pescarias, senão os naturais de Póvoa do Varzim.[552]

Estava em jogo, além do monopólio da pesca, o debate sobre a questão da alteridade. A imagem do "insulamento", colada exclusivamente aos imigrantes japoneses, foi objeto de reflexão para o cronista, que também enxergava "essa repugnância pela imitação com o geral da população brasileira" na atitude dos portugueses de Póvoa do Varzim, ao recusar "outra gente (...) nas suas pescarias". O conflito entre os pescadores poveiros e japoneses, resultante da quebra do monopólio da pesca em 1912, deu margem a que Barreto, mais uma vez, ampliasse o campo de análise das relações internacionais, trazendo para debate a questão dos racismos, praticados e "ensinados" pelos Estados Unidos, além de "imitados" por outras nações, como Portugal:

> O brutal e odioso Estados Unidos, com a Alemanha aparentemente vencida, é outro país modelo para os que estão sofrendo de mal de imitação e maluquice organizadora, concomitantemente.
>
> Foi talvez nas coisas peculiares do país de "Uncle Sam" que, certamente, o Senhor Norton de Matos, ministro de Estado de Portugal, buscou inspirar-se para estabelecer a seguinte cláusula, a que se deviam obrigar os "poveiros" repatriados, no caso de quererem estabelecer-se nas colônias portuguesas da África.
>
> Ei-la, como vem estampada na Pátria, de 28 de novembro último: "... que evitem (os "poveiros") a comunicação e as

[552] Lima Barreto. "A Questão dos 'Poveiros", op. cit., pp. 25-32.

> relações de ordem sexual com o elemento nativo da África, de cor".
>
> Uma cláusula destas é por demais pueril e ridícula. [553]

Embora sabendo que o monopólio português sobre a pesca era antigo, Lima Barreto preferiu tratar da cláusula estabelecida pela autoridade portuguesa por inspiração das "coisas peculiares do país de 'Uncle Sam" como "pueril e ridícula", cuidando seriamente de refletir sobre a questão, por considerá-la nem pueril nem ridícula, mas fundamental no debate necessário e ainda incipiente sobre as práticas discriminatórias nas relações étnico-raciais. Precisamos levar em conta que a imigração estava implicada em toda essa polêmica. Na seqüência, Barreto explicou o caminho discursivo que seguira para inserir os Estados Unidos na discussão:

> O motivo é simples. Os defensores dos "poveiros" atacam os japoneses e se servem dos exemplos da grande república da América do Norte no seu proceder com os nipões. Fui estudar alguma coisa da história das relações *yankees* com outros Estados estrangeiros; é deplorável, é cheia de felonias. Lembrei-me também como lá se procede com os negros e mulatos. Pensei. Se os doutrinários que querem que procedamos com os japoneses, da mesma forma com que os Estados Unidos se comportam com eles, forem vitoriosos, com a sua singular teoria, não faltará quem proponha que também os imitemos, no tocante aos negros e mulatos. É lógico. Então, meus senhores, ai de mim e de... muita gente![554]

Na citação, Barreto fez uso do processo discursivo irônico, uma de suas principais marcas como escritor. A referência à lei norte-americana contra a imigração asiática, ou o "perigo amarelo", somou-se ao combate para afastar dos "doutrinários" brasileiros que detinham o poder do pensamento hegemônico "a sua singular teoria" de imitar os Estados Unidos em

[553] Ibidem.
[554] Ibidem, p. 32.

tudo, especialmente nas relações étnico-raciais, que lá como cá discriminavam os "negros e mulatos", como ele próprio.

Em uma época de muitos nacionalismos como aquela das primeiras décadas da República, ganharam força diversas idéias para tornar o Brasil uma nação civilizada e moderna, dentre as quais a de interiorização de sanitaristas, pesquisadores, cientistas e outros estudiosos para uma efetiva e definitiva ocupação do território nacional, com o enfrentamento dos problemas que impediam o crescimento do país. O intelectual Lima Barreto, entretanto, considerou esse movimento de autoconhecimento como mais um elemento a ser acrescentado à sua elaboração da linha de tempo das relações étnico-raciais:

> Uma das manias mais curiosas da nossa mentalidade é o caboclismo. (...)
>
> A mania, porém, percorreu o Brasil; e, quando um sujeito se quer fazer nobre, diz-se caboclo ou descendente de caboclo. (...)
>
> Entretanto, no Brasil, atualmente, há uns caboclistas muito engraçados. Um deles é o Senhor Rondon, hoje general (...)
>
> O General Rondon nunca venceu batalhas e não as vencerá, porque o seu talento é telegráfico. Não há general como ele para estender linhas de telégrafo; mas não há também general como ele, para catequizar caboclos.[555]

Ao derivar de "caboclo" os termos "caboclismo" e "caboclista", Barreto estava incluindo essa nova "mania" na "nossa mentalidade" para desqualificar o encontro entre índios e brancos da forma como estava acontecendo, por tratar-se de mais uma reedição da prática colonial de "catequizar os índios":

> O que o General Rondon tem de mais admirável, é a sua fisionomia de crueldade. Vê-se nele a sua vocação de dictador e dictador mexicano. Tudo o está levando para isso, inclusive as suas descobertas já descobertas e a sua

[555] Idem. "O Nosso Caboclismo", *Careta*, Rio, 12/10/1919. In: *Marginália*, op. cit., pp. 69-70.

> determinação de coordenadas de certos lugarejos pelo telégrafo, coisa pouco sabida e conhecida.[556]

A opinião pública acolhia com entusiasmo as palestras de Cândido Mariano Rondon, ilustradas com fotografias e até filmes, colecionados em suas viagens.[557] As platéias lotadas atualizavam as antigas imagens de índios que os artistas do romantismo haviam construído, como as de Iracema e Peri, da obra de José de Alencar. Na contramão desse movimento de uma parte da sociedade carioca, Lima Barreto apresentou a imagem do General Rondon como um cruel "dictador", para rememorar na cena das relações étnico-raciais os massacres que dizimaram os povos indígenas na América, após o desembarque dos europeus. Segundo a interpretação que fazemos das palavras de Barreto, as "descobertas já descobertas" de Rondon referiam-se ao prosseguimento da longa história de práticas preconceituosas contra o outro:

> Depois de tão excepcional caboclista, só há a Senhora Deolinda Daltro.
>
> Nunca se viu pessoa tão conspícua no caboclismo. A seriedade do seu ideal, o desinteresse que ela põe nele, além de outras qualidades e artefatos, dão-lhe um destaque excepcional.
>
> Dona Deolinda acaba de se apresentar candidata a intendente da cidade do Rio de Janeiro.
>
> Nada teria a opor, se não me parecesse que ela se enganava. Não era do Rio de Janeiro que ela devia ser intendente; era de alguma aldeia de índios. A minha cidade já de há muito deixou de ser taba; e eu, apesar de tudo, não sou selvagem.[558]

"Senhora Deolinda Daltro" era uma das formas pelas quais Lima Barreto insistia em chamar Leolinda de Figueiredo Daltro. Com um extenso verbete no "Dicionário Mulheres do

---

[556] Ibidem.
[557] Angela de Castro Gomes, Dulce Chaves Pandolfi e Verena Alberti, op. cit., pp. 169 e172.
[558] Lima Barreto. "O Nosso Caboclismo", op. cit., p. 70.

Brasil”[559], Leolinda Daltro foi biografada como “indianista e feminista” e, de sua trajetória, destacamos “o ambicioso projeto [iniciado em 1896] de percorrer o interior do Brasil promovendo a alfabetização de tribos indígenas”[560]. A cena do feminismo atravessou, mais uma vez, a cena das relações étnico-raciais, com outra manifestação antifeministra de Lima Barreto para aprofundar sua crítica à contradição entre as duas atitudes de “Dona Deolinda”: de um lado, “a seriedade do seu ideal, o desinteresse” a favor do “caboclismo” e, de outro, a sua “candidatura a intendente da cidade do Rio de Janeiro”, que “já de há muito deixou de ser taba”, em mais uma referência à história do massacre das populações indígenas na conquista da América.

As relações sociais de sexo obrigavam a lembrar as práticas racistas que negavam as contribuições do outro que não o europeu na construção da nacionalidade brasileira. Ao interrogar como fontes as crônicas de Lima Barreto, encontramos imagens de atitudes discriminatórias nas relações entre um branco e uma descendente de negros, identificada como mulata, crioula, preta. As personagens Clara dos Anjos e Alice, que veremos a seguir, protagonizaram essas relações marcadas pela desigualdade.

Observamos que o discurso barretiano, embora mais ou menos submetido à convenção da ficcionalidade, “constrói-se tão próximo do referente histórico que é difícil perceber as nuanças”[561]; assim, na “honrosa condição de cronista maior”, para usar a expressão de Alejo Carpentier, Lima Barreto escreveu sobre as “negras imagens”[562] e inscreveu em seus textos o que a história oficial ocultava, revelando-se fonte documental

---

[559] Schuma Schumaher e Érico Vital Brazil, op. cit., pp. 318-320.
[560] Ibidem, p. 318.
[561] Zilah Bernd. “O maravilhoso como discurso histórico alternativo”. In: Jacques Lenhardt e Sandra J. Pesavento, op. cit., pp. 127-133.
[562] Expressão que dá título ao livro. Lilia Moritz Scharcz e Letícia Vidor de Sousa Reis (orgs.). *Negras imagens: Ensaios sobre Cultura e Escravidão no Brasil*. São Paulo: Ed. da USP: Estação Ciência, 1996.

preciosa para o esforço de compreensão das complexidades pertinentes às questões das relações étnico-raciais nas relações sociais de sexo.

Para finalizar a cena das relações étnico-raciais, trazemos duas crônicas de Lima Barreto: "Um especialista", datada de 1904, e "Clara dos Anjos", cuja primeira versão começou a ser escrita em 1904, tendo sido originalmente publicada em 1920 pela "Livraria Editora de Gianlorenzo Schettino, Rua Sachet, 18"[563], no Rio de Janeiro. A segunda e última versão, transformada em romance, iniciou-se em dezembro de 1921, sendo concluída em janeiro do ano seguinte, dez meses antes da morte do autor; o romance foi publicado originalmente em folhetins da *Revista Sousa Cruz*, Rio de Janeiro, somente em 1923-1924.

No prefácio do volume "Clara dos Anjos", Sérgio Buarque de Hollanda escreveu a seguinte resenha: "Em Clara dos Anjos relata-se a história de uma pobre mulata, filha de um carteiro de subúrbio, que apesar das cautelas excessivas da família, é iludida, seduzida e, como tantas outras, desprezada, enfim, por um rapaz de condição social menos humilde do que a sua"[564] e, acrescentamos, branco. A crônica "Um especialista" focaliza a história de Alice, também uma pobre mulata, vinte e seis anos e órfã desde os dezoito, que migra de Pernambuco para o Rio de Janeiro com o objetivo de "fazer a vida" e, aqui chegando, reencontra seu pai na figura de um comendador português de cerca de cinqüenta anos com o qual sai direto do paquete para uma pensão no Catete. A narrativa revela que vinte e sete anos antes, após ter roubado a herança deixada à sua mãe pelos avós maternos, "um sítio,

[563] Lima Barreto. *Histórias e Sonhos*, op. cit., [6].
[564] Sérgio Buarque de Hollanda. "Prefácio". In: Lima Barreto. *Clara dos Anjos*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1961, [10]. (Col. Obras de Lima Barreto, vol. V).

uma vaca, um cavalo”[565], seu pai fugira de Recife para o Rio de Janeiro, abandonando sua mãe grávida de dois meses.

Pelo viés da ficção de Lima Barreto, houve a contundente verificação de que não havia saída para a libertação da mulher, como também expressavam os últimos movimentos da personagem Clara dos Anjos:

> - Mas o que é que você quer que eu faça?
>
> - Que ele se case comigo, fez Clara num só hausto.
>
> - Ora, esta! Você não se enxerga! Você não vê mesmo que meu filho não é para se casar com gente da laia de você! Ele não amarrou você, ele não amordaçou você... Vá-se embora, rapariga! Ora já se viu! Vá!
>
> Clara saiu sem dizer nada, (...) Então ela não se podia casar com aquele calaceiro, sem nenhum título, sem nenhuma qualidade superior? Porque?
>
> Viu bem a sua condição na sociedade, o seu estado de inferioridade permanente, sem poder aspirar a cousa mais simples que todas as moças aspiram. Para que seriam aqueles cuidados todos de seus pais? (...) Voltou para casa depressa. Chegou; o pai ainda não viera.
>
> Foi ao encontro da mãe. (...)
>
> - Mamãe, eu não sou nada nesta vida.[566]

Transpondo os limites das relações familiares no espaço privado e refletindo sobre sua condição de mulher-negra no espaço público igualmente conservador, a personagem Clara dos Anjos era, simultaneamente, vítima das circunstâncias e única responsável pela mudança em sua visão de mundo acerca das posições sociais que homens e mulheres, brancos e negras, ocupavam nas relações sociais de sexo.

As “negras imagens”[567] de opressão da mulher lá estavam, presentes nas trajetórias de Clara dos Anjos, Alice, e tantas outras.

---

[565] Lima Barreto. “Um Especialista”. Ibidem, p. 207.
[566] Idem. “Clara dos Anjos”, op. cit., p. 191.

CRIMES[568]

De **v**olta à a crônica "O convento", de julho de 1911, dessa vez para observarmos que Lima Barreto, ao historicizar a idéia de beleza para criticar a proposta de modernização que a "era das demolições" impunha, aproveitou para analisar algumas mudanças que observava nas relações sociais de sexo:

> O bonito envelhece, e bem depressa; e eu creio que, daqui a cem anos, os estetas urbanos reclamarão a demolição do Teatro Municipal com o mesmo afã com que os meus contemporâneos reclamaram a do convento. (...)
>
> Um convento de freiras é de alguma forma quinto ato de dramas amorosos.
>
> Certas vezes serviram de prisão doméstica, prisão às ordens desse juiz-algoz, o pai de família, sempre obediente aos vagos códigos da honra e da pureza da família, metendo as filhas e parentas nos conventos, quando implicava com o namorado que tinham, ou não o julgava de nobreza suficiente para a sua prosápia. (...)
>
> O convento por si só não enfeava tanto a cidade, como dizem; nem tampouco a sua demolição vai diminuir o espírito religioso, nem trazer para as alegrias da vida as freiras que lá estavam enclausuradas.
>
> Demais, não eram muitas; uma meia dúzia (...)
>
> Era útil e conseqüente; e, se hoje o gosto por tais reclusões diminui; é porque já na nossa vida há mais tolerância, menos exibições de virtude e de força, menos tiranias domésticas, religiosas e governamentais.[569]

Através da leitura desse conjunto de fragmentos, podemos indicar que Barreto fez uso da "metáfora teatral" para colocar no cenário do convento o crime de cerceamento da liberdade decorrente de "dramas amorosos". Como "prisão às ordens desse juiz-algoz, o pai de

---

[567] Lilia Moritz Scharcz e Letícia Vidor de Sousa Reis (orgs.), op. cit.
[568] Na última cena, a cena de crimes, trabalhamos com as crônicas "O convento", de 1911; "A Lei" e "Não as Matem", ambas de 1915; "Lavar a Honra Matando?", "Os Matadores de Mulheres" e "Como Budistas...", essas três de 1918; "Os uxoricidas e a sociedade brasileira", de 1919; e "Mais uma vez", de 1920.
[569] Lima Barreto. "O Convento", op. cit., pp. 83-87.

família", o convento era a clausura para as filhas ou parentas desses senhores e, desse modo, elas eram submetidas à vontade da autoridade masculina e impedidas de escolher os namorados. Ao observar, em sua temporalidade, a diminuição da intolerância pela redução das diferentes formas de tiranias contra as mulheres – domésticas, religiosas e governamentais – Lima Barreto também observou que essas mudanças não impediram que outros crimes continuassem a ser praticados:

> A honra, como todas as concepções que têm guiado as sociedades passadas, inspira atualmente muitos crimes ou os desculpa. Essas concepções não devem ser totalmente varridas da nossa mentalidade; há nelas muita cousa a aproveitar e as aquisições que nos trouxeram, não são de desprezar; mas devem ser empregadas com precaução para nos serem úteis e nos servirem, de modo a não entrar em conflito com o nosso atual sentimento de vida. Elas devem perder alguma cousa, em face de nossas idéias contemporâneas sobre o mundo e o homem. (...)
>
> Sabe-se bem a que torturas, cintos de castidade, etc., etc., sofriam as mulheres dos tempos dos castelos e manoirs, quando os seus brutais maridos delas se afastavam em expedições e guerras longínquas. Tudo, em nome de que? É de rir. Em nome da Honra. Pode-se admitir isso, atualmente?[570]

À pergunta retórica que encerrou a citação, Lima Barreto considerou que não havia "necessidade de responder". No entanto, ele mesmo viveu a contradição de absolver "um destes matadores de sua própria mulher" e, primeiramente sob pseudônimo, narrou essa experiência como jurado, tornando a recontá-la na crônica que ora analisamos:

> Eu julguei um crime destes e foi das primeira (sic) vezes em que fui sorteado e aceito. O promotor era o Senhor Cesário Alvim, que já é juiz de direito. O Senhor Cesário Alvim fez uma acusação das mais veementes e perfeitas a que eu assisti no meu curso de jurado. O Senhor Evaristo de Morais defendeu, empregando o seu processo predileto de ler autores

[570] Idem. "Os uxoricidas e a sociedade brasileira", 2/3/1919. Ibidem, pp. 166-176.

> cujos livros ele leva para o tribunal, e referir-se a documentos particulares que, da tribuna, mostra aos jurados. A mediocridade de instrução e inteligência dos juízes de fato e a sua falta de senso crítico, fazem que fiquem eles impressionados com as 'coisas de livro'; e o doutor Evaristo sabe bem disto e nunca deixa de recorrer ao seu processo predileto de defesa.[571]

O enfrentamento entre Cesário Alvim, pela promotoria pública, e Evaristo de Morais, na condição de advogado de defesa de réus envolvidos em crimes passionais, aconteceu com certa freqüência[572] naquele período. Na citação, o sucesso das estratégias do "doutor Evaristo" revelava que, no debate entre a defesa e a acusação, o uxoricídio[573] era entendido como um crime menor nas relações sociais de sexo, e a posição do corpo de jurados, segundo o relato de Lima Barreto, evidenciou tal posicionamento:

> Indo para a sala secreta tomar café, o desprezo que um certo Rodrigues, campeão do réu, demonstrava por mim, irritando-me, mais alicerçou a minha convicção de que devia condenar aquele estúpido marido... Entretanto, a mãe... Acabando os debates, Rodrigues queria responder os quesitos, sem proceder à votação prévia: 'Vamos acabar com isto, dizia ele: são quase seis horas e a mulher está à minha espera, para jantarmos'. Protestei e disse que não assinaria as respostas, se assim procedessem. Rodrigues ficou atônito; os outros confabularam, em voz baixa, com ele. Um veio ter a mim, indagar se eu era casado. Disse-lhe que não e ele concluiu: 'É

[571] Ibidem, p. 170.

[572] Pedro Paulo Filho. *Grandes Advogados. Grandes Julgamentos*. 3ª ed. São Paulo: Depto. Editorial OAB-SP, 2006. Citamos, como exemplo, o crime célebre, conhecido como "A tragédia da Tijuca", cometido pelo acadêmico Luís Lacerda, filho do cientista João Batista de Lacerda. O julgamento foi realizado em 25 de fevereiro de 1907, nos baixos da Corte de Apelação, na Rua do Lavradio.

[573] O crime de uxoricídio não era qualificado no Código Penal de 1890. No Livro II – Dos crimes em espécie, Título VIII – Dos crimes contra a segurança da honra e honestidade das famílias e do ultraje público ao pudor, são elencados os seguintes crimes: Capítulo I – Da violência carnal; Capítulo II – Do rapto; Capítulo III – Do lenocínio; Capítulo IV – Do adultério (esse, especificamente, imputado às mulheres, conforme a letra da lei: "A mulher casada que cometter adulterio será punida ...") ou infidelidade conjugal (textualmente, "O marido que tiver concubina teuda e manteuda"); Capítulo V – Do ultraje público ao pudor; Capítulo VI – Da subtração, ocultação e abandono de menores. Ainda no Livro II, o Título X – Dos crimes contra a segurança da pessoa e vida, em seu Capítulo I – Do homicídio, igualmente não há referência ao crime de uxoricídio. Ver: BRASIL. Portal da Câmada dos Deputados. Coleção das Leis da República Federativa do Brasil. Fascículo X. Decretos do Governo Provisório. N. 847. Justiça – Decreto de 11 de outubro de 1890. Promulga o Código Penal, Livro II, pp. 2676-2728.

> por isso; o senhor não sabe o que são essas coisas'. Tomem nota desta...[574]

Vemos que a questão doméstica do jantar em família sobrepôs-se aos cuidados com os procedimentos reclamados por Lima Barreto, que, pela sua condição de celibatário, foi considerado pelos demais jurados um ignorante em assuntos relacionados à vida privada conjugal. Na passagem, a frase "Entretanto, a mãe..." refere-se à mãe do réu, cuja atitude de insistente súplica em defesa do filho durante o julgamento fez com que Lima Barreto absolvesse "aquele estúpido marido", mesmo se arrependendo em seguida. Talvez para justificar sua atitude contraditória, Barreto adicionou à crônica uma outra situação que confirmava as "absolvições de uxoricidas" como uma prática "normal e necessária" da "sociedade nacional":

> Arrependi-me e me arrependo hoje ainda; e, desde então, logo que se me oferece ocasião, tenho verberado semelhante prática, por isso que as constantes absolvições de uxoricidas dão a entender que a sociedade nacional, por um dos seus mais legítimos órgãos, a admite como normal e necessária. (...)
>
> Vão já muitos anos que eu, de calaçaria com Ari Foom, já falecido, fomos ao necrotério visitar o cadáver de uma rapariga do conhecimento daquele meu infeliz camarada, cujo maquereau, "por motivos de encontro de contas", conforme se suspeitou, a tinha assassinado e se suicidado em seguida, no interior de uma casa da Rua de Sant'Ana.
>
> O necrotério era no Largo da Batalha, e, ao redor, havia um poviléu de lavadeiras, cozinheiras, de desgraçadas raparigas na mais ínfima degradação social, etc., etc. Pois bem: dos grupos de raparigas dessa natureza, só se ouvia a condenação da rôdeuse assassinada que elas julgavam casada com o seu assassino, e isto em termos bem duros e crus, mas que eu posso por aqui em mais corteses: "Bem feito! Porque ela foi enganar o marido?"
>
> Este fato muito me surpreendeu, a ponto de tomar dele notas mais desenvolvidas que ainda tenho nos meus papéis.[575]

[574] Lima Barreto. "Os uxoricidas e a sociedade brasileira", op. cit., pp. 170-171.

Situado nos arredores da atual Praça XV de Novembro, o antigo Largo da Batalha[576] era um dos vários largos e becos desaparecidos com a derrubada do Morro do Castelo e a ulterior construção dos modernos pavilhões destinados à exposição do 1º centenário da independência em 1922[577]. Do mesmo modo que as relações de sexo, as relações de classe estruturavam e organizavam a sociedade e, na situação narrada por Lima Barreto, ambas reproduziram uma correlação de forças na qual às tensões entre homens e mulheres, juntaram-se as contradições entre mulheres e mulheres, a ponto de grupos de mulheres públicas[578] condenarem uma mulher que fora assassinada porque julgaram-na adúltera e o assassino, vítima do adultério.

E ainda, as relações sociais de sexo ultrapassavam o âmbito da esfera familiar para, outra vez, reafirmarem a supremacia masculina: "Lembro aqui que, quando saí do júri a que aludi mais acima, os irmãos da vítima vieram-me agradecer o ter eu absolvido o matador de sua irmã..."[579]. Assim, de acordo com a posição de seus próprios irmãos, a mulher era a criminosa e seu matador deveria ser absolvido, como de fato o foi; para Lima Barreto, ao contrário, a "vítima" permanecia sendo a mulher:

> Continuo aqui uma campanha a que me impus, de combater essa toleima espiritual e sentimental que leva um rapaz como o seu colega que era o réu, a praticar o maior, e talvez o

---

575 Ibidem, pp. 170-171.
576 Brasil Gerson, op. cit., p. 19.
577 Ressaltamos que tal evento fazia parte de um projeto maior: a exibição do Rio de Janeiro como uma cidade-capital moderna convinha a um país que, mais do que ser, desejava parecer moderno. Ver: "As Luzes da Boca-de-Cena". In: MENEZES, Lená Medeiros de. *Os indesejáveis: desclassificados da modernidade. Protesto, crime e ezpulsão na Capital Federal (1890-1930),* op. cit., pp. 27-42.
578 Na "esfera pública", a diferença entre os sexos explicita-se na "dissimetria das palavras e das imagens" que os termos "homem público" e "mulher pública" representam, qualificando os homens e desqualificando as mulheres nas relações sociais. Michelle Perrot alarga o conceito de "mulher pública", dizendo, por exemplo, que "a mulher do povo" é "a mais pública de todas" porque é a que mais circula no espaço público para enfrentar as questões cotidianas de sobrevivência. Ver: PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*, op. cit., pp. 7 e 47.
579 Lima Barreto. "Os uxoricidas e a sociedade brasileira", op. cit., pp. 174.

> único crime absoluto, que é o homicídio, por causa de abusões e superstições burguesas, religiosas e feudais.
>
> O jovem advogado e oficial da Marinha – vem a pelo falar nisso – conforme li no jornal (Correio da Manhã, de 26 de fevereiro de 1919), disse que o réu:
>
> "Levantou o seu inexprimível grito de revolta contra esse crime de adultério que não tem nenhuma circunstância atenuante, que o desculpe".
>
> Diga-me uma cousa, senhor tenente: e o de assassinato tem? Qual o mais grave dos dous? Qual dos dous invade sacrilegamente o domínio das forças misteriosas que nos governam? Diga-me, senhor tenente: quem tem o direito de matar? [580]

O "crime de adultério" que, para o "jovem advogado e oficial de Marinha" não tinha "nenhuma circunstância atenuante", foi atenuado por uma confissão de Lima Barreto: "...tenho muita pena dessa pobre moça que teve a coragem de dizer ao marido que o filho a palpitar-lhe no ventre não era do esposo. 'Sim', disse ela, 'é dele, e só a ele é que eu amo' (*Correio da Manhã*, de 25-2-19)". Ao confessar sua pena da "pobre moça" e, ao mesmo tempo, sua admiração pela coragem dela, Lima Barreto também apontou o "terror do ridículo" como a motivação – essa sim, ridícula – para o uxoricídio:

> Quase sempre é esse terror do ridículo, mais, talvez, do que as sobrevivências da Honra medieva; é o pavor pusilânime do cochicho da maledicência que leva os maridos em tais condições a matar as suas mulheres infiéis. Eles não temem sofrer na sua consciência a opressão do remorso de um homicídio; eles temem os boquejos das esquinas, das confeitarias, dos botequins.[581]

Na interpretação da citação, observamos que a prática de homicídio contra as mulheres buscava punir o adultério e, com isso, manter a supremacia masculina e tornar os homens imunes aos "boquejos" no âmbito das relações sociais. Na crônica "Mais uma vez", Lima

[580] Ibidem.
[581] Ibidem, p. 175.

Barreto fez referência a um crime da Rua da Lapa, que trouxe "de novo à tona essa questão do adultério da mulher e seu assassinato pelo marido"[582]. Desde o título, Barreto tratou da repetição e conseqüente banalização de tal ato, que independia de classe social e até parecia ser um "direito" ou mesmo um "dever do marido, o perpetrá-lo"[583]. Àquela sociedade – que Barreto caracterizava como "hipócrita" – e à opinião do povo – que ele descrevia como "estúpida", Lima Barreto reuniu, com tristeza, o endosso profissional do Senhor Evaristo de Moraes – um jurista cuja "ilustração" e "talento" ele tanto admirava:

> No crime da Rua da Lapa, o criminoso, o marido, o interessado no caso, portanto, não alegou quando depôs sozinho que a sua mulher fosse adúltera; entretanto, a defesa, lemos nos jornais, está procurando "justificar" que ela o era.
>
> Não quero, porém, escrever romances e estou mesmo disposto a não escrevê-los mais, se algum dia escrevi um, de acordo com os cânones da nossa crítica; por isso guardo as minhas observações e ilusões para o meu gasto e para o julgamento da nossa atroz sociedade burguesa, cujo espírito, cujos imperativos da nossa ação na vida animaram, o que parece absurdo, mas de que estou absolutamente certo – o protagonista do lamentável drama da Rua da Lapa.[584]

Mais uma vez, a "metáfora teatral" serviu para apresentar "o protagonista do lamentável drama da Rua da Lapa" como um marido que se deixara levar pela corrente dominante da "atroz sociedade burguesa", assassinara a esposa e, de réu, tornara-se vítima por uma estratégica inversão de papéis inventada pela defesa, através da "atenuante" de que a mulher seria adúltera. Ao encerrar a crônica, Lima Barreto reiterou seu posicionamento contrário àquelas práticas hegemônicas de qualificação de um e desqualificação do outro crime nas relações sociais de sexo: "Toda a campanha para mostrar a iniqüidade de semelhante

---

[582] Idem. "Mais uma vez", *ABC*, 31/1/1920. In: *Bagatelas*, op. cit., pp. 289-292.
[583] Ibidem.
[584] Ibidem, p. 291.

julgamento não será perdida; e não deixo passar vaza que não diga algumas toscas palavras, condenando-o”[585].

A aproximação entre morte e lei excluía a vida como possibilidade para as mulheres que ousavam romper as regras sexistas da família monogâmica chefiada pelo homem, as quais exigiam a fidelidade da mulher como garantia de preservação da propriedade privada. Em “A Lei”, uma crônica das mais curtas, Lima Barreto traçou em poucas e rápidas pinceladas o quadro de abandono e punição a que eram submetidas as mulheres pela mão forte da lei:

> Uma senhora, separada do marido, muito naturalmente quer conservar em sua companhia a filha; e muito naturalmente também não quer viver isolada e cede, por isto ou aquilo, a uma inclinação amorosa.
>
> O caso se complica com uma gravidez e para que a lei, baseada em uma moral que já se findou, não lhe tire a filha, procura uma conhecida, sua amiga, a fim de provocar um aborto de forma a não se comprometer. (...)
> Acontece que a sua intervenção foi desastrosa e lá vem a lei, os regulamentos, a polícia, os inquéritos, os peritos, a faculdade e berram: você é uma criminosa! você quis impedir que nascesse mais um homem para aborrecer-se com a vida! (...)
> A parteira, mulher humilde, temerosa das leis, que não conhecia, amedrontada com a prisão, onde nunca esperava parar, mata-se.
> Reflitamos, agora; não é estúpida a lei que, para proteger uma vida provável, sacrifica duas? Sim, duas porque a outra procurou a morte para que a lei não lhe tirasse a filha. De que vale a lei?[586]

De forma contundente, o relato distinguiu como duas práticas separadas a maternidade e a sexualidade das mulheres. Assim, a lei, “baseada em uma moral que já findou”, punia com a prisão – ou com a morte – aquelas mulheres que resistissem e exercitassem essa separação,

---

[585] Ibidem.
[586] Idem. “A Lei”. *Correio da Noite*, Rio, 7-1-1915. In: *Vida Urbana*, op. cit., pp. 69-70.

seja como parteiras que faziam abortos[587], seja como amantes que já possuiam uma filha de um relacionamento anterior e queriam conservá-la em sua companhia. Na cena, as imagens de mulheres estavam marcadas por situações de risco, como se elas, as mulheres, estivessem permanentemente à espera da morte. No entanto, identificamos nessa mesma cena, para além da violência e da vitimização, a coexistência de práticas de resistência e não-submissão dessas mulheres que buscaram novas e velhas saídas para se equilibrarem entre as exigências legais impostas à sua condição feminina, a necessidade de profissionalização e a possibilidade de maternidade, projetando uma vontade de futuro menos desigual. A pergunta final da crônica "De que vale a lei?" trouxe de volta, para o debate na sociedade, um caso particular, aprofundando desse modo a dimensão da tragédia.

Para finalizar, trazemos a crônica "Como Budistas...", pois a mesma estabelece um elo visível entre crime e casamento mas, no entanto, diferencia-se das crônicas anteriores pelo protagonismo da mulher na prática de homicídio: "O que me absorve agora o pensamento é este caso dessa pobre moça que matou o marido em São Paulo."[588] – escreveu Lima Barreto, atenuando com a expressão "pobre moça" o assassinato que ela havia cometido. Outras justificativas para o crime foram acrescentadas, como fruto das disputas por dinheiro e poder que a "sociedade conjugal" fomentava. Na crônica, Lima Barreto absolveu os dois, avaliando ter havido "um mútuo engano", ele com o "pergaminho" do título de doutor e ela com o "dote":

> Ela pensou que seu marido fosse um homem; ele, quando ela o conheceu direito, não passava de um caçador de dotes.

---

[587] De acordo com o Código Penal de 1890, "Dos crimes contra a segurança da pessoa e vida", são tipificados: homicídio, infanticídio, suicídio, aborto, lesões corporais e duelo. Ver: BRASIL. Portal da Câmada dos Deputados. Coleção das Leis da República Federativa do Brasil, op. cit., pp. 2713-2717.
[588] Lima Barreto. "Como Budistas...", *ABC*, 31/8/1918. In: *Vida Urbana*, op. cit., pp. 156-157.

> Todos nós, inclusive eu, *malgré tout*, estamos arriscados a casar com "moça rica"; mas de que nós não estamos ameaçados é de sermos maus para essas moças.
>
> O que há nisto tudo é a combinação do nosso espírito muito brasileiro de acreditar que o "doutor" é tudo e a crença universal do dinheiro. (...)
>
> E ele não iria procurá-la, se não tivesse armado do que a bobagem dos jornais chama "pergaminho".
>
> Houve um mútuo engano. Ele procurou enganar a mulher com o título que o Belisário Pena diz ser científico; ela procurou enganá-lo com aquilo com que os homens enriquecem.[589]

Observamos que, ao tratar de crimes contra a vida, Lima Barreto não perdeu a oportunidade de exercer seu papel de crítico implacável das posturas e autoridades governamentais, nas diferentes instâncias. A crônica "Como Budistas" foi publicada em 1918 no jornal "A.B.C.", mesmo ano em que o médico sanitarista Belisário Pena (1868-1939) passou a dirigir o "Serviço de Profilaxia Rural", criado pelo então presidente Wenceslau Braz, e que dois anos depois transformou-se no "Departamento Nacional de Saúde Pública – DNSP", cujo primeiro diretor foi Carlos Chagas[590]. Como era próprio de seu estilo, Lima Barreto aproveitou os parágrafos finais da crônica para uma defesa a favor da convivência harmoniosa dos casais. Tal estratégia foi suficiente para colocar em segundo plano o crime de assassinato:

> Entre os dois só deve haver a máxima lealdade. Todos os dois devem entrar na sociedade conjugal com a máxima boa

---

[589] Ibidem.

[590] Eduardo Vilela Thielen e Ricardo Augusto dos Santos. "Belisário Penna: notas fotobiográficas". *História, Ciências, Saúde* – Manguinhos, Rio de Janeiro, vol. 9 (2): 387-404, maio-ago. 2002. http://www.scielo.br. Belisário Pena era membro da equipe de Oswaldo Cruz, publicou o livro *Saneamento do Brasil*, pela Typ. Revista dos Tribunais, também em 1918. Belizário Penna participou da Comissão Central Brasileira de Eugenia, cujo principal líder era seu genro Renato Kehl e que era secretariada por sua filha Eunice, esposa de Kehl. Adicionamos a essa breve mas informativa biografia de Penna dois dados posteriores à época vivida por Lima Barreto: primeiramente, sua passagem interina de três meses pelo Ministério da Educação e Saúde Pública, já no governo de Getúlio Vargas, em substituição a Francisco Campos, a partir de 1º/9/1931; para finalizar, assinalamos ainda a participação de Belizário Pena no movimento integralista, ao filiar-se à Ação Integralista Brasileira (AIB), tornando-se membro da Câmara dos 40, órgão máximo do movimento, fundado em 1932 por Plínio Salgado.

> vontade e admiração um pelo outro. O que não pode continuar, é que se faça da mulher, escada para subir. (...)
>
> A vida, apesar de não poder ser uma felicidade, deve ser uma cousa heróica.
>
> E não há homem que tenha esse sentimento de heroísmo que não o deseje encontrar nas mulheres escolhidas.[591]

No fechamento da crônica, reapareceu a suposta ré, nesse instante com nome e sobrenome, mas no mesmo parágrafo da declaração de Lima Barreto de que a absolveria se fosse escolhido para jurado, como havia sido "muitas vezes" e, por causa disso, sofrera bastante. E o último parágrafo do texto resumiu todo o movimento estratégico de "recolher as armas" e sair em defesa de uma "matadora de homens". Assim, ao escrever: "Como eu sou budista, o que eu quero é o esquecimento da vida, e não mais tratarei de semelhante caso", Lima Barreto estava explicitando sua recusa em colocar uma mulher que assassinara seu marido no mesmo plano dos inúmeros matadores de mulheres.

Em síntese, a cena de crimes reapresentou duas imagens consagradas nas relações sociais de sexo: a imagem da mulher adúltera, considerada uma criminosa hedionda, ao lado da imagem do assassino de mulheres, visto com permissividade, pois o uxoricídio congregava (e ainda congrega[592]) a atenuante de legítima defesa da honra. Entretanto, Lima Barreto combateu essas duas imagens, colocando em primeiro plano a crítica a esse posicionamento sócio-histórico hegemônico e defendendo a necessidade de uma mudança na sociedade: a descriminalização do adultério praticado por mulheres e a condenação do crime

---

[591] Ibidem, p. 157.

[592] Ainda não é consensual o entendimento de que os artigos dos Códigos Civil (1916) e Penal (1940) contrários à Constituição (1988), portanto, inconstitucionais, não possam ser mais aplicados nos tribunais nacionais. Na literatura jurídica crítica, há inúmeros estudos de casos que evidenciam a manutenção de "estereótipos de gênero nos processos judiciais" até os dias atuais. Ver: Sílvia Pimentel e Valéria Pandjiarjian. "Direitos humanos a partir de uma perspectiva de gênero". In: *Revista da Procuradoria Geral do Estado de São Paulo*. (53): pp. 107-139, jun 2000. www.dhnet.org.br

de homicídio, principalmente o uxoricídio, por ser o mais comum deles. Nessa cena, portanto, as relações sociais de sexo estavam marcadas pela diferença, que obrigava a julgamentos desiguais para homens e mulheres.

Na cena de crimes, bem como nas oito cenas anteriores, buscamos levantar, através da análise do discurso de Lima Barreto, um conjunto de imagens que funcionassem como representações de uma guerra dos sexos nas relações sociais em curso na cidade do Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX. E quais outras representações seriam significativas para fazer parte do inventário de imagens que buscamos elaborar nesse capítulo? Uma outra pesquisadora, com um outro olhar, certamente encontraria outras imagens.

CAPÍTULO 4

TROÇA E CAMPANHA: MISOGINIA E RESISTÊNCIA NAS RELAÇÕES SOCIAIS DE SEXO

Ainda não!
Por favor, meu amor, um segundinho
Só; daqui dois dias nos casamos
Como se combinou; já está tratado
O casamento e tudo; já cosi
Meu vestido de noiva, comprei véu...
Vamos fazer assim como Deus quer
Não é mesmo?

Vinicius de Moraes[593]

Se acaso me quiseres
Sou dessas mulheres...
Mas na manhã seguinte
Não conta até vinte
Te afasta de mim
Pois já não vales nada
És página virada
Descartada do meu folhetim.

Chico Buarque de Hollanda[594]

Datados de cerca de cinqüenta anos depois da época de Lima Barreto, os textos de Vinicius e Chico explicitam o jogo entre permanências e mudanças das atitudes femininas nas relações sociais de sexo. Em epígrafe, o que temos são vozes femininas dialogando, ouvidas através de discursos masculinos polifônicos. Neles, reencontramos imagens da "dualidade entre amor sonhado e sexualidade trivial"[595]. À preparação para a cerimônia formal do casamento, que incluiu a conservação da castidade "assim como Deus quer", contrapomos o posicionamento que se aproximou das relações amorosas livres de amarras como "páginas viradas". O tempo com dimensões distintas, "dois dias" e "uma noite", revelou também uma diferença no processo de aceleração nas duas situações implicadas, uma calma e outra urgente, ambas as proposições temporais ditadas pelas figuras femininas.

---

[593] Vinicius de Moraes. *Orfeu da Conceição (Tragédia carioca).* 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1960, p. 35.
[594] Chico Buarque de Hollanda. *Folhetim.* Para a peça *Ópera do Malandro.* Marola Edições Musicais, 1977.
[595] Michelle Perrot. *Mulheres públicas*, op. cit., p. 20.

Mario Pederneiras, João do Rio e Lima Barreto, os três intelectuais representando uma mesma temporalidade, a da primeira metade do século passado; Vinicius de Moraes, Chico Buarque de Hollanda e Nei Lopes, mui dignos representantes de nossa época atual, do final do século XX para cá... todos eles compareceram nessa tese para que pudéssemos exemplificar que a temática das relações sociais de sexo tem sido assunto obrigatório nos discursos masculinos.

"O binômio 'troça-campanha' é um paradoxo da modernidade que explicita as relações sociais de sexo no Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX". Retomamos a formulação inicial da tese para, nesse último capítulo, buscarmos apresentar os lugares encontrados da "troça" e da "campanha". Do inventário que elaboramos, no capítulo anterior, das imagens de uma guerra dos sexos, estabelecemos as nove "cenas" nas quais o jogo paradoxal entre a "troça" e a "campanha" nas relações sociais de sexo tinha lugar.

Sob o prisma da análise que fizemos de um discurso masculino, o de Lima Barreto, que registrou e documentou as participações de mulheres e homens nas relações sociais de sexo, identificamos duas possibilidades de resposta à formulação inicial da nossa tese.

Primeiramente, podemos relacionar a "troça" às atitudes misóginas, de um lado, e a "campanha" às atitudes solidárias, de outro lado. Nessa perspectiva, veremos que a "troça" era reveladora de um mal-estar masculino ou de um desconforto de homens como Lima Barreto em relação às lutas sociais e políticas das mulheres por mudanças no começo do século passado; enquanto isso, a "campanha" representava uma atitude de adesão masculina a essas mesmas práticas de resistência da população feminina naquele espaço-tempo.

Uma segunda possibilidade de resposta à questão inicial da tese é a que transversaliza os lugares da "troça" e da "campanha", para descobrir os sentidos ocultos

numa e noutra formação discursiva. Nesse caso, a intenção da "campanha" era a de manutenção da tradição, isto é, de defesa do confinamento das mulheres no espaço privado do lar, indicando "uma relação pedagógica, paternalista, de subordinação"[596] da mulher-sexo-frágil frente ao homem-todo-poderoso. E o esperneio autoritário da "troça", na intenção de sufocar, acabava por revelar a emergência de novas atitudes, de mudanças nas relações sociais, de enfrentamentos para a conquista de direitos e novos espaços de cidadania pelas mulheres.

Sobre a misoginia, parece-nos interessante considerar o período *fin-de-siècle* da década de 1890 como ponto de partida em nossa análise. Começamos por observar aquela primeira "marginália"[597] de um Lima Barreto, entre os seus treze e vinte anos de idade, quando experimentava a virada do século XIX para o XX, em uma época de mudanças significativas, especialmente para quem vivera grandes mudanças de ordem política e continuava participando das transformações que ocorriam na cidade-capital brasileira com a instalação da República.

Da leitura dessa "marginália" inaugural, destacamos um conjunto de textos que compõe o "Anexo 2 – Primeira Marginália (1894-1909)". No material, avaliamos ter encontrado uma chave para pensarmos que, como não poderia deixar de acontecer, o comportamento misógino nas relações sociais de sexo já figurava como objeto de reflexão para o jovem Lima Barreto. Essa "Primeira Marginália"[598] reúne dezesseis textos,

---

[596] Margareth Rago. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*, op. cit., p. 67.

[597] Lima Barreto. *Álbum de recortes de jornais e revistas: poesias, textos gramaticais, ciência popular, humorismo, crônicas etc. [1894-1909]*. Fundação Biblioteca Nacional. Seção de Manuscritos. Coleção Lima Barreto. Série papéis pessoais. Trata-se de um caderno contendo recortes colados, com registro do período da recolha do material, mas sem preocupação com a indicação da origem e do autor de cada texto. Estamos, portanto, diante de uma fonte da *recepção* de Lima Barreto aos textos publicados no período 1894-1909 e aos quais ele teve acesso, considerando importante recortá-los e conservá-los.

[598] Tratamos das diferentes "Marginálias" de Lima Barreto no Capítulo 1.

identificados no “Anexo 2” pelos numerais romanos de I a XVI, transcritos tal como os encontramos, na íntegra, com exceção de três deles (os textos X, XIII e XVI), dos quais transcrevemos os fragmentos mais significativos, uma vez que esses textos são extensos.

Segundo M. Bakhtin, “Toda época, em cada uma das esferas da vida e da realidade, tem tradições acatadas que se expressam e se preservam sob o invólucro das palavras, das obras, dos enunciados, das locuções, etc.”[599]. A produção da “Primeira Marginália” resultou da atividade leitora de Lima Barreto e, nessa perspectiva, tratamos esse conjunto como representativo de enunciados nos quais Barreto apoiou-se e inspirou-se inicialmente. Assinalamos a predominância de um gênero do discurso primário (simples)[600], que estamos classificando como “anedota”, no qual observamos uma forte intenção de produzir como efeito de sentido o “aforismo”.

Assim, na anedota e no aforismo, aquela entendida como “relato sucinto de um fato jocoso ou curioso”, e esse, como “sentença moral breve e conceituosa; máxima”[601], identificamos a presença de “uma notável perenidade do discurso misógino”[602], conforme também constatou M. Dottin-Orsini em textos e imagens da década de 1890 na Europa, nos quais “a palavra masculina repisa um Eterno feminino que ela própria forjou, lustrando e relustrando-a sem parar”[603]. O trabalho da pesquisadora francesa, ao se debruçar sobre “textos híbridos”, caracterizados pela “ausência de ‘especialidade”, e que se propõem a analisar “os costumes contemporâneos”, às vezes veiculando “divertidos absurdos”, reforçou nossa intenção de valorizar essa Primeira Marginália barretiana como fonte de nossa

[599] Mikhail Bakhtin, op. cit., p. 313.
[600] Ibidem, p. 281.
[601] Para definir os termos “anedota” e “aforismo”, estamos utilizando as acepções dos verbetes de dicionário. Ver: *Dicionário eletrônico Antonio Houaiss*.
[602] Mireille Dottin-Orsini. *A mulher que eles chamam fatal: Textos e imagens da misoginia fin-de-siècle*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996, p. 19.
[603] Ibidem, p. 20.

pesquisa, mesmo diante das dificuldades enfrentadas para encontrar a origem e a autoria de todos os textos que a compõem.

À exceção de cinco textos[604], os demais integram o subconjunto correspondente ao gênero "anedota", que destacamos nesse momento, para assinalar que, em dez dessas onze anedotas, encontramos as evidências mais contundentes, em tom zombeteiro, da "troça" misógina no "campo fechado da guerra dos sexos"[605] que visavam representar as mulheres como perigosas.

Presas ao diabo pelas próprias jóias, que formavam os anéis de uma cadeia[606], as mulheres só conseguiam ser dignas como esposas e viúvas uma única vez[607] e, quando loucas, eram capazes de matar sem qualquer remorso uma "doida velha" que dizia estar cansada da vida[608]. As mulheres raptadas[609] eram descartadas friamente pelos seus maridos, que ameaçavam de morte os raptores caso eles as devolvessem. Mais perigosas ainda eram as mulheres letradas[610], pois deixavam de cuidar dos botões das ceroulas dos maridos para se dedicarem a escrever rimas ou ingressarem na política. Como as rosas, que têm espinhos, as

---

[604] São eles: I, VIII, X, XI e XVI, de acordo com a numeração correspondente ao "Anexo 2" da tese. O texto I é uma poesia em estilo parnasiano de Ulysses Vianna sobre uma cena do amor entre Cleópatra e Marco Antônio, testemunhada por Charmion, uma escrava da rainha egípcia. O VIII é um artigo apócrifo que reconta um outro artigo igualmente apócrifo, publicado anteriormente em um suposto jornal australiano, referente a "um acto de heroicidade e devoção humanitária" praticado naquela terra por "uma jovem amazona" da nacionalidade do colonizador, ou seja, inglesa. O texto X é também um artigo apócrifo, entitulado "Os amores de Carlota Joaquina", de condenação impiedosa à esposa de D. João, no qual são empregados argumentos supostamente de base documental para sustentar o ponto de vista do articulista, como a referência a "um folheto publicado em Paris em 1833". O texto XI é "A Marcellina", de autoria do consagrado escritor Arthur Azevedo, um "ligeiro conto" com claras intenções moralizadoras. E o XVI é um artigo escrito para comentar um outro artigo publicado em um número recente da *Revue des Revues*, de autoria de Guillaume Ferrero, cujo tema é "o novo celibato" ou o "Terceiro sexo" (o título da matéria), para distinguir o comportamento celibatário dos homens daquele das mulheres solteiras que se dedicam a tarefas filantrópicas de natureza não-religiosa nos "países civilizados".
[605] M. Dottin-Orsini, op. cit., p. 135.
[606] Anexo 2 – Primeira Marginália, Texto IV.
[607] Ibidem, Texto V.
[608] Ibidem, Texto III.
[609] Ibidem, Texto IX.
[610] Ibidem, Texto XII.

mulheres conhecidas tinham imperfeições ou amarguras que as desconhecidas não possuíam[611], e essas, ao serem retratadas por um pintor, o resultado era um quadro mais valioso, como obra-prima da criação e como bem material, do que o retrato de um *lord* inglês ou de uma daquelas "sogras-camafeus". E se ousassem imitar "a illustre escriptora conhecida por George Sand"[612], as mulheres corriam o risco de serem não apenas desmascaradas por homens como também obrigadas a desistir dessa empreitada, jurando nunca mais usar calças. Fossem elas "pecadoras diabólicas"[613] ou "mulheres-mães dessexualizadas"[614], as mulheres eram sempre perigosas, segundo a representação que tinham no "discurso burguês"[615], do qual as anedotas da Primeira Marginália eram textos exemplares.

"Divorciemo-nos"[616], embora seja uma anedota, precisa ser analisado separadamente, por conter a "troça" que desvela atitudes novas, modernas na vida conjugal. De início, o texto apresentou o contexto da possibilidade do divórcio como um terceiro direito para "os afortunados cidadãos desta livre pátria", que se somava aos dois anteriores, o do casamento e o do voto, este negado às mulheres brasileiras até 1932. A seguir, no debate sobre as vantagens e desvantagens do divórcio na perspectiva masculina, a anedota abordou os dois pontos de vista, a favor e contra, apresentando argumentos cinicamente misóginos e desfavoráveis às mulheres, em qualquer um dos dois posicionamentos. A parte final da anedota é a mais interessante, pelo conteúdo moderno que trouxe para as relações sociais de sexo. O divórcio seria o remédio para o inevitável tédio que sobrevinha à rotineira vida conjugal, para homens e para mulheres. No diálogo entre um casal, que encerrou a anedota,

---

[611] Ibidem, Texto XIII.
[612] Ibidem, Texto XIV.
[613] Ibidem, Texto VI.
[614] Ibidem, Texto II.
[615] Margareth Rago. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*, op. cit., pp. 82-83.
[616] Anexo 2 – Primeira Marginália, Texto XV.

destacamos uma passagem que explicitou, na tensão da "guerra dos sexos", uma mulher insubmissa com consciência da relação desgastada:

> - Ah! minha querida! acabo de ter uma idéa luminosa!
> A mulher, com indifferença:
> - Uma idéa? tu? parece incrivel! Dize-a![617]

O segundo e último subconjunto da Primeira Marginália, composto de cinco textos que não pertencem ao gênero anedota, passa a ser analisado a partir de agora.

Na poesia "O sonho de Cleópatra"[618] e no artigo "Os amores de Carlota Joaquina"[619] destacamos o protagonismo de duas figuras femininas reais e famosas. Utilizadas como modelos de comportamento, com atribuição de valor positivo ou negativo, segundo o ponto de vista masculino, as personagens Cleópatra e Carlota Joaquina eram demonstrativas da "dualidade entre amor sonhado e sexualidade trivial"[620]. Coube à personagem Cleópatra, no poema assinado por Ulysses Vianna e dedicado ao parnasiano Coelho Neto, o papel de musa idealizada, "uma mulher olympica e sagrada", uma "Rainha" que "sonha" com o "amor immaculado" que lhe "entrou n'alma". A mulher de D. João VI foi identificada, "por facto adquirido para a História", e de acordo com testemunhos, dentre os quais o de "um consciencioso historiador portuguez, o sr. Fonseca Benevides", como "uma esposa indigna d'este nome", despudorada, "dissoluta, de gostos vis e baixos", enfim, a "princeza" Carlota Joaquina tornou-se uma "Messalina" portuguesa.

---

[617] Ibidem, Texto XV.
[618] Ibidem, Texto I.
[619] Ibidem, Texto X.
[620] Michelle Perrot. *Mulheres públicas*, op. cit., p. 20. Cleópatra seria "a imagem muito mais tentadora da mulher-emblema", a mulher ideal romântica, inatingível, mais distante no tempo e no espaço da antigüidade egípcia. Carlota Joaquina seria a representação da "sexualidade cotidiana", realista, sensual e contemporânea no que se referia à coragem e energia para enferntar os embates do seu tempo.

De modos distintos, dois outros artigos da Primeira Marginália tratavam da atitude filantrópica como uma característica própria do sexo feminino. No primeiro artigo[621], vimos a tradicional "heroicidade e devoção humanitária de uma jovem inglesa", uma certa "Miss Grace Vernon Russel", que dispôs-se a salvar um grupo de náufragos em longínquas praias da Austrália. O segundo artigo[622] apareceu como uma reflexão feita com base em um artigo de Guillaume Ferrero[623], publicado no primeiro número daquele mesmo ano da *Revue des Revues*. O título surpreendente, "O Terceiro Sexo", referia-se "à formação de um novo celibato, sem base religiosa", surgido "em todos os países civilizados", e devido à "dificuldade de casamento" enfrentada pelas mulheres. Segundo a opinião do articulista, o celibato não alteraria a psicologia dos homens, que teriam como estabelecer outras relações socias de sexo através das práticas femininas do adultério ou das "mercadoras de esbórnia". No caso das mulheres, o celibato alteraria sua psicologia, pois o sexo feminino ganharia em poder o que perderia nas relações sociais de sexo em castidade ou na "supressão da maternidade".

O último texto da Primeira Marginália, "A Marcellina", trazia a assinatura do dramaturgo, poeta, contista e jornalista Arthur Azevedo (1855-1908). Tratava-se de um "conto ligeiro" com três personagens, um homem e duas mulheres. O "Dr. Pires de Aguiar"

---

[621] Anexo 2 – Primeira Marginália, Texto VIII.
[622] Ibidem, Texto XVI.
[623] Guillaume Ferrero aparece na companhia de Cesare Lombroso como autores de "La donna deliquente: La prostituta e la donna normale", de 1893, no livro *"Race", Writing, and Difference*, editado por Henry Louis Gates, Jr., pela The University of Chicago Press, 1985. Guillaume Ferrero é também apresentado como um conhecido antropólogo e psicólogo do final do século XIX, autor de inúmeros artigos baseados em estudos etnográficos que apresentavam conteúdos racistas pela comparação entre a superioridade da civilização ocidental e a inferioridade do mundo selvagem, primitivo e bárbaro situado fora dela. Ver: Michal Frenkel e Yehouda Shenhav. "Decolonizing Organization Theory: Between Orientalism And Occidentalism". Stream 18: - Postcolonial Stream Proposal. CMS 3. Department of Sociology and Anthropology The Hebrew University of Jerusalem / Department of Sociology and Anthropology Tel Aviv University, 2003. www.mngt.waikato.ac.nz/ejrot/cmsconference/2003/proceedings/postcolonial/Frenkel

era advogado, rico, elegante, um desses "solteirões que se conservam rapazes durante trinta annos", e que "tinha um fraco pelas mulheres de theatro" por pura vaidade. Marcellina tinha sido o que, no tempo da narrativa, Glorinha se tornara: a atriz da vez na longa lista de pequenas ou grandes celebridades que passaram pela vida do Dr. Pires. As duas mulheres se encontraram quando Marcellina, não mais atriz mas então uma modesta costureira, atendeu Glorinha em seu camarim. A última cena do conto, um diálogo entre Glorinha e Marcellina, apontou a opção pela arte como um caminho mais venturoso para as mulheres do que as relações sociais de sexo:

> - Ah! eu também já fui bem feita de corpo, mas... não tive juizo; fiei-me de mais nos homens. Se quer aceitar um conselho, filha, preste mais attenção á sua arte do que a todos esses... gajos, que fazem das mulheres um objeto de luxo e nada mais. Só assim a senhora evitará o hospital e a miseria.[624]

A essa leitura de afirmação de uma atitude de resistência das mulheres, podemos contrapor uma outra possibilidade, de condenação daquelas mulheres que, como Marcellina, escapavam do espaço privado do lar para se lançarem no espaço público, domínio dos homens.

Ao confrontar esses dezesseis textos que o jovem Lima Barreto recortou de periódicos na passagem do século XIX para o XX, foi possível fazermos constatações sobre os textos e imagens *fin-de-siècle* que, de alguma forma, interessaram Lima Barreto. Observamos nessa Primeira Marginália que "o discurso masculino fazia jogo duplo, o da celebração e do anátema, mesclando litanias e injúrias"[625] na construção de uma imagem de "mulher fatal-ao-homem", a qual não era apenas a que matava, mas que poderia ser a mulher megera, a depravada, a tão bela que dava medo, a louca ou a letrada. Nesse mergulho no

[624] Anexo 2 – Primeira Marginália, Texto XI.
[625] M. Dottin-Orsini, op. cit., p. 15.

feminino do discurso misógino *fin-de-siècle*, a mulher fatal era, portanto, qualquer mulher, a mulher em geral.

Nesse cenário, construído a partir de nossa interpretação da Primeira Marginália, as pequenas resistências cotidianas flagradas no discurso masculino eram bastante discretas do ponto de vista da sua quantidade. No entanto, observamos que as resistências eram contundentes, intensas, algumas vezes, furiosas, porque assim precisavam ser. O paradoxo "troça-campanha" forteleceu-se aí, nessa encruzilhada, na qual os poucos gestos de resistência tinham existência e não podiam ser ignorados. Seguindo a advertência de Compagnon, evitamos a produção de sínteses apressadas para "reduzir o equívoco próprio ao novo, como valor fundamental da época moderna"[626]. Por isso, a nossa opção pelo "paradoxo" como figura de linguagem adequada para a definição dessa tensão nas relações sociais de sexo, representada no discurso masculino, e no caso da tese, no de Lima Barreto.

Na vida cotidiana das primeiras décadas do século XX, a cena do casamento envolvia uma seqüência de imagens diversas, como uma receita para "encontrar marido", um tipo especial de corte, ou o que poderíamos chamar de uma "economia" da consumação do ato, nos "namoros ferroviários"; havia também as imagens que representavam algumas táticas utilizadas para manter relações desgastadas, subverter ordens estabelecidas ou até ultrapassar limites. Tais imagens eram reveladoras de práticas cotidianas cercadas pelo arcabouço legal relacionado à instituição do casamento. A própria lei "Do casamento", expressa no Código Civil de 1916, ao ser interpretada para que os sentidos[627] fossem

[626] Antoine Compagnon, op. cit., p. 15.
[627] Tal como a interpretação tem um papel fundamental apara a História, a interpretação do Direito é parte importante da teoria e da prática jurídicas porque: "Todo objeto cultural, sendo obra humana, está impregnado de significados, que impõem interpretação. (...) *Interpretar o Direito é revelar o sentido e o alcance de suas expressões*. Fixar o sentido de uma norma jurídica é descobrir a sua finalidade, é pôr a descoberto os valores consagrados pelo legislador, aquilo que teve por mira proteger. Fixar o alcance é demarcar o campo de

compreendidos, mostrava-se um dos espaços conservadores e reiteradores do discurso misógino em uma sociedade ainda predominantemente patriarcal.

Uma vez marcada a data e o local da cerimônia civil e pública[628] de celebração do casamento, estava implícito que os nubentes haviam preenchido todos os requisitos legais e encontravam-se, portanto, habilitados a aceitar as regras da ordem republicana para o contrato matrimonial. Como a livre vontade de casar, declarada formalmente pelos "contrahentes"[629], era suficiente para a efetuação do casamento burguês, logo, monogâmico e heterossexual, o que acontecia na "vida real" ou como "esse consentimento de livre vontade" havia sido produzido não interessava nem à lei nem tampouco ao jurista, e muito menos às famílias ou aos próprios nubentes. Para além do arranjo de "livre vontade" da cerimônia de casamento, e em torno das práticas e das representações que compunham a cena do casamento, observamos que Lima Barreto ocupou-se de registrar todo esse movimento que envolvia o desejo de casar:

> A LIVRARIA SCHETTINO, desta cidade, há tempos, editou um pequeno opúsculo de doze páginas, tipo graúdo, entrelinhado, com este soberbo título: *Quereis encontrar marido? – Aprendei!...*

---

incidência da norma jurídica, é conhecer sobre que fatos sociais e em que circunstâncias a norma jurídica tem aplicação. (...) A lei não seria produto de uma só vontade, mas resultado do *querer social*. O legislador não cria a lei em seu intelecto, apropria-se das fórmulas que a organização social sugere, para transfundi-las nos textos". Ver: Paulo Nader. *Introdução ao estudo do Direito*. 26ª ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2006, pp. 263-264 e 269.

[628] Antes mesmo do Código Civil de 1916, a ordem republicana substituiu, para fins legais, o casamento religioso pelo civil, como está expresso na *Constituição dos Estados Unidos do Brasil*, Título IV – Dos cidadãos brasileiros. Secção II – Declaração de direitos. Art. 72 š 4º - "A República só reconhece o casamento civil, que precederá sempre as cerimônias religiosas de qualquer culto". In: BRASIL. Coleção de Leis da República. Decretos do Governo Provisório. Décimo Fascículo. Rio de Janeiro. Imprensa Oficial, 1890. N. 914A.

[629] *Código Civil dos Estados Unidos do Brasil*. Parte Especial. Livro I – Do Direito de Família. Título I – Do Casamento. Capítulo IV – Da Celebração do Casamento. Artigos 192 a 194. In: BRASIL. Coleção de Leis da República dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1917. ACTOS DO PODER EXECUTIVO – N. 3071 – JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES – Lei de 1º de janeiro de 1916.

> É autor do livro uma senhora, Dona Diana D'Alteno, que, a seguir regra geral, nunca encontrou o seu.[630]

O livro editado pela Livraria Schettino serviu de mote para Lima Barreto escrever uma crônica com o mesmo título, "Quereis encontrar marido? – Aprendei!...", na qual teceu seus habitualmente irônicos comentários acerca de determinadas posições das mulheres em assuntos como o casamento. O menosprezo ao conteúdo da obra começou a ser delineado pela sua caracterização como um "pequeno opúsculo de doze páginas, tipo graúdo, entrelinhado", ou seja, uma obra modesta do ponto de vista do seu conteúdo. A seguir, Lima Barreto atacou o "autor", dizendo tratar-se de "uma senhora, Dona Diana D'Alteno", que se assemelhava "às cartomantes, aos adivinhos e quejandos", por dar aos outros o que ela própria não possuía. Temos nessa passagem citada um caso evidente de "troça misógina", utilizada para desqualificar uma mulher que se apresentava como escritora. A afirmação de que Diana D'Alteno "a seguir regra geral, nunca encontrou o seu [marido]" também fazia parte da "troça misógina" com intenção de ridicularizar as mulheres solteiras e, sobretudo, reafirmar que o destino obrigatório da mulher era o casamento. No desenvolvimento da crônica, podemos ler alguns trechos do "pequeno opúsculo", transcritos e comentados por Barreto, para neles observar os posicionamentos sob tensão que um discurso feminino e um masculino revelavam:

> Dona Diana D'Alteno começa o seu interessante opúsculo assim, deste modo, que transcrevo tal e qual:
>
> "Gentis e amáveis moças solteiras. É a vós que dedico estes meus escritos. O motivo que me induz a traçar estas linhas é um dos mais vitais, e quiçá dos mais graves".
>
> Depois desta invocação às suas caras leitoras, a autora entra de pronto no "argumento". (...)

[630] Lima Barreto. "Quereis encontrar marido? – Aprendei!...". *Hoje*, 26/6/1919. In: *Vida Urbana*, op. cit., pp. 161-164.

> Permiti, pois, que vos fale disso como cousa nova.
>
> "Se trata do terrível *dépeuplement*! a diminuição progressiva de nascimentos, que poderá um dia ser causa de tremendos conflictos entre as nações, aproveitando-se umas sobre as outras de maior a menor número de combatentes."
>
> Vejam os senhores só como esta senhora está adiantada em matéria de previsão histórica e como a sua sociologia é muito obstétrica e ginecológica. (...)
>
> A Senhora D'Alteno, ao acabar de fazer tão curiosa descoberta, não fica satisfeita. (...)
>
> Mais uma vez passo para aqui as palavras da ilustre socióloga:
>
> "Pela segunda vez, peço permissão de tomar a palavra e explicar sem *ambages* qual seja esse motivo: é a diminuição dos matrimônios."[631]

Na passagem, observamos dois posicionamentos discursivos em disputa. Nos trechos transcritos, D'Alteno estabeleceu uma relação causal entre a diminuição progressiva dos matrimônios e a redução igualmente progressiva dos nascimentos, e fez um alerta às jovens solteiras para a gravidade da situação, dedicando a elas seus escritos e chamando-as de "gentis e amáveis". No intermeio das transcrições, Lima Barreto aplicou mais uma vez sua cortante ironia nos comentários sobre a obra de Diana D'Alteno, como na antítese "interessante opúsculo" para designar o livro, na solicitação de permissão aos leitores da crônica para que falasse sobre os argumentos de D'Alteno "como cousa nova", querendo de fato dizer que os mesmos eram ultrapassados, e na qualificação da autora como "ilustre senhora".

Entre as duas posições, a da autora e a do crítico da obra, vimos que a segunda detinha maior poder de ataque, pois estava de posse de um texto publicado para nele fazer as

[631] Ibidem.

intervenções que desejasse. Assim, Lima Barreto não poupou a autora e a obra de suas críticas, demonstrando até mesmo um posicionamento mais avançado na cena de casamento:

> Peço licença para observar à ilustre senhora cousas simples. Antes, tenho a dizer que nada entendo dessas cousas sociais, mesmo em se tratando de casamentos. Não é atividade da minha seara intelectual, mas já foi dito que cada qual tem o direito de ter uma opinião e de dizê-la. Eu julgo que o casamento nada tem com o despovoamento. Pode haver multiplicação da humanidade sem ele, como pode haver com ele. O "crescei e multiplicai-vos" não subentende casamento algum. [632]

A atitude de modéstia funcionava como mais uma das estratégias discursivas utilizadas por Lima Barreto para, de um lado, sustentar sua opinião com ironia, e de outro, "ter" os leitores mais próximos dele, como aliados. A referência à redução de combatentes pela diminuição de nascimentos devia-se ao fato de que o mundo vivia os meses que sucederam a I Guerra Mundial e ainda estava sob seus efeitos. A desvinculação entre casamento e povoamento estaria em desacordo com o posicionamento tradicional e até mesmo oficial, defendido pelo novo regime republicano, que pregava a legalização ampla dos casamentos existentes e por existir como um ato jurídico próprio do "Direito da família". A celeuma entre quem queria ou quem não queria, quem tinha medo ou quem escolhia muito, de quem era a culpa, do homem ou da mulher, trouxe para a cena do casamento um tom de humor. Em seguida, esse efeito de humor foi quebrado pelo restabelecimento, assumido conjuntamente pela escritora citada e pelo cronista, do psicionamento conservador de sujeição das mulheres ao papel de mães, "a maior vitória que glorifica a mulher":

> Afirma Dona Diana que "o *homem* (o grifo é dela) tem medo do matrimônio. Um sacro terror se apoderou dele a tal palavra".

[632] Ibidem.

> Ainda uma vez peço licença à ilustre autora para discordar. O "homem" não tem medo do matrimônio; o "homem" o quer sempre. A culpa é da mulher que escolhe muito. Se ela casasse com o primeiro que encontrasse, a tal história não se daria. (...) Vai ver a ilustre autora como me vai dar razão nas suas penúltimas palavras que são estas:
>
> "Permanecei 'mulher', se quereis um dia ser mãe – a 'Maternidade!' é esta a maior vitória que glorifica a mulher; é esta a sua grandiosa obra."[633]

O pedido reiterado de "licença à ilustre autora para discordar" continuou demarcando os dois posicionamentos como diferentes e opostos, além de indicar que o de Barreto era o que melhor se adequava ao mundo moderno. No entanto, o comentário seguinte introduziu a "troça misógina" no discurso irônico de Lima Barreto. Começando pela referência ao texto legal acerca dos limites da cidadania feminina e chegando ao cumprimento final à "Dona Diana D'Alteno", o discurso barretiano funcionou com "carga afetiva máxima" para atacar corrosivamente as mulheres, especialmente as que ousavam disputar o espaço com ele e ser escritoras:

> Mulher não é, no nosso direito cidadão.
>
> Está sempre em estado de menoridade. Por aí iria longe; por isso convém parar. (...)
>
> Krafft-Ebbing diz, não sei onde, que a profissão da mulher é o casamento; por isso cumprimento Dona Diana D'Alteno por ter escrito o seu interessante opúsculo – *Quereis encontrar marido? – Aprendei!...*[634]

Na passagem, Lima Barreto colocou em cena a não-cidadania ou o "estado de menoridade" que subjugava as mulheres do ponto de vista da legislação[635] e, citando de modo vago o

---

[633] Ibidem.
[634] Ibidem, p. 164.
[635] O Código Civil de 1916 considera "As mulheres casadas, enquanto subsistir a sociedade conjugal" como "incapazes, relativamente a certos atos, ou à maneira de os exercer", do mesmo modo que "os pródigos" e "os silvícolas". Tal dispositivo legal acarreta, como um de seus desdobramentos, que "A mulher não pode, sem autorização do marido, exercer profissão". Ver: BRASIL. Portal da Câmada dos Deputados. Coleção das Leis da República dos Estados Unidos do Brasil de 1916, Volume I. Atos do Poder Executivo. Rio de Janeiro,

discurso de autoridade de um nome pelo menos estranho como o de Krafft-Ebbing[636], acabou por atacar com a mais contundente das "mordidas" misóginas. No final do percurso da crônica, Lima Barreto aproximou sua opinião à de Diana D'Alteno, cumprimentando-a pelo seu "interessante opúsculo". Para defender seus direitos legais, garantidos pelo Código Civil[637], Barreto abriu mão de suas avançadas opiniões, retornando – ou, quem sabe, assumindo – o posicionamento a favor de que "a profissão da mulher é[era] o casamento". Da leitura que fizemos da crônica "Quereis encontrar marido? – Aprendei!...", podemos destacar a oposição entre casamento e vida pública, e definir a "troça misógina" como um discurso irônico marcado por "sexualizações"[638], que ocupava um dos lados mais "cortantes" do paradoxo da modernidade "troça-campanha".

A crônica "Os uxoricidas e a sociedade brasileira" está de volta, dessa vez na cena do casamento, para focalizar um paradoxo, que consistia na ampla defesa de mudanças na esfera do corpo, do espírito e dos pensamentos, enquanto as inclinações sentimentais e o amor continuavam estabelecendo uma hierarquia social rígida nas relações dos sexos:

> Estamos a toda a hora mudando; não só nós, como a própria natureza. As variações do nosso eu, de segundo para segundo, são insignificantes; mas em horas, já são palpáveis; em meses, já são ponderáveis; e, em anos, são consideráveis. Não é só o corpo que muda; mas também é o nosso espírito e o nosso pensamento. Que se dirá, então no tocante às nossas

---

Imprensa Nacional, 1917. N. 3071 – JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES – Lei de 1º de janeiro de 1916 – *Código Civil dos Estados Unidos do Brasil*. Livro I – Das pessoas, Título I – Da divisão das pessoas, Capítulo I – Das pessoas naturais, Artigo 6 e Título II – Dos efeitos jurídicos do casamento, Capítulo III – Dos direitos e deveres da mulher, Artigo 242.

[636] O psiquiatra e sexólogo austro-alemão Richard von Krafft-Ebing (1840-1902) escreveu e publicou diversos artigos mas ficou mais conhecido pela obra *Psychopathia Sexualis*, publicada em 1886, uma referência para as áreas de medicina e de direito, mas que tornou-se bastante popular.
http://en.wikipedia.org/wiki/Richard_von_Krafft-Ebing

[637] *Código Civil dos Estados Unidos do Brasil*, op. cit., "Artigo 2. Todo homem é capaz de direitos e obrigações na ordem civil." Desse artigo, excluem-se "os absolutamente incapazes", como "os menores de dezesseis anos" e "os loucos de todo gênero", e "os incapazes, relativamente", como "as mulheres casadas". As "mulheres solteiras" submetem-se ao "pátrio poder".

[638] Linda Hutcheon, op. cit., p. 24.

> inclinações sentimentais, e, sobretudo, nesta parte tão melindrosa de amor, no que se refere à mulher? (...)
>
> Em geral, na nossa sociedade burguesa, todo o casamento é uma decepção. É, sobretudo, uma decepção para a mulher. A sua educação estreitamente familiar e viciada pelas bobagens da instrução das Dorotéias (jesuítas de saia) e outras religiosas; a estreiteza e monotonia de suas relações, numa única classe de pessoas, às vezes mesmo de uma só profissão, não dão às moças, que, comumente, se casam em verdes anos, critério seguro para julgar os seus noivos, senão os exteriores da fortuna, títulos, riqueza e um nome mais assim.[639]

A generalização do conceito de casamento como uma decepção e, "sobretudo, uma decepção para as mulheres" na sociedade burguesa parece-nos ser uma das principais teses de Lima Barreto. Na passagem, ele justificou a decepção feminina com o casamento pela inexperiência das moças no trato com a diversidade de relacionamentos e pela educação que recebiam, inadequada aos novos tempos. Observamos que Lima Barreto estava chamando a atenção para o distanciamento existente entre a vida privada e a vida pública, que fazia parte da experiência urbana das mulheres de seu tempo, tornando a "mocinha casadoira" prisioneira no espaço doméstico e, conseqüentemente, suscetível de sofrer decepções amorosas e de outras ordens. O "ato do casamento" funcionava como uma porta de passagem para o conhecimento de novos e diferentes ângulos das relações sociais de sexo, resultando costumeiramente em sentimentos afinados com a decepção:

> Mas quando eles se despem, um diante do outro; quando eles consumam o ato do casamento; a mulher ganha logo um outro sentido, muda não só de corpo, ancas, seios, olhar, etc., mas de inteligência e pode julgar então, com muita penetração, o que é e vale o seu senhor para toda a vida. O menor defeito dele, devido ao sentimento da perpetuidade de sua submissão àquele homem, amplia-se muito; e ela se aborrece, sente a longa vida que ainda tem de viver, sem uma significação qualquer, sem sentido algum, sem alegria, sem

[639] Lima Barreto. "Os uxoricidas e a sociedade brasileira", op. cit., p. 172.

> prazer. O homem quando chega a esse semi-aniquilamento da Esperança, tem o álcool, a orgia, o deboche, para se atordoar; a mulher só tem o amor. Vai experimentar e, às vezes, é feliz.
>
> Nós todos conhecemos desses casais irregulares que têm vivido longas vidas felizes; às vezes, porém, não é e é assassinada broncamente, sem o perdão dos parentes, das amigas, das conhecidas, de ninguém![640]

Para homens e para mulheres, a decepção no casamento[641] era uma experiência comum que produzia mudanças, só que de naturezas distintas. Enquanto os homens mergulhavam ainda mais na vida pública e se atordoavam no álcool, na orgia, no deboche, as mulheres refugiavam-se na vida privada e buscavam o amor para superar o tédio, a infelicidade, o desprazer; e em nome do amor, as relações sociais de sexo podiam assumir o formato dos "casais irregulares"[642] que, nas palavras de Lima Barreto, viviam uma felicidade duradoura até que um dia a mulher tornava-se mais uma vítima de assassinato e, ao mesmo tempo, era considerada culpada pelo seu ato, sem direito à solidariedade de ninguém.

Um dos ingredientes da cena do casamento era, portanto, a decepção da mulher[643], que sobrevinha aos primeiros momentos de vida conjugal. Como demonstrou Engels, "a

---

[640] Ibidem.

[641] Para comprovar a existência da decepção no casamento, no período entre 1918 e 1922, e correspondendo aos registros das Varas Cíveis de 1ª à 6ª, o Procurador Criminal registrou a seguinte estatística: "Desquite (74), Separação de corpos (90), Nulidade de casamentos (8), Desquite e anulação de casamentos (12), Investigação de paternidade (2) e Divórcio (26)". Podemos considerar as relações sociais de sexo em sua amplitude e, então, acrescentar outros dados a essa estatística, oriundos das Varas Criminais: "Sedição (1), Defloramento (40), Estupros (9), Atentado ao pudor (16), Bigamia (1), Provocação de Aborto (1) e Lenocínio (43)". Ver: BRASIL. Ministério da Justiça. Relatórios Ministeriais (1918-1922). Relatórios da Justiça e Negócios do Interior. Seção de Periódicos, FBN (Fundação Biblioteca Nacional).

[642] Observamos na citação anterior as possibilidades para que homens e mulheres regularizassem sua situação, dentro dos dispositivos da legislação. "O divórcio nunca se tornou uma questão maior [nem mesmo] dentro dos círculos feministas brasileiros no início do século XX, pois o desquite já satisfazia a mulheres e homens da nação". Ver: June E. Hahner. *Emancipação do sexo feminino: A luta pelos direitos da mulher no Brasil. 1850-1940*. Florianópolis: Ed. Mulheres, Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003, pp. 251-253.

[643] Sobre os direitos legais da mulher casada, citamos o Art. 248 do Código Civil de !916: "Independentemente de autorização, pode a mulher casada: (...) VI. Promover os meios assecuratórios e as ações, que contra o marido lhe competirem, em razão de dote, ou de outros bens dela sujeitos à administração marital; VII. Propor a ação anulatória do casamento; VIII. Propor a ação de desquite". Em relação aos direitos e deveres do marido, citamos o Art. 233: "O marido é o chefe da sociedade conjugal. Compete-lhe (...) V. Prover a mantença da

peculiaridade do progresso manifestado nessa sucessão de formas de casamento [do casamento por grupos até a monogamia] consiste em que se foi tirando cada vez mais às mulheres, mas não aos homens, a liberdade sexual do casamento por grupos"[644]. Em comparação ao homem, a maior decepção da mulher no casamento monogâmico era inversamente proporcional à sua "menoridade" legal e econômica. No entanto, a procura pelo casamento permanecia sendo uma atividade comum a homens e mulheres, o que Lima Barreto também relatou em suas crônicas, como em "O Trem dos Subúrbios", na qual ele descreveu os jogos de sedução que moças e rapazes experimentavam no espaço público, visando alcançar a vitória, representada pelo casamento:

> Pelo correr do dia, porém, ele [o trem] se torna mais pitoresco. É a hora em que descem as moças e a hora dos namoros ferroviários.
>
> No subúrbio, como em todos os bairros, há rapazes, cuja única esperança está no casamento. Sem ofício nem benefício, vivendo de profissões equívocas ou de expedientes, eles esperam a paixão salvadora de uma pequena de boa ascendência, para se colocarem. Semelhante gente vive de um modo singular. Do pai, obtém casa e comida, graças à ternura da mãe; e, lançando mão deste e daquele recurso, conseguem dinheiro com que pagam ternos a prestações e mais peças de vestuário. A esperança deles está no casamento, porque contam com duas coisas: os pais têm necessidade de descartar-se das filhas casadeiras. Para conseguirem isso precisam de genros; e, estando os candidatos desempregados, os pais amoráveis tratam de empregá-los. Eis aí.[645]

Na passagem, Lima Barreto fez a inversão de expectativas, incluindo os rapazes de "todos os bairros", e não apenas os suburbanos, nas práticas que levassem ao casamento, entendido

---

família". Ver: BRASIL. *Código Civil dos Estados Unidos do Brasil*, op. cit. Título II – Dos efeitos jurídicos do casamento, Capítulo II – Dos direitos e deveres do marido e Capítulo III – Dos direitos e deveres da mulher.

[644] Friedrich Engels. *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. São Paulo: Editora Escala, s.d., p. 80. (Col. Grandes Obras do Pensamento Universal – 2). A 1ª edição da obra é de 1884.

[645] Lima Barreto. "O Trem dos Subúrbios", op. cit., pp. 243-244.

como “única esperança” para eles “se colocarem”, ou seja, conseguirem um emprego como parte do dote, uma intenção que também foi reapresentada na crônica “Novidades”:

> Até bem pouco tempo, o interesse principal do casamento, a sua virtude primordial era arranjar uma noiva rica que nos pagasse as dívidas. (...)
>
> Tenho um conhecido que se casou numa igreja de arrabalde afastado, não fez convites, foi quase à capucha, mas, ao entrar na igreja, ficou admirado com a numerosa assistência: eram os credores que a enchiam.
>
> Parecia que era regra geral que os homens procurassem casar para fazer a operação de crédito, muito simples de saldar as suas contas.[646]

Na descrição da cerimônia, os elementos utilizados para caracterizar um casamento realizado às escondidas – a inexistência de convites e o local afastado –, além da frase que sintetizou a situação – “foi quase à capucha” – não estavam de acordo com a letra da lei, que estabelecia a publicidade[647] do evento, desde os proclamas até a exigência de portas abertas no recinto, fosse ele público ou privado. O título “Novidades”, bem como a locução “Até bem pouco tempo” que abriu a citação, antecipavam mudanças interessantes, que Lima Barreto chamou de “descobertas portentosas”, dizendo que qualquer um podia fazê-las ao “ler um jornal com cuidado”:

> Quando queremos ler um jornal com cuidado, fazemos descobertas portentosas. Não há quem as não faça, por menos sagaz que seja. Veja esta só que vem no *Correio da Manhã* destes últimos dias:
>
> “J. Ferrer & Cia, negociantes, estabelecidos nesta capital, propuseram no juízo da 6ª Vara Cível, uma ação contra Álvaro de Tal e sua mulher, para o fim de condená-los a pagar a quantia de 9:607$950.”
>
> Até aí não há nenhuma novidade: mas leiam o que se segue:

[646] Idem. “Novidades”, op. cit., pp. 207-208.
[647] Sobre esse aspecto, para maiores detalhes, ver: Ver: *Código Civil dos Estados Unidos do Brasil*, op. cit.. Parte Especial, Livro I – Do direito de família, Título I – Do casamento, Capítulo IV – Da celebração do casamento, Artigos 192 e 193.

> "Alegam os autores que forneceram à ré, quando solteira, dinheiro, materiais e mão-de-obra para a construção do prédio à rua etc. Dizem os autores que, casando a ré, sem lhes haver pago o marido, morando na casa e casado em comunhão de bens, também era responsável pela dívida, que se tornou comum."[648]

A notícia de um ato jurídico até certo ponto corriqueiro, publicada no jornal *Correio da Manhã*, trazia para a cena do casamento algo pouco usual nas relações sociais de sexo. Em lugar do esperado dote, previsto na legislação, o marido recebeu a dívida que a mulher contraíra em solteira e, pelo casamento em regime de comunhão de bens, tornara-se uma dívida comum, parecendo que "As mulheres também procuram[procuravam] maridos, para liquidar as suas dívidas convenientemente"[649], analisou Lima Barreto, fazendo mais uma referência irônica ao "feminismo" como a causa de tais "novidades".

No dia-a-dia da vida conjugal eram surpreendentes as táticas que as mulheres conseguiam colocar em prática, ao "mobilizar uma parte de seus meios para produzir efeitos de astúcia"[650] e, sobretudo, de resistência no âmbito das relações sociais de sexo, como observamos na crônica "Novidades" e, a seguir, veremos nas crônicas "A Cartomante" e "A Pescaria". Em "A Cartomante", temos a situação inicial de um marido envergonhado por não ser capaz de cumprir as suas funções de provedor:

> Não havia dúvida que naqueles atrasos e atrapalhações de sua vida, alguma influência misteriosa preponderava. Era tentar ele qualquer cousa, logo tudo mudava. Esteve quase para arranjar-se na Saúde Pública; mas, assim que obteve um bom "pistolão", toda a política mudou. Se jogava no bicho, era sempre o grupo seguinte ou o anterior que dava. Tudo parecia mostrar-lhe que ele não devia ir para diante. Se não fossem as costuras da mulher, não sabia bem como poderia ter vivido até ali. Há cinco anos que não recebia vintém de

[648] Lima Barreto. "Novidades", op. cit., pp. 207-208.
[649] Ibidem.
[650] Michel De Certeau, op. cit., p. 101.

> seu trabalho. Uma nota de dois mil-réis, se alcançava ter na algibeira por vezes, era obtida com auxílio de não sabia quantas humilhações, apelando para a generosidade dos amigos.[651]

Como atenuante para seu fracasso, o marido deslocou para as "forças misteriosas" a responsabilidade por tais "atrasos e atrapalhações de sua vida", enquanto reconhecia que a manutenção da casa era devida "aos esforços da esposa", que "saía, virava a cidade, trazia costuras, recebia dinheiro, e aquele angustioso lar ia se arrastando"[652]. Para sair dessa situação difícil em que se encontrava, o marido vislumbrou a ida a uma cartomante como a solução para "descobrir o que e quem atrasavam a sua vida":

> Saiu, foi à venda e consultou o jornal. Havia muitos videntes, espíritas, teósofos anunciados; mas simpatizou com uma cartomante, cujo anúncio dizia assim: "Madame Dadá, sonâmbula, extralúcida, deita as cartas e desfaz toda a espécie de feitiçaria, principalmente a africana. Rua etc.".
>
> Não quis procurar outra; (...)
>
> Arranjou com o primeiro conhecido que encontrou, o dinheiro necessário, e correu depressa para a casa de Madame Dadá. (...)
>
> Pelo caminho tudo lhe sorria. (...) e o mundo que até ali lhe aparecia mau e turvo, repentinamente lhe surgiu claro e doce.[653]

Na passagem, a referência aos anúncios em profusão de "videntes, espíritas, teósofos" nos periódicos cariocas revelava não apenas a existência de uma demanda como também a permanência dessas práticas de consulta oracular como marca cultural naquele espaço-tempo. E Lima Barreto trouxe um final surpreendente para a crônica:

> Entrou, esperou um pouco, com o coração a lhe saltar do peito.

---

[651] Lima Barreto. "A Cartomante". In: *Histórias e Sonhos*, op. cit., pp. 240-241.
[652] Ibidem.
[653] Ibidem.

> O consulente saiu e ele foi afinal à presença da pitonisa. Era sua mulher.[654]

Na situação narrada, podemos observar que os dois clientes eram homens, o que saía e o que entrava para a consulta com a "pitonisa". Trazemos a capa da revista "*Careta*, 29-3-1919, N. 562, Anno XII", na qual também vemos um policial em consulta a uma cartomante:

Na imagem, uma mulher (a pitonisa) lê uma imensa mão – ou seria uma "mão grande"? – de um homem (o policial), fazendo uso de uma lupa. Abaixo da imagem, temos uma legenda, com o título "A MÃO POLICIAL" e a seguinte fala: "A PYTHONIZA – Vida curta, meu amigo. Muito curta". E Gilberto Freyre não deixou de fora "a voga de

[654] Ibidem, p. 241.

cartomantes" como uma das inúmeras vogas enumeradas em seu ensaio "Ordem e progresso"[655] sobre a transição da Monarquia para a República.

A tática astuciosa, definida por De Certeau como a "arte do fraco", foi utilizada todo o tempo pela mulher, que escondeu atrás da atividade de costureira sua principal fonte de renda, a de cartomante, com a qual sustentava o lar. Como Madame Dadá, a mulher assumiu uma nova identidade, passou a manter um endereço comercial, a anunciar seus serviços de cartomante e, enfim, a exercer uma atividade profissional que, em princípio, não fazia parte nem da cena do casamento nem do universo feminil. A costura, ao contrário, era uma prática considerada "essencialmente feminina"[656] e, portanto, do âmbito da vida privada, podendo servir de meio através do qual as mulheres conseguiam ganhar algum dinheiro "honesta e humildemente" para "ajudar" o marido, sempre que ele se encontrava em dificuldades financeiras. Ao romper o jogo, tornando-se cartomante, a mulher precisou de um disfarce para fazer com que o marido, os filhos, os demais parentes e, provavelmente, até a vizinhança, continuassem a acreditar que ela permanecia jogando o jogo que as mulheres casadas deveriam jogar, ou seja, sofrer ao lado do marido, acrescentando aos seus afazeres domésticos a penitência do serviço de costureira.

Na crônica "A pescaria", a esperteza penetrou na cena do casamento pelos dois lados, ou seja, foi utilizada inicialmente pelo homem, e a mulher, em resposta, também agiu astuciosamente:

---

[655] Gilberto Freyre. *Ordem e progresso*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1990, p. CXXXVIII.

[656] As carreiras consideradas femininas, até muito recentemente, eram as de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental e as enfermeiras, no caso das mulheres que tiveram maior acesso à formação educacional, e as domésticas, as operárias, as costureiras, as datilógrafas e as telefonistas, para aquelas mulheres com menor qualificação profissional. Independentemente da ocupação, as mulheres não se livraram da condição de subalternidade. Ver: Margareth Rago. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar (Brasil 1890-1930),* op. cit., p. 65.

> O Jorge era, apesar de boêmio, um bom chefe de família.
>
> A sua mulher que lhe sabia cavalheiro e bom marido não se importava absolutamente com as suas extravagâncias. Eles viviam na maior paz e harmonia. Chegasse ele às dez, às onze ou às quatro horas da madrugada, a recepção era a mais cordial possível.[657]

Na citação, podemos observar que o casal jogava o jogo da vida conjugal harmoniosa, cujo preço mais alto era pago pela mulher, que "não se importava absolutamente" com as "extravagâncias" do marido por sabê-lo "cavalheiro e bom". A manutenção do clima de cordialidade entre os dois foi testada na situação da pescaria, cujo desfecho poderia ter sido outro, caso a ardilosidade não fosse uma prática de Eugênia e Jorge:

> Um dia pela semana santa, isto é, na quinta-feira da Paixão, Jorge chegou em casa e disse à mulher:
>
> - Eugênia, amanhã vou pescar e você me acorde cedo.
>
> Dona Eugênia recebeu a recomendação com todo o carinho e, no dia seguinte, logo pela manhã, pela madrugada, despertou o marido.
>
> Jorge saiu lépido e contente com o prazer que ia dar à cara-metade.
>
> Em chegando ao primeiro botequim, porém, abancou e pôs-se a beber. Comer e beber, a questão é começar; e ele tinha começado e continuou.
>
> Quando chegou aí pelo meio dia, lembrou-se da pescaria que tinha prometido à mulher.
>
> - Como havia de ser? Pensou ele de si para si.
>
> A canoa e os companheiros já deviam ter partido, e precisava levar os peixes.
>
> Entrou em uma confeitaria e comprou camarões, postas de peixe, siris, ostras, etc. Tomou o bonde e foi para casa. Entregou os embrulhos à mulher e foi dormir, tão cansado estava da pescaria. Às cinco horas, Dona Eugênia veio-lhe despertar:
>
> - Jorge! Jorge! Vem jantar.

[657] Lima Barreto. "A Pescaria". In: *Vida Urbana*, op. cit., pp. 261-262.

> Ele ergueu-se e foi para a sala de refeições. Quando lá chegou e viu aqueles primores de confeitaria, perguntou à mulher:
>
> - Que diabo é isso? Estamos em piquenique?
>
> A mulher acudiu:
>
> - Isto é a pescaria que tu fizeste! [658]

Enquanto Jorge circulava com desenvoltura no espaço público, Eugênia ficava confinada no espaço privado do lar, realizando as tarefas domésticas, que incluíam o atendimento às recomendações do marido, como "você me acorde cedo" para pescar no dia seguinte. Observamos que Jorge resolveu rapidamente na confeitaria o problema da pescaria que não houve; ao receber os embrulhos, entretanto, Eugênia reagiu ainda mais rapidamente, explicitando com os "primores de confeitaria" sobre a mesa do jantar que também sabia jogar o jogo da astúcia. A situação da pescaria parecia indicar que Eugênia e Jorge seriam exemplos paradigmáticos dos papéis sociais convencionais para mulheres e homens.

Na cena do casamento, encontramos uma aproximação entre a "troça misógina", dirigida à uma mulher intelectual como a escritora Diana D'Alteno e a favor do casamento como profissão para a mulher, e a "campanha misógina", que buscava proteger a "mulher-sexo-frágil" da decepção, um efeito perverso do casamento, sem contudo livrá-la da submissão à lei. O paradoxo situou-se entre esses posicionamentos misóginos e a "troça reveladora de táticas de resistência", como aquela da mulher que subverteu a lei do dote (como vimos, a procura do dote era um objetivo perseguido pelos homens), tornando comum sua dívida de solteira através do casamento, e a outra mulher que praticou em segredo a atividade de cartomante. E quanto à situação de Eugênia e Jorge? Avaliamos como um caso de "troça misógina" de mão dupla, pois a mulher respondeu com a mesma moeda o que sabia

[658] Ibidem, p. 262.

que havia sofrido, sem que, no entanto, tal atitude resultasse em qualquer mudança na hierarquia das relações sociais de sexo.

Do "pequeno opúsculo" de Diana D'Alteno, "Quereis encontrar marido? – Aprendei!...", o qual foi objeto de análise prévia também na cena do casamento, trazemos uma passagem que se insere na cena do feminismo:

> Essas suas palavras [em defesa da 'Maternidade' como a 'a maior vitória que glorifica a mulher'] vêm a pêlo agora quando várias senhoritas se assanham para entrar para a estrada de ferro, para o Tesouro, como funcionárias públicas.
>
> Há nisto vários erros, uns de ordem política, outros de ordem social.
>
> Os de ordem política consistem em permitir que essas moças se inscrevam em concurso para aspirar um cargo público, quando a lei não permite que elas o exerçam.
>
> Não sou inimigo das mulheres, mas quero que a lei seja respeitada, para sentir que ela me garante**.**
>
> Nos países em que se há permitido que as mulheres exerçam cargos públicos, os respectivos parlamentos têm votado leis especiais nesse sentido. Aqui, não. Qualquer ministro, qualquer diretor se julga no direito de decidir sobre matéria tão delicada. É um absurdo contra o qual eu já protestei e protesto.
>
> Quando era ministro Joaquim Murtinho – da Fazenda – é preciso saber – uma moça requereu inscrever-se em concurso para o Tesouro. Sabem o que ele fez, depois de ouvir as repartições competentes? Indeferiu o pedido, por não haver lei que tal autorizasse.
> Nos Telégrafos e Correios, as moças têm acesso, porque os respectivos regulamentos – autorizados pelo congresso – permitem. Nas outras repartições, não; é abuso.[659]

Na pretensão de defender o cumprimento da lei, que impedia o trabalho das mulheres em cargos públicos, a não ser nos "Telégrafos e Correios"[660], além do "Magistério", Lima

[659] Idem. "Quereis encontrar marido? – Aprendei!...", op. cit., pp. 161-164.
[660] Os cargos públicos que admitiam mulheres concentravam-se na "Secretaria do Estado dos Negócios da Instrução Pública, Correios e Telégrafos", organizada pelo Decreto N. 377 A – de 5 de maio de 1890. Do

Barreto mostrava-se um legalista intransigente, exigindo o respeito à lei "para sentir que ela me [o] garante[garantia]", evidentemente na condição de homem, portanto, de cidadão. Na passagem, pareceu-nos que Lima Barreto esquecera de outras experiências vividas por ele, nas quais fora tratado, embora fosse do sexo masculino, como cidadão de segunda classe em razão de sua ancestralidade africana e da condição social humilde. Avaliamos que o posicionamento de Barreto quanto à negação do direito amplo ao emprego público para as mulheres, além de jogar contra a concorrência pessoal, baseava-se no fato de que o funcionário adquiria "fé pública", ou seja, assumia uma posição de destaque no espaço público.

Destacamos ainda, na situação apresentada, o elogio ao ministro da Fazenda Joaquim Murtinho porque, "depois de ouvir as repartições competentes", indeferiu o pedido de uma moça para inscrever-se "em concurso para o Tesouro", objetando "não haver lei que tal autorizasse". No trato dessa mesma questão do amplo acesso das mulheres aos cargos públicos, Lima Barreto mostrou o outro lado da moeda na crônica "O Nosso Feminismo":

> É curioso observar como aqui se procede em relação aos problemas máximos das relações sociais. Questões que interessam os altos destinos, não só da Nação, mas da própria Humanidade, são resolvidos escuramente nos gabinetes de obsoletos "consultores" cuja mentalidade, se não é guiada pelo interesse, as mais das vezes o é pelo esnobismo de parecerem modernos. (...)
>
> Ainda agora o Senhor Rodrigo Otávio, que ocupa o lugar rendoso de consultor geral da república, cuja notoriedade vem de ter sido amigo de Raul Pompéia e contar, com

---

Decreto N. 372 A, seção "Do pessoal das estações", destacamos os seguintes artigos: "Art. 61. As estações telegráficas e telefônicas serão servidas por telegrafistas chefes, telegrafistas de 1ª , 2ª e 3ª classes, adjuntos, estafetas e serventes; Art. 62. Poderão receber diplomas de habilitação e ser nomeadas adjuntas as mulheres e filhas de empregados da Repartição Geral dos Telégrafos que exibirem em exame as habilitações requeridas no art. 51". Ver: BRASIL. Portal da Câmada dos Deputados. Coleção das Leis da República Federativa do Brasil. Fascículo V. Decretos do Governo Provisório. N. 372 A – AGRICULTURA – Decreto de 2 de maio de 1890 – Dá regulamento para a Repartição Geral dos Telégrafos, p. 862.

> detalhes escatológicos, como Pedro I proclamou a independência; pois ainda agora esse Senhor Rodrigo Otávio dá um parecer muito curioso sobre o direito que têm as mulheres de exercer cargos públicos.[661]

Publicada originalmente no "ABC", cerca de três meses antes da morte do autor, "O Nosso Feminismo" apresentava um título antecipador da temática. Segundo Lima Barreto, tratava-se de uma das "questões que interessam os altos destinos, não só da Nação, mas da própria Humanidade" e, dada a sua importância como um dos "problemas máximos das relações sociais", uma autoridade de grande prestígio do governo republicano não poderia agir "guiada pelo interesse" ou "pelo esnobismo de pareceres modernos". A crítica ao "parecer muito curioso sobre o direito que têm as mulheres de exercer cargos públicos" foi antecedida da apresentação de uma biografia pouco favorável do parecerista, como argumento de autoridade do cronista. Após ter desqualificado a pessoa do autor do parecer "moderno", Lima Barreto retomou no discurso o tom legalista e irônico para demolir a "obra" do Senhor Rodrigo Otávio, "consultor geral da república", assim mesmo, com letras iniciais minúsculas:

> Não se tratava bem de cargos públicos; e eu não faço a injustiça de dizer que Sua Senhoria não sabe que "escrevente de cartório" não é cargo, não é funcionário público, é simplesmente um serventuário; é alguma coisa como um servente de secretaria que sabe escrever.
>
> Deixemos, porém, isto e continuemos a analisar o seu parecer. Há dois tópicos interessantes. Um é aquele em que se refere ao Código Civil, que, no Art. 247, prescreve que "considerar-se-á sempre autorizada pelo marido a mulher que ocupar cargo público".
>
> Que jurista é esse Senhor Rodrigo Otávio! Pois ele não sabe que desde muito as nossas leis permitiram o exercício de certos empregos públicos a mulheres, nos telégrafos, nos correios e no magistério?

[661] Idem. "O Nosso Feminismo", *ABC*, 12/8/1922. In: *Vida Urbana*, op. cit., pp. 279-280.

> Isto era autorizado por lei ou regulamento com força de lei; mas meter meninas no Ministério do Exterior, no da Viação, etc., ainda não houve uma lei que tal autorizasse.[662]

A referência a um artigo do Código Civil[663] evidenciava que Lima Barreto pautava sua crítica ao "nosso feminismo" em seus conhecimentos das leis brasileiras que, de fato, excluíam as mulheres dos direitos a uma cidadania plena, embora "o exercício de certos empregos públicos", especificamente, "nos telégrafos, nos correios e no magistério" fosse legalmente permitido "desde muito"[664], ensinou Lima Barreto:

> O Senhor Rodrigo Otávio [deve saber que a mulher é] mais ou menos equivalente ao louco, ao menor, ao interdito. Está sempre debaixo da tutela e proteção de quem ela carece irremediavelmente. Quando se promulgou a Constituição de 24 de fevereiro [de 1891], foi com esse espírito que se disse que os cargos públicos eram accessíveis a todos os brasileiros: mas "brasileiros" aí são homens, conforme o espírito da época.
>
> Tenho documentos de que sempre assim pensou o governo da república, durante cerca de vinte e tantos anos.
>
> Não me move nenhum ódio às mulheres, mesmo porque não tenho fome de carne branca; mas o que quero é que essa coisa de emancipação da mulher se faça claramente, após um debate livre, e não clandestinamente, por meio de pareceres de consultores e auditores, acompanhados com os berreiros de Dona Berta e os escândalos de Dona Daltro. É preciso que isso se faça claramente, às escâncaras. Cada um, então, que dê sua opinião.[665]

---

[662] Ibidem.

[663] Lima Barreto referia-se ao Código Civil de 1916, do qual destacamos ainda o Art. 233 – O marido é o chefe da sociedade conjugal. Compete-lhe (IV) O direito de autorizar a profissão da mulher e a sua residência fora do teto conjugal; e o Art. 242 – A mulher não pode, sem autorização do marido (VII) – Exercer profissão. Ver: BRASIL. Portal da Câmada dos Deputados. Coleção das Leis da República dos Estados Unidos do Brasil de 1916, Vol. III, Actos do Poder Executivo, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1917. Lei n. 3071 – de 1º de janeiro de 1916, Parte Especial, Livro I – Do direito de família, Título II – Dos efeitos jurídicos do casamento.

[664] O magistério é um espaço de atuação profissional tradicionalmente feminino. Quanto aos telégrafos e correios, vimos que, pelo Decreto 372 A, de 2/5/1890, podiam ser diplomadas e nomeadas as mulheres e filhas de empregados das estações telegráficas e telefônicas, certamente para manter a sociedade conjugal e fortalecer as relações familiares na ordem burguesa. Ver: BRASIL. Portal da Câmada dos Deputados. Coleção das Leis da República Federativa do Brasil. Fascículo V – 1 a 31/5/1890. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional, 1898.

[665] Lima Barreto. "O Nosso Feminismo", op. cit., pp. 279-280

A representação do "espírito da época" através do texto legal era o mote para Lima Barreto protestar contra "os pareceres de consultores e auditores" e contra "os berreiros de Dona Berta [Lutz] e os "escândalos de Dona [Deolinda] Daltro", consideradas duas "pioneiras das lutas feministas no Brasil"[666] e representantes do grupo das "feministas liberais", para continuarmos usando a definição proposta por M. Rago. Observamos que, no discurso de Lima Barreto, o vocábulo "pareceres", uma produção intelectual masculina, seguido de "berreiros" e escândalos", uma produção feminina desqualificante, trouxe para a cena do feminismo uma imagem da diferença de posicionamentos para homens e mulheres nas relações sociais de sexo:

> Um outro tópico dos dois a que me referi mais acima, é aquele em que o doutor Otávio cita um alvará do Regente Dom João, "fazendo mercê" de uma escrivania a uma senhora. É engraçado que o doutor Rodrigo não veja a diferença do regimen que existia naquele tempo e o de que nos oprime hoje.
>
> Um cargo público era propriedade do rei. Ele os podia dar e vender.
>
> Hoje, porém, não é assim. Está na Constituição que eles são accessíveis a todos os brasileiros, mediante as condições que a Lei estatuir.
>
> Dom João VI podia dar um lugar de juiz a um macaco; mas o doutor Epitácio Pessoa, não. Podia ser feminista, sem congresso. Aí é que está o "busílis".[667]

Na passagem, correspondente aos parágrafos de encerramento da crônica, Lima Barreto fez uso cortante de sua ironia discursiva para desferir o ataque final ao parecer do "doutor Rodrigo" e, sobretudo, fortalecer sua defesa das mudanças em relação à nomeação plena de mulheres em cargos da administração pública unicamente segundo as "condições que a Lei

[666] Schuma Schumaher e Érico Vital Brasil, op. cit., pp. 108-112; 318-320.
[667] Lima Barreto. "O Nosso Feminismo", op. cit., p 280.

estatuir", observando que o regime republicano, ao contrário de Dom João VI, só poderia "ser feminista" com a Constituição.

Observamos que, nas crônicas de Lima Barreto, o antifeminismo do seu discurso voltava-se virulentamente contra "as borra-botas feministas que há por aí. Elas só tratam de arranjar manhosamente empregos públicos, sem lei hábil que tal permita. É um partido de 'cavação', como qualquer outro masculino", refletiu Barreto, ainda na crônica "Os uxoricidas e a sociedade brasileira", que retorna agora na cena do feminismo:

> Contra um ignóbil e iníquo estado de espírito dessa ordem, que tende a se perpetuar entre nós, aviltando a mulher, rebaixando-a ao estado social da barbaria medieval, de quase escrava, sem vontade, sem direito aos seus sentimentos profundos, e tão profundos são que ela joga no satisfazê-los, a vida; degradando-a à condição de cousa, de animal doméstico, de propriedade nas mãos dos maridos, com direito de vida e de morte sobre ela; não lhe respeitando a consciência e a liberdade de amar a quem lhe parecer melhor, quando e onde quiser; – contra tão desgraçada situação da nossa mulher casada, edificada com a estupidez burguesa e a superstição religiosa, não se insurgem as borra-botas feministas que há por aí. Elas só tratam de arranjar manhosamente empregos públicos, sem lei hábil que tal permita. É um partido de "cavação", como qualquer outro masculino.[668]

Lima Barreto atirou simultaneamente contra a degradação da condição social da mulher no casamento monogâmico burguês[669] e o acesso aos empregos públicos por mulheres. Na citação, o uso do termo "borra-botas", significando "tipo sem importância, joão-ninguém"[670], atribuiu às "feministas que há por aí" o tom "desprezador" como efeito de sentido de uma forma de "mordida" irônica que buscava uma ação "corretiva" para a situação narrada. Desse

---

[668] Idem. "Os uxoricidas e a sociedade brasileira", op. cit, pp. 172-173.
[669] "A família individual moderna está baseada na escravidão doméstica transparente ou dissimulada, da mulher (...)", refletiu Engels, além de distinguir a situação da mulher no lar proletário, desde quando "a grande indústria arrancou a mulher do lar para jogá-la no mercado de trabalho e na fábrica, convertendo-a freqüentemente em sustentáculo da família (...)". Ver: Friedrich Engels, op. cit., pp. 78-80.
[670] *Dicionário Antonio Houaiss Eletrônico*, op. cit.

modo, Lima Barreto combateu uma das opções feitas por aquelas feministas que, segundo suas palavras, descuidavam de tratar da "desgraçada situação da nossa mulher casada", contumaz vítima dos crimes de abandono, agressão física e assassinato perpetrados por seus maridos e, até mesmo, noivos.

A comparação que aproximava as intenções do feminismo daquelas de quaisquer partidos masculinos históricos buscou acentuar ainda mais as críticas de Barreto àquela "novidade" que surgira na sociedade brasileira a partir do final do século XIX. No cenário urbano do Rio de Janeiro, Lima Barreto colheu o material para debater a questão do feminismo nas andanças pela cidade, a pé ou nos transportes coletivos, exercitando seu "modo ambulatório" e, igualmente, na elaboração de sua "marginália", resultante das anotações qua fazia a partir da leitura dos periódicos e das obras que eram editadas no Brasil ou que chegavam do exterior e ele tinha algum acesso.

Avaliamos que, na última passagem citada, ao combater o ingresso de mulheres em cargos públicos, Lima Barreto aderiu ao posicionamento hegemônico, assumido conjuntamente por "industriais, poderes públicos e movimentos operários"[671], de valorização da força de trabalho masculina. Na crítica às lutas das "feministas liberais" pelo trabalho da mulher na esfera pública, Barreto saiu em defesa "da liberdade de amar a quem lhe [à mulher] parecer melhor" e, nessa questão, aproximou-se da proposta anarquista a favor do amor livre e contra o matrimônio, entendido como uma prática da ordem burguesa que serviria para "abreviar o amor"[672]. Podemos relembrar a cena do casamento, analisada anteriormente, na qual observamos a reflexão de Lima Barreto acerca do casamento como "decepção", principalmente para as mulheres.

---

[671] Margareth Rago. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*, op. cit., pp. 69-70.
[672] Ibidem, p. 105.

O moralismo, explicitado pela crítica às diferentes formas de lazer burguês, como o carnaval e o futebol, também aproximava Lima Barreto dos libertários. O posicionamento encontrado no discurso barretiano acerca das relações sociais de sexo sofria da mesma ambigüidade que, segundo M. Rago, estava presente no discurso anarquista, quando fazia "uma certa defesa dos padrões familiares e do modelo sexual burguês"[673] e, ao mesmo tempo, propunha que a luta das mulheres passasse pelo "questionamento das relações que se estabelecem no cotidiano"[674]. Eram tempos de experiências ambíguas, ambivalentes, paradoxais. Tempos modernos, portanto.

Na cena do feminismo, as imagens mais contundentes eram as que ridicularizavam as "feministas liberais", mulheres da elite e da classe média, defensoras tanto do voto feminino quanto do direito à nomeação ampla do sexo feminino em cargos públicos. No campo das relações sociais de sexo, a "troça misógina", uma ação masculina, denunciava uma imagem de autodefesa dos privilégios adquiridos (como o acesso irrestrito a empregos públicos), de falsa potência ou mesmo de fragilidade dos homens diante daquelas mulheres fortes que, mesmo agindo de modo personalista, incomodavam bastante. E as que mais incomodaram a Lima Barreto foram Bertha Lutz, cujo primeiro nome ele sempre escrevia "Berta" (sem a letra "h"), e Leolinda de Figueiredo Daltro, que ele teimosamente chamava de "Deolinda".

Mais do que o uxoricídio, nada pode ser mais misógino do que as "absolvições de uxoricidas":

> **Os uxoricidas e a sociedade brasileira**
> Uma das sobrevivências nefastas dessa idéia medieval, aplicada nas relações sexuais entre marido e mulher, é a tácita autorização

[673] Ibidem, p. 111.
[674] Ibidem, p. 99.

> que a sociedade dá ao marido de assassinar a esposa, quando adúltera. No Brasil, então é fatal a sua absolvição, no júri.
> "(...) Eu julguei um uxoricida. Entrei no júri com reiterados pedidos de sua própria mãe que me foi procurar por toda parte. A minha firme opinião era condenar o tal matador conjugal. Entretanto, a mãe... Durante a acusação fiquei determinado a mandá-lo para o xilindró... Entretanto, a mãe... A defesa do Senhor Evaristo de Morais não me abalou... Entretanto, a mãe... (...) Afinal, cedi. A mãe... Absolvi o imbecil marido que lavou a sua 'Honra', matando idiotamente uma pobre mulher que tinha todo o direito de não amá-lo mais, se o amou, porventura, algum dia, e amar um outro qualquer... *Eu me arrependo profundamente*."[675]

A complexidade das relações sociais de sexo produziu tensões entre as posições de condenação aos matadores de mulheres e de simpatia para com as mulheres que eram mães. A absolvição do "uxoricida" por ser "filho da mãe" resultou em arrependimento posterior para Lima Barreto, mas igualmente acabou por favorecer a tese conservadora de legítima defesa da honra masculina e de interdição à liberdade feminina.

> Arrependi-me e me arrependo hoje ainda [de ter absolvido um uxoricida como membro do júri popular que o julgou]; e, desde então, logo que se me oferece ocasião, tenho verberado semelhante prática, por isso que as constantes absolvições de uxoricidas dão a entender que a sociedade nacional, por um dos seus mais legítimos órgãos, a admite como normal e necessária. (...)
>
> Vão já muitos anos que eu, de calaçaria com Ari Foom, já falecido, fomos ao necrotério visitar o cadáver de uma rapariga do conhecimento daquele meu infeliz camarada, cujo *maquereau*, "por motivos de encontro de contas", conforme se suspeitou, a tinha assassinado e se suicidado em seguida, no interior de uma casa da Rua de Sant'Ana.
>
> O necrotério era no Largo da Batalha, e, ao redor, havia um poviléu de lavadeiras, cozinheiras, de desgraçadas raparigas na mais ínfima degradação social, etc., etc. Pois bem: dos grupos de raparigas dessa natureza, só se ouvia a condenação da *rôdeuse* assassinada que elas julgavam casada com o seu assassino, e isto em termos bem duros e crus, mas que eu posso por aqui em mais corteses: "Bem feito! Porque ela foi enganar o marido?"

[675] Idem. "Os uxoricidas e a sociedade brasileira...", op. cit., pp.168-171.

> Este fato muito me surpreendeu, a ponto de tomar dele notas mais desenvolvidas que ainda tenho nos meus papéis.[676]

Talvez para justificar sua atitude contraditória[677] como jurado, Barreto adicionou à crônica uma outra situação que confirmava as "absolvições de uxoricidas" como uma prática "normal e necessária" da "sociedade nacional". Reiteramos que o adultério era reconhecido pela legislação como um crime feminino, enquanto o crime de uxoricídio não era qualificado pelo Código Penal[678]. Situado nos arredores da atual Praça XV de Novembro, o antigo Largo da Batalha[679] era um dos vários largos e becos desaparecidos com a derrubada do Morro do Castelo e a ulterior construção dos modernos pavilhões destinados à exposição do 1º centenário da independência em 1922[680]. Do mesmo modo que as relações de sexo, as relações de classe estruturavam e organizavam a sociedade e, na situação narrada por Lima Barreto, ambas reproduziram uma correlação de forças na qual às tensões entre homens e mulheres, juntaram-se as contradições entre mulheres e mulheres, a ponto de grupos de mulheres públicas[681] condenarem uma mulher que fora assassinada porque julgaram-na adúltera e o assassino, vítima do adultério. E ainda, as relações sociais de sexo ultrapassavam o âmbito da esfera familiar para, outra vez, reafirmarem a supremacia masculina: "Lembro

---

[676] Ibidem, pp. 170-171.

[677] Lima Barreto foi jurado em várias ocasiões. Para exemplificar, o volume X – *Feiras e Mafuás*, das Obras de Lima Barreto, abre com uma foto contendo a seguinte legenda: "O júri da 'Primavera de sangue', vendo-se Lima Barreto assinalado no círculo. Reprodução de uma página da *Careta*, n. 120, de 17-9-1910, da Seção de Periódicos da Biblioteca Nacional".

[678] Ver nota 573, sobre o Código Penal de 1890.

[679] Brasil Gerson, op. cit., p. 19.

[680] Ressaltamos que tal evento fazia parte de um projeto maior: a exibição do Rio de Janeiro como uma cidade-capital moderna convinha a um país que, mais do que ser, desejava parecer moderno. Ver: "As Luzes da Boca-de-Cena". In: MENEZES, Lená Medeiros de. *Os indesejáveis: desclassificados da modernidade. Protesto, crime e ezpulsão na Capital Federal (1890-1930)*, op. cit., pp. 27-42.

[681] Na "esfera pública", a diferença entre os sexos explicita-se na "dissimetria das palavras e das imagens" que os termos "homem público" e "mulher pública" representam, qualificando os homens e desqualificando as mulheres nas relações sociais. Michelle Perrot alarga o conceito de "mulher pública", dizendo, por exemplo, que "a mulher do povo" é "a mais pública de todas" porque é a que mais circula no espaço público para enfrentar as questões cotidianas de sobrevivência. Ver: PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*, op. cit., pp. 7 e 47.

aqui que, quando saí do júri a que aludi mais acima, os irmãos da vítima vieram-me agradecer o ter eu absolvido o matador de sua irmã...”[682]. Assim, de acordo com a posição de seus próprios irmãos, a mulher era a criminosa e seu matador deveria ser absolvido, como de fato o foi. Para Lima Barreto, ao contrário, a “vítima” permanecia sendo a mulher:

> Continuo aqui uma **campanha** a que me impus, de combater essa toleima espiritual e sentimental que leva um rapaz como o seu colega que era o réu, a praticar o maior, e talvez o único crime absoluto, que é o homicídio, por causa de abusões e superstições burguesas, religiosas e feudais.
>
> O jovem advogado e oficial da Marinha – vem a pelo falar nisso – conforme li no jornal (Correio da Manhã, de 26 de fevereiro de 1919), disse que o réu:
>
> “Levantou o seu inexprimível grito de revolta contra esse crime de adultério que não tem nenhuma circunstância atenuante, que o desculpe”.
>
> Diga-me uma cousa, senhor tenente: e o de assassinato tem? Qual o mais grave dos dous? Qual dos dous invade sacrilegamente o domínio das forças misteriosas que nos governam? Diga-me, senhor tenente: quem tem o direito de matar? [683]

O “crime de adultério” que, para o “jovem advogado e oficial de Marinha” não tinha “nenhuma circunstância atenuante”, foi atenuado por uma confissão de Lima Barreto: “...tenho muita pena dessa **pobre moça**[684] que teve a coragem de dizer ao marido que o filho a palpitar-lhe no ventre não era do esposo. ‘Sim’, disse ela, ‘é dele, e só a ele é que eu amo”[685]. A expressão “pobre moça” pode ser traduzida pela imagem da “mulher-sexo-frágil” e, nesse caso, a campanha contra a absolvição de uxoricidas empreendida através do discurso barretiano passa a ser reveladora daquela possibilidade de campanha com intenção de

---

[682] Lima Barreto. “Os uxoricidas e a sociedade brasileira”, op. cit., p. 174.
[683] Ibidem. Grifo nosso: a palavra “campanha”, apropriada por nós para dar título e tema à tese, é própria do discurso de Lima Barreto, como vemos.
[684] Grifo nosso. A citação é da mesma crônica, “Os uxoricidas e a sociedade brasileira”.
[685] Lima Barreto colocou entre aspas a declaração da mulher: “Sim”, disse ela, “é dele, e só a ele é que eu amo”; em seguida, indicou a fonte entre parênteses: (*Correio da Manhã*, de 25-2-19).

manutenção da tradição de subordinação dessa mulher indefesa ao homem que a protege. Ao confessar que "tinha muita pena da pobre moça" e, ao mesmo tempo, sua admiração pela coragem dela, Lima Barreto também apontou o "terror do ridículo" como a motivação – essa sim, ridícula – para o uxoricídio:

> Quase sempre é esse terror do ridículo, mais, talvez, do que as sobrevivências da Honra medieva; é o pavor pusilânime do cochicho da maledicência que leva os maridos em tais condições a matar as suas mulheres infiéis. Eles não temem sofrer na sua consciência a opressão do remorso de um homicídio; eles temem os boquejos das esquinas, das confeitarias, dos botequins.[686]

Na interpretação da citação, observamos que a prática de homicídio contra as mulheres buscava punir o adultério e, com isso, manter a supremacia masculina e tornar os homens imunes aos "boquejos" no âmbito das relações sociais. Na crônica "Mais uma vez", Lima Barreto fez referência a um crime da Rua da Lapa, que trouxe "de novo à tona essa questão do adultério da mulher e seu assassinato pelo marido"[687]. Desde o título, Barreto tratou da repetição e conseqüente banalização de tal ato, que independia de classe social e até parecia ser um "direito" ou mesmo um "dever do marido, o perpetrá-lo"[688]. Àquela sociedade – que Barreto caracterizava como "hipócrita" – e à opinião do povo – que ele descrevia como "estúpida", Lima Barreto reuniu, com tristeza, o endosso profissional do Senhor Evaristo de Moraes – um jurista cuja "ilustração" e "talento" ele tanto admirava:

> No crime da Rua da Lapa, o criminoso, o marido, o interessado no caso, portanto, não alegou quando depôs sozinho que a sua mulher fosse adúltera; entretanto, a defesa, lemos nos jornais, está procurando "justificar" que ela o era.
>
> Não quero, porém, escrever romances e estou mesmo disposto a não escrevê-los mais, se algum dia escrevi um, de

[686] Lima Barreto. "Os uxoricidas e a sociedade brasileira", op. cit., p. 175.
[687] Idem. "Mais uma vez", op. cit., pp. 289-292.
[688] Ibidem.

> acordo com os cânones da nossa crítica; por isso guardo as minhas observações e ilusões para o meu gasto e para o julgamento da nossa atroz sociedade burguesa, cujo espírito, cujos imperativos da nossa ação na vida animaram, o que parece absurdo, mas de que estou absolutamente certo – o protagonista do lamentável drama da Rua da Lapa.[689]

Mais uma vez, a "metáfora teatral" serviu para apresentar "o protagonista do lamentável drama da Rua da Lapa" como um marido que se deixara levar pela corrente dominante da "atroz sociedade burguesa", assassinara a esposa e, de réu, tornara-se vítima por uma estratégica inversão de papéis inventada pela defesa, através da "atenuante" de que a mulher seria adúltera. Ao encerrar a crônica, Lima Barreto reiterou seu posicionamento contrário àquelas práticas hegemônicas de qualificação de um e desqualificação do outro crime nas relações sociais de sexo: "Toda a **campanha** para mostrar a iniqüidade de semelhante julgamento não será perdida; e não deixo passar vaza que não diga algumas toscas palavras, condenando-o"[690]. Em mais esse exemplo, estamos diante da "campanha misógina" em defesa de uma imagem de manutenção de uma relação, que está subentendida no discurso barretiano, do "homem-sexo-forte" discursivamente ativo e da "mulher-sexo-frágil" vitimizada e dependente.

Passamos a analisar outras três crônicas exemplares da "campanha', esse posicionamento que encontramos no discurso de Lima Barreto, como resultado da tarefa que ele se auto-impôs de assumir a defesa das mulheres denunciando os seus matadores no campo das relações sociais de sexo. Nos periódicos cariocas, estes entendidos como a arena de batalha de incômodas e emergentes disputas políticas, os títulos das crônicas já

[689] Ibidem, p. 291.
[690] Ibidem. Grifo nosso.

anunciavam o ponto de vista do cronista: “Não as Matem”, “Lavar a Honra. Matando?” e “Os Matadores de Mulheres”.

“Lavar a Honra. Matando?” é uma primeira versão de “Os uxoricidas e a sociedade brasileira”, que analisamos anteriormente, e foi publicada em *A Lanterna*, em 28 de janeiro de 1918, portanto, quatorze meses antes da segunda versão. Trata-se de um texto mais reduzido, do qual recortamos a seguinte citação:

> Dentre as muitas coisas engraçadas que me têm acontecido, uma delas é ter sido jurado, e mais de uma vez. (...)
>
> O júri porém não é negócio de inteligência. O que se exige de inteligência é muito pouco, está ao alcance de qualquer. O que se exige lá é força de sentimento e firmeza de caráter, e isto não há lata doutoral, que dê. Essas considerações vêm ao bico da pena, ao ler que o júri mais uma vez absolveu um marido que matou a mulher, sobre o pretexto de ser ela adúltera.[691]

Na passagem, o júri era uma instituição que se alicerçava em bases culturais, traduzidas por expressões como a “força de sentimento” e a “firmeza de caráter”, restando muito pouco para a “inteligência” ou o diploma, este chamado de “lata doutoral”, uma das expressões correntes, utilizadas por Barreto para criticar a prática do “diploma abre-te Sésamo”[692], visando a obtenção de vantagens nas relações sociais. Como já observamos, a cena de crimes guardava uma relação estreita com as práticas culturais antagônicas entre homens e mulheres, aqueles tentando manter sua dominação e estas tentando libertar-se. Em “Não as Matem”, Barreto listou algumas ocorrências de uxoricídio para demonstrar não apenas sua freqüência como também sua profunda gravidade, pois as noivas também estavam sendo assassinadas, tanto quanto as esposas:

---

[691] Idem. “Lavar a Honra. Matando?”, *A Lanterna*, 28/1/1918. In: *Vida Urbana*. São Paulo: Brasiliense, 1956, pp. 129-131. (Obras de Lima Barreto, vol. XI).

[692] Imagem própria de Lima Barreto, utilizada em diversas crônicas. Ver, por exemplo: Lima Barreto. “Extravagâncias oficiais”, *ABC*., Rio, 17/1/1920. In: *Feiras e Mafuás*, op. cit., p. 130.

> Esse rapaz que, em Deodoro, quis matar a ex-noiva e suicidou-se em seguida, é um sintoma da revivescência de um sentimento que parecia ter morrido no coração dos homens: o domínio, quand même, sobre a mulher.
>
> O caso não é único. Não há muito tempo, em dias de carnaval, um rapaz atirou sobre a ex-noiva, lá pelas bandas do Estácio, matando-se em seguida. A moça com a bala na espinha, veio morrer, dias após, entre sofrimentos atrozes.
>
> Um outro, também, pelo carnaval, ali pelas bandas do ex-futuro Hotel Monumental, que substituiu com montões de pedras o vetusto Convento da Ajuda, alvejou a sua ex-noiva e matou-a. (...)
>
> Nós já tínhamos os maridos que matavam as esposas adúlteras; agora temos os noivos que matam as ex-noivas.[693]

Podemos observar que qualquer bairro ou logradouro da cidade do Rio de Janeiro podia ser cenário para a guerra dos sexos. Após essa enumeração de casos, Lima Barreto colocou em destaque, em um breve parágrafo, a seguinte afirmação: "Todos esses senhores parece que não sabem o que é a vontade dos outros." Os "outros", nas situações narradas, eram as mulheres, cuja "vontade" existia mas era ignorada pelos "senhores". Lima Barreto ainda comparou "os tais passionais" aos "ladrões à mão armada", com a diferença de que aqueles "matam logo", sem oferecer a opção entre "a bolsa ou a vida". Na passagem, podemos interpretar que, segundo Barreto, o que se chamava de adultério deveria ser visto como a expressão de um ato legítimo de vontade extensivo às mulheres:

> Eles se julgam com o direito de impor o seu amor ou o seu desejo a quem não os quer. Não sei se se julgam muito diferentes dos ladrões à mão armada; mas o certo é que estes não nos arrebatam senão o dinheiro, enquanto esses tais noivos assassinos querem tudo que é de mais sagrado em outro ente, de pistola na mão.(...)
>
> De resto, semelhantes cidadãos são idiotas. É de supor que, quem quer casar, deseje que a sua futura mulher venha para o tálamo conjugal com a máxima liberdade, com a melhor boa-

[693] Lima Barreto. "Não as Matem", *Correio da Noite*, 27/1/1915. In: *Vida Urbana*., op. cit., pp. 83-85.

> vontade, sem coacção de espécie alguma, com ardor até, com ânsia e grandes desejos; como é então que se castigam moças que confessam não sentir mais pelos namorados amor ou coisa equivalente?
>
> Todas as considerações que se possam fazer, tendentes a convencer os homens de que eles não tem sobre as mulheres domínio que não aquele que venha da afeição, não devem ser desprezadas.[694]

Associamos anteriormente a expressão "pobre moça", usada por Lima Barreto para qualificar uma das vítimas de uxoricídio, à "campanha misógina" em defesa de posicionamentos conservadores nas relações sociais de sexo. A referência às declarações ou confissões das mulheres sobre novos desejos e afetos ou mudanças de parceiros nas relações amorosas faz parte do campo das pequenas resistências, caracterizando uma "campanha pela resistência" no discurso barretiano. Em todas as crônicas, Lima Barreto buscava, ao final, fazer uma veemente defesa de seu ponto de vista, apelando até mesmo para diferentes aspectos do imaginário cultural de seu tempo:

> Todos os experimentadores e observadores dos fatos morais têm mostrado a inanidade de generalizar a eternidade do amor. Pode existir, existe, mas, excepcionalmente; e exigi-la nas leis ou a cano de revólver, é um absurdo tão grande como querer impedir que o sol varie a hora do seu nascimento.
>
> Deixem as mulheres amar à vontade.
>
> Não as matem, pelo amor de Deus![695]

O "até que a morte os separe", utilizado como expressão canônica da eternidade do casamento ou mesmo da relação amorosa passava a significar "até que a mulher fosse abatida pelo homem, para a sociedade saber quem continuava mandando". Na "imprensa cotidiana", Lima Barreto era, ao mesmo tempo, leitor e escritor das "coisas diárias". Como deveriam reagir os leitores (certamente em muito maior número do que as provavelmente escassas leitoras) das crônicas de Lima Barreto quando estas remexiam na cena de crimes nas relações

[694] Ibidem, p. 84.
[695] Ibidem, pp. 84-85.

sociais de sexo? Em "Os Matadores de Mulheres", Barreto ousou ainda mais, informando nome, sobrenome e uma biografia desfavorável de um assassino de mulheres:

> Preocupações de outras ordens, não me têm permitido escrever sobre coisas diárias; mas este caso de Niterói, caso do Filadelfo Rocha, fez-me voltar de novo à imprensa quotidiana.
>
> Eu não me cansarei nunca de protestar e de acusar esses vagabundos matadores de mulheres, sobretudo, como no caso presente, quando não têm nem a coragem do seu crime.
>
> Eu conheço este Filadelfo desde tenente. (...)
>
> Ele é quase analfabeto, sem nenhuma inteligência, nunca fez o mínimo esforço mental; entretanto, agora, coberto pelo opróbrio de um assassinato, insinua que o fez porque o seu rival era um simples funileiro. Mas onde foi Filadelfo encontrar superioridade suficiente para julgar-se mais do que o tal bombeiro? Este Filadelfo ignorante, bajulador, que eu via pelos corredores do Ministério da Guerra, a pegar na casaca deste ou daquele graúdo, para não comandar as suas praças, é, por acaso, alguma coisa?[696]

É freqüente o uso da ironia no discurso barretiano para rebaixar alguém que se colocava acima de outrem na hierarquia social, ou mais estritamente, na militar. Assim, à caracterização do rival do réu como um "simples funileiro", ou "bombeiro", Barreto contrapôs uma lista de itens para desqualificar Filadelfo Rocha: "não tem nem a coragem do seu crime" e, mesmo possuindo uma patente superior a "tenente", "é quase analfabeto, sem nenhuma inteligência, nunca fez o mínimo esforço mental"; além disso, é "ignorante, bajulador"[697]. Na condição de funcionário do Ministério da Guerra[698], Lima Barreto conheceu "este Filadelfo desde tenente", andando pelos corredores, e pôde fazer uma

---

[696] Idem. "Os Matadores de Mulheres", *A Lanterna*, 18/3/1918. In: *Vida Urbana*., op. cit., pp. 139-140.
[697] Ibidem.
[698] Lima Barreto foi nomeado amanuense da Diretoria de Expediente da Secretaria de Guerra, em 27 de outubro de 1903, após ter sido aprovado em concurso em segundo lugar. Foi aposentado por decreto do Presidente da República em 26 de dezembro de 1918, após ter sido submetido a duas juntas médicas. Ver: Francisco de Assis Barbosa, op. cit., pp. 297-299.

apreciação bastante desabonadora daquele que, algum tempo depois, veio a se tornar mais um dos matadores de mulheres:

> Com essa tatuagem de galões, eles querem fazer das suas, matando as mulheres a torto e a direito. Eu me refiro simplesmente a semelhantes sujeitos. E digo isso, não por covardia, mas em atenção a verdade.
>
> Por exemplo: este Senhor Faceiro que, ontem ou anteontem, matou a mulher, porque teve a franca, a franca franqueza orgulhosa de dizer que a sua gravidez era do seu amor e não dele, não me merece a mínima piedade; mas há tantos outros que eu estimo... Adiante.
>
> A mulher não é propriedade nossa e ela está no seu pleno direito de dizer donde lhe vêm os filhos.[699]

No discurso barretiano, percebemos que a patente militar do réu, apresentada metaforicamente pela expressão "tatuagem de galões", funcionou como agravante para o crime de uxoricídio. A oposição à idéia de propriedade nas relações sociais de sexo foi explicitada, mais uma vez, no final da crônica – seu espaço nobre, lugar destinado ao combate incessante aos posicionamentos que buscavam impedir as mulheres de exercerem "seu pleno direito de", por exemplo, "dizer donde lhe vêm os filhos".

Na cena de crimes, tivemos a oportunidade de observar o adultério, qualificado e penalizado como um crime feminino, e o uxoricídio, um crime masculino que o Código Penal não especificava, tratando-o como um tipo de homicídio que o "querer social" costumava absolver. Ao posicionar-se em relação a esses crimes, foi possível encontrarmos, no discurso barretiano, o paradoxo dentro da "campanha", ou seja, entre a "campanha misógina" e a "campanha pela resistência".

[699] Lima Barreto. "Os Matadores de Mulheres", op. cit., p. 139.

De sua experiência urbana, Barreto recolheu uma interessante passagem, acontecida em uma visita que fizera a uma feira na vizinhança de sua residência no subúrbio de Todos os Santos:

> Mais adiante, parei, em face de um mercador que oferecia uma singular mercadoria. Eram sapatinhos de criança, toalhas de crochê, toucas, rendas de bilros, etc. Entre estas últimas havia algumas lindas, bem acabadas, de um desenho feliz, que bem podia rivalizar com aquelas que o Rei Alberto trouxe nos porões do "São Paulo" e são fabricadas em Bruxelas.
>
> Conquanto o mercador tivesse uma catadura de domador de feras, eu me animei a dirigir-lhe a palavra, nestes termos:
>
> - É o senhor mesmo quem faz essas lindas coisas de moça prendada?
>
> - Que pergunta! Não; é minha mulher!
>
> - Ah! (...)[700]

No diálogo com o mercador, observamos que a distinção entre os papéis masculinos e femininos produziu um estado de tensão nas relações sociais de sexo, pela contraposição entre os termos da pergunta, "É o senhor mesmo quem faz essas lindas coisas de moça prendada?", e o tom da resposta do vendedor: "- Que pergunta! Não; é minha mulher!", indicando sua indignação perante a insinuação maliciosa do narrador. Na seqüência, Barreto trouxe a imagem do encontro da "modesta burguesia suburbana" com a alta burguesia "do Leme ou de Ipanema" que chegava à feira de automóvel:

> A feira estava no auge. Dos bondes desciam moças e senhoras aos magotes. Todas bem vestidas e agasalhadas convenientemente. Os automóveis chegavam buzinando. Vi descer deles gente que não era positivamente suburbana. Tinham vindo, certamente, do Leme ou de Ipanema.
>
> A modesta burguesia suburbana olhava esse pessoal que se diverte, com susto e, ao mesmo tempo, com estranha curiosidade.[701]

[700] Lima Barreto. "Feiras e Mafuás", op. cit., pp. 21-29.

A descrição da cena da feira mostrava, ao mesmo tempo, uma concentração e uma diversidade de pessoas, de meios de locomoção, de vestuários, de costumes, de gestos. E o olhar do cronista focalizou com maior interesse os "locais" ou "positivamente" suburbanos. Enquanto a diversão era comum a todos, o susto, a curiosidade e o espanto eram sentidos apenas pelos suburbanos, ao estranharem a presença na feira de algum grupo de "gente que não era positivamente suburbana", como um casal retratado por Lima Barreto:

> Dentre ele, salientava-se uma guapa rapariga, morena, um tanto fanada, mas, assim mesmo, ainda bela com as suas viciosas olheiras roxas.
>
> O cavalheiro que a acompanhava, apesar de ter passado a noite em claro, como era fácil se perceber, tinha ainda o colarinho imaculado e reluzente. Pelos dedos, pelo peito, anéis e brilhantes; a mulher também, tendo ainda por cima brincos, colares e braceletes.
>
> Acompanhei-os com jeito. Dirigiram-se para a tenda do tal domador de feras, que vendia artefactos da feminina indústria doméstica. O domador, vendo a dama, tornou mais firme o seu mau olhar esperto. A rapariga disse então para o cavalheiro que lhe ia ao lado:
>
> - Jaime, compra aqueles sapatinhos cor-de-rosa e aquela touca branca, com rendas.
>
> - Para que, Benvinda? – perguntou ele, surpreendido.
>
> - Para pôr na Zezé.
>
> - Que Zezé? – expectorou o rapaz.
>
> - Tolo! A boneca, a minha boneca, que está lá no quarto. Não a tens visto?
>
> - Bem, – rematou o tal Jaime; e comprou as prendas domésticas do domador de leões, tigres e panteras.
>
> Está aí uma coisa que não é lá muito suburbana: comprar toucas e sapatinhos para pôr em bonecas. Se fosse para bebês de carne e osso...[702]

---

[701] Ibidem, pp. 27-28.
[702] Ibidem.

Na descrição do casal que passeava pela feira, foram acentuadas em Benvinda aquelas características desqualificantes, tais como “um tanto fanada” e “viciosas olheiras roxas”; enquanto isso, Jaime “tinha ainda o colarinho imaculado e reluzente”. Embora o casal estivesse insone, apenas a imagem da mulher destacava aspectos da sua aparência física cansada, com a intenção de mantê-la em posição inferior ao seu acompanhante, sobre o qual nada ficamos sabendo da aparência. Os sinais exteriores de riqueza eram exibidos por ambos, que portavam muitas jóias espalhadas por diversas partes do corpo. Lima Barreto, como suburbano que era, estranhou a atitude perdulária “que não é lá muito suburbana” de aquisição de roupas para “pôr em bonecas”. Nas relações sociais de sexo, reproduziram-se os papéis dos homens provedores (um vendedor e o outro, comprador) e das mulheres dependentes (uma “moça prendada” e a outra, dona da boneca) ao se efetivar a compra de uma touca e sapatinhos para Zezé, a boneca. Naquele espaço público de uma feira popular suburbana, a “troça misógina” distinguiu, no discurso de Lima Barreto, nos lugares de poder para homens e mulheres, a condição de subalternidade feminina.

A “guapa rapariga, morena”, da cena anterior das celebrações populares, faz parte do mapeamento das diferentes posições sociais das mulheres-personagens, que tem seqüência na cena das relações étnico-raciais com “Clara dos Anjos”, da crônica do mesmo nome, e “Alice”, de “Um especialista”. Inicialmente, reprisamos a apresentação que fizemos das duas figuras femininas:

> No prefácio do volume “Clara dos Anjos”, Sérgio Buarque de Hollanda escreveu a seguinte resenha: “Em Clara dos Anjos relata-se a história de uma pobre mulata, filha de um carteiro de subúrbio, que apesar das cautelas excessivas da família, é iludida, seduzida e, como tantas outras, desprezada, enfim, por um rapaz de condição social menos humilde do

> que a sua”[703] e, acrescentamos, branco. A crônica “Um especialista” focaliza a história de Alice, também uma pobre mulata, vinte e seis anos e órfã desde os dezoito, que migra de Pernambuco para o Rio de Janeiro com o objetivo de “fazer a vida” e, aqui chegando, reencontra seu pai na figura de um comendador português de cerca de cinqüenta anos com o qual sai direto do paquete para uma pensão no Catete. A narrativa revela que vinte e sete anos antes, após ter roubado a herança deixada à sua mãe pelos avós maternos, “um sítio, uma vaca, um cavalo”[704], seu pai fugira de Recife para o Rio de Janeiro, abandonando sua mãe grávida de dois meses.

A “dualidade entre amor sonhado e sexualidade trivial” e a ascendência negra africana de Clara e Alice distiguiu, nas relações sociais de sexo, os posicionamentos das mulheres e dos homens, abrindo espaços para a “troça misógina” e a “campanha misógina”. Lima Barreto combateu com veemência o uso do termo “mulata”, visto por ele como uma “generalização infame e lorpa” que “toda a gente” começou a usar nas “revistas”, um gênero teatral leve, para imitar Arthur Azevedo, “uma grande mediocridade intelectual” cujos “dotes secundários fizeram-no popular no teatro e fora dele; (...) mas, como Arthur só fazia ‘revistas’, toda a gente começou a fazer ‘revistas”[705]. No carnaval de 1902, fez sucesso o “Vem cá, mulata”, com letra de Bastos Tigre[706], um companheiro de boemia intelectual cuja canção – e, principalmente, intenção – Lima Barreto não poupou de críticas em diversas crônicas. Observamos a composição do nome próprio “Clara dos Anjos”, que funcionava, ironicamente, como uma antítese da descrição física da personagem:

> [Joaquim e Engrácia] Eram casados há quase vinte anos, mas só tinham uma filha, a Clara. O carteiro era pardo claro, mas com cabelo ruim, como se diz; a mulher, porém, apesar de mais escura, tinha o cabelo liso.

---

[703] Sérgio Buarque de Hollanda. “Prefácio”. In: Lima Barreto. *Clara dos Anjos*, op. cit., [10].
[704] Lima Barreto. “Um Especialista”. Ibidem, p. 207.
[705] Idem. “Sobre o nosso teatro”, 12-3-1919. In: *Bagatelas*, op. cit., pp. 221-227.
[706] “Vem cá mulata,/Não vou lá, não,/Sou democrata/De coração”. Ver: Luiz Edmundo, op. cit., 4º vol., p. 807.

> Na tez, a filha puxava ao pai; e no cabelo, à mãe. Na estatura, ficara entre os dois. Joaquim era alto, bem alto, acima da média, ombros quadrados; a mãe não sendo muito baixa, não alcançava a média, possuindo uma fisionomia miúda, mas regular, o que não acontecia com o marido que tinha o nariz grosso, quase chato. A filha, a Clara, tinha ficado em todo entre os dois; média deles, era bem a filha de ambos.[707]

Como podemos comprovar, a caracterização genotípica de Clara dos Anjos refazia as trajetórias de todas "as raparigas do nascimento e da cor", ao mesmo tempo em que o seu fenótipo concentrava as marcas predominantemente mais "brancas" da ascendência mestiça dos pais, como o "cabelo liso" da mãe e a "tez" do pai "pardo claro". Na crônica "Um especialista", temos a oportunidade de observar, para confrontar, duas descrições. Primeiramente, no diálogo entre os dois amigos portugueses, o comendador fez a descrição de Alice, apresentando-a como um objeto sexual; na segunda, o narrador descreveu o comendador português, associando-o à imagem de um suíno:

> - É uma cousa extraordinária! Uma maravilha! Nunca vi mulata igual. Como esta, filho, nem a que conheci em Pernambuco há uns vinte e sete anos! Qual! Nem de longe! Calcula que ela é alta, esguia, de bom corpo; cabelos negros corridos, bem corridos: olhos pardos. É bem fornida de carnes, roliça; nariz não muito afilado, mas bom! E que boca, Chico! Uma boca breve, pequena, com uns lábios roxos, bem quentes... Só vendo mesmo! Só! Não se descreve.
>
> O comendador falara com um ardor desusado nele; acalorara-se e se entusiasmara deveras, a ponto de haver na sua fisionomia estranhas mutações. Por todo ele havia aspecto de um suíno, cheio de lascívia, inebriado de gozo. Os olhos arredondaram-se e diminuíram; os lábios se haviam apertado fortemente e impelidos pra diante se juntavam ao jeito de um focinho; o rosto destilava gordura; e, ajudado isto pelo seu físico, tudo nele era de um colossal suíno.[708]

---

[707] Lima Barreto. "Clara dos Anjos". In: *Histórias e Sonhos*, op. cit., pp. 179-191. Preferimos trabalhar com essa versão inicial do romance do mesmo título.
[708] Lima Barreto. "Um Especialista", op. cit., p. 202.

A cor “roxa” das “viciosas olheiras roxas” e dos “lábios roxos” aproximava a “guapa rapariga, morena”, da cena anterior, e Alice, situando as duas mulheres como “proletárias do sexo”. A descrição de Alice como “mulata”, “cousa extraordinária”, “maravilha” foi associada à imagem de lascívia, de gozo, de objeto sexual através da focalização em elementos do corpo como “bem fornida de carnes, roliça”, “com uns lábios roxos, bem quentes”. Assim, em “Um especialista”, as trajetórias de Alice e de sua mãe confirmavam a “condenação” a que as mulheres negras estavam submetidas, como revelou Alice em discurso direto:

> - Fiquei órfã aos dezoito. Durante esses oito anos tenho rolado por esse mundo de Cristo e comido o pão que o diabo amassou. Passando de mão em mão, ora nesta, ora naquela, a minha vida tem sido um tormento. Até hoje só tenho conhecido três homens que me dessem alguma coisa; os outros Deus me livre deles ! – só querem meu corpo e o meu trabalho. Nada me davam, espancavam-me, maltratavam-me. Uma vez, quando vivia com um sargento do Regimento de Polícia, ele chegou em casa embriagado, tendo jogado e perdido tudo, queria obrigar-me a lhe dar trinta mil-réis, dinheiro das roupas que eu lavava, só chegava naquele mês para pagar a casa, ele fez um escarcéu. Descompôs-me. Ofendeu-me. Por fim, cheio de fúria agarrou-me pelo pescoço, esbofeteou-me, deitou-me em terra, deixando-me sem fala e a tratar-me no hospital. Um outro – um malvado em cujas mãos não sei como fui cair – certa vez, altercamos, e deu-me uma facada do lado esquerdo, da qual ainda tenho sinal. Ah! Tem sido um tormento... Bem me dizia minha mãe: toma cuidado, minha filha, toma cuidado. Esses homens só querem nosso corpo por segundos, depois vão-se e nos deixam um filho nos quartos, quando não nos roubam como fez teu pai comigo...”[709]

Duas imagens estavam em disputa nessa passagem: a vitimização e a resistência das mulheres, o que tornava visível, para além das diferenças sociais de sexo, as diferenças políticas entre trabalho formal e informal, por exemplo. Ao confrontarmos a trajetória da

[709] Ibidem, pp. 206-207.

personagem Alice com a do comendador, que roubara e abandonara sua mãe com "um filho nos quartos", e continuava (des)tratando as mulheres como parceiras eventuais, usando-as sexualmente e abandonando-as em seguida, podemos perceber melhor as distâncias sociais existentes entre homens e mulheres, especialmente quando ele era branco e ela, negra:

> - É isto! Fomos para a Pensão Baldut, no Catete; e foi, pois, assim que me apossei de um primor – uma maravilha, filho, que tem feito os meus encantos nestes quinze dias – com os raros intervalos em que me aborreço em casa, ou na loja, já se vê bem. (...)
>
> - O que pretendes fazer dela?
>
> - É boa... Que pergunta! Prová-la, enfeitá-la, enfeitá-la e "laçá-la". E é pouco?
>
> - Não! Acho até que te excedes. Vê lá, tu!
>
> - Hein? Oh! Não! Tenho gasto pouco. Um conto e pouco... Uma miséria![710]

Na citação, a forma verbal "laçá-la" significava patrocinar a entrada de Alice no mundo da prostituição na cidade do Rio de Janeiro. Todo o diálogo entre o comendador português e seu conterrâneo pode ser interpretado como um exemplo contundente de "troça misógina". Entretanto, a "campanha" contra esse posicionamento, presente no discurso barretiano, não logrou transformar a condição feminina, como podemos observar também em outra citação, agora da crônica "Clara dos Anjos", que desenhou um distante e diferente ambiente social no qual Clara nasceu e cresceu:

> Habituada às musicatas do pai, crescera cheia de vapores das modinhas e enfumaçara a sua pequena alma de rapariga pobre com os dengues e a melancolia dos descantes e cantarolas.
>
> Com dezessete anos, tanto o pai com a mãe tinham por ela grandes desvelos e cuidados. Mais depressa ia Engrácia à venda de "Seu" Nascimento, buscar isto, ou aquilo, do que ela. Não que a venda de "Seu" Nascimento fosse lugar de

[710] Ibidem.

> badernas; ao contrário: as pessoas que lá faziam "ponto", eram de todo o respeito. (...)
>
> Apesar de ser assim decente, Clara não ia à venda; mas o pai, em alguns domingos, permitia que fosse com as amigas ao cinema do Méier ou Engenho de Dentro, enquanto ele e alguns amigos ficavam em casa tocando violão, cantando modinhas e bebericando parati.[711]

Como fonte para o conhecimento da experiência histórica das mulheres suburbanas, a análise do discurso barretiano possibilitava não apenas levantar alguns elementos constitutivos da complexa condição social de sexo e raça de Clara dos Anjos, como também mostrar uma sociedade de classes onde "recato e mimos" eram "bons" para a classe dominante mas "prejudiciais" para alguém da posição de Clara, embora funcionassem como representações de um desejo de ascensão ou de mudança de condição social a ser realizado, de modo conservador, através do casamento. Partilhado por homens e mulheres, e explicitado nas cantigas e modinhas tocadas e ouvidas nas reuniões promovidas por Joaquim, o pai de Clara, o sentimento de "melancolia" carregava a atmosfera, "lembrando a alma antiga e infeliz dos homens [e das mulheres] do Brasil, todo um canto amassado em lágrimas" e "amalgamando os corações, umedecendo os olhos"[712] para o amor e o sexo, não necessariamente juntos.

Na crônica "Um especialista", a longa duração do lugar social destinado às mulheres de ascendência africana foi explicitada em uma imagem composta a partir da fala do narrador, atravessada pela fala, em discurso indireto, da personagem-comendador-português-pai-de-Alice:

> Gostava das mulheres de cor e as procurava com o afinco e o ardor de um amador de raridades. À noite, pelas praças mal iluminadas, andava catando-as, joeirando-as com olhos chispantes de lubricidade e, por vezes mesmo, se atrevia a seguir qualquer mais airosa pelas ruas de baixa prostituição.

[711] Lima Barreto. "Clara dos Anjos", op. cit., pp. 182-183.
[712] Luiz Edmundo, op. cit., 2º vol., pp. 270-271.

> A mulata, dizia ele, é a canela, é o cravo, é a pimenta; é, enfim, a especiaria de requeime acre e capitoso que nós, os portugueses, desde Vasco da Gama, andamos a buscar, a procurar." [713]

Em "Um especialista", encontramos uma imagem do incesto que, nas relações sociais de sexo, colocou na cena das relações étnico-raciais a violação de um tabu[714], expressa na fala final da crônica: " – Meu Deus! É minha filha!"[715], exclamação patética, trágica, de horror do comendador português ao descobrir-se pai de Alice, a mulata com quem se relacionara sexualmente. Naquele contexto urbano e republicano, a permanência das marcas da escravidão colonial e imperial eram bem mais visíveis nas trajetórias das mulheres-negras, mulheres-objetos sexuais, "peças". Na análise do discurso aí posto, constatamos que as crônicas de Lima Barreto possuíam uma materialidade enquanto objetos culturais que re(a)presentavam as marcas dos lugares sociais de poder. O lugar de dominação tinha cara e corpo nítidos: era masculino e branco.

Na cena das relações étnico-raciais, foi possível observar até o momento que o discurso barretiano contrapôs à "troça misógina", praticada em palavras e atos pelas personagens masculinas brancas, a "campanha misógina", na qual prevalecia a imagem da mulher na condição de sexo-frágil-submisso, e a "campanha pela resistência", que punha em relevo os pequenos gestos cotidianos que as mulheres negras, simbolizadas pelas personagens Alice e Clara dos Anjos, realizavam: por exemplo, Alice migrou do nordeste para o sudeste para "fazer a vida", ou melhor, buscar uma vida melhor, e Clara enfrentou dramaticamente a mãe de Cassi (o pilantra sedutor), buscando uma outra saída para sua vida.

---

[713] Lima Barreto. "Um Especialista", op. cit., p. 200.
[714] Jean Chevalier e Alain Gheerbrant. *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números).* 7ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993, pp. 855-856.
[715], Lima Barreto. "Um especialista", op. cit., p. 208.

No discurso barretiano, encontramos com freqüência um funcionamento "atacante" da ironia, dentro do campo da "troça" e dirigido a alguns paradigmas socialmente valorizados, como o cientificismo e os efeitos da pesquisa científica para a sociedade. Com a intenção de combater as influências dos Estados Unidos na vida brasileira, Lima Barreto deslocou sua preocupação para o campo da saúde pública:

> Um jornal desta cidade, em começos deste mês, denunciou aos quatro cantos do país que o faustoso (o adjetivo é dele, do jornal) Departamento Nacional de Saúde Pública estava dispensando os "mata-mosquitos", a fim de arranjar dinheiro para pagar umas norte-americanas que contratou para enfermeiras de epidemias próximas a vir. (...)
>
> O quotidiano em questão aventa a idéia de que, certamente para dar trabalho às *girls* americanas, a Saúde Pública, deixando de combater os mosquitos, procura desse modo provocar o aparecimento de epidemias. (...)
>
> Essas senhoras americanas que o Senhor Carlos Chagas mandou buscar no norte do continente, segundo o mesmo jornal, ganham mais do que os médicos vultuosos vencimentos, lá está na folha.[716]

O título da crônica, "Enfermeiras Louras e Mosquitos Zumbidores", resultou de uma colagem da imagem das "enfermeiras louras", representando os Estados Unidos, à imagem dos "mosquitos zumbidores", significando os "agentes causadores de epidemias". Como efeito de sentido a ser destacado em nossa análise, observamos que, ao se fundirem, a segunda imagem passou a qualificar a primeira, isto é, o país do norte do continente tornou-se uma agente contaminador. Ao comentar a notícia do jornal, Barreto tratou-a como uma "denúncia", acrescentando que "o faustoso (o adjetivo é dele, do jornal) Departamento Nacional de Saúde Pública" realizara a operação casada de importar as enfermeiras louras,

[716] Idem. "Enfermeiras Louras e Mosquitos Zumbidores", *Careta*, 28/1/1922. In: *Feiras e Mafuás*, op. cit., pp. 276-278.

demitir em massa "os pobres 'mata-mosquitos" e "criar" mosquitos para justificar a contratação das "*girls* americanas":

> Isto causa pasmo ao redator da notícia que se apiedou da miséria prestes a cair sobre os pobres "mata-mosquitos" que vão ser despedidos em massa.
>
> Não vejo motivo para tal. As damas não são louras? São; e é até o mesmo jornal que o diz. Se é assim, elas devem saber pegar na seringa como ninguém e fazer curativos com a rapidez e perfeição características da atividade dos americanos em geral. (...)
>
> Americano é gente prática e não se vai deter diante da consideração de que alguns pobres-diabos podem morrer, na cura, para deixar de andar depressa no salvamento de outros tantos.
>
> O *O País*, de 6 do corrente, diz que a Saúde Pública anda apaixonada pelas enfermeiras norte-americanas, etc., etc. Esse jornal não terá tomado o todo pelas partes?[717]

Através do processo discursivo irônico, a cena do feminismo foi introduzida na cena das relações étnico-raciais, para comentar a "natural" competência das enfermeiras, tendo em vista que elas eram "louras" e "americanas", portanto, capazes de "pegar na seringa como ninguém e fazer curativos com a rapidez e a perfeição" dos *yankees* em geral. Ainda de forma irônica, Barreto ressaltou que o pragmatismo dos americanos era tanto que eles não davam a mínima importância para a possibilidade de morte de "alguns pobres-diabos", desde que mantivessem o ritmo veloz no "salvamento de outros tantos". No último parágrafo da crônica "Enfermeiras Louras e Mosquitos Zumbidores", ao repercutir o comentário do jornal *O País* a respeito da paixão da "Saúde Pública" pelas "enfermeiras norte-americanas", Lima Barreto desconstruiu a figura metonímica de tomar "o todo pelas partes" para iluminar a imagem que revelava o grande tema da crônica – o combate à influência dos Estados Unidos na vida nacional brasileira. Portanto, na cena das relações étnico-raciais, Lima Barreto fez

[717] Ibidem.

uso em seu discurso da "troça misógina" para atacar as "enfermeiras louras" americanas, a fim de reapresentar a "campanha pela resistência" a favor de um nacionalismo independente e livre do imperialismo norte-americano[718].

A cena da moda figura como outro espaço favorável à discussão de qual modernidade necessitávamos e esperávamos naquele momento de grandes mudanças. Lima Barreto relatou sua experiência de olhar, desde menino, as transformações do vestuário feminino:

> De uns anos a esta parte, eu não vejo a avenida nem a Rua do Ouvidor com os olhos de cinco anos para trás. De forma que, sendo assim, não faço reparo nos "almofadinhas", "melindrosas", "entupidinhas" e outras criaturas que tanto preocupam os nossos estetas do cinema. (...)
>
> Quando menino, conheci até a anquinha, o tundá; e todos falavam mal dela ou dele, como imoral; entretanto, não deixava o tal adorno ver descoberta nenhuma parte do corpo. Ao contrário. Vieram o *droit-devant*, a *jupe-culotte* e outras norteações da alma feminina e todos teimaram em encontrar nesses vestuários das damas provas de impudicícia, de despudor e outras cousas correlatas.
>
> Eu não sei quando eles têm razão, se é quando estimam as mulheres ultradecotadas nos grandes bailes e teatros, ou se é quando acham isto indecente no meio da rua.[719]

Na passagem, observamos o emprego do francês para nomear os trajes das damas, indicando de modo definitivo sua origem. As mudanças do olhar de Lima Barreto sobre a moda em um breve intervalo de cinco anos demonstravam que o cronista vivia plenamente a experiência de aceleração do tempo, uma marca da modernidade. A referência ao "cinema" reforçou essa imagem de movimento que caracterizava a cena da moda. Como se fossem fotogramas,

---

[718] A conquista das Filipinas pelos Estados Unidos em 1898 é indicativa de que "este país apenas se encaminhava pela estrada franca do imperialismo", registraram os editores da 2ª edição da obra *A ilusão americana*, de Eduardo Prado, cuja 1ª edição de 1894 "foi confiscada e suprimida por ordem do governo brasileiro". Ver: Eduardo Prado. *A ilusão americana*. 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1957, [3].

[719] Lima Barreto. "Modas Femininas e Outras", *Careta*, 22/11/1919. In: *Vida Urbana*, op. cit., pp. 176-177.

conhecemos uma série de "vestuários de damas" e suas denominações de origem estrangeira que, naquele momento, já faziam parte da história da moda na cidade do Rio de Janeiro, configurando assim sua fugacidade. Por fim, Barreto introduziu naquela situação circunstancial, com a costumeira ironia, uma questão para debate, que dizia respeito às expectativas que a cultura urbana carioca estabelecia acerca do comportamento feminino nos diferentes ambientes no espaço público, onde "o primeiro poder é estético"[720], segundo M. Perrot. Saber se as "mulheres ultradecotadas" podiam circular nos "grandes bailes e teatros" e se estavam proibidas de caminhar "no meio da rua" com tais decotes era uma questão que dizia respeito não apenas às regras ditadas pela moda, mas principalmente aos lugares de poder que distinguiam mulheres e homens nas relações sociais de sexo. Sobre o mesmo tema, Lima Barreto fez a seguinte ponderação em outra crônica:

> Algumas senhoras decotam-se abundantemente para passear na Rua do Ouvidor e na avenida. Os dias agora são frios e úmidos; e elas, por precaução, trazem um cobertor de peles.
>
> Não seria melhor que elas não se decotassem e deixassem em casa o sobretudo de peles?[721]

A submissão a modelos de moda europeus obrigava as mulheres a sacrifícios como o de se ultradecotarem em "dias frios e úmidos". Ao criticar a inadequação do vestuário em função do clima na cidade, Barreto estava apontando para a necessidade de reconhecimento das muitas diferenças que distinguiam o Rio de Paris, como as climáticas, por exemplo. Entretanto, a questão fundamental era que o passeio de "senhoras" abundantemente decotadas pelas ruas elegantes da cidade colocava à prova os costumes, trazendo embaraços, obrigando a mudanças, criando novas práticas e representações.

---

[720] Michelle Perrot. *Mulheres públicas*, op. cit., p, 22.
[721] Lima Barreto. "Chapéus, etc.". In: *Vida Urbana*, op. cit., pp. 235-236.

Ainda fazendo uso do processo discursivo irônico, Lima Barreto sugeriu na mesma crônica a nomeação de uma comissão, constituída por "sacerdotes e sacerdotisas de todas as religiões, inclusive a de Vênus, estetas acadêmicos ou não, membros da Liga pela Moralidade, da Defesa Nacional e Nacionalista e, mais ainda, alguns negociantes de fazendas, fitas e bugingangas". Essa "Comissão de Modas Femininas", após conseguir se entender e concluir seu trabalho, apresentaria um projeto ao "Parlamento Nacional" com os critérios que serviriam de base para definir "os comprimentos dos saiotes e dos decotes, fixando o que podia ser visto ou não". Na composição da comissão, Barreto incluiu representantes de segmentos da sociedade dos mais conservadores, explicitando a tensão permanente entre moda e costumes tradicionais através da "troça que descobre resistências".

Como carioca orgulhoso de seu local de nascimento, Barreto encerrou a crônica "Modas Femininas e Outras" com uma provocação a "todos os bons brasileiros" não-cariocas:

> Tão momentoso assunto [a moda no Rio de Janeiro] deve interessar deveras todos os bons brasileiros por estar ele causando as mais terríveis inquietações ao bom povo de Minas, Goiás, Paraíba, inclusive Cascadura.
>
> Tudo encarece e fica pela hora da morte; mas toda a nossa gente brasileira tem as vistas voltadas para as coisas do Rio, da avenida; é preciso atendê-la quanto antes.[722]

Ao colocar o subúrbio carioca de Cascadura no mesmo plano de Minas Gerais, Goiás e Paraíba, Lima Barreto reduziu os estados brasileiros a simples e humildes logradouros distantes. E aproveitou para criticar o descaso da população brasileira com questões muito mais sérias do que "as coisas do Rio", como o aumento da carestia. O confronto entre o

[722] Idem. "Modas Femininas e Outras", op. cit., p. 177.

efêmero e o eterno ensejava a ocorrência de discussões sobre a transitoriedade e a permanência de práticas e representações na cena da moda:

> Ultimamente, com a criação de secções elegantes nos jornais, aparecem todos os meses novos qualificativos para nossas elegantes.
>
> Já tivemos "as encantadoras", já tivemos as "melindrosas", agora temos as "vaporosas".
>
> Não acho mal nenhum nisso, porquanto a língua se enriquece e todos nós nos divertimos com esse enriquecimento transitório.
>
> O que acho, porém, é que, às vezes, os termos são impróprios.
>
> Encantadora, vá lá! Mas "melindrosa" para qualificar uma moça que não teme os perigos do cinema e os "leões" das esquinas...
>
> Julgo que essas moças não são nada "melindrosas", elas são corajosas e ousadas.[723]

Em "As Vaporosas", temos mais uma ocorrência da cena da moda com imagens em movimento. A seqüência de "novos qualificativos para nossas elegantes" relacionados por Lima Barreto veio acompanhada de uma discussão dos significados que esses adjetivos foram assumindo, com a observação de que "a língua se enriquece e todos nós nos divertimos", como usuários que somos dessa língua. Na crônica, Lima Barreto brincou com o termo "melindrosa", para denunciar que as "melindrosas" eram, de fato, muito "corajosas" em enfrentar "os perigos do cinema e os 'leões' das esquinas" trajando tal vestimenta: "Por exemplo, eu, que sou homem e muito pouco "melindroso", não teria a coragem que elas têm.", refletiu Barreto, sugerindo que a expectativa de fragilidade das mulheres foi quebrada e elas demonstraram disposição para se movimentarem na sala escura do cinema e nas esquinas povoadas de homens "muito pouco melindrosos":

[723] Idem. "As Vaporosas", *Careta*, 4/10/1919. In: *Vida Urbana*, pp. 184-185.

> Agora inventaram as "vaporosas". São as mesmas "melindrosas" que se rejuvenesceram com um nome novo.
>
> É bom que isso aconteça, porquanto não é agradável que uma mulher envelheça. Tudo que for possível para evitar tão lamentável fato, é bom, seja carmim, pó de arroz ou com um novo qualificativo.
>
> Só tinha a objectar era a impropriedade da nova designação.
>
> "Vaporosas" parece querer dizer que essas moças estão desprendendo vapor.
>
> Acho aí um pouco de indelicadeza.
>
> Uma moça deve ser sempre uma cousa útil; e o vapor só é útil quando está sob pressão.
>
> Era só a crítica que eu tinha a fazer a essa novíssima designação para as elegantes da avenida e Rua do Ouvidor.
>
> Se é pelo vestuário, seria melhor que fossem elas chamadas – "transparentes".[724]

A brincadeira com a língua prosseguiu para continuar revelando as mudanças nos trajes, nos nomes dos trajes e nos significados desses nomes, em um movimento contínuo que transformava o novo em novíssimo. A possibilidade de rejuvenecimento das mulheres através do uso, como se fosse "carmim ou pó de arroz", de "um nome novo" para designar um traje antigo trouxe para a cena da moda a prática antifeminista de ridicularizar as mulheres e suas escolhas. Mais uma vez, a tensão entre moda e transição ganhou visibilidade nas relações sociais de sexo, no momento em que Lima Barreto sugeriu que, considerando o vestuário, o melhor qualificativo para as elegantes cariocas seria "transparentes". Na cena da moda, vimos que o discurso barretiano transitou entre a "troça misógina" e a "troça que revela resistências", em uma tentativa de equilibrar-se entre a tradição e a modernidade das práticas e representações nas relações sociais de sexo.

[724] Ibidem.

A cena do diploma e anel torna-se uma das mais reveladoras das mudanças experimentadas pela sociedade brasileira naquele período de travessia do século XIX para o XX. Como primeira bandeira de luta do movimento feminista inicial[725], a educação, ao contrário do sufragismo e do direito irrestrito aos cargos públicos, foi defendida sob certas condições por Lima Barreto. Incorporada ao seu discurso, a educação para as moças foi objeto de diversas análises, cuja formulação continha as previsíveis contradições que o tema suscitava, como podemos observar na crônica "Concurso para a Cozinha":

> Na escola Rivadávia Correia realizou-se na semana passada, sendo examinadas as cinco candidatas da primeira turma e muitas outras, um concurso para contramestra de cozinha.
>
> Aprovo o alvitre, tanto mais que verifico que são muitas as candidatas. Na notícia que li, há cerca de dez nomes.
>
> Com prazer verifiquei que a vocação da mulher para a cozinha ainda não foi morta pela de auxiliar de escrita da estrada de ferro.
>
> O número das que se inclinam para o forno ainda não é menor do que aquelas que se sentem atraídas pela máquina de escrever do doutor Assis Ribeiro.
>
> Prefiro as últimas, às primeiras. Não há como um bom pitéu bem temperado. Um tutu de feijão com um bom molho de tomates, cebolas e vinagre, seguido de uma carne seca picadinha, vale mais do que qualquer ofício limpo, redigidinho naquela pobretona literatura oficial, sem calor nem gosto.[726]

A antiga escola Rivadávia Correia, localizada na atual avenida Presidente Vargas, na região central da cidade do Rio de Janeiro, foi tradicionalmente uma escola para moças. Um título como esse – "Concurso para a Cozinha" – antecipava a intenção do cronista de ridicularizar as mulheres por sua luta pelos direitos fundamentais de cidadania, como o acesso aos concursos para cargos públicos. Na passagem, à atividade de redação de "qualquer ofício

[725] Maria Cristina Teixeira Machado, op. cit., p. 132.
[726] Lima Barreto. "Concurso para a Cozinha", *Careta*, 22/11/1919. In: *Vida Urbana*, pp. 206-207.

limpo (...) naquela pobretona literatura oficial", Lima Barreto contrapôs a calorosa e gostosa preparação culinária de "um bom pitéu bem temperado", na tentativa de naturalizar as inclinações femininas para o trabalho doméstico. Fazendo uso da "troça misógina", Barreto buscava a manutenção das mulheres em tarefas próprias do espaço privado do lar, como a culinária, mesmo que estivessem no exercício de um cargo público.

Em outra crônica, Barreto distinguiu os posicionamentos de homens e mulheres na questão dos exames:

> O *JORNAL DO COMÉRCIO* conta hoje uma trapalhada de exames acontecida na nossa Escola Normal, que as moças confundem com a Escola Normal de França.
>
> Sei perfeitamente dessas coisas de exames; eu os fiz muitos e a única vez que consegui tirar distinção, foi quando fiz exame com uma moça, na mesma mesa, no mesmo dia, por capricho e esforço de vontade.
>
> As moças são habilíssimas nessas coisas de fazer exames; elas sempre têm a matéria na ponta da língua, elas não se preocupam de achar o nexo entre as noções científicas que absorvem o mundo.
>
> A ciência, o saber, a arte, são adornos e enfeites para as suas pessoas naturalmente necessitadas de casamento.[727]

Em relação aos homens, a crítica se dirigia aos privilégios concedidos aos "anelados", pois "Os exames, os doutores, bacharéis, os médicos, toda essa nobreza doutoral que nos domina e apóia os negocistas, é o maior flagelo desta terra que os utopistas querem seja o paraíso terrestre."[728] Em uma crônica de maio de 1918, Barreto fez a defesa do acesso dos pobres ao ensino superior, em nome de um "livre jogo das forças sociais", segundo suas palavras:

> De resto, os pobres devem, seja como for, empregando mesmo os mais desesperados recursos, concorrer com os ricos burgueses no doutorado. (...) É preciso que os pobres

[727] Idem. "Os Exames", *Correio da Noite*, 6/3/1915. In: *Vida Urbana*, op. cit., pp. 89-90.
[728] Ibidem.

> façam-se doutores para contrabalançar a influência nefasta dos burguesetes felizes e precocemente guindados a alturas em que se não dispensa a idade, mesmo quando se trata de gênios; mas que eles conseguem com disfarces, peloticas e mais habilidades de feira.[729]

Na crônica "A superstição do doutor, Lima Barreto expôs "os motivos da minha [sua] birra contra as autoridades da "república aristocrática" brasileira, que mandavam "os moços pobres para a lavoura e para o comércio", com a intenção de manter a "superstição do doutor" e atender aos interesses do "governo e dos costumes do Brasil". Excluídas dessa "nobreza doutoral" que o "canudo" concedia, uma vez que "não se preocupam de achar o nexo entre as noções científicas que absorvem o mundo", às mulheres restava apenas serem consideradas "habilíssimas nessas coisas de fazer exames" e "naturalmente necessitadas de casamento". Segundo as palavras de Lima Barreto, o bom desempenho do sexo feminino nos exames decorria de sua capacidade mnemônica para terem "a matéria na ponta da língua", e de sua incapacidade de apreender as complexas noções da ciência, do saber e da arte.

Ao conceber a memória como um atributo da mente feminina, Barreto operava a "troça misógina" para rebaixar a inteligência das mulheres a uma categoria inferior àquela dos homens. Lima Barreto reapresentou essa mesma imagem discursiva na crônica "Duas relíquias", cuja situação inicial colocava o cronista frente ao dilema de saber qual destino dar a dois livros de ortografia, duas obras datadas de 1860 e de 1885, duas relíquias de família, que ele reencontrara casualmente ao arrumar seus livros:

> Quem quererá tais alfarrábios? Quem terá paciência de lê-los? Quem poderá tirar ensinamentos deles? Tinha uma pena de que eles continuassem numa catacumba particular.
>
> Tenho uma vizinha que é moça da Escola Normal. Pensei cá comigo: – essas cousas meticulosas, esses trabalhos chineses

[729] Idem. "A superstição do doutor", Maio de 1918. In: *Bagatelas*, op. cit., pp. 39-50.

> de gramática, etc., cabem bem às mulheres ou aos frades. São trabalhos de paciência e de memória que fazem dos imaginários e dos malucos torturados em achar a substância das cousas, a verdade da existência.
>
> Vou dar essas preciosidades àquela minha vizinha que sabe de cor os nomes dos presidentes da República, de 1889 para cá, seus feitos memoráveis e datas da coroação e sagração de cada um e da sua abdicação do poder nas mãos de seus herdeiros.[730]

Segundo Lima Barreto, a capacidade de reproduzir se sobrepunha à capacidade de criar, tornando as mulheres, tanto quanto os frades, especialistas nessas "cousas meticulosas", nesses "trabalhos de paciência e de memória". Movido por essa idéia, Barreto decidiu oferecer as relíquias à vizinha, uma "moça da Escola Normal" que, certamente, faria bom uso dos livros de ortografia. Mais uma vez, no entanto, a cena do casamento voltou ao palco, atravessando a cena do diploma e anel, e impedindo Lima Barreto de fazer o que pretendia: "Dias depois, pensei: esta moça talvez julgue que eu a quero namorar; e vai por isso fazer um estardalhaço no bairro. Não, não dou; não quero ser caluniado."[731] O medo da calúnia, do estardalhaço, de sofrer outra desilusão amorosa paralisou o cronista, fazendo-o retornar as relíquias à sua "catacumba particular".

No último parágrafo da citação, Lima Barreto demonstrou mais uma vez sua competência como grande ironista e, no exercício da "troça reveladora de resistências", reafirmou sua posição de intelectual frustrado com "o fim do sonho republicano"[732]. Ao elogiar a excelente memória da vizinha, comprovada pela sua capacidade de "sabe[r] de cor os nomes dos presidentes da República, de 1889 para cá", Barreto acrescentou, como se fossem fatos históricos memorizáveis, os "feitos memoráveis e datas da coroação e sagração

---

[730] Idem. "Duas Relíquias", 28/2/1920. In: *Bagatelas*, op. cit., pp. 211-216.
[731] Ibidem, p. 212.
[732] Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo. *Lima Barreto e o fim do sonho republicano*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995, p. 102.

de cada um e da sua abdicação do poder nas mãos de seus herdeiros", insinuando não haver diferença entre o sistema político que se findara em 1889 e a República, pois esta ainda continha em sua história "coroação", sagração", "abdicação" e "herdeiros".

Na interpretação das fontes, observamos que a educação das moças configurava-se em uma das "cenas" de luta e de resistência:

> **Tenho esperanças que...**
> (...) quando desço do subúrbio em que resido há quinze anos, vou vendo pelo longo caminho de mais de dez quilômetros, as escolas públicas povoadas.
> (...) Vendo todo o dia, ou quase, esse espetáculo curioso e sugestivo da vida da cidade, sempre me hei de lembrar da quantidade das meninas que, anualmente, disputam a entrada na Escola Normal desta cidade; e eu, que estou sempre disposto a **troçar** as pretenções feministas, fico interessado em achar no meu espírito uma solução que satisfizesse o afã do milheiro dessas candidatas a tal matrícula, procurando com isso ensinar, o que? O curso primário, as primeiras letras a meninas e meninos pobres, no que vão gastar a sua mocidade, a sua saúde e fanar a sua beleza. Dolorosa coisa para uma moça...[733]
>
> **Continuo...**
> Disse anteontem alguma coisa sobre a instrução e não me julgo satisfeito.
> O governo do Brasil, tanto imperial como republicano, tem sido madastra a esse respeito.
> (...) o governo sempre se esqueceu o dever de dar instrução secundária às moças.
> É um esquecimento de lamentar, porquanto toda a gente sabe de que forma a influência de uma educação superior da mulher iria influir nas gerações.[734]

Na temporalidade dos relatos de Lima Barreto, a "guerra dos sexos" estabelecia uma "simbólica do poder"[735] e distinguia os posicionamentos conservadores dos avançados nas representações das relações sociais de sexo na cidade do Rio de Janeiro. A disposição para "troçar as pretensões feministas" não impediu a emergência de uma atitude de preocupação e, conseqüentemente, de "campanha" a favor da ampliação das possibilidades de acesso das

[733] Lima Barreto. "Tenho esperanças que...". In: *Bagatelas.* , op. cit., p. 61. Grifo nosso.
[734] Idem. "Continuo...". *Correio da Noite*, Rio, 13-3-1915. In: *Vida Urbana*, op. cit., p. 93
[735] Pierre Bourdieu, op. cit., pp. 159-166.

“moças” à educação secundária, de modo a torná-las “agentes mais eficientes” do processo civilizatório em curso.

A fim de defender o atendimento prioritário ao povo brasileiro, Lima Barreto fez uso de uma imagem crua e sem retoques para evocá-lo, agora na cena da filantropia: “O Brasil é uma terra de selvagens e de negros e essa gente, quando tem filhos, não merecem eles a piedade de ninguém”[736], escreveu, para, em seguida, deixar fluir seus sentimentos de “pessimismo”, “desgosto” e, melancolicamente, assumir que “fica[va] logo desarmado” diante de uma breve conversa com “umas e com outras” mulheres:

> Não sei porque, apesar de todo o meu pessimismo, de todo o meu desgosto, de todo o ódio que juro ter, eu julgo essas senhoras e essas moças muito boas.
>
> É conversar quatro palavras com umas e com outras, o sujeito mais feroz ou que se quer fazer feroz como eu, fica logo desarmado.
>
> Mas, qual é a razão por que elas não encaminham a sua bondade ou o desejo de serem boas, para o caminho eficaz e natural da Caridade?
>
> Não quero dizer aqui o motivo; não quero ser brutal; não quero nem de leve que essas senhoras se sintam magoadas comigo.
>
> **Não tenho medo de inimigos; mas só os quero entre homens.**
>
> **Mulheres nem como amigas, nem como inimigas. São sempre prejudiciais.**
>
> **Quero-as de longe sem nenhuma relação de dependência com elas. Fazem sofrer muito e eu já estou farto de sofrer.** [737]

Como em outras situações, Lima Barreto assumiu sua insegurança no trato com as mulheres. Nas relações sociais de sexo, a cena da filantropia talvez favorecesse a tentativa de uso por

[736] Lima Barreto. “A Nossa Filantropia”, op. cit., pp. 264-266.
[737] Ibidem, p. 266. Grifos nossos.

homens, e para benefício próprio, dos atendimentos que as mulheres dispensavam aos seus protegidos, na condição de mães, irmãs, esposas, enfermeiras. Desse modo, as práticas masculinas de fazerem-se de vítimas indefesas funcionavam muitas vezes como uma espécie de isca para atrair as atenções femininas. Destacamos os três últimos parágrafos da passagem citada, nos quais Lima Barreto fez uma das declarações mais contundentes que encontramos em nossa pesquisa a propósito de seu posicionamento nas relações sociais de sexo. Ao revelar que as mulheres "fazem sofrer muito" e ele já estava "farto de sofrer", Barreto talvez estivesse insistindo na mesma tática da vitimização para a obtenção da simpatia das damas. Ou então, como outra possibilidade de interpretação, Lima Barreto estava apenas reforçando o posicionamento conservador de tratar as mulheres como se elas fossem fatais e perigosas.

É tempo de concluir o "Capítulo 4 – Troça e Campanha: misoginia e resistência nas relações sociais de sexo". Avaliamos que conseguimos resistir à tentação de não nos submetermos à "miragem da síntese"[738] nesse capítulo. Por coerência a esse princípio de manutenção das tensões, optamos por uma escrita em zigue-zague que renunciou "aos hábitos do pensamento geométrico" das "ciências exatas". Assim, acompanhamos a reflexão de Compagnon – "o mundo das formas simbólicas não segue a mesma lógica e exige, pelo contrário, o *esprit de finess"* – para a definição do formato que teria esse último capítulo da tese.

Como expressão paradoxal das relações sociais de sexo no Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX, o binômio "troça-campanha" participava do mesmo campo político, identificado ora com as permanências, ora com as rupturas na hierarquia das relações de poder. De outro modo de leitura, o binômio "troça-campanha" evidenciava

[738] Antoine Compagnon, op. cit., p. 15.

posicionamentos distintos, transversalizando ambivalências irreconciliáveis nas práticas e representações que constituíam as relações sociais de sexo.

Pelo viés do discurso de Lima Barreto, vimos que o núcleo misógino manteve sua vitalidade até certo ponto intacta e houve a contundente verificação de que o lugar da "troça" estava garantido, pois ainda não existia saída para a libertação plena da mulher. No entanto, em nossa tarefa de produzir uma narrativa histórica que articulasse "uma versão daquilo que poderia ter sido"[739], observamos a presença da "campanha", ou de formações discursivas de não-sujeição às normas que antecipavam novos modos de relacionamento entre mulheres e homens.

[739] Jacques Leenhardt e Sandra J. Pesavento, op. cit., p. 13.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partilhamos da concepção de que os acontecimentos tornam-se fenômenos historicamente constituídos no espaço social e aceitamos a premissa de que as ações e as práticas sociais podem ser representadas através de imagens, sejam elas verbais ou não verbais.

Eis aí uma Mulher, ou uma imagem de mulher, ou um desenho datado (1993) e assinado[740] de uma mulher, feito por um menino de dez anos de idade. Podemos descrever

[740] Como a assinatura e a data estavam escritas a lápis, precisamos cobri-las com caneta preta, para que ficassem mais legíveis na imagem digitalizada. Essa foi a única intervenção que fizemos no desenho.

ligeiramente essa imagem, dizendo que a figura feminina é afro-descendente. Ela está sentada confortavelmente numa espécie de trono e olha fixamente para... nós? E está completamente nua, exibindo os seios e o púbis nus. Um nu frontal. Mulher sexuada, felizmente. No fundo, estrelas geometricamente arrumadas em colunas e à direita, um quadro – um quadro dentro de um quadro – representando um... vaso? Ou um caminho que leva... a um muro? Ao infinito? A interpretação dessa imagem pode se tornar mais complexa se desejarmos ir além da descrição e tentar descobrir algo mais sobre o autor do desenho, as condições de sua produção, os costumes da família, as relações que ele já estabelecia com meninas e mulheres, como ele percebia as mulheres e o que, de fato, pretendia representar ... Difícil saber mas instigante, não? E se quisermos descobrir como a geração desse menino vivia e vive as relações sociais de sexo? Mais difícil ainda, mas muito mais instigante.

Ao encerrar esta tese, começamos com esse exercício de leitura de uma imagem e, assim, tentamos explicar o percurso seguido por nós. È evidente que uma imagem apenas é muito pouco para a constituição de um *corpus* documental. Por isso, trabalhamos com um conjunto substancial de textos, a fim de nos aproximarmos das formações discursivas que pudessem estabelecer relações com as hipóteses formuladas.

Consideramos uma das tarefas mais difíceis a seleção das crônicas que deveriam compor o *corpus* da tese. Na análise das fontes, deparamo-nos com a extensão e sobretudo com a riqueza da produção de Lima Barreto que era de nosso interesse: quatrocentos e vinte e um artigos e crônicas reunidos em cinco volumes, além da marginália inicial, da conferência e da correspondência ativa e passiva.

Avaliamos ter conseguido oferecer uma contribuição inédita para o debate acadêmico contemporâneo acerca do entrecruzamento dos olhares entre História e

Linguagem, tendo como fonte principal o discurso de Lima Barreto. Na perspectiva teórico-metodológica, consideramos que valeu a pena o investimento na interação multidisciplinar como um caminho consistente de análise histórica centrada na investigação dos significados e do funcionamento das representações, estas compreendidas como imagens constituídas nas interações e no espaço das relações sociais.

Assinalamos que a metodologia escolhida foi determinante para a inclusão de longas citações no corpo do texto, a fim de que a interpretação não ficasse reduzida a uma tarefa exclusivamente nossa e pudesse ser partilhada com outras e outros interlocutoras e interlocutores.

Na interpretação do discurso barretiano, para nele encontrar referências dos modos pelos quais as relações sociais de sexo aconteciam ou deviam acontecer há cem anos atrás, na cidade do Rio de Janeiro, tornou-se indispensável mergulharmos nas pistas do discurso de Lima Barreto, confrontá-las com outros discursos e buscar reencontrá-las em outras referências, para dialogar com elas, conferir possibilidades, descartar equívocos, enfim, pesquisar.

Através do diálogo com as fontes, realizamos um trabalho investigativo que buscou contemplar os objetivos gerais e específicos da tese. Em atendimento às expectativas com relação a essa última etapa do trabalho, as Considerações Finais, retomamos a partir de agora as hipóteses iniciais, avaliamos o percurso e apresentamos uma discussão final acerca de seus resultados.

No primeiro capítulo, “Lima Barreto: intelectualidade e negritude”, buscamos fazer uma descrição do conjunto das posições de negro e de intelectual simultaneamente ocupadas na temporalidade da Primeira República pela personalidade designada através do nome

próprio de Afonso Henriques de Lima Barreto, "compreendido como uma individualidade biológica e socialmente instituída, e que age(agiu) como suporte de um conjunto de atributos e atribuições que lhe permitem(permitiram) intervir como agente eficiente em diferentes campos"[741], dentre os quais, as relações sociais de sexo.

Destacamos que o discurso do escritor colocou em evidência alguma coisa que estava subentendida nas margens – ou nas entrelinhas – do texto: o silenciamento sobre o negro durante o período republicano pós-abolição, quando a construção da identidade nacional fazia-se pela alteridade entre o estrangeiro e o da terra – e branco[742]. Entendemos que a pergunta de Gramsci: "Quais são os limites "máximos" da acepção de "intelectual"?[743] poderia, no contexto que estudamos, ser ampliada para: Quais são os limites máximos da acepção de negro e de intelectual?

Acreditamos que a resposta de Gramsci também contemplaria nossa questão ampliada, uma vez que, para ele, há um "erro metodológico" quando se quer "encontrar um critério unitário para caracterizar igualmente todas as diversas e variadas atividades intelectuais" (aqui, incluem-se aquelas próprias dos intelectuais orgânicos) "e distingui-las, ao mesmo tempo e de modo essencial, dos outros agrupamentos sociais"[744]. Ainda segundo Gramsci, devemos buscar o "critério de distinção" das atividades intelectuais no conjunto do sistema de relações no qual estas atividades (e, portanto, os grupos que as personificam) se encontram, no conjunto das relações sociais[745]. Desse modo, Afonso Henriques de Lima Barreto foi um ator do político que vivenciou e relatou uma experiência urbana sob tensão

[741] Pierre Bourdieu, op. cit., p. 190.
[742] Lená Medeiros de Menezes, op. cit., p. 29.
[743]Antonio Gramsci, op. cit., p. 6.
[744] Ibidem.
[745] Ibidem., p. 7.

entre negritude e intelectualidade. Ao traçarmos seu perfil, enfatizamos em sua experiência urbana as tensões vividas e situamos sua trajetória em seu tempo-espaço como um intelectual moderno cujo discurso é reconhecido como fonte da pesquisa histórica.

No segundo capítulo, "O 'Rio-Paris barato': cidade de deslocamentos", observamos que a visibilidade maior do projeto de modernidade implantado pelas elites políticas republicanas na Cidade do Rio de Janeiro deu-se pela especialização dos espaços, cuja polarização emblemática encontrou-se expressa, nesse trabalho, pela expressão "Rio-Paris barato".

A imagem barretiana do "Rio-Paris barato" foi tomada como uma representação paradigmática que retratava o Rio de Janeiro da Primeira República como cidade de deslocamentos, *locus* de diversidade e de contrastes nas relações sociais. Enfocamos a leitura da problemática da cidade pelo carioca Lima Barreto, destacando o contexto de mudanças e tensões sociais, a atmosfera cultural, o momento político, o tempo-espaço da cidade. Assinalamos a "Vila Quilombo" e a "Avenida Central" como as duas formações discursivas que possibilitaram a elaboração de um mapeamento de aspectos referentes às perplexidades presentes no conjunto das relações sociais e políticas implicadas no projeto das "transformações de toda ordem [que] compuseram um amplo quadro de mudanças que trouxe ritmos e impulsos novos à vida, e novas leituras, medos e representações às mentes"[746] nas primeiras décadas do século XX na cidade-capital da República brasileira.

Em uma perspectiva de distanciamentos e contrastes sócio-espaciais, a "Vila Quilombo", como representação da *sub-urbe*, seria a depositária dos "costumes tradicionais", da "pobreza" e dos "vícios da periferia"; e a "Avenida Central" exibiria a "linguagem da

[746] Lená Medeiros de Menezes, op. cit., p.29.

civilização", o "luxo" e as marcas da "modernidade" que chegava. Lima Barreto, entretanto, apresentaria um outro ponto de vista discursivo, no qual a "Avenida Central" representaria igualmente os "vícios mundanos", as "suntuosidades republicanas", a "lascívia das danças novas", o "esnobismo" do diploma "abre-te Sésamo", as "delícias transitórias" da "modernidade importada" dos "adventícios", especialmente dos "norte-americanos". A "Vila Quilombo" seria o espaço da "rememoração" dos "costumes populares", dos "prazeres simples e suaves", da "vida modesta", dos "sonhos da vida roceira".

A cidade do Rio de Janeiro – o Rio-Paris barato – reunia, portanto, a totalidade e a diversidade de aspectos representados por essas duas formações discursivas, a "Vila Quilombo" e a "Avenida Central", haja vista que os últimos bondes puxados a burros, pertencentes à Linha Circular Suburbana de Tramways, sobreviveram até o ano de 1928 e os bondes movidos a eletricidade circularam pela primeira vez no Rio de Janeiro e em toda a América do Sul no dia 8 de outubro de 1892. Inaugurada somente em 28 de setembro de 1911, a última linha de tração animal da capital da República trafegava em um trecho reduzido a 5700 metros, fazendo o percurso entre os subúrbios de Madureira e Irajá. Por outro lado, o primeiro bonde elétrico, pertencente à Companhia Ferro-Carril do Jardim Botânico, saiu do Centro, passou pela Lapa, praias do Russell e do Flamengo, chegando ao Largo do Machado, em linha inaugurada solenemente pelo vice-presidente em exercício Floriano Peixoto.[747].

Uma interpretação do contexto republicano que cabe acrescentar nas Considerações Finais é a do combate, observado em todas as nove cenas construídas, ao pensamento

[747] Charles Dunlop, op. cit., pp. 115-117 e 131.

cientificista que, na perspectiva de Lima Barreto, estava colocado a serviço da reprodução da dominação e da manutenção da desigualdade social.

No terceiro capítulo, “Uma guerra dos sexos? Inventário de imagens”, o mais longo de todos, produzimos um inventário de imagens para caracterizar uma guerra dos sexos, a partir da interpretação que fizemos do discurso de Lima Barreto. Ao considerar esse inventário como matéria-prima, definimos as cenas mais representativas de uma guerra dos sexos em curso no espaço-tempo correspondente ao início do regime republicano na cidade do Rio de Janeiro. Moda, casamento, feminismo, feiras e festas, filantropia, diploma e anel, transportes coletivos, relações étnico-raciais e crimes compuseram o conjunto das nove cenas, assumidas como as que melhor poderiam representar, do nosso ponto de vista, a dinâmica dos embates e dos combates que as relações sociais de sexo continham.

O privilégio para o olhar na direção do espaço público era inevitável, pois lidávamos com uma fonte, o discurso de Lima Barreto, mergulhada em uma experiência urbana vivida de “modo ambulatório” no ir-e-vir pela cidade. Em torno de cada uma das cenas, observamos que outros campos e outras discussões circulavam, como parte da totalidade e da diversidade de aspectos que constituíam aquele tempo-espaço.

Sobre essa dinâmica, colocamos em primeiro plano a cena das relações étnico-raciais, tendo em vista que a afirmação de uma certa imagem da nacionalidade brasileira era o que mais importava no momento e, naquele contexto, tornava-se indesejável o debate que rompesse com o silenciamento sobre as “negras imagens” como constituidoras de uma imagem de nação que incluísse o povo. Nessa cena, foi possível observar a estratégia posta em prática, em nome do progresso, de trazer para o país um contingente de estrangeiros e estrangeiras de origem européia, com o silêncio recaindo, principalmente, sobre as brasileiras

de ascendência africana, descartadas do mesmo modo que Iracemas haviam anteriormente saído de cena em um contexto onde não mais se sustentavam as construções românticas indigenistas da identidade nacional. Ao ressaltar a origem multiétnica do povo brasileiro, Lima Barreto não excluiu a contribuição do imigrante pobre e ainda usou o espaço do jornalismo para escrever artigos nos quais mostrou sua simpatia para com o movimento anarquista.

As cenas de casamento, crimes e feminismo articulavam-se com toda uma discussão em torno da aplicação das leis, de sua eficácia e de sua adequação aos novos costumes de um país que se urbanizava e se industrializava. A presença crescente das mulheres das classes média e alta nas ruas e desacompanhadas juntava-se à ocupação anterior desses espaços públicos por mulheres pobres, trabalhadoras formais e informais, em um movimento que vinha, pelo menos, desde os tempos das escravas de ganho no regime escravocrata. Lima Barreto relatou seu espanto em assistir a uma verdadeira avalanche de mulheres, invadindo bem à vontade os trens e os bondes. Na cena dos transportes coletivos, o entrelaçamento com a cena da moda colocou em cena a grande discussão sobre a chegada da modernidade na cidade do Rio de Janeiro.

Os impasses da cidadania na Primeira República foram debatidos com contundência nas cenas da filantropia, das celebrações populares e do diploma e anel. Nessas cenas, Lima Barreto fez questão de apontar aspectos das desigualdades que marcavam a sociedade carioca, e por extensão, a sociedade brasileira. O acesso aos cursos superiores como privilégio das elites, a prática da filantropia como exibição de vaidade pelas damas elegantes, o tratamento diferenciado dos poderes públicos aos eventos patrocinados pela igreja católica fizeram parte dos temas tratados nas crônicas de Lima Barreto.

No quarto capítulo, “Troça e Campanha: misoginia e resistência nas relações sociais de sexo”, trabalhamos com a hipótese central de investigação. Trouxemos nossa reflexão acerca dos posicionamentos misóginos e de resistência, e de suas filiações, identificados nas imagens das práticas que envolviam mulheres e homens quando participavam de situações nas quais as relações sociais de sexo estavam implicadas. Vimos que o binômio troça-campanha desdobrou-se, para acolher outras possibilidades de interpretação no discurso barretiano, configurando paradoxos, no plural. Observamos, então, que aquele paradoxo da hipótese inicial apresentava-se mais paradoxal do que havíamos pensado.

Em princípio, supúnhamos que as práticas de misoginia e de resistência assumiam, respectivamente, as formas de troça e de campanha, no discurso barretiano. À medida que avançamos em nosso trabalho de pesquisa, percebemos a existência de uma transversalidade que estabelecia um movimento complexo, entrecruzando dinamicamente troça misógina, campanha pela resistência, campanha misógina e troça que descobria gestos de resistência e conquista de novos espaços de poder nas relações sociais de sexo.

Nossa conclusão direciona-se, portanto, ao que propugna Michèle Ferrand, quando concebe as relações sociais de sexo como “antagônicas, transversais, dinâmicas, bicategorizadas e que constroem categorias ou classes de sexos, formando um sistema”[748] que atravessa toda a sociedade.

Quando a troça se filiava à longa duração do movimento que se aproximava da misoginia e que enfrentava as mulheres como se elas fossem antagonistas perigosas, Lima Barreto fazia uso ainda mais intensivo do discurso irônico com funcionamento atacante e, nesse caso, as arestas afiadas das expressões lingüísticas estavam mais concentradas. Como

[748] M. Ferrand, op. cit., pp. 680-681.

prática discursiva, damos como exemplos de acontecimentos irônicos: renomear a “belle époque tropical” como “Rio-Paris barato” ou “Buenos Aires de tostão”, chamar as feministas liberais de “borra-botas”, referir-se aos “oradores de sobremesa”, ao casamento feito “quase à capucha”, ao “feminismo rubro até ao tacape”, à “caridade sem Cruzes Vermelhas”, à “indústria da caridade”, ao “diploma abre-te Sésamo”, às “tabuletas ouvidorianas”, “às damas binoculares”.

Ressaltamos que a grande sensibilidade do intelectual carioca Lima Barreto no tratamento das relações de poder entre sexos não se expressava exclusivamente através dos acontecimentos irônicos. Suas crônicas funcionavam como fragmentos ou flagrantes de um mosaico de imagens múltiplas, variadas e imprevisíveis, nas quais outros efeitos de sentido podiam ser colhidos, como emoções, sentimentos e reflexões.

O crescimento da recepção da obra de Lima Barreto, à medida que nos distanciamos de sua temporalidade, pode ser interpretado como uma comprovação da significativa contribuição desse intelectual carioca para um trabalho de investigação da vida urbana na cidade do Rio de Janeiro das primeiras décadas do século passado. Assim, no espaço da escritura que Lima Barreto nos legou, conseguimos realizar nosso sonho de pesquisadora em História, encontrando-nos em nosso objeto.

Quase encerrando as Considerações Finais, precisamos falar um pouco dos desafios enfrentados. Vejamos então. Desafiadora foi a tarefa de retomar a trajetória desse “carioca da gema”, Lima Barreto, como um negro e intelectual cuja obra é indispensável para quem, como nós, mira a cidade do Rio de Janeiro com um duplo olhar de “carioca da gema” apaixonada e de pesquisadora interessada. Desafiador foi revisitar um pouco da complexa história de nossa sempre amada e “mui leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de

Janeiro". Igualmente desafiadora foi a busca de caminhos inovadores para articular História Política e Análise do Discurso no tratamento das fontes, cuidando para não deslizarmos por um discurso perigosamente próximo do literário. Mais desafiadora ainda foi a escolha do objeto da pesquisa e a experiência de todo o processo de investigação, o diálogo com os textos teóricos, a releitura de antigos e a descoberta de novos interlocutores. Extremamente desafiador foi o longo, desgastante mas prazeroso processo de escrita do texto da tese.

É hora de colocarmos um ponto final no trabalho. Com tal propósito, trazemos uma citação da crônica "Vera Zassúlitch", uma das que foi analisada ao longo do texto da tese. Escolhemos esse fragmento, que é o de encerramento da crônica, para colocarmos em cena a esperança nas relações sociais, de sexo e outras:

> Há um epitáfio de um navegante grego, antigo, encomendado por ele mesmo, caso morresse de naufrágio, que assim diz: "O marinheiro que aqui jaz, diz-te: faze-te de vela! O golpe de vento que aqui nos perdeu, fazia vogar ao largo toda uma flotilha de barcos alegres".
>
> Vera [Zassúlitch} não naufragou de todo; mas se a Rússia morrer nesse transe, ela verá que o golpe de vento que a matou, fará singrar ao largo toda uma flotilha de povos felizes.[749]

Publicada em julho de 1918, sob os impactos da revolução russa, a crônica explicitava o desejo de mudanças profundas nas sociedades, expresso na bela imagem da "flotilha de barcos alegres" que representava a "flotilha de povos felizes". Voltemos à imagem da Mulher, desenhada por um menino – um discurso masculino, portanto – de 10 anos, em 1993, para perguntar: Como podemos interpretá-la? Uma imagem da mulher-objeto? A velha e rançosa imagem da mulher-fatal? Não! Uma Mulher, simplesmente. Sexuada e livre, que olha o mundo de frente, sem medo e com poder.

[749] Lima Barreto. "Vera Zassúlitch". In: *Bagatelas*, op. cit., p. 77.

FONTES

1. Manuscritos e Impressos

1.1. ABL – Academia Brasileira de Letras

Boletim da Academia Brazileira de Letras. N. 1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. Setembro de 1897.

Estatutos, Rejimento Interno, Regulamento dos Concursos da Academia Brazileira de Letras. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, 1913.

Atas para apresentação e julgamento das candidaturas de Lima Barreto.

1.2. FBN – Fundação Biblioteca Nacional

Coleção Lima Barreto. Seção de Manuscritos.

Relatórios do Ministério da Justiça e Negócios do Interior (1911- 1922). Seção de Periódicos.

1.3. IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

Latas 19, 426 e 427. Coleção Visconde de Ouro Preto.

2. Periódicos

2.1. Revistas

2.1.1. *ABC*:

"No Ajuste de Contas", Rio, 11-5-1918.

"A Nossa Filantropia", Rio, 24-8-1918.

"Como Budistas...", Rio, 31-8-1918.

"Considerações Oportunas", Rio, 16-8-1919.

"Extravagâncias Oficiais", Rio, 17-1-1920.

"Mais uma vez", Rio, 31-1-1920.

"Legião da Mulher Brasileira", Rio, 27-3-1920.

"O Nosso Feminismo", Rio, 12-8-1922.

2.1.2. *Braz Cubas*:

"Vera Zassúlitch", 25-7-1918.

2.1.3. *Careta*:

"Carta de um Pai de Família ao Doutor Chefe de Polícia", Rio, 24-4-1915.

“O Moambeiro”, Rio, 7-8-1915.

“Os Outros”, Rio, 11-12-1915.

“A mão policial”, Rio, 20-3-1919 (Imagem da Capa).

“Será Sempre Assim?”, Rio, 1919.

“Os Correspondentes”, Rio, 27-9-1919.

“As Vaporosas”, Rio, 4-10-1919.

“No ‘mafuá’ dos Padres”, Rio, 11-10-1919.

“O Nosso Caboclismo”, 12-10-1919.

“Modas Femininas e Outras” e “Novidades”, Rio, 22-11-1919.

“Concurso para Cozinha”, Rio, 23-11-1919.

“Queixa de Defunto”, Rio, 20-3-1920.

“Chapéus, etc”, Rio, 24-7-1920.

“O Prefeito e o Povo”, Rio, 15-1-1921.

“Feiras Livres”, Rio, 16-7-1921.

“A Pescaria”, Rio, 13-8-1921.

“Uma Nota”, Rio, 27-8-1921.

“Enfermeiras Louras e Mosquitos Zumbidores”, Rio, 28-1-1922.

“Feminismo Internacional” e “Iaiá das Marimbas”, Rio, 3-6-1922.

“O Foot-ball”, Rio, 1-7-1922.

“O Futurismo” e “Vestidos Modernos”, Rio, 22-7-1922.

“O ‘Estácio’ Atual”, Rio, 23-7-1922.

“De Cascadura ao Garnier”, Rio, 29-7-1922.

“Hotel Sete de Setembro”, Rio, 5-8-1922.

“Os Enterros de Inhaúma”, Rio, 26-8-1922.

2.1.4. *Hoje*:

“Quereis encontrar marido? – Aprendei!...”., Rio, 26-6-1919.

“Palavras dum Simples”, Rio, 22-7-1922.

2.1.5. *A Lanterna*:

“O Anel dos Musicistas”, Rio, 25-1-1918.

“Estudos Brasileiros”, Rio, 26-1-1918.

“Lavar a Honra Matando?”, Rio, 28-1-1918.

“Os Matadores de Mulheres”, 18-3-1918.

2.1.6. *Revista Contemporanea*:

"Sobre o Maximalismo", Rio, 8-3-1919.

2.1.7. *Revista Souza Cruz*:

"O destino da Literatura", outubro-novembro-1921, n. 58-59.

2.2. Jornais

2.2.1. *Correio da Noite*:

"A Música", Rio, 22-2-1914.

"A Polícia Suburbana", Rio, 28-12-1914.

"A Lei", Rio, 7-1-1915.

"Com o Binóculo", Rio, 11-1-1915.

"A Volta", Rio, 26-1-1915.

"Não as Matem", Rio, 27-1-1915.

"Os Exames", Rio, 6-3-1915.

"A Instrução Pública", Rio, 11-3-1915.

"Continuo...", Rio, 13-3-1915.

"O Momento", Rio, 3-5-!915.

2.2.2. *Gazeta de Notícias:*

"A Questão dos 'Poveiros", Rio, 2-1-1921.

"Bailes e Divertimentos Suburbanos", Rio, 7-2-1922.

2.2.3. *Gazeta da Tarde*:

"A Mulher Brasileira", Rio, 27-4-1911.

"Esta Minha Letra", Rio, 28-6-1911.

"Maio", Rio, 4-5-1911.

2.2.4. *O Paiz:*

"História de um Mulato", 7-4-1922.

2.2.5. *A Voz do Trabalhador*:

"Palavras de um *Snob* Anarquista", Rio, 15-5-1913.

2.3. Almanaque

ALMANAK LAEMMERT, 70º anno, 1914.

2.4. Fac-símile

SÃO PAULO. *Voz do Trabalhador (A).* Coleção fac-similar do jornal da Confederação Operária Brasileira (1908-1915). Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Secretaria de Estado de Cultura; Centro de Memória Sindical. 1985.

3. Leis, Decretos e Códigos

BRASIL. Fundação Biblioteca Nacional. Ministério da Justiça. Relatórios Ministeriais. Relatórios da Justiça e Negócios do Interior (1900-1922).

BRASIL. Portal da Câmara dos Deputados. Coleção das Leis da República Federativa do Brasil (1889-2000).

DISTRITO FEDERAL. Consolidação das Leis e Posturas Municipais – Segunda Parte – Legislação Distrital. Prefeito: Francisco Pereira Passos. Rio de Janeiro, 1906. Impresso nas Oficinas Typographicas de Paula Souza e Comp., Parte X, Capítulos I e II: Biblioteca do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

4. Obras de Lima Barreto

4.1. Manuscritos e recortes

Coleção Lima Barreto. Seção de Manuscritos da Fundação Biblioteca Nacional (FBN).

4.2. Livros

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Obras de Lima Barreto.* Vol. I: *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (Romance). 2ª ed. São Paulo: ed. Brasiliense, 1962.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Obras de Lima Barreto.* Vol. II: *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (Romance). 2ª ed. São Paulo: ed. Brasiliense, 1962.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Obras de Lima Barreto.* Vol. III: *Numa e a Ninfa* (Romance). 2ª ed. São Paulo: ed. Brasiliense, 1962.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Obras de Lima Barreto.* Vol. IV: *Vida e Morte de M.J.Gonzaga* (Romance). 2ª ed. São Paulo: ed. Brasiliense, 1962.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Obras de Lima Barreto.* Vol. V: *Clara dos Anjos* (Romance). 2ª ed. São Paulo: ed. Brasiliense, 1962.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Obras de Lima Barreto.* Vol. VI: *Histórias e sonhos* (Contos). 2ª ed. São Paulo: ed. Brasiliense, 1962.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Obras de Lima Barreto.* Vol. VII: *Os Bruzundangas* (Sátira). 2ª ed. São Paulo: ed. Brasiliense, 1962.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Obras de Lima Barreto.* Vol. VIII: *Coisas do Reino de Jambom* (Sátira). 2ª ed. São Paulo: ed. Brasiliense, 1962.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Obras de Lima Barreto.* Vol. IX: *Bagatelas* (Artigos). 2ª ed. São Paulo: ed. Brasiliense, 1962.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Obras de Lima Barreto.* Vol. X: *Feiras e Mafuás* (Artigos e Crônicas). 2ª ed. São Paulo: ed. Brasiliense, 1962.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Obras de Lima Barreto.* Vol. XI: *Vida Urbana* (Artigos e Crônicas). São Paulo: ed. Brasiliense, 1956.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Obras de Lima Barreto.* Vol. XII: *Marginália* (Artigos e Crônicas). 2ª ed. São Paulo: ed. Brasiliense, 1962.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Obras de Lima Barreto.* Vol. XIII: *Impressões de Leitura* (Crítica). 2ª ed. São Paulo: ed. Brasiliense, 1962.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Obras de Lima Barreto.* Vol. XIV: *Diário Íntimo* (Memórias). 2ª ed. São Paulo: ed. Brasiliense, 1962.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Obras de Lima Barreto.* Vol. XV: *O Cemitério dos Vivos* (Memórias). 2ª ed. São Paulo: ed. Brasiliense, 1962.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Obras de Lima Barreto.* Vol. XVI: *Correspondência Ativa e passiva* – 1º tomo. 2ª ed. São Paulo: ed. Brasiliense, 1962.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Obras de Lima Barreto.* Vol. XVII: c*orrespondência: Ativa e passiva* – 2º tomo. São Paulo: ed. Brasiliense, 1956.

LIMA BARRETO, A. H. de. *O Subterrâneo do Morro do Castelo: um folhetim de Lima Barreto/* org. Beatriz Resende. 2ª ed. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 1997.

BIBLIOGRAFIA

1.1. Livros

ABREU, Maurício de Almeida. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro: IPLANRIO; J. Zahar, 1988.

_____ (org.) *Natureza e Sociedade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração,1992. (Coleção Biblioteca Carioca, vol. 21).

AIEX, Anoar. *As idéias sócio-literárias de Lima Barreto*. São Paulo: ed. Vértice, 1990

ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. [Trad. Pier Luigi Cabra]. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

AZEVEDO, André Nunes de (org.). *Rio de Janeiro. Capital e capitalidade*. Rio de Janeiro: UERJ, 2002.

AZEVEDO, Célia Marinho. *Onda negra, medo branco. O negro no imaginário das elites. Século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. [Trad. a partir do francês por Maria Ermantina Galvão; revisão da trad. Marina Appenzeller]. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (Col. ensino superior).

_____ . *Marxismo e filosofia da linguagem*. [Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira]. 6ª ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto: 1881-1922*. Edição ilustrada. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1952. (Col. Documentos Brasileiros, 70).

BARTHES, Roland. *A Câmara clara*. [Trad. Júlio Castañon Guimarães]. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUDELAIRE, Charles. *Um comedor de ópio*. [Trad. Annie Paulette Marie Cambe]. Rio de Janeiro: Newton Compton Brasil ltda., 1992. (Col. Clássicos Econômicos Newton, 8).

_____. *Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna*. [Org. Teixeira Coelho]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. (Col. Leitura).

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo sexo*. [Trad. Sérgio Milliet]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. (Vol. 1 – Fatos e mitos).

BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical*. *A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade, 1990. (Biblioteca Carioca).

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. [Trad. José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista]. São Paulo: Brasiliense, 1989 (Obras escolhidas; v. 3).

BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. [Trad. Carmen C. Varrialle, Gaetano Lo Mônaco, João ferreira, Luís Guerreiro Pinto Cacais]. 5ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000, (2 v.).

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1976.

_____. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa/RJ: Difel/Bertrand, 1989.

_____. ”Efeitos de lugar”. In: _____(coord.). *A Miséria do mundo*. [Trad. Mateus S. Soares Azevedo, Jaime ª Clasen, Sérgio H. de Freitas Guimarães, Marcus Antunes Penchel, Guilherme J. de Freitas Teixeira, Jairo Veloso Vargas. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, pp. 159-166.

_____. *A Economia das Trocas Lingüísticas: O que Falar Quer Dizer*. [Trad. Sergio Miceli, Mary Amazonas Leite de Barros, Afrânio Catani, Denice Barbara Catani, Paula Montero, José Carlos Durand]. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 1998. (Clássicos; 4).

_____. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, M. M. & AMADO, J. (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000, pp. 183 a 191.

BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique (orgs.). *Passados recompostos: cantos e canteiros da história.* [Trad. Marcela Mortara e Anamaria Skinner]. Rio de Janeiro: ed. UFRJ: ed. FGV, 1998.

BRANCO, Pedro Vilarinho Castelo. *Mulheres plurais: a condição feminina na Primeira República*. Teresina, PI: Edições Bagaço, 2005.

BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

BRETAS, Marcos Luiz. *Ordem na cidade: o exercício cotidiano da autoridade policial no Rio de Janeiro, 1907-1930.* Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio: Academia Brasileira de letras, 2005.

BRUSCHINI, Cristina e HOLLANDA, Heloísa Buarque. *Horizontes Plurais. Novos estudos de gênero no Brasil*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Editora 34, 1998.

BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. [Trad. Magda Lopes]. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CABRAL, Sérgio. *Pixinguinha: vida e obra*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Funarte, 2007.

CALIL, Carlos Augusto e BOAVENTURA, Maria Eugenia (orgs.). *Livro involuntário: literatura, história, matéria e memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARNEIRO, Edson. *Antologia do Negro Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

CARONE, Edgard. *A República Velha – Instituições e Classe Sociais*. 2ªed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

_____. *A República Velha – Evolução Política*. 3ªed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.

_____. *A Primeira República (Texto e Contexto)*. 3ªed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1976.

CARVALHO, Carlos Delgado de. *História da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1994.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. 3ª ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. 7ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. *Quatro vezes cidade*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994.

CARVALHO, Marie Jane Soares e ROCHA, Cristianne Maria Famer (orgs.). *Produzindo gênero. Encontro Nacional da Rede Brasileira de Estudos e Pesquisas*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

CASTEL, Robert, WANDERLEY, Luís Eduardo W. e WANDERLEY, Mariangela Belfiore. *Desigualdade e a Questão Social*. São Paulo: EDUC, s.d.

CHALOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001.

CHARAUDEAU, Patrick, MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. [Coord. trad. Fabiana Komesu. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARTIER, Roger. *Au bord de la falaise: L'histoire entre certitudes et inquiètude*. – Paris: Éditions Albin Michel S. A., 1998.

_____. *A história cultural – entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números).* [Trad. Vera da Costa e Silva; coord. Carlos Sussekind]. 7ª ed. Rio de Janeiro: José Olynpio, 1993.

COMPAGNON, Antoine. *Os cinco paradoxos da modernidade*. [Trad. Cleonice P. B. Mourão, Consuelo F. Santiago, Eunice D. Galéry). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina (orgs.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro/São Paulo: Rosa dos Ventos/Carlos Chagas, 1992.

COSTA, E. Viotti. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Ciências Humanas, 1979.

COSTA, J. C.. *Contribuição à História das Idéias no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

COUTINHO, Afrânio (dir.). *A Literatura no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Sul Americana, vol.IV, 1969.

CRULS, Gastão. *Aparência do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Ed., 1949. 2 vols.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. [Trad. Ephraim Ferreira Alves]. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____. *A escrita da história*. [Trad. Maria de Lourdes Menezes]. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2000.

DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. "Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças". In: *Estudos Feministas* [2], n. 2/94. CIEC/ECO/UFRJ. 373-382.

DOTTIN-ORSINI, Mireille. *A mulher que eles chamavam fatal: textos e imagens da misoginia fin-de-siècle*. [Trad. Ana Maria Scherer]. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

DUBY, George e PERROT, Michelle. *Historia de las mujeres en occidente*. Madrid: Taurus, 1991.

DUNLOP, Charles J. *Os meios de transporte no Rio Antigo*. Rio de Janeiro: Ministério dos Transportes, Serviço de Documentação, 1972.

_____. *Rio Antigo*. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Laemmert Ltda., 1955, vol. I.

EAGLETON, Terry. *A idéia de cultura*. [Trad. Sandra Castello Branco]. São Paulo: ed. UNESP, 2005.

EDMUNDO, Luís. *O Rio de Janeiro do Meu Tempo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1957, vols. 1 a 5.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: ed. Perspectiva, 1972. (Col. Debates; 52).

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. [Trad. Ruy Jungmann; rev. e apres. Renato Janine Ribeiro]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. (Vol. 1. Uma história dos costumes).

ENGELS, Friedrich. *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. São Paulo: ed. Escala. [Trad. Ciro Mioranza], s.d. (Col. Grandes Obras do Pensamento Universal).

FERNANDES, Florestan (org.). *Comunidade e sociedade no Brasil: Leituras básicasde introdução ao estudo macro-sociológico do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1975.

FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil republicano: o tempo do liberalismo excludente – da Proclamação da República à revolução de 30.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, Livro 1.

FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). *A República na velha província*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1989.

FERRO, Marc. *A revolução russa de 1917*. [Trad. Maria P. V. Resende]. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1974. (Col. Khronos).

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. [Org. e trad. Roberto Machado]. 10ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1992.

_____. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. [Trad. Salma T. Muchail; rev. Roberto C. de Lacerda].5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. *A ordem do discurso*. [Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio]. 7ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

FREYRE, Gilberto. *Ordem e progresso: processo de desintegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre*. 4ª ed.: Record, 1990.

_____. *Casa-Grande e Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 49ª ed. São Paulo: Global Editora, 2004.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método*. [Trad. Flávio Paulo Meurer]. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. *Quem sou eu, quem és tu?: comentário sobre o ciclo de poemas Hausto-Cristal de Paul Celan.* {Trad. e apres. Raqhel Abi-Sâmara]. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio: e da sua liderança na história política do Brasil.* 5ª ed. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 2000.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais; morfologia e história*. [Trad. Frederico Carotti]. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *A micro-história e outros ensaios*. [Trad. Antonio Narino]. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/ Bertrand Brasil, 1989.

GOMES, Angela de Castro, PANDOLFI, Dulce Chaves e ALBERTI, Verena (coord.). *A República no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: CPDOC, 2000.

GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da História*. [Trad. Carlos Nelson Coutinho]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

_____. *Os intelectuais e a organização da cultura*. [Trad. Carlos Nelson Coutinho]. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

_____. *Literatura e vida nacional*. [Trad. Carlos Nelson Coutinho]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

GUIMARÃES, Eduardo (org.). *História e sentido na linguagem*. Campinas, SP: Pontes, 1989.

HAHNER, June E. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil. 1850-1940.* [Trad. Eliane Tejera Lisboa; apres. Joana Maria Pedro]. Florianópolis, SC: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. [Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder]. 7ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004. (Série Interpretações da História do Homem, vol. 2).

HOBSBAWM, Eric. *Sobre História*. [Trad. Cid Knipel Moreira]. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Tendências e impasses – O feminismo como crítica da cultura.* Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HOLLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 21ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

HUTCHEON, Linda. *Teoria e política da ironia*. [Trad. Julio Jeha]. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. [Trad. Jefferson Luiz Camargo]. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ISER, Wolfgang. *O Ato de leitura: uma teoria do efeito estético*. [Trad. Johannes Kretschmer]. São Paulo: Ed. 34, 1996, v.1. (Col. Teoria).

KESSEL, Carlos. *A vitrine e o espelho: o Rio de Janeiro de Carlos Sampaio*. Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas. Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2001. (Memória carioca; v. 2).

KONDER, Leandro. *Flora Tristan: uma vida de mulher, uma paixão socialista*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

LAFARGUE, Paul. "A questão da mulher". In: *A libertação da mulher*. 2ª ed. – São Paulo: Global Editora, 1980, p.37-44, Coleção Bases n. 15.

LEENHARDT, Jacques e PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs.). *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1998.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. [Trad. Bernardo Leitão et alii]. 4ª ed. Campinas, SP: ed. UNICAMP, 1996 (Col. Repertórios).

_____. História. Em: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Casa da Moeda – Imprensa Nacional, 1985, vol. I, p. 219.

LEITÃO, Eliane Vasconcellos. *A mulher na língua do povo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981. (Série Universidade, Linguagem: 17)

LEVI, Giovanni. "Usos da biografia". In: FERREIRA, M. M. & AMADO, J. (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000, pp. 167 a 182.

LOPES, Antonio Herculano (org.). *Entre Europa e África: a invenção do carioca*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, Topbooks, 2000.

LOPES, Helena Theodoro; SIQUEIRA, José Jorge e NASCIMENTO, Maria Beatriz. *Negro e cultura no Brasil: Pequena enciclopédia da cultura brasileira*. Rio de Janeiro: UNIBRADE/UNESCO, 1987.

LOPES, Nei Braz. *Incursões sobre a pele*. Rio de Janeiro: Artium, 1996.

MACHADO, Maria Cristina Teixeira. *Lima Barreto: um pensador social na Primeira República*. Goiânia: Ed. da UFG; São Paulo: Edusp, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso.* [Trad. Freda Indursky]. Campinas, SP: Pontes: Ed. da UNICAMP, 1989.

_____. *Termos-chave da análise do discurso*. [Trad. Mário Venício Barbosa, Maria Emília Amarante Torres Lima]. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo Ventura (org.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz/CCBB, 1997.

MARINS, Álvaro. *Machado de Assis e Lima Barreto: da ironia à sátira*. Rio de Janeiro: Utópos, 2004.

Mc NALLY, David. “Língua, história e luta de classes”. In: WOOD, Ellen M. *Em defesa da História: marxismo e pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999, pp. 33 a 49.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

_____ e SOIHET, Rachel (orgs.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MENEZES, Lená Medeiros de. *Os indesejáveis. Desclassificados da modernidade. Protesto, crime e expulsão na Capital Federal (1890-1930).* Rio de Janeiro: EDUERJ, 1997.

_____. *Os estrangeiros e o comércio do prazer nas ruas do Rio de Janeiro (1890-1930).* Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

MORAES, Vinicius de. *Orfeu da Conceição (Tragédia Carioca).* 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1960.

NADER, Paulo. *Introdução ao estudo do Direito*. 26ª ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2006.

_____. “*Lua nova*: Hollywood e a propaganda contra-revolucionária”. In: _____, ROLLEMBERG, Denise e MUNTEAL Oswaldo Filho (orgs.). *Olhares dobre o político*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, pp. 47-58.

_____. “Nas trilhas do progresso: Pereira Passos e as posturas municipais (RJ, 1902-1906)”. In: SOLLER, Maria Angélia e MATOS, Maria Izilda S. (org.). *A cidade em debate*. São Paulo: Olho D’Água, 1999, pp. 109-127.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história.* São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

NEEDEL, Jeffrey. *Belle Époque Tropical*. [Trad. Celso Nogueira]. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NORONHA SANTOS, Francisco Agenor de. *As freguesias do Rio Antigo*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1965.

NYE, Andrea. *Teoria feminista e as filosofias do homem*. [Trad. Nathanael C. Caixeiro]. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1995.

OLIVEIRA, Lúcia Elena Garcia de; PORCARO, Rosa Maria e ARAUJO, Tereza Cristina N. *O lugar do negro na força de trabalho*. Rio de Janeiro: IBGE, 1981.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 4ª ed. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1997. (Col. Repertórios).

_____(org.). *Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço*. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PÉCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. [Trad. Eni Pulcinelli Orlandi]. Campinas, SP: Pontes, 1990.

PECHMAN, Robert M. (org.). *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe*. Florianóplolis: Ed. da UFSC, 1994.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história*. [Trad. Denise Bottmann]. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

_____. *Mulheres públicas*. [Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

_____. *As mulheres e os silêncios da história.* [Trad. Viviane Ribeiro]. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O Imaginário da Cidade. Visões literárias do urbano. Porto Alegre*: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

_____ (org.). *Leituras cruzadas: diálogos da história com a literatura*. Porto Alegre: Ed. Universida de/UFRS, 2000.

PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2003. (Col. História do Povo Brasileiro).

PINTO, L. A. Costa. *O negro no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1991.

POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. Seguido de *Grupos Étnicos e suas fronteiras* de Fredrik Barth. [Trad. Elcio Fernandes]. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

PRADO, Antonio Armoni. *Lima Barreto: o crítico e a crise*. Rio de Janeiro: Cátedra/Brasília: INL, 1976.

QUINTANA, Mario. *Porta giratória*. São Paulo: ed. Globo, 1988.

RAGO, Margareth. *Anarquismo & Feminismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1998.

_____. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*.3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. (Col. Estudos Brasileiros, vol. 90).

REED, John. *10 Dias que Abalaram o Mundo*. [Trad. Armando Gimenez]. 2ª ed. São Paulo: Global Ed./Edições Sociais Ed., 1978.

REIS, José de Oliveira. *O Rio de Janeiro e seus prefeitos*. *Evolução urbanística da cidade*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade.

RÉMOND, René (org.). *Por uma história política.* [Trad. Dora Rocha]. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.

RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1993.

_____. *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio/CCBB, 1995.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal deCultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, 1987. (Col. Biblioteca Carioca).

_____. *O Momento Literário*. Curitiba, PR: Criar Edições, 2006.

ROCHA, Oswaldo Porto. *A Era das Demolições* e CARVALHO, Lia de Aquino. *Habitações Populares.* 2ª ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995. (Col. Biblioteca Carioca, vol. 1).

RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. *João do Rio: a cidade e o poeta – olhar de flâneur na belle époque tropical.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

SANTOS, Afonso Carlos Marques dos (coord.); BARBOSA, Francisco de Assis e BEIGUELMAN, Paula. *O Rio de Janeiro de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: RIOARTE, 1983, 2 vols. (Col. Roteiro Artístico e Literário do Rio de Janeiro).

SCISÍNIO, Alaôr Eduardo. *Dicionário da Escravidão*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 1997.

SCHUMAHER, Schuma e VITAL BRASIL, Érico (orgs.). *Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado.* 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz e REIS, Letícia Vidor de Sousa (orgs.). *Negras Imagens: Ensaios sobre Cultura e Escravidão no Brasil*. São Paulo: EDUSP: Estação Ciência, 1996.

SEARA, Berenice. *Guia de Roteiros do Rio Antigo*. Rio de Janeiro: Infoglobo Comunicações Ltda., 2004.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. *A Revolta da Vacina. Mentes insanas em corpos rebeldes.* São Paulo: Brasiliense, 1984. (Tudo é História, 89).

SMITH, Bonnie G. *Gênero e História: homens, mulheres e a prática histórica*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Literatura e História no Brasil Contemporâneo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

_____. *História da Imprensa no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977.

SOIHET, Raquel. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920*. Rio de Janeiro: FORENSE Universitária, 1989.

_____ ; BICALHO, Maria Fernanda B.; GOUVÊA, Maria Fátima S. (orgs.). *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de histótia.* Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

SUSSEKIND, Flora. *As revistas de ano e a invenção do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro.* [Trad. Beatriz Perrone-Moisés]. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VASCONCELLOS, Eliane. *Entre a agulha e a caneta: a mulher na obra de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1999.

VENTURA, Zuenir. *A cidade partida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

VÉSCIO, Luiz Eugênio e SANTOS, Pedro Brum (orgs.). *Literatura e História: perspectivas e convergências*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. [Trad. Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp]. 4ª ed. Brasília: UnB, 1998.

VOVELLE, Michel. *Ideologias e Mentalidades*. [Trad. Maria Julia Goldwasser]. São Paulo: ed. Brasiliense, 1987.

1.2.Teses, Dissertações e Monografias

AZEVEDO, André Nunes de. *Da monarquia à república: um estudo dos conceitos de civilização e progresso na cidade do Rio de Janeiro entre 1868 e 1906*. Rio de Janeiro, RJ, 2003. Tese de doutorado, Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ).

BARBOSA, Marialva. *Imprensa, Poder e Público (os Diários do Rio de Janeiro –1880-1920)*. Niterói, RJ, 1996. 404 p. Tese de doutorado, Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense (UFF).

CITELI, Maria Teresa. *Sexualidade e diferença em construções científicas: estudos feministas e estudos sociais das ciências sociais em paralelo*. São Paulo, SP, 2001. 253 p. Tese de doutorado, Sociologia, Universidade de São Paulo (USP).

COELHO, Francisco de Assis Fernandes. *Lima Barreto e as Instituições Políticas: um caminhante libertário na vida urbana*. Brasília, DF, 2005. 106 p. Dissertação de mestrado, Literatura, Universidade de Brasília (UnB).

CRUZ, Adélcio de Souza. Lima Barreto: a identidade étnica como dilema. Belo Horizonte, MG, 2002. 123 p. Dissertação de mestrado, Estudos Literários, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

CUNHA, Helena Simões Bocayuva. *Sexualidade e Gênero como Metáforas do Biopoder: Um estudo sobre o imaginário brasileiro*. Rio de Janeiro, RJ, 2006. 195 p. Tese de doutorado, Saúde Coletiva, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

DEUS, Denilson Botelho de. *Letras militantes: história, política e literatura em Lima Barreto*. Campinas, SP, 2001, 250 p. Tese de doutorado, História, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

DIAS, Regina Maria Santos. *Malícia, Perícia e Polícia – manobras subjetivantes nas ruas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, RJ, 2003. 167 p. Tese de doutorado, Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ).

FREITAS, Celi Silva Gomes de. *Entre a Vila Quilombo e a Avenida Central: a dupla exterioridade em Lima Barreto.* Rio de Janeiro, RJ, 2003. 143 p. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

FURTADO, Fabiana Camara. *Perfis da Belle Époque Brasileira: uma análise das figuras femininas em Lima Barreto.* Recife, PE, 2003. 111 p. Tese de doutorado, Letras, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

KAHN, Daniele Mercedes. *O leitor deslocado e a biblioteca fora do lugar: figurações da insuficiência intelectual na ficção de Lima Barreto*. São Paulo, SP, 2006. 175 p. Tese de doutorado, Letras: Teoria Literária e Literatura Comparada, Universidade de São Paulo (USP).

LOPES, Silvana Fernandes. *Lima Barreto e a Educação: Os Limites Históricos de uma Concepção Crítica da Educação Escolar Brasileira*. Campinas, SP, 2002, 100 p. Tese de doutorado, Educação, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

MILL, Daniel Ribeiro da Silva. *Educação à distância e trabalho docente virtual: sobre tecnologia, espaços, relações sociais de sexo e coletividade na idade mídia*. Belo Horizonte, MG, 2006. 310 p. Tese de doutorado, Educação, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

OSTERNE, Maria do Socorro Ferreira. *Violência nas Relações Sociais de Gênero e Cidadania Feminina: análise nas ocorrências na Delegacia de Defesa da Mulher de Fortaleza*. Recife, PE, 2005. 264 p. Tese de doutorado, Serviço Social, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

PACHECO, Keli Cristina. *Lima Barreto e o mal-estar do território*. Florianópolis, SC, 2005. 131 p. Dissertação de mestrado, Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

PECHMAN, Robert M. *A gênese do mercado urbano de terras, a produção de moradias e a formação dos subúrbios no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, RJ, 1985. Dissertação de mestrado, Curso de Pós-Graduação em Planejamento Urbano Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

QUEIROZ, Patrícia Regina Cenci. *História e ficção nos trabalhos satíricos do escritor Lima Barreto: o humor como narrativa historiográfica*. Assis, SP, 2005. 158 p. Dissertação de mestrado, História, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP-Assis).

RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. *Dândis Tropicais – Boemia Literária na Belle Epoque Carioca*. Prêmio Carioca de Monografia, 2000.

SANTANA, Suely Santos. *Uma voz destoante na rua do Ouvidor: Lima Barreto e a representação das relações raciais no início do século XX*. Salvador, BA, 2005. 122 p. Dissertação de mestrado, Letras e Lingüística,. Universidade Federal da Bahia (UFBA).

SILVA, Adriana Carvalho. *O Espaço Carioca no Olhar de Lima Barreto (um estudo da interação Literatura-Geografia).* Niterói, RJ, 2005. 166 p. Dissertação de mestrado, Geografia. Universidade Federal Fluminense (UFF).

SILVA, Elizabet Clemoni Nunes da. *Lima Barreto: rupturas*. Florianópolis, SC, 2003. 113 p. Dissertação de mestrado, Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

SILVA, Luiz. *A Consciência do Impacto nas Obras de Cruz e Souza e de Lima Barreto*. Campinas, SP, 2005. 335 p. Tese de doutorado, Teoria e História da Literatura, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

SILVEIRA, Cristiane da. *O alvorecer da República sob o olhar interpretativo de Lima Barreto.* Uberlândia, MG, 2004. 138 p. Dissertação de mestrado, História, Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

SOUSA, Fábio d'Abadia de. *O negro no universo literário de Lima Barreto*. Goiânia, GO., 2000. 139 p. Dissertação de mestrado, Letras, Universidade Federal de Goiás (UFGO).

VIEIRA, Denise Adélia. *A Literatura, a Foice e o Martelo*. Juiz de Fora, MG, 2004. 96 p. Dissertação de mestrado, Letras. Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

1.3. Artigos

CIVILETTI, Maria Vittoria Pardal. "O cuidado às crianças pequenas no Brasil escravista". www.uff.br/feuff/departamentos/docs_edu_infantil_mural/muinfa21.doc

CHALHOUB, Sidney. "Trabalho Escravo e Trabalho Livre na Cidade do Rio de Janeiro: Vivência de Libertos, 'Galegos' e Mulheres Pobres". *Revista Brasileira de História* – Vol. 5, no 8/9 – Setembro de 1984 / Abril de 1985, pp. 85-116.

CHARTIER, Roger. "Différences entre les sexes et domination symbolique". (note critique). *Annales ESC*, 1993, nº 4, 1005-1010.

ELIAS, Rodrigo. "A República do conselheiro". *Revista Nossa História*, 3 (29): 42-45, março 2006.

ENGEL, Magali. "Paixão e morte na virada do século". *Revista Nossa História*, 2 (19): 64-67, maio 2005.

FREITAS, Celi Silva Gomes de. "Mulheres da 'Vila Quilombo' – os lugares do feminino na obra de Lima Barreto". Comunicação. Resumo publicado em: UFF/PROEX/NUTEG/REDEFEM, III Encontro Enfoques Feministas e as Tradições Disciplinares nas Ciências e na Academia. Niterói, RJ, 2001. *Caderno de resumos*, p. 40.

MENEZES, Lená Medeiros de. "Francesas no Rio de Janeiro: modernização e trabalho segundo o Almanak Laemmert". *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* – Rio de Janeiro, 165 (423): 11-31, abr./jun. 2004.

_____. "À francesa, dos pés à cabeça". *Revista de História da Biblioteca* Nacional. Rio de Janeiro, 3 (25): 54-57, out. 2007.

PADILHA, Sylvia F. "Da cidade velha à periferia". *Revista do Rio de Janeiro,* (1): 15-23, Niterói: UFF, set./dez. 1985.

PECHMAN, Sérgio e FRITSCH, Lilian " A reforma urbana e seu avesso: algumas considerações a propósito da modernização do Distrito Federal na virada do século". *Revista Brasileira de História*, 5 (8,9): 139-195, set. 1984/ abr.1985.

PETRUCCELLI, José Luís. "Doutrinas francesas e o pensamento racial brasileiro, 1870-1930". *Estudos Sociedade e Agricultura*, 7, dezembro 1996: 134-149.

RAGO, Margareth. "A sexualidade feminina entre o desejo e a norma: moral sexual e cultura literária feminina no Brasil, 1900-1932". *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH/Marco Zero, v. 14, no. 28, 1994.

RIAL, Carmen; LAGO, Mara Coelho de Souza; GROSSI, Miriam Pillar. “Relações sociais de sexo e relações de gênero: entrevista com Michèle Ferrand”. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, 13 (3): 677-689, setembro-dezembro/2005.

RABHA, Nina Maria de Carvalho E. “Cristalização e resistência no centro do Rio de Janeiro”. *Revista do Rio de Janeiro*, 1 (l): 35-43, Niterói: UFF, set./dez. 1985.

SOLIS, Sidney Sérgio F. e RIBEIRO, Marcus Vinicius T. “O Rio onde o sol não brilha: acumulação e pobreza na transição para o capitalismo”. *Revista do Rio de Janeiro*, 1 (1): 45-59, Niterói: UFF, set./dez. 1985.

1.4. Catálogos e Afins

Exposição DO COSMÓGRAFO AO SATÉLITE: mapas da cidade do Rio de Janeiro. Organizado por Jorge Czajkowski; texto de Celso Castro; legendas de Alberto Taveira. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Urbanismo. Centro de Arquitetura e Urbanismo, 2000.

Exposição O RIO DE JANEIRO DE LIMA BARRETO. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Departamento Geral de Cultura. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. 1981: Ano do Centenário de Lima Barreto.

Programa da peça teatral LIMA BARRETO AO TERCEIRO DIA. Escrita por Luís Alberto de Abreu e dirigida por Aderbal Freire-Filho. Elenco: Milton Gonçalves, Frenando Almeida, Marcelo Escorel, Chico Expedito, Claudio Tovar, Françoise Furton, Andréa Dantas, Karla Muga, Eduardo Paranhos e Queca Vieira. Centro Cultural Banco do Brasil, 1995.

1.5. Jornais e Revistas

Almanaque Suburbano: o seu melhor companheiro de viajem. “Lima Barreto – o romancista dos humildes”. Distrito Federal, 1941 (59).

Diário de Notícias. QUEIROZ, Rachel. “Lima Barreto”. Rio de Janeiro, 1952.

Folha de São Paulo, Ilustrada. VIANNA, Luiz Fernando. “O marginal imortal: Caixa com dois volumes reúne 435 crônicas de Lima Barreto escritas a partir de 1900 até a sua morte”. São Paulo, Sábado, 4-12-2004 (1).

Jornal do Brasil, Caderno B. LAMEGO, Valéria. “Inéditos de Lima Barreto incluídos em edição que reorganiza suas crônicas e novas pesquisas revelam um escritor valorizado em sua época, apesar do preconceito”. Rio de Janeiro, Domingo, 2-7-2000 (1-2).

Jornal do Brasil, Domingo. “Nas Páginas da História: Há 80 anos”. Rio de Janeiro, 3-11-2002 (A16).

Jornal do Brasil, Domingo. AGOSTINI, Bruno. “O Triste Fim de Lima Barreto: Tentativas isoladas buscam recuperar o prestígio do escritor hostilizado pelo Rio em que viveu”. Rio de Janeiro, 7-12-2003 (48-50).

Jornal do Brasil, Idéias. COSTA, Cristiane. “A fortuna acrítica de Lima Barreto: Seleta da obra em prosa do escritor desprezado em vida, e só agora valorizado, peca por deixar de fora estudos fundamentais”. Rio de Janeiro, 16-3-2002 (8).

Jornal do Brasil, *Idéias*. “A obra de arte nos ensina a resistir”. Rio de Janeiro, Sábado, 30-11-2002. Entrevista com Alfredo Bosi.

Jornal do Brasil, *Idéias.* RODRIGUES, Karine. “A vida completa de Lima Barreto: Em edição revisada, pesquisadores dão continuidade à cuidadosa biografia do escritor”. Rio de Janeiro, Sábado, 15-3-2003 (4).

Jornal do Brasil, *Idéias.* SILVA, Alvaro Costa e. “O genial mulato: Dois livros, ‘Toda crônica’ e ‘O cemitério dos vivos’, atestam a permanência da literatura do escritor carioca Lima Barreto”. Rio de Janeiro, Sábado, 4-12-2004 (1-2).

O Globo, *Morar Bem*, *Pelos Quatro Cantos*. “Casas que entram para a crônica: Imóvel em que Lima Barreto morou e que é descrito em sua obra ganha placa comemorativa”. Rio de Janeiro, Domingo, 31-12-2000 (3).

O Globo, *Prosa & Verso*. VASCONCELOS, Nelson. “Lima Barreto e o olho da rua: Crônicas do escritor carioca mostram crítico das mesquinharias da vida”. Rio de Janeiro, Sábado, 15-1-2005 (5).

O Globo, *Segundo Caderno.* BIRMAN, Daniela. “Editora Agir comemora os seus 60 anos: Obras clássicas e contemporâneas marcam aniversário”. Rio de Janeiro, Segunda-feira, 6-12-2004 (8).

O Jornal, *Jornal Literário.* CAVALCANTI, Valdemar. “Vida e Morte de Lima Barreto”. Rio de Janeiro, 1952.

REVISTA RIO DE JANEIRO. Co-editada pela UERJ/LPP/Fórum-Rio. n. 10 (maio-ago. 2003).

1.6. Sítios (na ordem em que aparecem no texto)

www.memoriaviva.com.br

http://brazil.crl.edu/bsb/bsb/almanak

http://www.mundocultural.com.br/revista_klaxon

http://pt.wikipedia.org/Haeckel

http://alerjln1.alerj.rj.gov.br

www.uff.br/feuff/departamentos/docs_edu_infantil_mural/muinfa21.doc

http://pt.wikipedia.org/wiki/Maquinadeescrever

http://pt.wikipedia.org.wiki.Instituto

www.dhnet.org.br

www.mngt.waikato.ac.nz/ejrot/cmsconference/2003/proceedings/postcolonial/Frenkel

http://en.wikipedia.org/wiki/Richard_von_Krafft-Ebing

www.contueor.com/baedecker/great_britain/index

http://pt.wikipedia.org/Região_Metropolitana_do_Rio_de_Janeiro

ANEXOS

ANEXO 1

“Quadro: Revisão historiográfica em teses e dissertações (2000-2006)”

Quadro: Revisão historiográfica em teses e dissertações (2000-2006)

No.	Instituição/ Área	Dr./Ms. Data	Título	Autor(a)	Palavras-chave	Diálogos e aproximações com nossa tese
01	USP Literatura comparada	Doutorado 2006	*O leitor deslocado e a biblioteca fora do lugar: figurações da insuficência intelectual na ficção de Lima Barreto*	Daniela Mercedes Kahn	Literatura e Sociedade; Literatura e História	. Obra de Lima Barreto . Aquisição do conhecimento – relação precária entre leitores e bibliotecas . Brasil republicano . Posição marginal do autor e sua militância como via de resistência
02	UFF Geografia	Mestrado 2005	*O Espaço Carioca no Olhar de Lima Barreto (um estudo da interação Literatura-Geografia)*	Adriana Carvalho Silva	Representação; Lugar;Espaço; Topofilia; Vivência; Literatura	. Arte literária de Lima Barreto como forma de representação de sua leitura da cidade do Rio de Janeiro, em sua espacialidade e seu tempo. . Representação espacial como categoria comum a escritores e geógrafos
03	UnB Literatura	Mestrado 2005	*Lima Barreto e as Instituições Políticas: um caminhante libertário na vida urbana*	Francisco de Assis Fernandes Coelho	Lima Barreto	. Leituras das crônicas de Lima Barreto . Visão "militante" sobre a literatura e as instituições políticas brasileiras . Emprego difuso dos princípios libertários, sobretudo os defendidos por Tólstoi e Kroproktin . Defesa da brasilidade e recusa dos ditames europeus - Modernismo
04	UNESP – Assis História	Mestrado 2005	*História e ficção nos trabalhos satíricos do escritor Lima Barreto: o humor como narrativa historiográfica*	Patrícia Regina Cenci Queiroz	Lima Barreto; Modernidade; Rio de Janeiro	. Lima Barreto - construções ficcionais, do folhetim ao humor, sátiras, mercado editorial, jornalismo profissional . Representação do Ttrbulento processo modernizador instaurado no Brasil – choque entre o novo e o velho nas instituições republicanas
05	UFSC Literatura	Mestrado 2005	*Lima Barreto e o mal-estar no território*	Keli Cristina Pacheco	Nação; Exílio; Lima Barreto; Resistência	. Obra de Lima Barreto – sentimento/olhar de "estranhamento" e discussão sobre a nação, o nacionalismo e a "resistência"
06	UFJF Letras	Mestrado 2004	*A Literatura, a Foice e o Martelo*	Denise Adélia Vieira	Romance Proletário; Belle Époque; Literatura Brasileira	. Resgate da temática proletária na literatura brasileira . Socialismo e anarquismo da Belle Époque . Trajetória anarquista de

						Lima Barreto e seu apoio à revolução russa de 1917
07	UFU História	Mestrado 2004	*O alvorecer da República sob o olhar interpretativo de Lima Barreto*	Cristiane da Silveira	Lima Barreto; Identidade; República	. Lima Barreto – intérprete de seu momento, não como escritor marginal, mas como um cidadão atuante que rompeu várias barreiras sociais . Inter-relação entre a vida do escritor e seu contexto histórico . Produção de Lima Barreto - as transformações sociais e políticas logo após a proclamação da república e a formação da identidade nacional
08	PUC-RJ Psicologia	Doutorado 2003	*Malícia, Perícia e Polícia – manobras subjetivantes nas ruas do Rio de Janeiro*	Regina Maria Santos Dias	Lima Barreto; Literatura; Produção de subjetividade; Modernidade	. Literatura de Lima Barreto – "cena republicana" dos anos iniciais do século XX . "Estética barretiana como uma máquina de guerra a travar combates ético-político-literários nas ruas do Rio de Janeiro"
09	UFSC Literatura	Mestrado 2003	*Lima Barreto: rupturas*	Elizabet Clemini Nunes da Silva	Lima Barreto; Crítica; Contexto literário	. Obra de Lima Barreto - rupturas estéticas e ideológicas . Fortuna crítica do autor, anterior e posterior . Troca de sinal da crítica – contestação do enquadramento de Lima Barreto como "pré-modernista" – sua modernidade expressa o "bloco popular" da sua época
10	UNICAMP História	Doutorado 2001	*Letras militantes: história, política e literatura em Lima Barreto*	Denilson Botelho de Deus	Barreto, Lima; Política e Literatura; Imprensa; Brasil	. Trajetória intelectual do escritor carioca Lima Barreto, ua colaboração em jornais e revistas de Rio de Janeiro

						no início do século XX, sua produção literária e a rede de interlocutores . Perfil do significado histórico da militância político-literária de Lima Barreto . Um literato com idéias políticas – literatura engajada
11	UFMG Educação	Doutorado 2006	*Educação à distância e trabalho docente virtual: sobre tecnologia, espaços, relações sociais de sexo e coletividade na idade mídia*	Daniel Ribeiro da Silva	Educação à distância, virtual e idade mídia	. Categorias de análise: "espaço-tempo" e "gênero (ou relações sociais de sexo)" . Tecnologias "sexuadas" – "diferenciações que podem ser observadas entre os trabalhos masculinos e femininos no âmbito do teletrabalho docente"
12	UERJ Saúde Coletiva	Doutorado 2006	*Sexualidade e Gênero como Metáforas do Biopoder: Um estudo sobre o imaginário brasileiro*	Helena Simões Bocayuva Cunha	Sexualidade e Gênero; Biopoder; Imagunário Brasileiro	. Obras Lima Barreto . Nexos entre o feminino e o masculino e a emergência do higienismo no Brasil
13	UFPE Serviço Social	Doutorado 2005	*Violência nas relações sociais de de gênero e cidadania feminina: análise nas ocorrências na delegacia de defesa da mulher de Fortaleza*	Maria do Socorro Ferreira Osterne	Relações sociais de gênero; Violência; Cidadania	. Categorias de análise: violência, gênero e cidadania . Coexistência de signos masculinos e femininos naturalizados historicamente . Ambigüidades, tensões e padrões distintos de ações e reações instituídos para homens e mulheres; superação desses padrões
14	UFPE Letras	Mestrado 2003	*Perfis da Belle Époque Brasileira: uma análise das figuras femininas em Lima Barreto*	Fabiana Camara Furtado	Feminino; Barreto, Lima	. Conceitos de gênero e de "economia" política do sexo . Obra de Lima Barreto – corpus bastante fértil para a análise da mulher na Belle Époque brasileira . Personagens femininas – a mulher burguesa, a mulher negra e

						a suburbana . Denúncia das opressões sofridas por mulheres
15	USP Sociologia	Doutorado 2001	*Sexualidade e diferença em construções científicas: estudos feministas e estudos sociais das ciências sociais em paralelo*	Maria Teresa Citeli	Gênero; Estudos feministas; Estudos sociais das ciências	. Construção de diferenças entre sexos e "explicação" da sexualidade humana . Relações entre ciência e mídia mpressa . Necessidade de os Estudos feministas, a exemplo do que fazem os estudos sociais das ciências, fortelecerem sua pesquisa sobre, e seus vínculos com, a mídia
16	UNICAMP Teoria e história literária	Doutorado 2005	*A Consciência do Impacto nas Obras de Cruz e Souza e de Lima Barreto*	Luiz Silva	Sujeito étnico; Afro-brasileiro; Racismo	. Obras de Lima Barreto . Processo de exclusão racial e escravismo . Consciência do trauma coletivo e de suas conseqüências na vida cotidiana . Enfrentamento ideológico e estético, construindo uma identidade plural . Apresentação de um sujeito étnico do discurso baseado na experiência existencial afro-brasileira
17	UFBA Letras e Lingüística	Mestrado 2005	*Uma voz destoante na rua do Ouvidor: Lima Barreto e a representação das relações raciais no início do século XX*	Suely Santos Santana	Lima Barreto; Afro-brasileiro; Etnicidade	. Escritor afro-brasileiro Lima Barreto, que transitava entre o mundo culto das Letras e o mundo proletarizado dos subúrbios . Estudos Culturais e as teorias do "entre-lugar" . Representações dos afro-brasileiros e de suas relações sociais no período pós-abolição . Momentos de desvio e rupturas do discurso do escritor em relação aos discursos que inferiorizavam as(os) afro-brasileiras(os)
18	UFMG Estudos Literários	Mestrado 2002	*Lima Barreto: a identidade étnica como dilema*	Adélcio de Souza Cruz	Lima Barreto; Identidade; Etnia	. Lima Barreto e seus textos, prontos a desafiar

						a “democracia racial” questão étnica/racial através da literatura brasileira . Dilema do escritor – “ser negro ou não muito negro”
19	UNICAMP Educação	Doutorado 2002	*Lima Barreto e a Educação: Os Limites Históricos de uma Concepção Crítica da Educação*	Silvana Fernandes Lopes	Educação; Escolas; Barreto, Lima	. “O pensamento de Lima Barreto sobre a instituição escolar brasileira e as críticas que o autor faz à valorização do título de doutor na sociedade da época e à importância desse título para a ascensão social”
20	UFGO Letras	Mestrado 2000	*O negro no universo literário de Lima Barreto*	Fábio d’Abadia de Souza	Racismo; Literatura brasileira; Romance	. Preconceito racial no Brasil a partir da obra de Lima Barreto . “O escritor teria sido um dos primeiros intelectuais brasileiros a romper com a tradição literária acostumada a retratar o negro somente pela anormalidade, desconsiderando a sua humanidade”

ANEXO 2

“Primeira Marginália (1894-1909)”

Primeira Marginália (1894-1909)

Texto I

O SONHO DE CLEÓPATRA

(A Coelho Neto)

I

Noite. Por toda a vastidão dourada
Do céu do Egypto, a musica sonora
Dos anjos passa, e pelo espaço em fora,
Saída a esphera de ouro illuminada.

Treme o luar. Do vento a compassada
Voz, adormece a natureza agora.
Soluça uma harpa, e, junto d'ella chora
Uma mulher olympica e sagrada.

Sonha a Rainha. Tremula suspira,
De um lado a escrava Charmion, velando
O leite adormecido; e enquanto a lyra
Do amor, desfere um hymno que se evola,
No espaço, pura, a via-láctea entrando,
A cabeleira esparsa desenrola!...

II

- Charmion! Charmion! Falla a Rainha
Em sonho; se esse amor immaculado
Que me entrou n'alma, agora desprezado
Fosse, que triste não seria a minha

Vida, que d'antes esse amor não tinha!...
Formosa escrava, como abandonado,
Poderia viver esse adorado
Peito, que outr'ora lagrimas continha?

Falla a romana, e, attentamente a escuta
Marco Antonio de pé, que suspiroso
Traz prompto o olhar para a amorosa luta.

Corre a beijal-a. Mordem-no os desejos...
Ella desperta... e à syncope do goso,
Solta da bocca um turbilhão de beijos!...

ULYSSES VIANNA

Ceará - 1894[750]

---

[750] Ulysses Vianna. "O Sonho de Cleópatra". *Apud*: Lima Barreto. Op. cit.

***

Texto II

O ESPÍRITO DOS OUTROS

Quarto Prêmio: CASA DEVASSADA

Já mandei tapar e fechar todas as janelas, dizia uma senhora a uma visita; mas é debalde, não há meio de evitar a devassidão da minha família.

***

Texto III

NA CASA DOS DOIDOS

Não é a da apreciada *Gazeta de Notícias*, mas sim a de Bellingham, em Massachusetts, Estados Unidos. Uma doida velha vivia a passeiar pela *casa*, a dizer continuamente: - Estou cansada da vida!

Tinha 80 anos de idade e o motivo do seu grande desgosto era ver partir o director do hospício, a quem ella queria muito bem.

- A velha Abgail deseja morrer! Diziam as outras doidas.

- Pois matemol-a! Aventurou-se uma *typa*, maluca de nascença.

E o plano foi executado. Duas mulheres, durante a ausencia do director, amarraram a velha Abgail sobre a cama e deitaram fogo ao colchão. Quando o guarda percebeu a cousa e acudiu, era tarde: a velhinha estava horrivelmente queimada e morreu. As duas mulheres que a mataram não têm remorso algum e uma está até convencida de que é a rainha da Grã-Bretanha e... do mundo inteiro.[751]

***

Texto IV

As jóias das mulheres, collares, pulseiras, anneis, etc, têm todas a fôrma de um circulo, - e são na realidade os anneis de uma cadeia, cuja extremidade está na mão do diabo.[752]

***

Texto V

A mulher não é com dignidade esposa e viuva mais do que uma vez na vida.

***

Texto VI

A mulher para o homem é um fim; - o homem para a mulher é um meio.

***

[751] Consta a seguinte anotação manuscrita de Lima Barreto: "Da Tribuna da Imp. de Abril de 1901". *Apud:* Lima Barreto. Op. cit.

[752] Consta no pé de página a seguinte anotação manuscrita de Lima Barreto: "Estes excertos de jornais foram (...) pelo Sr. Araujo, em 13 de Nov. de 1901". Os "excertos" estão organizados em três colunas, sendo este o primeiro texto da primeira coluna. A seguir, apresentamos mais três textos dessa mesma coluna.

Texto VII

A mulher no governo da família deve ser o ministro do interior e das finanças; - o homem conserva as pastas, de estrangeiros e da energia.

***

Texto VIII

Um jornal da Austrália refere um acto de heroicidade e devoção humanitaria, praticado por uma jovem ingleza, que merece universal louvor e ficar registrado.

O paquete *Georgette* deu á costa proximo de Pesth, na Australia occidental. De bordo foi immediatamente arriada uma embarcação ao mar, afim de tentar a salvação de passageiros e tripolantes, passando um cabo de vai-vem. O mar era muito, e logo ás primeiras remadas o escaler voltou-se e a sua guarnição luctou por muito tempo, até ganhar novamente o navio.

Arriada nova e maior embarcação, recebeu algumas mulheres e crianças, e tentou alcançar terra e passar o cabo de vai-vem. Era grande a ressaca ou rolo de mar, proximo da terra, e ahi o escaler foi envolvido e a gente que conduzia lançada á agua, onde se debatia em lucta desesperada.

N'este instante appareceu junto á praia uma jovem amazona, parecendo impossivel que tivesse podido descer a cavallo das elevadas eminencias e alterosos penhascos, que em caprichoso labyrintho circumdavam como que fechando-o o logar do sinistro.

Miss Grace Vernon Russel, assim se chama a denodada amazona, que passeava a cavallo, vendo o desastre do vapor, desceu logo e sem hesitar pelos caminhos perigosos e invios que conduziam ao logar do encalhe.

Chegada a uma pequena praia lançou-se com o seu cavallo immediatamente ao mar, desprezando os perigos que lhe offerecia, eriçado como era de rochedos, pedras e penhascos, contra os quaes se quebravam as ondas com grande furia e medonho ruido, produzindo nuvens de escuma, ao meio da qual sesapparecia por vezes a heroica ingleza, que conseguiu alcançar o escaler a que se agarravam entre loucas e desesperadas mulheres e crianças.

Miss Grace Russel tomou o cabo de vai-vem, que passou á terra o que lhe permittiu conduzir a salvamento todos os passageiros e tripolantes do vapor Georgette.

Este trabalho sobre-humano durou quatro horas, e terminado, a heroica e criativa jovem, alagada e semi-morta de fadiga teve ainda a coragem de galopar até a casa de sua irmã, Mme. Brockman, distante cerca de doze milhas, a buscar auxílio e socorro para os desgraçados naufragos.

Mme. Brockman, fazendo-se acompanhar de provisões de todos os generos, levou-as ella propria aos naufragos conduzindo-os no dia seguinte a sua casa onde lhes prodigalisou todos os cuidados e desvelos, até que, completamente restabelecidos, poude cada um seguir ao seu destino.

Desgraçadamente Mme. Brockman, de uma saude melindrosa, sentiu-se doente durante a sua empreza e trabalho de caridade, e sobreveiu-lhe uma febre cerebral, de que morreu em poucos dias.

Sua corajosa irmã, a heroica miss Grace Vernon Russel, felizmente não succumbiu e ganhou um logar distincto ao lado das mulheres, ás quaes nos lances mais afflictivos e

arriscados não falta coragem, a dedicação e o santo amor da humanidade. A historia terá de registrar o seu nome como benemerito, e as gerações de abençoar a sua memoria.[753]

***

Texto IX

X... tinha raptado a mulher a Z.

Ficou sorprehendido vendo o marido entrar-lhe em casa ao dia seguinte. O homem vinha frio, severo e implacavel de aspecto.

- Adivinha o que aqui me traz, creio? Perguntou

- Creio que sim, respondeu o outro; suppondo que tinha um duelo em perspectiva.

- Sei que minha mulher está aqui, continuou Z..., tirando duas pistolas da algibeira do paletot.

- Estou ás suas ordens, respondeu X... cheio de dignidade.

- Pois bem, concluiu Z..., e fique lhe isto na memoria... se tiver a pouca vergonha de a deixar voltar para casa, deito-lhe os miolos fóra com uma d'estas pistolas!

***

Texto X

OS AMORES DE CARLOTA JOAQUINA

È facto adquirido para a Historia, que D. Carlota Joaquina foi uma esposa indigna d'este nome. E os seus contemporaneos foram concordes em que a moral de D. Carlota Joaquina faria arrugar os supercilios aos jansenistas e Junot, que a tratou de perto, alcunhou-a de Messalina, e a duqueza de Abrantes, que a conheceu pessoalmente, declarou que a narrativa das aventuras amorosas d'esta princeza seria repellente, sem ter o comico de Boccacio ou da rainha de Navarra. Um folheto publicado em Paris em 1833 assegura que D. Carlota Joaquina não tinha pudor, nem respeito por seu marido, e que, certa vez, foi surprehendida no Ramalhão, n'um minuti grave que a penna do auctor se recusou a descrever. Um consciencioso historiador portuguez, o sr. Fonseca Benevides, não fica atraz d'aquelle escriptor e confessa que ella era dissoluta, de gostos vis e baixos, e mais devassa e abominavel, em cujas veias corria toda a podridão do sangue Bourbon.

.....

D. Carlota Joaquina era cheia de taras, iscada de sensualidade, e tinha uma consciencia que nunca foi pungida pelas púas do remorso, emquanto que D. João VI, longe de ser *une bête*, como sustenta a duquesa de Abrantes, era medianamente intelligente, mas bonacheirão, Portugal velho – um burguez da realeza. Apesar da atividade politica de D. Carlota Joaquina, ella não teve a gloria, que só reside no futuro, mas apenas a popularidade, que é o echo tumultuoso do presente. É justo, porém, confessar que possuía a coragem, a firmeza e a energia que faltavam a seu marido. Por isso também não cantou a palinodia, como tantos d'esses homens de 20 que viraram a casaca do carnaz e não tiveram o ousio de se manter fieis á Liberdade, que cahiu estrangulada aos pés dos contra-revolucionarios de Villa Franca.

***

[753] Esse texto ocupa toda a segunda coluna dos "Excertos". *Apud*: Lima Barreto. Op. cit.

Texto XI

A MARCELLINA

(Arthur Azevedo)

I

Naquelle tempo (não há necessidade de precisar a época) era o Dr. Pires de Aguiar o melhor freguez da alfaiataria Raunier e uma das figuras obrigadas da rua do Ouvidor.

Como advogado diziam-no de uma competencia um pouco duvidosa, o que aliás não obstava a que elle ganhasse muito dinheiro, mas como janota – força é confessal-o – não havia rapaz tão elegante no Rio de Janeiro.

Rapaz? Rapaz, sim; o Dr. Pires de Aguiar pertencia a essa privilegiada classe de solteirões que se conservam rapazes durante trinta annos.

Quando lhe perguntavam a idade, respondia invariavelmente: - Orço pelos quarenta – e durante muito tempo não deu outra resposta. Os seus contemporaneos de Academia attribuiam-lhe cincoenta bem puxados. As senhoras, essas não lhe davam mais de trinta e cinco.

Elle tinha um fraco pelas mulheres de theatro. Consistia o seu grande luxo em ser publicamente o amante official de alguma actriz. Não fazia questão do espirito nem da belleza; o indispensavel é que ella occupasse logar saliente no palco, e fosse applaudida e festejada. Não era o amor, era a vaidade que o conduzia á nauseabunda Cythera dos bastidores.

Essas ligações depressa se desfizeram; duravam, por via de regra, emquanto durava o brilho da *estrella*; desde que esta começava a offuscar-se, elle achava um pretexto para afastar-se della e procurar immediatamente outra. Como era intelligente e generoso – muito mais generoso que intelligente – nunca ficava mal com o astro caido.

Algumas vezes o rompimento era provocado por ellas – pelas de mais espirito, que facilmente se enfaravam de um individuo tão preocupado com a propria pessoa, e tão vaidoso das suas roupas e das suas joias.

II

No tempo em que se passou a acção deste ligeiro conto, a nova conquista do Dr. Pires era uma actriz portugueza, a Glorinha, que viera de Lisboa apregoada pelas cem trombetas da *réclame*, e cuja estréa, n’um dos nossos theatrinhos de opereta, o publico esperava anciosamente.

Uma hora antes de começar o espectaculo de estréa, entrou o advogado triumphantemente na caixa do theatro, levando pelo braço a sua nova amiga, envolvida n’uma elegante capa de pelucia. Ia fazer-lhe entrega do camarim, cujo arranjo confiara ao bom gosto e á pericia dos mais habeis tapeceiros e estufadores.

Ella ficou encantadissima, e agradeceu com beijos quentes e sonoros a delicada solicitude do amante.

Que belo tapete felpudo! que bonitos quadros! que papel bem escolhido! que delicioso divan! que magnifico espelho de tres faces, onde o seu vulto airoso se reflectia tres vezes por inteiro! e que precioso serviço de *toilette*!...

Nada faltava também sobre a mesinha da *maquillage*, intensamente illuminada por dois bicos de gaz.

O Dr. Pires de Aguiar tinha longa pratica desses arranjos; não podia esquecer-se de nenhum dos ingredientes necessarios ao camarim de uma actriz que se respeita; o arsenal estava completo.

III

Ouviu-se um – Da licença? – e o director de scena entrou no camarim, acompanhado por uma mulher já idosa, muito palida, de aspecto doentio, e pobremente trajada.

- D. Glorinha, aqui tem a sua costureira.

A *estrella* não conteveum gesto de despeito. O director de scena comprehendeu-o, e saiu immediatamente, para não entrar em explicações.

- É doente? perguntou Glorinha á costureira.

- Não, senhora. Tive uma doença grave, mas agora estou boa, graças a Deus. Sahi ha dois dias da Santa Casa.

Glorinha trocou um olhar com o advogado, e este disse-lhe, refestelando-se no divan: - *Ma chère, il faut se contenter de cette habilleuse; nous ne sommes pas en Europe*.

Elle impingiu a phrase em frances para que não a entendesse a costureira, mas a verdade é que Glorinha também não percebeu, o que aliás não a impediu de responder: - *Oui*.

Despojadada da mantilha e da bella capa de pelucia, Glorinha sentou-se entre os dois bicos de gaz, e começou a pintar-se, dizendo:

- Vamos a isto!

E dirigindo-se á costureira:

- Sente-se. Por que está de pé?

A pobre mulher sentou-se, como receiosa de macular a palhinha dourada da cadeira com o seu miseravel vestido de chita.

- Sabe que me disseram bonitas coisas a seu respeito? perguntou a actriz ao advogado, olhando-o pelo espelho.

- Devéras?

- Ao que parece, você tem sido um gajo!

O Dr. Pires teve um sorriso inexprimivel. Aquelle *gajo* entrou-lhe pela vaidade a dentro como uma gran-cruz.

- Com que então, a sua especialidade são as actrizes?

- Sou doudo pelo theatro.

- E ha quanto tempo dura essa doudice?

- Ha muito tempo. Estou velho, bem vê. Orço pelos quarenta.

- Ninguem lhe dará mais de trinta e cinco.

- São os seus olhos.

- Qual foi a sua primeira paixão no theatro?

- Ah! isso...

O advogado levantou o braço e estalou os dedos.

- ... isso é prehistorico; perde-se na noite dos tempos.

- Como se chamava essa collega?

- Chamava-se Marcellina.

- Que fim levou?

Elle encolheu os hombros.

- Sei lá! Provavelmente morreu. Nunca mais ouvi falar della. Ha mulheres que desapparecem como os passarinhos que não foram mortos a tiro nem engaiolados; ninguem lhes vê os cadaveres.

- Gostou della?

- Foi talvez a paixão mais séria da minha vida.

- Nunca a procurou?

- Para que?
- Tinha talento?
- Talento? Não. Tinha habilidade.
E depois de uma pausa:
- Tinha habilidade e era muito boa rapariga.
- Brasileira?
- Sim. Representava em dramalhões de capa e espada, ali, no S. Pedro de Alcantara. Um dia – eu já a tinha deixado – um dia, pateiaram-na por motivos que nada tinham que ver com a arte dramatica; ella desgostou-se, deixou a côrte, andou mourejando pelas provincias, e afinal desappareceu. *Requiescut in pace*!

Entrou o cabellereiro. Enquanto Glorinha lhe cofiou a cabeça, o Dr. Pires de Aguiar divagou longamente sobre os meritos da Marcellina; depois, falou de outras actrizes, desfiando o interminavel rosario das suas mancebias.

Glorinha, a costureira e o cabelleireiro ouviam sem dizer palavra.

Terminado o serviço do cabelleireiro, que logo se retirou, Glorinha ergueu-se:
- Agora, meu doutor, ha de me dar licença, sim? Vou vestir-me.
- Até logo, disse o advogado. O seu penteado ficou esplendido! Vou applaudil-a. *Bonne chance*.

Deu-lhe um beijo – na testa para não desmanchar a pintura – e saiu do camarim, cuja porta a costureira discretamente fechou.

IV

Minutos depois, Glorinha estava completamente nua.
- A senhora é muito bem feita de corpo, disse-lhe, n'um tom adulatorio, a costureira, enfiando-lhe pela cabeça uma camisa de seda.
- Acha? perguntou desdenhosamente a actriz.
- Ah! eu também já fui bem feita de corpo, mas... não tive juizo; fiei-me de mais nos homens. Se quer aceitar um conselho, filha, preste mais attenção á sua arte do que a todos esses... gajos, que fazem das mulheres um objeto de luxo e nada mais. Só assim a senhora evitará o hospital e a miseria.
- Ora esta! exclamou Glorinha. Quem é você, mulher, para me falar assim?
- Eu sou... a Marcellina.

***

Texto XII

JOANNA D'ARC

(Fantasio)[754]

"Larguissima onda de orgulho e jubilo deve estar a esta hora alagando todos os corações femininos", segundo a phrase de um cavalleiro sério, a cujas opiniões me refiro mais abaixo. Ó meigos, ó adorados corações! antes estivesse a esta hora alagando-vos o meu amor, que, com ser o de um chronista leviano, tem mais constancia para servir senhoras que para edificar e dirigir povos!

Mas não é o meu amor que está alagando de ventura os corações femininos: é a comemoração das virtudes e da bravura da divina Joanna d'Arc, a doce e heroica donzella de Orleans, a quem, – a despeito da propaganda cruel de Voltaire, ou talvez por causa d'essa

[754] Não conseguimos identificar quem assinava com esse peseudônimo.

mesma propaganda, – o Papa acaba de conceder a canonisação. Está santa Joanna d'Arc: uma auréola de bronze vai ser naturalmente juxtaposta á formosa cabeça da estatua que a Françalhe (*sic*) levantou ha muitos annos em Rouen, na bella cidade por cujas ruas Flaubert arrastou o seu máo humor e a pompa deslumbradora do seu estylo impecavel.

É, commovida, vibrante de gratidão e de enthusiasmo, toda a França se apresta a celebrar, com solemnidades, charangas, procissões, fogos de artificio e manifestações congeneres, a entrada da sua bella e nunca assás amada filha para a côrte celeste, – especie de Academia Franceza do outro mundo, cujos membros não passam a organizar um diccionario inacabavel, mas a voar de um para outro lado do céo, tocando cythara, com azas de crystal e de ouro.

A proposito d'esta canonisação, recebi de um senhor sério uma carta, que não posso deixar de transcrever, escoimando-a, já se vê, dos elogios (innumeraveis e justissimos!) com que me condecora esse amavel correspondente. A carta é esta:

"Sr. *Fantasio*. – Dá-me um pedacinho de columna da *Gazeta de Notícias*? Quero fallar-lhe de Joanna d'Arc.

Ja sabe que o Papa a canonisou e que a França lhe vai dedicar festejos excepcionaes? Pois é verdade. E eu não deixo de achar que o Papa fez bem, e que a França não faz mal. Santa guerreira, a donzella de Domrémy talvez tenha merecido muito mais que Santa Thereza de Jesus a aureola de matriarcha da Igreja. Santa Thereza esmagou a sua formosura ao peso de um burel: Santa Joanna d'Arc esmagou-a ao peso de uma armadura; e, enquanto a primeira suffocava os gritos da carne murmurando preces, enlevando-se em contemplações mysticas e fazendo versos ao seu noivo divino, – a segunda suffocava esses mesmos gritos imperiosos, cavalgando ginetes de guerra, dando cutiladas e matando inglezes, por amor da pátria, – sacrificio muito mais util, muito mais pratico, muito mais natural que o outro. É portanto justo que a França adore a sua Donzella.

Não serei eu quem a censure por isso, mesmo porque nada tenho que vêr com a França, lá não nasci, lá não vivo, e tanto se me dá que haja uma santa de mais, como uma santa de menos. Mas devo dizer-lhe que sou um respeitavel chefe de familia; tenho proprio casal e n'ele assisto, como o seu collega Dirceu; e tenho, além d'isso, cinco filhas meninas, uma esposa com quem vivo ha dez annos e – ouça bem, Sr. *Fantasio*! – três cunhadas e uma sogra, que também ha dez annos sustento e aturo. Ora, sabido é que as mulheres e os macacos têm desenvolvidissimo o insticto da imitação. E aqui é que está o perigo! aqui é que eu me arrepélo de medo! aqui é que eu clamo o brado! – Já ha cinco annos que me vejo marthyr, assassinado lentamente pelas manias que minha familia tem contrahido por causa da *reclame* que os jornaes fazem ás mulheres celebres. Quando essa mesma *Gazeta* publicou, ha tempos, um famoso romance da Sra. D. Julia Lopes, uma das minhas cunhadas meteu-se a escrever uma novella, de que me vinha todas as noites lêr os capitulos delambidos.

Minha mulher, lendo o bello livro de D. Zalina Rolim – *Coração* – empunhou também a lyra e desatou a fazer sonetos.

E quanto mais rimas achava ella em *ado* e em *or*, menos botões achava eu nas minhas ceroulas, Sr. *Fantasio*! Depois, outra das minhas cunhadas deu para a politica e quasi me obrigou a mandal-a assentar praça n'um batalhão patriotico. Com taes precedentes, comprehende bem o susto que me invade! Minha sogra tem até agora escapado á mania imitativa. Mas, veja bem, Sr. *Fantasio*; veja bem que minha sogra chama-se Joanna! E se os jornaes começam a fazer réclame á canonisada donzella de Orléans, minha sogra, que não é donzella, mas tem muita vontade de ser canonisada, é capaz de contrahir o virus a que escapou até hoje.

Para alcançar a bemaventurança celeste, já tem ella tomado medidas extraordinarias, entre as quaes avulta a de me obrigar a jejuar ás sextas-feiras: e receio muito que, para prosseguir esse louvavel ideal, se resolva a imitar a outra, fazendo-se guerreira, e acutilando-me e expulsando-me a mim, á falta de inglezes a quem acutile e expulse.

Por isso venho pedir-lhe que empregue toda a sua influencia junto dos donos de jornaes, para que estes não tratem do caso d'esta canonisação. E creia, etc., etc., etc."

Que responder a isto? A carta ahi fica. Eu é que não tomo a responsabilidade de recomendar aos collegas que guardem silencio sobre uma commemoração em que a França parece empenhar-se tanto – silencio que esse paiz amigo póde tomar como altamente ofensivo. Temos a questão dos limites da guyana franceza a liquidar...

E demais, para conflito diplomático, já basta um...

***

Texto XIII

FLANANDO

Li ha dias, que andava fazendo as delicias da imprensa ingleza a seguinte anedocta, contada recentemente pelo muito respeitavel sir William Harcourt, chanceller honorabilissimo do thesouro inglez, em plena camara dos communs:

"Recordo-me, disse o chanceller, de que n'um leilão em casa de Christie vi certo quadro, que me pareceu admiravel. Era obra de sir J. Reynolds e representava um homem merecidamente celebre na historia, o grande primeiro ministro whig, lord Rockigham. Perguntei ao perito o valor do quadro, e elle respondeu-me: "*Se fosse retrato de alguma senhora desconhecida, valeria 5.000 libras esterlinas*, mas, como é apenas retrato de um homem, e de um primeiro ministro, não passará de 500 a 600." E assim de facto aconteceu."

Esta anedocta picante suscitou-me uma avalanche de reflexões, cuja gravidade não pretendo discutir. Devo caridosamente poupar ao proximo semelhante sacrificio.

.....

Haverá por ventura prova de mais fino gosto do que preferir-se o retrato de uma mulher a tudo quanto possa de bello e grande produzir na tela o pincel magico de um pintor?

Está subentendido que a mulher de que se falla, não ha de ser uma d'aquellas sogras-camafeus desenhadas com crueza realista pelo nosso Belmiro, mas... uma mulher digna d'este nome, capaz de tentar Adão no Paraiso, de provocar a guerra de Troya, de educar os Gracchos, de subjugar captivos a seus pés Cesar e Antonio, de celebrisar um Abelardo, de inspirar os carmes sublimes de Tasso e Petrarcha ou as telas suavissimas e adoraveis de Raphael.

A mulher é a obra-prima da creação, está se a dizer todo o dia, e parece que assim já o sentiam os philosophos gregos, devotos da seductora Lais, "tal qual como todos os athenienses." Pois se assim é, como não preferil-a a tudo mais?

Acredito piamente que o contrario é mera depravação do gosto. (...)

Que se ha de dizer agora do menor apreço ligado pelos inglezes ao retrato de um lord estafermo e encarquilhado, embutido n'uns collarinhos altissimos, cabelleira rara e desfeita, suissas mal aparadas, queixo liso e olhos gazeos?

Quem dá o seu rico dinheirinho por um quadro, compra um prazer.

Ora, a effigie de um ratão antediluviano do tempo de Jorge III, por muito 1º ministro que fosse, e por mais *whig* que tenha sido, só pode dar ao inglez uma sensação: é a de fastio por *whigs* e *tories*, que todos elles mais ou menos arranjam a sua vida em detrimento da patria.

A imagem de uma mulher não é assim. Posta aquella irradiação de luz e de amor diante da secretaria do *gentleman*, que de pensamentos felizes, que de recordações balsamicas não lhe acodem á mente e ao coração!

Consequentemente, a prêferencia é prova do mais requintado gosto.

E note-se ainda o elevadissimo senso pratico d'aquella raça. Foi o perito citado por sir W. Harcourt quem o disse: "Si fosse retrato de uma senhora *desconhecida*, valeria 5.000 libras." *Desconhecida*! Mas isto me [...][755] gura de uma philosophia surprehendente. A desconhecida é precisamente a que se presta ao ideal, ao sonho beatifico, á adoração vaga e serena, que enche o coração de venturas, e povôa a imaginação de cherubins e amores.

A imagem da mulher, que foi tratada mais intimamente, pode algumas vezes ajuntar um travo de amargor á doçura das recordações. As rosas têm espinhos e as perfeições são raras.

A outra não. A outra só [...] cantos, as seducções, os [...] leza, da virtude e da candura [...] lhe prende a lembranças [...] gratidão [...] que pungem [...]

***

Texto XIV

EM CALÇAS PARDAS

Como e sabido, a illustre escriptora conhecida por George Sand, cujo verdadeiro nome era Amantina Aurora Dupin, baroneza du Devant, desde mocinha trajava fato de homem e não queria que a chamassem senão George, nome que tinha recebido em esplendido baptismo de gloria.

O trajo que usava ficava-lhe adimiravelmente.

Nas ruas, nos passeios, em toda a parte, era ella encontrada com o seu redigote perfeitamente ajustado, cahindo sobre a gola os anneis dos cabellos mais formosos do mundo; na mão uma pequena bengala e entre os labios um cigarro.

Conta-se a proposito uma anedocta, que não deixa de ser interessante.

Um dia George Sand, dando um passeio mais longo, perdeu-se n'um bosque e encontrou-se com alguns militares, moços também, alegres e estroinas, que rodeando-a, convidaram-na a ser "um" da troça.

Iam comer juntos e eram treze; precisavam de um decimo quarto para anullar o influxo do numero fatal.

A jovem não podia resistir sem descobrir-se e teve que ceder.

A principio o jantar correu perfeitamente; mas dentro em pouco o vinho começou a esquentar as cabeças e a desatar as linguas.

A pobre moça teve que ouvir anedoctas, phrases, canções e perguntas capazes de ruborisar, não já a uma donzella, mas a um cabo de esquadra.

No fim do jantar, um dos rapazes implicou com ella, achou que *elle* era de uma timidez piegas e passou-lhe tremenda descompostura.

A moça desmaiou e só então é que descobriu-se o mysterio.

Voltando a si, e interrogada, confessou quem era e como se chamavam seus pais.

---

[755] O jornal se apresentava danificado, impossibilitando a leitura nesse e em outros trechos assinalados da mesma forma na transcrição

Os militares, ainda mal restabelecidos do assombro, acompanharam-n'a á casa, dispensando-lhe as maiores provas de respeito e cortezia.

Uma vez em casa, George Sand poz um vestido de uma das suas irmãs e jurou que nunca mais usaria calças.

E assim fez.

***

Texto XV

DIVORCIEMO-NOS

(Fantasio)

Não cuideis que vá sahir d'aqui um *réclame* theatral á Sra. Zaira Tiozzo. Isto é um artigo sério e profundo, profundo como um abysmo e sério como dous.

O grito de guerra já reboou longamente no seio da camara. Pelos casacs, um alvoroço reina. Noivas timidas, que davam a ultima de mão ao enxoval de casamento ficam pasmas, suspenso o dedal, paralysada a agulha, boquinha côr de rosa aberta n'um espanto subito. Pelas faces de varios maridos, uma onda viva de esperança passa. Varias senhoras maduras atiram-se, prosternadas e chorosas, aos pés dos oratorios illuminados. A igreja catholica empunha o feixe de raios com que, de uma para outra hora, pode ser mimoseado o meu amigo Erico Coelho. A igreja positivista, essa com grande devoção, invoca o auxilio de Santa Clotilde de Vaux, advogada das uniões legitimas e perpetuas. Em suma, está tudo com[...][756] do!

É que o caso é serio, amigos meus! trata-se de dar aos cidadãos um novo direito. Elles, os afortunados cidadãos desta livre patria, já gozam de dous direitos, de que abusam em larga escala: o de casar e o de votar. Falta-lhes, para que a sua felicidade seja completa, o direito do divorcio. E isso quer dizer, nem mais nem menos, ó casaes que vivem descontentes! – o direito que terá cada um de nós de desmanchar com os pés o casamento que fez com as mãos.

Eu, a ter de dizer o que penso, não sei que diga. Não sou casado. E devo mesmo confessar que é essa a unica provação a que ainda não submetti a minha vida accidentada. Mas, por isso mesmo, estou n'uma posição independente, que me facilita sobremodo o papel de juiz. Fui hontem procurar varios amigos, casados uns, viuvos outros, todos habilitados. Colhi mais de trezentas opiniões. E, como era de esperar, ainda fiquei, depois d'elles, mais embaraçado.

Assim, um d'esses meus amigos, adversario formidavel do divorcio, depois de desenvolver uma serie complicadissima de argumentos, disse-me isto:

- Emilm, meu caro, que quer você? O homem quando casa, é sempre attrahido pelo dote da mulher: esse dote ou é representado pelo numero de apolices que a menina possue, ou, á falta de dinheiro, pela sua mocidade, pela sua belleza, pela sua bondade, pela sua educação... ou por qualquer outro predicado. Pouco importa o que importa é o dote! E esse todas as mulheres o têm, material ou moral. Vá seguindo com attenção o meu raciocinio...

- Estou seguindo.

- Bem. Faz-se o casamento. Você bem sabe que com o tempo tudo se gasta. Gastam-se as apolices, gasta-se a mocidade, gasta-se a belleza. Fica, portanto, a senhora privada do seu dote, ou, quando menos, fica com elle avariado. Com que direito, pois, o homem que

[756] O jornal se apresentava danificado, impossibilitando a leitura no trecho assinalado e em outros para a transcrição desse texto.

dissipou ou avariou o dote da mulher, a abandona, obrigando-a a começar vida nova? É uma ingratidão, é uma injustiça clomorosa! Tenha a santa paciencia, meu amigo! quem comeu a carne tem o dever de roer os ossos!”

Fiquei um pouco abalado por esse argumento. E, d’ahi a pouco, um outro amigo, defensor do divorcio, carregou commigo para dentro de um corredor e começou a defender o projecto Erico, com ardor sincero. Contei-lhe a conversa que tivera, havia pouco, com o adversario. Indignou-se:

- Oh! mas isso é uma argumento futil! Em primeiro logar, sempre se encontra um chinello velho para um pé doente. Nunca faltam cavalheiros abnegados que, fechando os olhos ás avarias do dote, acolham e respeitem as senhoras d[...] alcadas. Conheço mesmo muita gente, para quem isso é um estimulante e uma vantagem... Meu Deus! são tão comuns as segundas nupcias de viuvas pobres! Depois, deixa-me fallar-lhe com cynismo... Que fazer? o homem é essencialmente egoista e cynico, por indole, porque assim nasceu e assim ha de morrer. Diga-me cá uma cousa! Gosta de abio, não gosta? Pois bem! Dão-lhe um abio... o amigo parte-o, chupa-lhe voluptuosamente o conteudo, e depois? guarda a casca? mette-a dentro da carteira? fica com ella adorando-a, para toda a vida?”

Como essas duas opiniões, recolhi outras, interessantissimas. Depois de muita reflexão, deliberei declarar-me adepto do divorcio. Não foram os argumentos cynicos do meu segundo amigo que me convenceram: deixei-me convencer por cogitações de outra especie. E para não encher com ellas todo este jornal, apenas citarei uma.

O que faz quasi sempre a infelicidade conjugal é o tedio. Oh! não há nada mais tedioso que um *tête-a-tête* perpetuo!

Nos primeiros dias é pouco o tempo para a contemplação mutua. Pelas duas janellas dos olhos de cada um dos conjuges, a alma se debruça, e põe-se a conversar com a outra, – longo coloquio mudo, que parece que vai ser eterno. Mas, por fim, as almas, ou com somno, ou com medo dos resfriamentos, fecham as janellas e recolhem-se. Chega então a vez dos labios. Beijos, beijos, beijos... Mas os labios também cançam, embotados. E entram em scena as palavras. Confidencias, historias de familia, evocações do passado, projectos para o futuro. Depois conversas mais praticas: a carestia dos generos, a baixa do cambio. E, esgotados os assumptos, o tedio cai, terrivel e feroz, sobre a casa.

Oh! que tedio! que tedio! Que fazer? ir ao theatro? fazer visitas? Mas, os theatros representam as mesmas peças! mas, as visitas aborrecem tanto!

Vêm, depois, as rixas, e a bisca em familia. D’ahi a mais dous annos, já os conjuges não têm forças para pegar no baralho, e acham que não vale a pena brigar. E ahi estão ambos, marido e mulher, um diante do outro, abatidos, melancolicos, sem saber o que façam...

E é aqui que a idéa do divorcio apparece, rasgando a essas duas almas, que bocejam, um horizonte largo de alegrias, de divertimentos e de venturas...

O marido, dando um salto na cadeira:

- Ah! minha querida! acabo de ter uma idéa luminosa!

A mulher, com indifferença:

- Uma idéa? tu? parece incrivel! Dize-a!

Elle, mysteriosamente:

- Se nos divorciassemos?...

Ella, pallida de emoção:

- Oh! filho! seria uma delicia!

Elle, insinuante:

- Como nos divertiriamos, hein?
E, de repente, ambos, entre dous beijos, com um grito de triumpho:
- Divorciemo-nos!

Com franqueza! quer me parecer que basta isto para que todos se convençam de que o divorcio é indispensavel.

***

Texto XVI

O TERCEIRO SEXO

No primeiro numero deste anno da interessante *Revue des Revues* encontra-se excellente artigo de Guillaume Ferrero sobre assumpto originalissimo. É uma valiosa contribuição para a diagnose da molestia social na actualidade, um estudo acerca da formação de um novo celibato, sem base religiosa, mas que ameaça chegar ás proporções que o monachismo attingiu em certos periodos da idade media.

Começa por assignalar o facto que se observa em todos os paizes civilisados de tornar-se cada vez mais dificil o casamento, em consequencia de innumeras causas, principalmente de ordem economica, que concorrem para que muitos se resignem a abraçar o celibato. Considera a influencia que, com relação á sociedade em geral, deve exercer o grande numero de individuos de ambos os sexos que vivem em verdadeira condição artificial de existencia, influencia que em maior gráo se faz sentir por parte das mulheres que deixam de se casar, do que pela dos celibatarios.

Relativamente a estes, o celibato desenvolve-lhes certas qualidades psychologicas particulares, não modifica profundamente a sua personalidade, pois não suppõe a castidade: podera obrigal-os a uma convivencia mais frequente com as mercadoras de sorrisos ou a correr as aventuras do adulterio, mas não supprimirá n'elle, uma das grandes funcções physiologicas da vida. O mesmo não se dá com a mulher: nas actuaes condições sociaes, o celibato suppõe n'ella a castidade, e esta implica a suppressão absoluta da maternidade, a função para a qual a mulher foi creada, corpo e espirito, o que profundamente altera a sua psychologia.

.....

Revelando espirito nimiamente observador, o auctor analysa a influencia exercida pelas *spinsters* [innumeras solteironas] na sociedade ingleza. A proporção que o seu numero cresce, dilatam-se os limites do imperio da mulher, que não mais procura reinar sómente pela belleza e pela graça, mas pela conquista das posições, que eram outr'ora monopolio do homem, nas profissões, nas artes, nas sciencias, etc. Allude a uma discussão havida em Londres a proposito de idéas manifestadas por Lombroso e pelo auctor acerca das mulheres e das differenças intellectuaes entre o homem e a mulher; com o intuito de negar a realidade de taes differenças, citavam o exemplo das mulheres inglezas que figuram, como os homens, em quasi todos os campos da actividade humana. Em phrase concisa, cortou o auctor a discussão: "Mas essas não são mulheres; ellas constituem um terceiro sexo." Após alguma reflexão, convenceu-se de que essa expressão representa uma verdade physiologica e psychologica de certa importancia. A condição da solteirona, a suppressão do amor e da funcção materna modifica incontestavelmente as varias faces da personalidade feminina, pois uma mulher que não é, nem mãi, nem esposa, é uma mulher incompleta; mas, por outro lado,

esta suppressão torna possiveis certos desenvolvimentos exagerados e certas hypertrophias parciaes, que podem compensar outras imperfeições.

.....

É exatamente a castidade que colloca a mulher em condições superiores ao homem; sem esposo, sem familia, sem filhos, só pensa em alimentar-se e trabalhar, todas as suas forças physicas e psychicas se applicam ao trabalho, sem que a usura organica da maternidade, as paixões perturbadoras do amor, os cuidados inquietadores da familia, a distraiam; o seu poder productor se fortalece á custa de tudo o que ella rouba ao seu dever para com a especie.

Se estes seres são bem succedidos, é que elles não são mais, sob o ponto de vista psychologico, verdadeiras mulheres; mas um terceiro sexo, um sexo neutro, pois a funcção principal da mulher está supprimida. É formidavel a concurrencia que o terceiro sexo, forte por sua infecundidade, vai fazer aos homens e ás mulheres, e portanto um novo elemento de perturbação na vida social.

.....

Considerando agora a influencia benefica da *spinster*, o auctor relembra o excepcional desenvolvimento que tem tido em Inglaterra as instituições philantropicas, facto maravilhoso quando ninguem ignora que a caridade n'aquelle paiz não dispõe das forças da religião, como em França e Italia. A igreja anglicana nada tem que possa ser comparado com o admiravel ministerio da caridade estabelecida pela igreja catholica. (...)

As instituições de caridade em Inglaterra têm sido concebidas, fundadas, dirigidas e mantidas pelas *spinsters*, que intervêm em todas as agitações em prol das classes menos favorecidas, das quaes são os apostolos mais enthusiastas.

.....

Para transformar a mulher em enfermeira das molestias sociaes, é necessario libertal-a da maternidade e impor-lhe a renuncia do amor: espinhosa missão de que até hoje se incumbiu, em varios paizes do occidente, a igreja catholica.

.....